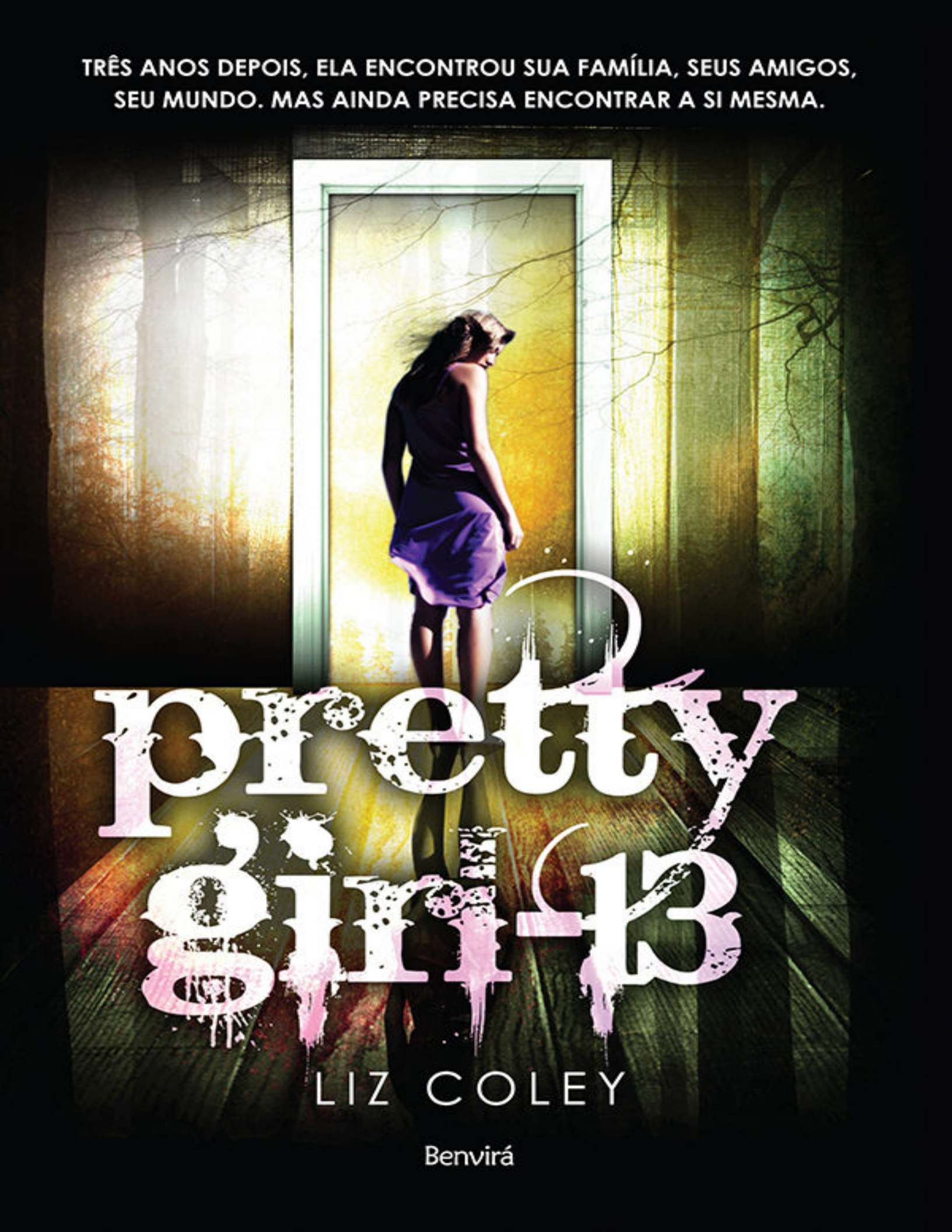
TRÊS ANOS DEPOIS, ELA ENCONTROU SUA FAMÍLIA, SEUS AMIGOS, SEU MUNDO. MAS AINDA PRECISA ENCONTRAR A SI MESMA.



pretty little liars

LIZ COLEY

Benvirá

LIZ COLEY

pretty girl-13

tradução
Magda Lopes

Benvirá

meninabonita_miolo.indd 3 22/07/13 14:57

Para J, que sobreviveu.

Primeira Parte

Você

Prólogo

TEMPO PERDIDO

Você havia se esquecido de como o sol nasce cedo nos acampamentos de verão – e de como os pássaros cantam alto pela manhã. Você se encolheu em seu saco de dormir quentinho para bloquear a luz verde que penetrava através da barraca de náilon, mas não havia jeito de voltar a dormir enquanto não fizesse uma coisa. Quando você saiu do saco de dormir, suspirou.

– O que foi, Angie? – sussurrou Livvie em meio às dobras do saco de dormir.

Katie afundou mais ainda em seu casulo xadrez e o puxou até cobrir sua cabeça.

– Preciso ir até a árvore – respondeu você, em seu código de bandeirante para indicar que queria fazer xixi.

– Alguém já levantou? – Liv entreabriu um olho e olhou na sua direção.

– Acho que não. – Você aspirou o ar. – Ninguém acendeu o fogo para o café da manhã.

O olho aberto de Liv se arregalou.

– Não é a nossa vez, é?

– Não. Volta a dormir.

Você abriu o zíper da barraca e deslizou para a manhã fresca e rosada. Nuvens cor-de-rosa pairavam muito acima das árvores. Folhas de pinheiro caídas no chão abafavam o som dos seus chinelos enquanto você se afastava do conjunto de barracas. Ninguém mais se movimentava. O sol ainda não havia aquecido o ar, e a camiseta que você vestia deixava seus braços descobertos e arrepiados.

Alguns milhares de pinheiros cercavam a clareira onde o grupo havia montado acampamento ontem à tarde – Pinus contorta, Pinus

ponderosa, Pinus jeffreyi, Pinus lambertiana. *A sra. Wells fez com que você memorizasse suas cascas e folhas pontiagudas para ganhar uma medalha por seu conhecimento sobre pinheiros. Você encontrou a trilha que tinha sido percorrida ontem rumo ao local do acampamento e caminhou um pouco por ela, procurando um grupo mais compacto de árvores. Isso era o máximo de privacidade que conseguiria ter lá fora. Minúsculas framboesas vermelhas e maduras de agosto margeavam o caminho, e você mastigou algumas como uma prévia do café da manhã, o suco vermelho e ácido tingindo seus lábios e dedos. Uma árvore com cogumelos em forma de pires estava caída e atravessada no caminho, e você a guardou no seu cérebro como um ponto de referência. Então você saiu da trilha e andou mais uns seis metros no meio da mata até um bom local para se agachar.*

Antes de baixar sua calça de moletom e se agachar, você lentamente deu uma volta em círculo para afastar a sensação que sempre tinha de que alguém a estava observando. Era uma arte fazer xixi no meio do mato sem molhar os pés ou as roupas – pelo menos para as meninas.

Um galho rachou de repente como um tiro de rifle. Seu coração bateu forte, em choque. Seus olhos viraram na direção do som, esperando ver um esquilo. Um coelho. Um veado. Qualquer coisa, menos um homem, que se misturava invisivelmente com os pequenos arbustos, exceto por seus olhos estreitos e escuros – olhos que olhavam fixamente para você com uma fome quase familiar.

– Shhh – ele colocou um dedo nos lábios, andando em sua direção.

Você lutava com seus suores, a humilhação e o choque, deixando suas mãos desajeitadas. Não conseguia tirar seu olhar dos olhos dele, não conseguia ver o rosto dele devido à intensidade daquele olhar fixo que te paralisava. Você abriu a boca para falar, para gritar, para implorar, mas nada saiu: sua garganta se fechou como se um nó a amarrasse e ele o apertasse. Um momento depois o homem chegou até você. A mão direita dele cobriu sua boca, e a esquerda

segurou firmemente seu braço atrás das costas. Você ainda não havia respirado.

– Não lute comigo, menina bonita – sussurrou ele, colado no seu corpo, os lábios úmidos tocando a sua orelha.

Lutar com ele? Suas pernas estavam moles, fracas. Seus joelhos, prestes a ceder. Você não conseguia nem mesmo dar um passo para correr, para fugir. Como poderia lutar com ele? Seu estômago se contraiu, e o som do vento se precipitou através de suas orelhas como um furacão na sua cabeça.

Acima do estrondo você ouviu uma voz aguda de menina:

– Depressa. Esconda-se!

Eu abri o portão enferrujado para você entrar.

Uma dor lancinante perfurava suas têmporas. Você continuava imóvel, congelada enquanto o homem a segurava. Nós a puxamos e a arrastamos até algo se soltar. Por apenas um momento você ficou contraída como um ponto de luz minúsculo e rígido, sentindo-se separada do seu corpo.

Você se escondeu. Nós a mantivemos escondida até que estivesse em segurança.

Isso durou um longo, longo tempo.

1

INTERROGATÓRIO

– Agora você pode ir – disse uma voz.

Angie sentiu um empurrão em suas costas. Tropeçou para a frente, os braços estendidos para recuperar o equilíbrio.

– Não faça isso! – protestou ela, girando o corpo a fim de olhar para trás, mas não havia ninguém ali.

Sentiu um calafrio e sacudiu a cabeça para clarear a mente. Quando a onda de tontura passou, tornou a abrir os olhos. Piscou forte diante da sua rua. Sua rua sem saída. Seu bairro. O sol estava a meio caminho do céu azul claro e sem nuvens. Os ventos quentes de Santa Ana desgrenhavam as árvores. Um toque de vermelho tingia as bordas das folhas caídas. Vagens pontiagudas espalhavam-se pela calçada. Em agosto?

Um peso inesperado puxou sua mão esquerda – era apenas uma sacola plástica de mercado. Onde estavam seus utensílios de acampamento? Ela ergueu a sacola para olhar o que havia dentro, e foi então que a sensação de estranheza a invadiu. Deixou a sacola cair, surpresa, e examinou sua mão esquerda. Havia algo realmente errado ali. Esta não era sua mão. Aqueles não eram seus dedos. Estes dedos eram mais longos, mais finos que os dela. E um estranho anel de prata ornava seu dedo médio. A pele era seca e áspera. Cicatrizes escuras circundavam seus pulsos como braceletes. Ela virou a mão direita, estudando as rachaduras e calos não familiares em sua palma. Experimentou fechá-la. Aquilo pareceu... errado.

Angie franziu a testa e tornou a se virar para olhar atrás de si. Como havia chegado ali? Não se lembrava de ter tomado esse caminho. Estava... na mata? Sentia-se totalmente confusa.

Seu estômago roncou, e ela levou a mão direita à cintura – firme, fina. E de onde havia saído esta blusa horrorosa? Flores e franzidos? Aquele não era absolutamente o seu estilo. E de jeito nenhum Liv ou Katie a teriam comprado. E, mesmo que tivessem, ela jamais a teria pedido emprestada.

Levantou a sacola e olhou para uma série de roupas completamente estranhas. Uma sensação de enjoo substituiu o vazio em seu estômago. Sua cabeça estava desordenada, desorientada, desconectada.

Os olhos de Angie fizeram um levantamento das casas em torno da rua sem saída. Graças a Deus, tudo ali lhe era familiar. Os carros nas entradas de garagem pareciam os certos, o que era tranquilizador, até que ela percebeu a presença da sra. Harris empurrando um carrinho de bebê e acabando de entrar em sua garagem. A sra. Harris não tinha filhos.

Então começou a correr, sentindo pela primeira vez as bolhas em seus pés, a dor em suas pernas. Sua casa; ela tinha de ir para casa. É claro. Ela havia se perdido na mata. Agora estava em casa.

Apalpou sob o capacho de palha trançada em busca de uma chave e abriu a porta da frente, vermelha.

– Mãe! – gritou. – Ei, mãe, estou em casa! – E entrou.

Caindo na escada, os pés escorregando, o rosto uma máscara gritando de descrença, sua mãe desatou a chorar. Engolfou Angie em seus braços, sem fala, engolindo em seco.

– Mãe! – disse Angie com o rosto enfiado no cabelo da mãe. – Mãe, não estou conseguindo respirar. – Deixou cair a sacola de roupas com um pequeno baque. Tirou um fio de cabelo da mãe dos seus lábios. Fios prateados misturados com cachos castanhos, soltos.

– Não consegue respirar... não consegue respirar? – A mãe a soltou o suficiente para segurar Angie na distância de seus braços e devorar o rosto da menina com seus olhos. – Não consegue... – Ela riu, um ronco curto, histérico. – Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Um milagre! Obrigada, meu Deus. Obrigada. – Ela ergueu os olhos para o teto. – Obrigada – disse novamente.

Do andar de cima veio o ruído de uma descarga, e a voz do pai ecoou escada abaixo.

– Margie, o que significa toda essa confusão?

A mãe sussurrou para Angie:

– Ah, o seu pai... Ele simplesmente... – Ela não conseguia falar. Seu rosto estava lívido. Muito redondo e branco.

Os passos do pai no patamar preencheram a pausa. Por um momento ele ficou ali parado, as mãos coladas nas laterais do rosto. Seus olhos encontraram os de Angie e se encheram de lágrimas.

– Angela? É você mesma...? – Sua voz sumiu. Angie olhava para um e outro.

– Hum, sim. Sou eu mesma... O que está acontecendo? – Não era apenas ela. Havia também algo de errado com seus pais. Um estremecimento percorreu sua coluna.

– Angel? – o pai sussurrou o nome dela. Estava paralisado no patamar, congelado em seu assombro. Seus cabelos pretos estavam completamente grisalhos. Seus olhos fundos pareciam ter cem anos de idade.

O coração de Angie começou a disparar, e seus pés formigavam como se quisessem sair correndo dali.

– Vocês dois estão me deixando assustada.

– Nós estamos assustando você...? – E sua mãe soltou de novo aquele riso histérico. – Angie, onde... onde você esteve?

– Você sabe. – O estômago de Angie se contorceu. – Acampando?

A maneira como eles olhavam fixamente para ela tornava difícil respirar.

– Acampando – disse ela novamente, com firmeza.

O pai começou a descer a escada.

– Acampando – repetiu ele. – Acampando? – Sua voz assumiu um tom mais agudo. – Por três anos?

Angie trancou a porta do banheiro e pressionou suas costas contra ela. Seu familiar conjunto de toalhas, creme estampado com rosas, estava pendurado no suporte, exatamente como ela o havia

deixado. Cheirava a sabão em pó. Ela nunca se sentira tão feliz ao ver uma toalha. A toalha estava perfeitamente normal. Ao contrário de seus pais.

Será que eles estavam brincando? Será que haviam enlouquecido? Ela não podia estar desaparecida há três anos. Isso não é o tipo de coisa que uma pessoa... simplesmente esqueceria.

Primeiro abriu a torneira da pia, depois olhou no espelho um rosto que olhava de volta para ela com claros olhos cinzentos. Naquele momento de absoluta surpresa, ela esqueceu como se respirava.

A garota no espelho poderia ter sido sua irmã mais velha, mais alta, mais magra. Os traços do seu rosto estavam marcados, enquanto os de Angie eram suaves e arredondados. Sua face estava pálida, enquanto a de Angie era morena do sol da piscina. A garota tinha cabelos loiro-escuros e compridos, enquanto os de Angie tinham madeixas bem claras e um corte curto e reto. A garota no espelho tinha braços musculosos, pele acinzentada, cicatrizes e outra coisa que a tornava uma estranha. Ela tinha um corpo curvilíneo: seios. Angie deixou os olhos cair sobre seu peito. Que diabo era aquilo? Seios? De onde tinham vindo?

Tateou o botão de cima da blusa, apavorada demais para olhar.

Uma batida na madeira a sobressaltou.

– Angela! Angela, pelo amor de Deus, não faça nada. – A voz de seu pai estava tomada de pânico. – Não... não...

Angie girou a tranca e abriu a porta.

– Eu... eu não estava... – disse ela. Seu rosto ficou rubro de culpa. Culpa de quê?

O rosto do pai estava tenso. Uma gota de suor escorreu de sua testa. Angie ficou hipnotizada com aquilo. Então percebeu que só a metade do queixo dele estava barbeada.

O olhar do pai deslizou para a direita, evitando o dela. Sua voz era baixa e rouca.

– O detetive Brogan estará aqui em quinze minutos. Ele disse para não tocar em nada que pudesse ser considerado evidência.

– Evidência de quê? – perguntou Angie.

O som da água correndo encheu o silêncio pesado enquanto o pai hesitava em responder. Sua atenção se voltou para a pia.

– Ah, Deus, Angela. Você ainda não lavou nada, não é?

Ela levantou os braços imundos, a sujeira tão incorporada em suas dobras e poros que havia se tornado cinzenta.

– Evidência? – repetiu ela. – Do quê, pai?

A boca do pai se contorceu durante alguns momentos. O suor descia por seu rosto.

– Evidência de qualquer coisa, em qualquer lugar ou em quem quer que seja.

Angie olhou para ele, confusa.

A testa dele se cobriu de linhas. Cavidades escuras contornavam seus olhos.

– Você realmente não sabe do que eu estou falando, sabe?

Angie se sentiu estúpida. Ele esperava alguma coisa dela. Ela não sabia o que era, mas podia sentir sua raiva fervendo lentamente. Algo se agitava dentro dele, e ela então andou em sua direção e passou os braços em torno da cintura dele. Sua cabeça atingia o queixo do pai.

– Eu te amo tanto! – disse ela.

Sentiu-o enrijecer e se afastar. Ela devia ter feito a coisa errada. Seus braços caíram ao longo do corpo. Ficou fria, por dentro e por fora.

– Eu... tenho que terminar de me barbear – disse ele casualmente, afastando a cabeça da figura da filha. – Feche a torneira. Vá lá pra baixo esperar com sua mãe. – Ele cruzou o corredor e fechou a porta do quarto atrás de si.

Angie teve a vaga noção de que poderia ser uma boa ideia chorar. Mas tudo estava confuso e congelado dentro dela, paralisado como a gigantesca respiração antes da chegada da dor. Pensou em roer uma unha, mas ela estava suja. E era “evidência”. Seu estômago se contorceu de novo. Evidência de quê? O anel inusitado em sua mão esquerda captou seu olhar. Por que ela não conseguia lembrar onde o havia comprado? A pergunta a deixou estranhamente nervosa, e a pontada de advertência de uma dor de cabeça chegando perfurou sua têmpora. Ela girou o anel prateado e a colocou na saboneteira. A dor passou. Ele era provavelmente de Livvie ou de Katie. Melhor não pensar demais nisso.

O som do barbeador do pai zuniu quando Angie desceu apressada o primeiro lance da escada. Parou no meio do caminho, seus pés imobilizados no patamar. Pairava como uma criança perdida, entre o pai lá em cima e a mãe lá embaixo. Sua pulsação marcava os segundos. Alguém estava chegando. "Um detetive", disse seu pai. Ela ficou olhando para a porta da frente até o vidro fosco ficar escurecido pela sombra.

A mãe saiu rapidamente da cozinha para atender a batida dupla na porta.

Um homem alto de cabelos ruivos apareceu na soleira. Sua mãe se atirou nos braços dele com um soluço abafado. Com uma das mãos, ele deu alguns tapinhas nas costas dela e olhou sobre sua cabeça para o patamar, onde Angie ainda hesitava.

Os olhos do homem aumentaram de tamanho.

– Angela – sussurrou ele. – Seja bem-vinda de volta.

Ele se separou da mãe dela e estendeu a mão direita, a palma virada para cima, meio um convite, meio um aperto de mão.

– Por favor – disse –, você pode descer até aqui?

Seu pai dissera que ele era um detetive, mas vestia jeans com um rasgo que começava em um dos joelhos. As mangas de sua camisa xadrez escura estavam arregaçadas até o cotovelo. Ele parecia à vontade, confortável. Parecia... impressionado.

Angie desceu os quatro degraus até o fim da escada e alcançou a mão estendida. A dele era enorme, e a dela desapareceu quando ele a pressionou entre suas duas mãos.

– Departamento do xerife do Condado de Los Angeles. Detetive Phil Brogan – disse ele. – Desculpe por aparecer assim. Eu estava cuidando do jardim e não quis desperdiçar nem um momento quando Mitch me telefonou. – Sua mão era áspera e calosa, mas segurou a dela como se a garota fosse um gatinho recém-nascido, com cuidado e ternura. Inclinou a cabeça e estudou o seu rosto com um minúsculo sorriso.

A tensão de Angie começou a desaparecer, seu calafrio a se aquecer, até que ele destruiu tudo:

– Isso é incrível – disse. – Eu sinto como se já te conhecesse.

Ela instantaneamente se sentiu nua, exposta. Um completo estranho que a conhecia. Sua respiração ficou presa num soluço. Engoliu o soluço antes que ele pudesse escapar. Se deixasse isso começar, poderia nunca mais parar.

– Meu Deus, sinto muito, Angela – disse o homem imediatamente. E deixou a mão dela escapar da dele. – Mitch me disse ao telefone que poderia haver problemas de memória. Que você não sabe com certeza há quanto tempo se foi ou onde exatamente estava. Desorientação. Isso não é incomum.

Será que isso era verdade? Angie tentou decifrar os olhos dele. Azuis, bondosos, honestos. Não leu nenhuma ameaça ali. Muito bem. Então talvez o que estivesse acontecendo com ela não fosse algo incomum. Sentiu um lampejo de esperança. Talvez ele pudesse realmente ajudá-la a descobrir isso.

Ela assentiu, e ele sorriu gentilmente.

– Venha. – Ele fez um gesto com a cabeça indicando a sala de estar. – Não precisamos ficar aqui parados como pinos de boliche.

Um som metálico soou lá em cima, e Angie imaginou uma bola gigantesca rolando a escada, derrubando todos eles, mas era apenas seu pai. O canto da boca de Angie se contorceu. O detetive percebeu isso e sorriu com os olhos para ela. Olhos fascinantes. Pontos cor de laranja pontilhavam as íris azul-escuras. Ela nunca tinha visto nada parecido com aquilo.

O pai foi na frente sem lançar um olhar para ela e acendeu com o controle remoto o fogo da lareira.

– Ela parece estar fria – disse ele, como uma explicação.

É claro que o calor da lareira a gás, preso em segurança por trás da proteção de vidro, era fraco demais para chegar até ela.

Angie deu uma olhada geral na sala, e tudo lhe pareceu familiar e no lugar. Almofadas verdes e macias nos sofás de couro bege. Cortinas até o chão com padrões de folhas, abertas para deixar entrar a luz do dia. Uma velha TV em estilo gabinete, com o controle remoto e o manual sobre ela. Pilhas de livros misturados na estante da parede lateral. De modo algum haviam se passado três anos nesta sala. Nem pensar. Nada havia saído do lugar.

O detetive se acomodou na cadeira mais próxima ao canto do sofá onde Angie se sentara. Sua expressão se abrandou, e ele esfregou a palma da mão no queixo não barbeado.

– Angela, eu sinto muito. Sei que isso é muito difícil pra você. Muito confuso.

Será que ele sabia? perguntou-se Angie. Será que a realidade dele sempre mudava com um piscar de olhos? Ela examinou os próprios joelhos desgastados. Eles ficaram indistintos quando ela afastou lágrimas perigosas. Parem.

Brogan colocou uma mão paternal sobre a cabeça curvada de Angie.

– Imagino que tudo o que você quer neste momento é ficar junto da sua família e ser deixada em paz.

Ela concordou com a cabeça por uma fração de segundo, sentindo-se grata pela solidariedade dele. Podia perceber que estava sendo sincero, que entendia como ela se achava instável. Pelo menos, aquilo não parecia simplesmente uma técnica policial a fim de aquecê-la para um interrogatório.

Ao lado dela, a mãe apertou sua mão, e Angie ergueu os olhos para o olhar firme do detetive. Sardas inesperadas pontilhavam o rosto dele.

– Mas... – disse ela, percebendo que ele estava se encaminhando para um “mas”.

– Mas o meu trabalho é descobrir se temos um ato criminoso para desvendar aqui. Especialmente, se temos um rastro recente. Você me entende?

A garganta dela de repente teve a sensação de “estou quase vomitando”. Mas ela a engoliu.

– Criminoso? Eu... eu fiz alguma coisa errada?

– Não você, Angie – irrompeu a mãe, seus dedos acidentalmente fazendo um movimento como se estivessem cavando a palma de Angie. Angie se encolheu.

– Margie. – Brogan ergueu suas sobrancelhas para a mãe. – Sinto muito, Angela. Há apenas algumas poucas perguntas que eu preciso lhe fazer agora. Então passaremos para outros procedimentos.

– Há algumas coisas que eu também quero saber – interrompeu o pai. – Como diabos você encontrou o caminho de casa, Angela? Alguém te ajudou? Você fez todo o percurso a pé?

– Sim. – A resposta sucinta escapou dos lábios dela, mas não fazia nenhum sentido. De onde tinha vindo? Angie não tinha a menor ideia.

– Não seja ridículo, Mitch – disse a mãe, fazendo-o se calar. – São mais de quarenta quilômetros até o lugar em que ela desapareceu.

– Descendo a montanha – sussurrou Angie. Ninguém a ouviu. De onde tinha vindo aquele pensamento?

– Além disso – continuou a mãe –, ela poderia ter estado em qualquer lugar. Totalmente distante da Califórnia.

Brogan se levantou e começou a caminhar a passos lentos pela sala. Angie o seguia com os olhos. Ele havia mudado – não era mais um sujeito à vontade em um jeans rasgado. O rosto amável e solidário desaparecera. Ele era um tigre caçando. Um policial patrulhando. Ela se pôs em guarda.

A voz dele também mudou: estava mais inexpressiva, contida.

– Angela, você tem alguma ideia de quanto tempo esteve desaparecida? Tem alguma ideia de onde esteve? Qualquer ideia que seja?

– Não! Eu... hum, não. Não tenho ideia. – Angie fez alguns gestos na direção de seus pais. – Eles dizem que faz três anos. Mas... eu não sei. Isso não parece certo. Foram apenas alguns dias.

– Você fugiu intencionalmente?

A testa de Angie se franziu.

– Fugir? Não. É claro que não.

– Não havia problemas em casa? Na escola? Na igreja? Você precisava de um tempo? De alguma coisa? Ou de alguém?

O olhar dele era inquisitivo, encorajador e assustador, tudo ao mesmo tempo. Ele caminhava, observava e escutava.

– Não. Do que vocês estão falando? Está tudo ótimo. Estava. Ótimo.

A mãe passou um braço em torno dela. Angie se inclinou na direção do abraço para provar o que havia dito.

Brogan concordou com a cabeça. E falou devagar e cautelosamente:

– Você combinou de se encontrar com alguém? Visitou algum site na internet e se aproximou de alguma pessoa interessante?

– Eu não sou uma idiota! Não e não. – Que perguntas cretinas. A exaustão tomava conta dela. O que tinha de dizer para pôr fim a tudo isso?

O detetive deu de ombros.

– Está bem. Não encontramos nem um vestígio de algo do tipo nos computadores que você usava em casa ou na escola. No entanto, vale a pena continuar perguntando.

O pai finalmente desistiu de ficar em pé observando e se afundou na outra poltrona, com um alto suspiro de alívio. O que ele estava pensando? Que ela iria realmente dar uma escapada com alguém?

Brogan captou o olhar do pai e lhe lançou uma expressão que dizia “limite-se a observar”. Era fácil interpretar a expressão do detetive.

– Angela, você alguma vez experimentou álcool ou drogas? Muitos jovens da sua idade experimentaram. Responda com sinceridade: não vamos ficar zangados nem chocados, e podemos lhe conseguir alguma ajuda.

– Você pode falar, querida – disse a mãe. – Não vamos te julgar. Eu juro.

O pai parecia ser da mesma opinião, no entanto seus cotovelos estavam cavando um buraco nos joelhos.

A mãe deu uma batidinha no braço dele e disse, tentando fazer com que Angie não ouvisse:

– Isso poderia explicar a imprecisão dela com relação aos detalhes.

Angie gemeu.

– Não, não fiz isso. Nunca bebi nada além do vinho da comunhão. Jamais experimentei drogas. Apenas um cigarro. O que foi nojento, diga-se de passagem.

– Posso ver suas mãos? – perguntou Brogan. Não era um pedido. Era uma ordem.

Ela girou os olhos e, sem dizer uma palavra, estendeu os braços. Eles eram longos demais, finos demais, pálidos demais, e ela imaginou se eram os braços de outra pessoa enfiados no seu corpo. Brogan seguiu as estranhas cicatrizes nos pulsos dela com um dedo, virou as mãos para examinar as unhas curtas e irregulares, depois voltou às palmas sujas e ásperas. Seu dedo explorou a marca deixada pelo anel no dedo médio dela, a pele mais limpa e mais pálida.

Ele olhou dentro dos olhos de Angie e perguntou:

– Você sabe alguma coisa a respeito disto?

Uma dor como uma facada a atingiu atrás da orelha. Ela recuou e sacudiu a cabeça, o que ele deduziu que significava uma negativa. A dor se afastou. Sua cabeça clareou. Parecia uma neblina subindo.

Ele franziu os lábios.

– Sei que parece estranho, mas você me faria um favor? Dispute comigo uma queda de braço. – Caiu de novo na cadeira e pôs o cotovelo sobre a mesa de centro, com o polegar para cima.

– Você vai ganhar. Suas mãos são enormes – previu Angie. – Além do mais, seu braço é muito mais comprido do que o meu.

Um lado da boca de Brogan sorriu.

– Faça isso por mim. Por favor.

Angie bufou.

– Está certo. – Segurou a mão dele e a pressionou. Seus dedos menores desapareceram no aperto do homem, mas o braço dele tremeu. Ele fez força. Ela impôs resistência, surpreendida com o vigor de seu braço magro. O músculo fino se avolumou. De repente, o braço dele cedeu, e ela o derrubou. – Você me deixou vencer – acusou ela.

– Talvez um pouquinho. Você obviamente esteve fazendo trabalhos braçais. Por um longo tempo. É muito forte para o seu tamanho.

– Ah, meu Deus. – A mãe saltou da poltrona, contorcendo as mãos. – Trabalhos braçais? Você acha que ela era uma escrava branca?

Que patético, pensou Angie. Mas Brogan pareceu levar a pergunta a sério.

– Não, Margie. É pouco provável. Ela devia estar relativamente perto.

– Perto? Durante todo esse tempo? – A voz do pai tremia estranhamente. – O que faz você dizer isso?

– Suas roupas cheiram a seiva de pinheiro e fumaça de lenha.

Angie cheirou a manga de sua blusa. Ele tinha razão. Bem, é claro, aquilo fazia sentido. Ela não havia assado marshmallows a noite passada no acampamento? Os cheiros não duram três anos.

– É claro – disse Angie. – Eu estava acampando.

– Você não se lembra de mais nada? – perguntou Brogan.

Aquilo estava ficando exasperante.

– Olha – disse ela –, eu já te falei. Já falei para todos vocês. Não me lembro de mais nada. Eu estava acampando. Depois estava aqui. Não me lembro de ter vindo de carro pra casa, de ter sido trazida pra cá ou de vir caminhando. Nada. Eu simplesmente estava aqui.

– Angela, qual é a sua altura? – O detetive ergueu as mãos na direção dos pais dela para impedi-los de dizer qualquer coisa.

– Um metro e cinquenta e cinco – respondeu ela sem hesitar. Com o canto dos olhos, viu a cabeça da mãe balançar ligeiramente.

– E quanto você pesa?

– Esse pergunta é meio indiscreta, você não acha? – perguntou ela.

Brogan deu-lhe um amplo sorriso pela primeira vez.

– Desculpe. É mesmo. E eu sou péssimo pra adivinhar as coisas. Cinquenta quilos?

– Uau. Você é péssimo.

– Eu disse. – Afinal, ele estava sendo honesto, e seu riso era contagiante. – Desculpe. Mais?

Pela primeira vez, Angie riu. E o riso dela soou chiado, rouco, inusitado.

– Quarenta e três da última vez que me pesei.

– E quantos anos você tem?

– Treze – disse ela.

A mãe começou a abrir a boca.

– Dezes... – um sussurro escapou antes de Brogan a impedir de falar.

O pai não percebeu o gesto.

– Ela tem dezesseis – irrompeu ele. – Você agora tem dezesseis, Angela. Não entende o que estamos lhe falando?

A cabeça de Angie zunia. O que havia de errado com todo mundo? Seu pai estava tão rígido e zangado... e ele só a chamava de Angela quando ela aprontava alguma coisa. Do contrário, era a sua pequena Angel. Mas ela não havia feito nada de errado, exceto talvez ter se perdido. Mas isso não era culpa dela. E além disso... ela agora estava em casa.

Foi quando sua raiva explodiu.

– Vocês podem parar com esse joguinho idiota? Eu tenho treze anos. – Sua voz estava presa na garganta. – Tenho treze anos!

As lágrimas ofuscaram sua visão do rosto do detetive, mas ela se dirigiu a ele com palavras tensas e furiosas:

– Eu sou Angela Gracie Chapman. Daqui a três semanas, começo o oitavo ano no Colégio La Cañada. Tenho treze anos. E acho que estive perdida. Mas não tenho certeza. Quero tomar um banho, comer e ir pra cama. – Cruzou os braços firmemente sobre o peito, tentando ignorar os batimentos suaves que não deveriam estar ali.

Sua mãe se levantou. Colocou um dos braços em torno do ombro de Angie, como uma mágica capa de proteção.

– Detetive, ela tem razão. Todos nós precisamos fazer um pequeno ajuste no tempo. Não podemos terminar isso mais tarde?

Angie sentiu uma enorme onda de alívio. Sua mãe iria livrá-la de todos e levá-la para cama. Quando ela acordasse, tudo estaria normal de novo.

– Sinto muito, Margie, gostaria que fosse possível. – Brogan concentrou-se em Angie. – No que se refere à sua memória, Angela, acho que estamos lidando com algum tipo de amnésia retrógrada e estresse pós-traumático. Você sabe o que é isso?

– Não consigo me lembrar de nada porque estou angustiada demais – retrucou ela.

– É algo desse tipo. Assim que possível, gostaria que você conversasse com nossa melhor psicóloga forense. Mitch, Margie,

vou marcar uma consulta com ela e aviso vocês.

– Então, acabamos? – perguntou Angie, com seu último sopro de energia.

– Depois do exame médico – disse Brogan. – Vou telefonar imediatamente e apressar as coisas.

O pai voltou sua atenção para algo além da janela. Sua expressão era absolutamente impassível, como a de uma estátua de pedra. Seus ombros se ergueram até a altura das orelhas.

– Ah, vamos, Phil! – protestou a mãe. – Isso é necessário? Agora? Ela está exausta. Olhe pra ela.

Brogan captou o olhar desesperado e patético que Angie lhe lançou. Sua boca curvou-se para baixo, e ele se virou para o sujeito que já estava com um buraco afundado nos joelhos.

– Sim, eu sei. Mas temos que fazer isso. Eu sinto muito, muito.

Por que ele continuava se desculpando? Isso não mudava nada.

Brogan baixou a voz, embora não houvesse ninguém mais ali para ouvi-los. Ele falava para as costas do pai, não para ela.

– Angela esteve obviamente morando com alguém. Ela não estava na rua. Não passou fome. Alguém cuidou dela. Pode haver uma importante evidência de DNA. Não queremos deixar passar nenhum tempo mais antes de coletá-la.

– Nas roupas dela? – perguntou a mãe. – Podemos entregá-las a você.

O detetive lançou um olhar penetrante para a mãe e, finalmente, voltou sua atenção para Angie.

– Angela, já que não podemos confiar na sua memória, precisamos ver se você sofreu abuso sexual.

O mau humor de Angie explodiu novamente.

– Pode dizer, detetive. Não me poupe. Estuprada. Você quer saber se eu fui estuprada. Não acha que eu saberia? Não acha que eu me lembraria de algo desse tipo? – Seu peito arfava como se ela tivesse acabado de correr um quilômetro.

– Você se lembra de algo desse tipo, Angie? – perguntou ele gentilmente.

A imagem de olhos estreitos e escuros surgiu por um instante em sua mente e desapareceu em um espasmo de dor. Então sua mente

ficou vazia, clara: sua raiva evaporou, como se a tempestade que estava dentro de sua cabeça houvesse terminado. Ela estava calma. Vazia. Aliviada. Segura.

– Não. Nada. Não me lembro de nada.

– Essa é exatamente a minha opinião – disse ele.

– Posso, por favor, tomar um banho depois?

– É claro. Margie, por favor, traga uma muda de roupas para ela, caso precisemos ficar com estas.

No corredor da frente, ele calçou um par de luvas de borracha e pegou a sacola de supermercado.

– Você sabe o que há aqui dentro, Angela?

Ela encolheu os ombros.

– Apenas algumas roupas, eu acho.

– Reconhece esta? – Ele tirou uma blusa quadriculada.

Ela balançou a cabeça. E começou a sentir de novo uma sensação de enjoo no estômago.

Ele enfiou a mão mais no fundo da sacola e tirou de lá um avental amarelo. Angie franziu seu nariz.

– Não.

Brogan tornou a enfiar a mão na sacola e puxou uma minúscula camisola de renda preta.

– Santo Deus! – disse o pai, empalidecendo. Passou as mãos grosseiramente por seus cabelos e as fechou atrás da cabeça.

Angie sentiu suas próprias mãos tremer.

– Não... não é meu estilo – disse ela baixinho. Formou-se um nó em sua garganta. Onde ela havia conseguido essas coisas?

Brogan tornou a enfiar a mão na sacola.

– Ah. Não espanta que esteja tão pesada. E isto, você reconhece?

Ela deu uma olhada em *A alegria de cozinhar*, que estava na mão dele.

– Mamãe tem esse livro. Eu na verdade não cozinho.

No fundo da sacola estava a coisa mais estranha: uma fina barra de metal com uma extremidade pontiaguda e a outra achatada. Brogan a equilibrou na palma de sua mão enluvada.

– Você reconhece isto? – perguntou num tom que pretendia ser casual, mas que de imediato tornou a colocar Angie em guarda.

– Não. O que é? – perguntou Angie.

– Parece ser uma lâmina. Uma faca improvisada.

– Por que isso estaria aí? – perguntou ela.

Brogan a observou com seus olhos de tigre pontilhados de um tom alaranjado.

– A minha impressão é de que você pegou as coisas que eram mais preciosas para si. Isto pode ter sido usado para autodefesa ou...

– Eu nunca, nunca vi isso antes – disse Angie rapidamente. A extremidade do metal parecia maldosamente afiada. Perigosa. – Essa faquinha pode machucar muito? – perguntou ela.

– Ah, sem dúvida ela poderia matar alguém – disse Brogan calmamente. – Se *você* soubesse usá-la. – A maneira como ele prolongou o “você” fez Angie sentir calafrios.

2

EXAME

– Você está de acordo com isso, Angie? – perguntou a mãe pela terceira vez em três minutos. Seu rosto estava enrubescido, como se ela estivesse constrangida pelo surto de atividade que a chegada deles havia causado no pronto-socorro.

– Só quero acabar com isso – disse Angie. Um leve latejar se instalou entre suas orelhas. Ela estava cansada demais para sentir qualquer coisa mais forte. Afinal, sua mãe estava ansiosa pelas duas. – Não parece que eu tenho alguma escolha, não é?

O detetive Brogan se virou ao ouvir a voz dela.

– Tecnicamente, você tem. Eles vão precisar do seu consentimento. Mas não preciso enfatizar a importância disso para a investigação.

Com os passos suaves de seu tênis branco, uma enfermeira se aproximou com uma prancheta. Seus olhos foram dos papéis para Angie, uma onda de piedade atravessando seu rosto.

– Vamos para uma sala de exames e terminamos logo com isso.

O pai parecia querer dizer alguma coisa, mas em vez disso mordiscou a unha do seu polegar.

– Eu... eu vou esperar aqui com o detetive.

A sala era incrivelmente branca, exceto pela paisagem de nuvens pintada no teto azul-claro. A mesa de exame era pequena demais para alguém se deitar nela, e Angie imaginou se não iria cair dali. Escutou com uma sensação de torpor e indiferença enquanto a enfermeira explicava o procedimento do kit de estupro. Isso não podia estar acontecendo.

A enfermeira lhe estendeu uma caneta.

– Querida, você assina aqui, está bem?

Muito devagar, numa caligrafia perfeita, ela escreveu "Angela Gracie Chapman", desejando ter outros nomes do meio para que aquilo demorasse mais. A linha em branco em seguida ao seu nome fazia uma pergunta que ela provavelmente não conseguiria responder.

– Mãe, que dia é hoje?

– Dezoito de setembro – respondeu a mãe.

Angie piscou os olhos com força e escreveu a data. Depois passou a caneta para sua mãe assinar como “pai/mãe/responsável pelo menor”.

Sem uma palavra, a mãe passou um traço sobre o ano e o corrigiu.

Angie engoliu a acidez em sua garganta. Três anos. Passados com o deslizar de uma esferográfica. Como coisas assim podiam acontecer?

A mão de sua mãe ainda pairava sobre a página.

– Ela nunca fez um exame ginecológico.

– A senhora quer ficar na sala com ela? – perguntou a enfermeira.

Angie se deparou com o olhar perturbado da mãe. Ela sacudiu a cabeça.

– Isso seria muito estranho – disse. – A mamãe deve esperar lá fora. Com o papai.

A enfermeira tocou o ombro da mãe.

– Senhora Chapman, eu estarei presente durante todo o procedimento. Tenho muita experiência com este tipo de caso. Por que não me entrega a muda de roupa?

O rosto da mãe estava paralisado entre a culpa e o alívio. Assinou o formulário e beijou o rosto de Angie.

– Estarei aqui pertinho, querida. Bem perto. Do lado de fora da sala.

Quando a porta se fechou atrás dela, Angela se sentiu com muito menos que dezesseis anos, até com menos de treze. Talvez com sete. Queria chamar a mãe de volta para segurar sua mão, para lhe dizer que logo tudo estaria bem. Queria que a mãe lhe lembrasse de pegar um brinde do hospital na saída ou lhe perguntasse onde ela queria tomar duas bolas de sorvete quando aquilo tivesse acabado.

Era assim que ela sempre havia enfrentado os exames médicos, o constrangimento de tirar as roupas, o frio da sala, a terrível expectativa da injeção.

– Muito bem, Angela. Aguente firme. – A enfermeira estendeu uma lona no chão. – Por favor, fique de pé aqui no centro do tecido impermeável e coloque todas as suas roupas sobre ele, sem deixá-las tocar o chão.

– Por quê? – perguntou Angie enquanto desabotoava sua blusa florida. Ela tateava os botões com dedos desajeitados, trêmulos.

– Pode haver evidências, fios de cabelo ou fibras, em suas roupas. Tire os sapatos também.

– Ah. – Pouco à vontade, ela abriu o zíper da calça que estava vestindo. Não podia dizer que era dela... nunca a vira antes. Deslizou-a para o chão, empurrando os sapatos. Sua pele branca brilhava na luz estéril e se contraiu quando ela ficou toda arrepiada. Em seguida, tirou as meias.

– De onde vieram essas cicatrizes, querida? – perguntou a enfermeira, apontando para os pés de Angie.

Ela seguiu o dedo da enfermeira. Seu estômago se revirou. Um líquido amargo subiu queimando até sua garganta. Em torno de cada tornozelo havia uma faixa de cinco centímetros, uma marca grossa e irregular de tecido cicatrizado. Ela colocou uma das mãos em concha sobre a boca para evitar vomitar.

– Eu não sei – sussurrou entre os dedos. Lágrimas se acumulavam nos cantos de seus olhos.

Ah, meu Deus. O que aconteceu? Suas pernas estavam horrendas! Repugnantes! Ela nunca mais usaria saia.

Angie cruzou os braços sobre o peito nu, as mãos enfiadas nas axilas, e tremeu. Vestia apenas sua calcinha, que era pequena e desbotada, mas familiar em toda aquela estranheza: era realmente dela. Pálidas borboletas seguiam o contorno do quadril. Concentrou-se nelas, tentando extrair conforto da única coisa que fazia sentido.

A enfermeira ergueu os olhos de sua prancheta.

– Tire tudo, querida, e suba na mesa de exame. Há um avental de papel sobre ela. – E pegou o interfone para chamar o médico.

Angie tirou suas borboletas e avançou para a mesa. A camisola dura e descartável arranhava sua pele, mas pelo menos ela estava novamente coberta. Seus joelhos ficaram lívidos e encurvados quando suas pernas penderam livremente da extremidade da mesa. Ela observou todas as roupas serem etiquetadas e colocadas em um saco plástico.

– Agora, as mãos – disse a enfermeira. Ela raspou a parte de baixo das unhas de Angie e guardou a substância nojenta em um pequeno frasco. – Com licença. – Enfiou a cabeça sob o avental de papel de Angie. – Não há pelo suficiente para pentear – comentou ela misteriosamente, deixando o papel cair de novo sobre o colo de Angie. A menina cruzou firmemente seus tornozelos.

– Abra, por favor. – Mecanicamente, Angie abriu sua boca para um enorme cotonete. Sua ânsia de vômito se manifestou, e ela respirou com dificuldade pelo nariz para contê-la. O interior das bochechas e sua língua foram completamente esfregados, e o cotonete foi enfiado em um comprido recipiente de vidro.

A enfermeira pegou a caneta e a prancheta.

– Data da sua última menstruação?

Angie enrubesceu.

– Eu ainda não menstruei. Sofro de uma espécie de amadurecimento tardio.

Houve uma batida seca na porta, e o médico entrou. Angie prendeu a respiração. O médico era homem! Ela nunca havia sido examinada por um homem.

Com os joelhos pressionados um contra o outro, Angie tremia e o observava atentamente. Ele parecia velho, com pelos brancos misturados à sua barba e um rosto enrugado e amigável. Aquilo, porém, era menos humilhante do que um médico bonito e jovem. Soltou seus dedos entrelaçados e apertou a mão que ele lhe oferecia. A mão dela estava suada; a dele, morna e seca.

– Olá, Angela. Sou o doutor Cranleigh. Você gostaria de me perguntar alguma coisa antes do exame?

Ela pensou.

– Vai doer?

– Pode haver uns trinta segundos de desconforto ou cólica. Só isso. Tudo bem?

Angela fez que sim com a cabeça. Sem falsas promessas. Gostou daquilo.

– Mesmo eu sendo virgem? – perguntou ela.

– Mesmo que você seja virgem – replicou ele. – Entendo que você pode estar sofrendo de amnésia traumática, certo?

Ela tornou a acenar com a cabeça.

– Lamento muito o que você passou. – Ele se virou para a pia a fim de lavar as mãos.

Qual era a resposta correta para isso?

– Hum. Obrigada.

A enfermeira retirou-se para o fundo da sala, agora se tornando uma observadora silenciosa. Angie imaginou o que ela estaria pensando, quantas outras garotas ou mulheres ela já vira passar por isso. Talvez fosse diferente se a pessoa tivesse sido realmente estuprada, se estivesse totalmente furiosa, se estivesse ansiando por vingança.

Mas não era o seu caso.

O dr. Cranleigh pegou um par de luvas de látex.

– Então, é um mistério. Estamos buscando indícios para explicar qualquer coisa sobre o que aconteceu com você, sobre onde esteve. Pense em nós como uma equipe. Eu prometo ser o mais rápido e gentil possível. Você promete me dizer se alguma coisa doer. Se precisar fazer uma pausa, podemos interromper o procedimento. Além disso, e muito importante, Angie, diga-me se qualquer coisa no exame desencadear uma lembrança... qualquer tipo de lembrança. Tudo bem?

Angie não estava tão certa se queria desencadear alguma lembrança. Algo realmente terrível havia acontecido com seus pés. Não conseguia suportar olhar para eles, que pendiam da mesa de exame. E havia também aqueles sulcos escuros em seus pulsos. Deveria realmente existir uma boa razão para aquilo, mas não conseguia lembrar qual seria.

Uma onda de ressentimento aflorou na superfície de sua mente. Ela não precisava estar ali. Podia ter recusado tudo aquilo. Talvez

ainda pudesse. Afinal, será que era tão importante descobrir tudo? Não podiam simplesmente ficar contentes por ela estar em casa e deixá-la em paz? Ela estava em segurança. Estava viva. Deixa pra lá.

– Muito bem, Angela – disse o dr. Cranleigh. – Agora vou examinar os ferimentos e cicatrizes externos do seu corpo. – Com mãos impessoais e ligeiras, ele levantou o avental e examinou cada pedacinho de pele, enquanto Angie se fixava na lâmpada acima dela, que tremulava ligeiramente. Uma lâmpada fluorescente ficou mais amarela do que a do lado, mas ela se concentrou na lâmpada que tremia.

O dr. Cranleigh passou um tempo considerável examinando os pés e os pulsos antes de fazer uma pausa para realizar algumas anotações e tirar fotos. Ela observava os ponteiros do relógio girarem e respirava acompanhando seus movimentos, tentando ignorar a sensação de náusea, torpor e tontura enquanto ele tocava suas cicatrizes.

Angie se obrigou a perguntar:

– O que o senhor acha... quer dizer, o que pode ter me causado isso?

O médico respondeu à sua pergunta com honestidade:

– Ferimentos cicatrizados como esses são característicos de atritos repetidos com objetos de contenção, mais provavelmente de metal, não de couro. Os pulsos, porém, sugerem algo parecido com corda ou barbante. A aparência não confere com ferimentos autoinfligidos. Você tem alguma ideia?

– Não – respondeu Angie como que entorpecida. Ela havia sido amarrada? Algemada? Procurava a palavra em sua mente, tentando encontrar um vislumbre de memória. Sua mente resistia, pressionando de volta com um escuro vazio. – Eu simplesmente não sei.

– Obrigado, Angela. Deite-se agora, por favor, com seus pés nestes apoios, os joelhos erguidos e separados, para que possamos examinar se há lesões internas.

O peito de Angie de repente ficou apertado demais até para respirar. *Esconda-se*! gritou uma minúscula voz. Uma dor lancinante

explodiu em seu crânio, e ela cobriu os olhos com as mãos.

Ouviu a voz do médico, distante:

– Você pode sentir uma leve pressão...

Mas ela não sentiu nada. A dor na cabeça desapareceu tão depressa quanto havia surgido, e seus olhos se abriram surpresos. A enfermeira estendeu-lhe a mão para ajudá-la a se sentar.

– Está tudo acabado, querida – disse ela. – Obrigada por ter sido tão cooperativa. Pode se vestir.

Tudo acabado? Esse foi o exame? Onde estava o médico? Ele não poderia ter desaparecido nos dois segundos em que seus olhos ficaram fechados, poderia? Seu coração deu um salto. Foram apenas dois segundos, não foram? Ela não havia desmaiado, havia?

Os olhos de Angie foram da enfermeira para o relógio. Só haviam se passado alguns minutos desde que ela o olhara da última vez, e eles estiveram conversando durante parte desse tempo. O alívio diminuiu a pressão em seu peito. Talvez o médico simplesmente tivesse sido rápido em sua saída.

Seja como for, graças a Deus estava tudo terminado. Já era tempo de ir para casa e esquecer tudo aquilo. Sorriu brevemente diante da sua inconsciente escolha de palavras. Será que alguém pode se esquecer do que esqueceu? Talvez.

Apesar de todas as evidências, até provas, ela não se sentia como se houvesse perdido três anos da sua vida. Se pelo menos pudesse convencer seus pais a se acalmarem, poderia prosseguir com a vida como sempre – telefonar para os amigos, voltar para a escola, recuperar o que havia perdido. Por que não? Vestiu o suéter macio que sua mãe havia trazido e abraçou a si mesma. Que bom sua mãe haver se lembrado do seu folgado, favorito e macio suéter azul.

Angie enfiou as pernas magras na calça de veludo, sentindo-se quase normal de novo, até que se levantou e percebeu que a calça estava muito curta para ela. Ali estava. Mais uma prova. A quem ela estava enganando? Não podia simplesmente continuar a viver sua vida como sempre. Sua vida não se ajustava mais a ela.

A enfermeira conduziu Angie pelo corredor até uma sala com a placa PARTICULAR.

– O médico está conversando com seus pais. Entre, querida. Boa sorte com tudo.

É. Boa sorte. Como ela iria ser uma garota de treze anos em uma vida de dezesseis?

Angie colocou uma das mãos na maçaneta e começou a girá-la devagar. A voz do médico passou pela porta, e ela fez uma pausa para ouvir o que ele estava dizendo para sua mãe e seu pai. Ela captou “graves lacerações... cicatrizes internas incomuns... sem dúvida violações repetidas... tornozelos... não característicos de automutilação... pulsos... suicídio... boa saúde... não está grávida... psiquiátrico...”.

Angie se retirou para o banheiro do corredor, girou o ferrolho e desabou contra a porta trancada, com os joelhos fracos. *Violações repetidas. Cicatrizes internas*. Aquelas palavras giravam em seu cérebro. Ah, Deus. Isso não era o tipo de coisa que acontecia com pessoas reais! Isso era coisa de TV.

Ela saíra para o acampamento como uma criança normal, alguém que pertencia a um seriado cômico ou drama familiar. Agora era a protagonista involuntária do seu próprio episódio da unidade de crimes especiais. Alguém estava reescrevendo o roteiro da sua vida. Sem a permissão dela.

Angie não percebeu que chorava até uma lágrima rolar do seu queixo e cair no frio piso de cerâmica. O que ela estava fazendo ali? O que havia acontecido? Segundo sua mãe e seu pai, mais de mil dias haviam sido roubados da sua vida. E, não importava o que dissesse o calendário em sua mente, o fluxo do tempo e alguma experiência cruel haviam marcado o seu corpo. Bem ali. Em seus braços, em suas pernas, em seu rosto.

Lágrimas salgadas formavam trilhas ao descerem por seu rosto. Ela as limpava com as palmas das mãos.

Angie foi até a pia para jogar água fria no rosto, e ali estava ela de novo. Aquela estranha no espelho. Com olhos que pareciam velhos e cansados, repletos de um conhecimento que se recusavam a compartilhar. Tristes, preocupados.

Angie atirou um punhado de água na imagem.

– Eu quero a minha vida de volta, sua cretina – sussurrou para o seu reflexo.

Ah, Angie, você estava tão zangada com a gente. Não sabe como salvamos a sua vida – como eu me esforcei com as garotas e com o portão para te manter pura, escondida e intocada, nossa Menina Bonita de Treze Anos. Era assim que te chamávamos. Sinto muito não termos podido fazer nada a respeito das cicatrizes.

– Ela ainda não pode voltar pra escola – disse o pai. – Não até obtermos uma completa avaliação psicológica. Afinal, nem sequer sabemos em que ano colocá-la.

Ele e a mãe estavam "discutindo" a vida dela no banco da frente como se Angie não estivesse poucos centímetros atrás deles e não tivesse acabado de ser totalmente vasculhada no hospital. Ela se sentia ferida e grudenta, embora não conseguisse se lembrar de qualquer parte do curto exame que fosse responsável por isso.

O pai não havia feito nenhum contato visual com ela durante a saída do hospital e o caminho até o carro. Quando Angie tentou colocar sua mão na dele, ele fingiu espirrar e retirou a mão para pegar um lenço. Dezesseis anos era muita idade para exibições públicas de afeto? Mesmo assim, a rejeição doeu.

– Oitavo – disse Angie, inclinando-se entre as cadeiras dos pais. – Devo estar no oitavo ano. E já perdi quase três semanas de aula. Tenho que me preparar. – Suas duas bolas de sorvete de menta com flocos de chocolate estavam derretendo em seu colo sem terem sido tocadas. Pelo menos sua mãe havia se lembrado.

O rosto da mãe fez três tentativas antes que ela encontrasse uma expressão que lhe agradasse: discordância educada.

– São apenas três semanas. E a escola vai nos ajudar com aulas particulares para você recuperar a matéria. Vou insistir nisso. Mas, querida, você precisa se encontrar com seus amigos imediatamente. Precisa do apoio emocional deles.

– Meus amigos estão no oitavo ano – insistiu Angie.

– Angie, seus amigos estão agora no ensino médio; Livvie, Kate, Greg.

– Greg?

Ah, meu Deus. Ela não havia pensado nele em... bem, se fazia três anos ou dois dias, as lembranças de Greg foram um raio de luz que penetrou nesse dia estranho e escuro.

Eles haviam ido em grupo ao Soak City Water Park no fim de julho para a última grande aventura do verão. Já existia um clima entre Angie e Greg, então todos os outros do grupo os abandonaram no rio lento. A piada era que eles nem haviam percebido.

Flutuaram como focas, compartilhando uma boia. Seus pés deixavam um rastro atrás deles na água ligeira e morna, o sol queimando suas costas. E logo suas pernas estavam roçando uma na outra, e Angie ficou realmente contente por ter acabado de depilá-las. Seus pés se entrelaçaram, e, quando Greg colocou seu braço quente e bronzeado em torno do ombro dela, foi a coisa mais natural do mundo virar a cabeça, olhar dentro dos seus olhos brilhantes e encontrar seu beijo no meio do caminho. Tinha gosto de cloro e Coca-Cola.

Eles colidiram com uma parede, bateram seus dentes, morreram de rir e se beijaram um pouco mais até o salva-vidas adolescente soprar um apito e gritar:

– Olhem para onde estão indo, ou vou expulsar vocês daqui!

– Ah, que autoridade! – disse Greg. – Você dá pra eles um apito, e eles acham que podem mandar no mundo.

Angie riu.

– Então faça o que ele está dizendo e mantenha os olhos abertos desta vez!

Deram mais uma volta com a boia, lábios e olhos fixos um no outro, mas cegos para todos os demais que estivessem na água. No fim do dia, estavam oficialmente namorando. Mas eles realmente não *ficaram juntos* antes do acampamento.

Greg. Uau! Ele agora estava no ensino médio – que coisa incrivelmente estranha. Como um rapaz do ensino médio iria namorar uma garota do oitavo ano? Espera um pouco. Ela na verdade não era do oitavo ano. Mas e se ele agora estivesse

namorando outra pessoa? Isso era totalmente possível – até mesmo provável.

Seu coração disparou diante da ideia de vê-lo novamente, sua cabeça se encheu ainda mais de dúvidas: expectativa ou medo? Como se fosse ontem, ainda conseguia sentir o gosto dos beijos dele.

– Mãe, não tem como eu pular pro ensino médio. De jeito nenhum. Pense um pouco. Estou totalmente despreparada. Não posso acompanhar tão depressa toda a matéria.

O pai se intrometeu na conversa:

– Foi por isso que sugeri darmos à psicóloga uma chance de ponderar sobre a decisão. Especialmente porque ela está com esse bloqueio mental temporário. Quem sabe o que mais isso pode ter afetado? Ortografia, álgebra... quem sabe?

– Ela precisa de uma rotina normal – disse a mãe. – E dos melhores amigos.

Um pensamento apavorante a golpeou no estômago. O ar saiu de dentro dela na forma de um gemido. Eles podiam não ser mais seus melhores amigos. Podiam não ter mais nada em comum. As brincadeiras estariam todas ultrapassadas. Ela não conheceria as músicas, os programas e os websites que eles estavam agora compartilhando. E seria uma estranha, uma celebridade, a garota que desapareceu por três anos.

– O papai está certo – disse Angie em um arroubo. – E de todo modo eu posso até querer ir para uma nova escola.

– Bem, isso nós temos de ver – disse a mãe, admitindo a derrota à sua maneira. – O detetive Brogan foi muito gentil e conseguiu que a psicóloga te atenda amanhã à tarde. Tudo o que você tem que fazer nas próximas vinte e quatro horas é comer, descansar e esquecer o resto.

– Já esqueci – disse Angie com um toque de amargura.

O pai colocou o carro dentro da garagem e desligou o motor. Seus ombros rígidos eram como uma parede.

– Angela, baseado no que o doutor Cranleigh nos disse, não tenho certeza se você quer se lembrar de qualquer coisa. A repressão é uma defesa natural. Se metade do que ele suspeita for verdade...

bem, não importa. – Ele virou a cabeça para o outro lado, mas não antes de Angie captar o olhar indignado em seu rosto e a névoa de lágrimas pairando em seus olhos.

– Não comece com isso – sussurrou-lhe a mãe, beliscando o osso do nariz. – Neste momento estamos celebrando o retorno milagroso da nossa Angie, não importa o que tenha acontecido. – Ela bateu a porta do carro. – Vou começar a preparar o jantar enquanto você toma um banho – disse. – Vamos comer seu prato favorito? Talharim com queijo?

Eles estavam agindo de um modo tão estranho. Tão emocional. O estômago de Angie doía. Só conseguiu concordar com a cabeça e fingir que aquilo havia soado ótimo.

– Bem-vinda à sua casa, Angie – disse a mãe. – Lembre-se de que te amamos de todo o coração, não importa o que tenha acontecido. – E deu um abraço desconfortavelmente apertado em Angie.

Não importa o que tenha acontecido? O que isso queria dizer? Angie permaneceu no círculo dos braços da mãe durante um minuto antes de se soltar.

Subiu a escada correndo e abriu a porta do seu quarto como se abrisse a porta para uma máquina do tempo. Tudo estava arrumado e no lugar, da maneira que ela havia deixado antes de ir para o acampamento. O cobertor felpudo estava dobrado em um quadrado sobre a cadeira de balanço. O violão estava no seu canto, ao lado da janela.

A cômoda exibia um conjunto de quatro potes de queijo cremoso decorados com contas coloridas para guardar suas bijuterias – anéis, colares, pulseiras e brincos, tudo organizado. Um cavalo de plástico, resgatado de um depósito, galopava na direção de uma foto de Angie, Livvie e Katie com o rosto colado um no outro em uma xícara gigante na Disneylândia. Ela passou um dedo por uma grossa camada de poeira que cobria tudo.

Seu dedo parou na base da estatueta de um anjo que a avó havia lhe dera de presente na sua crisma, alguns meses atrás – ou o que parecia ser alguns meses atrás. Ela a pegou e deu umas batidinhas nas asas de cerâmica branca, tirando uma pequena teia de aranha

que havia se alojado entre elas. Uma escolha incomum, pensou novamente. Não era um anjo da Hallmark, doce e efeminado, mas uma figura forte sem sexo definido, com lábios estreitos e olhos brilhantes. Parecia decidido, e até mesmo feroz, como os anjos do Velho Testamento que amedrontavam os mortais com suas espadas flamejantes. Com cuidado ela o colocou de volta em seu lugar.

Em um dos potes de bijuterias, o grosso anel de prata chamou sua atenção. Ah. Ela o havia deixado no banheiro, mas de algum modo ele havia retornado ao seu quarto. Pegou-o para dar uma olhada mais de perto.

O anel estava gravado em toda volta com seis minúsculas folhas saindo de uma única haste, familiar e estranho ao mesmo tempo. Ela provavelmente devia tê-lo entregado como evidência. Um feixe de luz solar vindo da janela fez brilhar um padrão irregular na sua curva interna. O que era aquilo? Uma inscrição? Ela apertou os olhos para lê-la: AMADA ANGELA, MINHA ESPOSINHA. As palavras ricochetearam em sua memória, deixando a reverberação de um pensamento de pânico. *Ninguém* deve ver isto.

O anel foi conduzido para o dedo médio e se aninhou em seu sulco, como se pertencesse àquele lugar. Devia tê-lo usado durante um longo tempo para ter dado forma ao seu dedo daquela maneira. Ela o girou e puxou até o anel se soltar do nó do dedo, relutante em deixar o seu lugar. Sua mão parecia pálida e nua. Mas o recolocou no lugar.

A cama estava bem-arrumada, coberta com a colcha de retalhos de verão feita por sua avó. Na mesa de cabeceira estava um livro com marcador – *A revolução dos bichos* – que ela estava lendo antes da viagem. Debaixo dele estava o seu diário. O cadeado estava quebrado, e ele se abrira em algum lugar no meio do sétimo ano. A caligrafia familiar seguia contínua pelas páginas, fielmente dia a dia até a última entrada. Dois de agosto. Havia escrito aquilo na barraca com a luz da lanterna. A noite passada. Não, não a noite passada. Mais de três anos atrás.

Tentou imaginar sua animação inocente enquanto lia suas próprias palavras. “Ai. Foi uma longa caminhada. Tudo dói, mas a carne de panela do acampamento estava fantástica, e os marshmallows

ainda melhores. Amanhã vamos caminhar ao longo da trilha da montanha. Legal. Mal posso esperar.”

Antes disso, todas as páginas estavam completas. Depois disso, todas estavam em branco. Sentiu um calafrio.

A voz de sua mãe chegou da soleira da porta.

– Quando eles trouxeram isso de volta do acampamento, foi tudo o que me restou de você.

Angie ficou olhando para baixo. Ela sussurrou:

– Você quebrou o cadeado. Você leu, não foi? Meu diário particular. – Não que ela tivesse grandes segredos, mas havia ali vários comentários muito pessoais sobre Greg. Sobre o corpo dele, seus braços, seus lábios. O rubor inundou o seu rosto.

A mãe se aproximou lentamente por trás e passou seus braços em torno da cintura de Angie. O queixo da mãe se aninhou no ombro dela.

– Me desculpa, Angie. Tivemos que fazer isso por causa da investigação. Qualquer pista...

– Meu Deus. Ele também leu isso.

– Seu pai? Não, não. Eu disse pra ele que não havia nada que ele precisasse saber. Só coisas de menina.

– Estou falando do detetive Brogan. – Angie se encolheu, constrangida. É claro que ele havia lido. Esse era o seu trabalho.

Ela sentiu a mãe confirmar com a cabeça.

– Seja como for – a voz da mãe se animou em uma alegria forçada, tentando parecer normal –, não mudei nada aqui. Queria que tudo estivesse no lugar certo quando você fosse encontrada.

Angie se virou e a abraçou forte, um colete salva-vidas nesse mar louco e agitado pelo vento. Em seus braços, ela sentiu a mãe chorar e estremecer uma vez.

– Eu nunca desisti – disse a mãe. – Acredite em mim.

Angie esfregou seu rosto no ombro da mãe.

– Você acha que algum dia vou me lembrar?

Durante um longo momento sua mãe ficou em silêncio. Angie recuou e captou a expressão torturada no rosto dela, a tristeza em seus olhos, uma fração de segundo antes de ela escolher sua expressão.

Finalmente, a mãe respondeu:

– Por três longos anos, tudo o que eu queria era saber o que havia acontecido com você. Agora... honestamente, não sei se quero que você se lembre.

Quanto a isso, *tivemos que concordar.*

3

AVALIAÇÃO

A luz do amanhecer passou através das cortinas um pouco depois das seis e meia. Angie sentiu a mais estranha urgência de pular da cama e começar a cozinhar, mas isso era ridículo. Ela não sabia cozinhar. Espreguiçou-se como um gato, expulsando a rigidez de suas pernas. Seus pés tocaram o carpete com um ruído seco. As bolhas e as assaduras evidentemente não haviam se curado da noite para o dia. Obrigou-se a desviar os olhos das faixas de cicatrizes em volta de seus tornozelos.

– Se eu não posso ver as cicatrizes, elas não estão aí – mentiu para si mesma.

Angie escutou seus pais se movendo pela casa. Havia ruído de água correndo: provavelmente seu pai estava no chuveiro. Caminhou até a cômoda para pegar algumas roupas. Escolheu uma de suas blusas preferidas, uma de mangas compridas com uma silhueta em azul-escuro de um alpinista sobre um fundo azul-claro e ROCK ON escrito em letras cintilantes. Um presente de Katie para celebrar suas insígnias de alpinista em maio passado... maio... passado. Ah, não. Segurou a blusa junto ao peito e percebeu que era pelo menos dois números menor do que usaria agora.

Ótimo. Maravilha. Então, o que vestiria? Amassou a camiseta como uma bola e a atirou do outro lado do quarto. Ela aterrissou nas depressões do carpete onde em geral ficava sua cadeira de balanço. A cadeira havia sido deslocada para um metro mais perto da janela. As marcas no carpete mostravam que ela havia sido arrastada ontem. Angie franziu a testa e a arrastou de volta ao antigo lugar.

Com um suspiro pesado, voltou à cômoda para pegar a enorme malha de moletom cinza que gostava de vestir quando precisava se

sentir aconchegada. As mangas agora estavam no comprimento certo para cobrir seus pulsos sem precisar enrolá-las. Deu uma olhada em seus empoeirados recipientes de bijuterias em busca de inspiração e percebeu num sobressalto que eles não estavam empoeirados. Na verdade, toda a parte superior da cômoda estava limpa. Assim como sua escrivaninha, sua mesa de cabeceira e o peitoril da janela.

Será que sua mãe havia entrado ali no meio da noite para limpá-los? Que coisa totalmente estúpida mas totalmente delicada da parte dela.

– Toc, toc. – A voz da mãe, do outro lado da porta, a assustou.

Ela pulou de volta na cama, para não ser surpreendida em roupas de baixo.

– Entra, mãe – disse.

Sua mãe empurrou a porta com o pé, as mãos ocupadas carregando uma bandeja de cama e um prato de panquecas fumegantes. Panquecas na cama! Não imaginaria nada melhor do que isso. E ela estava faminta, mesmo depois de comer a metade do talharim com queijo a noite passada.

– Não pense que eu vou fazer isso sempre – disse a mãe com um pequeno sorriso. – Só de segunda a segunda. – Ela não conseguia desviar seus olhos do rosto de Angie. Talvez esperasse que a filha pudesse desaparecer novamente da noite para o dia.

– Obrigada, mãe. Isso é realmente ótimo, mas você não precisa se preocupar tanto.

– É claro que preciso – disse a mãe. Ela se sentou na beirada da cama e colocou a bandeja sobre as pernas de Angie. Então afofou os travesseiros atrás da filha.

– A novidade vai acabar, e então eu já estarei totalmente mimada.

– Não, não vai acabar. Nunca. – A mãe riu e acariciou o cabelo de Angie. – Quer que eu escove o cabelo pra você? Está tão comprido.

– Provavelmente vou cortá-lo logo – disse Angie. – Fica mais parecido comigo.

Evitar os espelhos era possível, mas ignorar o estranho movimento dos cabelos sedosos sobre seu ombro não era. Isso fez com que ela se perguntasse sobre todas as coisas das quais não

conseguia se lembrar: lavá-los e escová-los todas as manhãs. E isso a levou a pensar sobre onde dormia. O que comia? Quem cozinhava para ela? Será que alguém sentia falta dela agora que havia ido embora? Ai. Era estranho demais pensar nisso. Melhor não pensar.

Espremeu uma enorme quantidade de xarope de bordo sobre a pilha de quatro panquecas amanteigadas, observando-o escorrer pelas beiradas e formar uma poça cor de âmbar no prato.

A mãe ficou em silêncio até que Angie tornou a olhar para cima, imaginando por que ela estava tão quieta. O rosto de sua mãe tinha novamente aquela aparência coberta de tristeza.

– Sinto muito que você não se sinta como você. Talvez quando voltar para a escola, ou tocar de novo seu violão... Tenho certeza de que a senhora Manda ficaria entusiasmada com... – E sua voz sumiu.

Angie encolheu os ombros.

– Desculpa – disse de novo a mãe. – Não estou ajudando, não é? Como você se sente?

– Isso é que é estranho. – Angie cortou um triângulo das panquecas com sua faca. – Por dentro, sou a mesma pessoa que eu era quando saí para o acampamento. Mas minhas roupas não me servem, meu cabelo não tem nada a ver comigo, e, quando caminho ao lado de um espelho, é como se estivesse vendo o fantasma da futura Angie. É sinistro. – Enfiou todo o triângulo das gotejantes panquecas dentro da boca. A doçura permaneceu em seus lábios depois que ela o engoliu. Suspirou. – Não sei. O que você vê?

A mãe segurou a mão esquerda de Angie.

– Apenas a minha filha. Uma garota adorável, prestes a se tornar uma jovem mulher. – Ela esfregou os dedos de Angie e se deteve no estranho anel de prata. – Bonito. Não me lembro desse anel de... de antes.

Angie também não, mas algo a impediu de admitir isso.

– É claro. Eu já tinha este anel há muito tempo. – Uma meia verdade.

– Ah, tudo bem. Acho que estou ficando velha. Então, o que você gostaria de fazer hoje? – perguntou a mãe. – Comprar algumas roupas que sirvam em você? Materiais para a escola? Sua consulta é só às três horas, mas eu tirei todo o dia de folga.

– Espera. Você trabalha? Desde quando? – Sua mãe era dona de casa em tempo integral.

– Há cerca de dois anos a biblioteca finalmente conseguiu um aumento no seu orçamento, e como precisávamos... bem, como eu era uma voluntária dedicada, eles me contrataram.

Angie não deixou de notar o deslize.

– Vocês precisavam de dinheiro? O papai perdeu o emprego?

Os cachos castanho-grisalhos da mãe balançaram quando ela moveu a cabeça em uma negação rápida.

– Não, não. Está tudo bem lá. Ele foi até promovido a gerente de vendas do distrito. Não. Nós apenas... foi dispendioso procurar você. Detetives particulares, anúncios. E, pelo amor de Deus, tire esse ar triste do seu rosto. Não pense que algum de nós lamenta um único tostão gasto com isso.

Angie se livrou do repentino sentimento de culpa. Não foi culpa sua. Ela não era uma fugitiva ou uma delinquente juvenil. Até onde sabia.

– Está tudo bem, querida. Estamos todos ótimos. – Ela apertou bem forte a mão de Angie, como para convencer a si mesma. Uma gota de xarope caiu na colcha.

Angie a tocou e lambeu seu dedo.

– Você já contou para mais alguém? Quero dizer, não tem um monte de repórteres no gramado me esperando terminar o café da manhã e tomar meu banho, tem?

A mãe foi até a janela e puxou a cortina para verificar.

– Não. Nem sequer uma câmera. Phil, o detetive Brogan, está fazendo o máximo para evitar qualquer vazamento pra fora do departamento até você estar pronta. Isso vai ser difícil. Você, minha querida, foi um caso que chamou muita atenção. – Ela olhou para bem longe através da janela. – E, por falar em contar às pessoas, você vai telefonar pra Livvie hoje?

Meu Deus. O que ela diria? *Oi, Livvie. Estou de volta da minha suposta morte? Não fui devorada por pumas. Quais são suas novidades?* Definitivamente, não era uma conversa que ela desejava enfrentar agora.

– Não... Acho que vou esperar até depois da consulta com a psicóloga.

Sua mãe franziu mais as sobrancelhas.

– Mas talvez seus amigos... – Ela parou e se corrigiu. – Não, desculpa. É claro. Você precisa de tempo para absorver a ideia antes de lidar com outras pessoas. Isso é lógico. Mas eu telefonei pra vovó, é claro. A noite passada, depois que você dormiu. Tio Bill vai trazê-la de carro até aqui no sábado. – E a mãe então soltou a cortina.

– O tiozinho Bill? – O irmão muito mais moço de seu pai era apenas oito anos mais velho que Angie, daí ela chamá-lo dessa maneira desde que tinha seis anos e ele apenas catorze: o tio jovem era “tiozinho”. Ela não o via há anos.

– E quanto ao vovô? Ele não vai vir?

O rosto da mãe se fechou. O silêncio durou muito tempo. Angie mordeu seu lábio inferior. Ah, não. Por favor, não diga isso, rezou ela.

Mas sua mãe disse:

– Ah, Ange, querida. É claro que você não poderia saber. Perdemos o vovô há seis meses.

Angie sentiu um buraco no estômago. Seu rosto ficou dormente. Lágrimas silenciosas caíram sobre suas panquecas. O que mais ela havia perdido?

As palavras saíram sufocadas.

– O que mais, mãe? Há alguma outra coisa que eu precise saber? Perdi alguma outra coisa?

A mão esquerda da mãe dirigiu-se rapidamente ao seu estômago e a direita à sua boca. Seus olhos vasculharam o quarto.

– Eu... não – disse ela.

Uma pessoa cega poderia dizer que ela estava mentindo.

– O que foi, mãe? Diz logo. Alguma coisa pode ser mais dolorosa do que eu nunca mais poder ver o vovô? – E então uma

possibilidade terrível passou por sua mente ao ver a mãe apertar seu corpo daquela maneira.

– Câncer? Meu Deus. Por favor, por favor, não me diga que você está com câncer.

– Ah, querida, não! Não... é... é uma boa notícia, pelo menos. – A mãe mordeu o lábio. – Estamos esperando.

A mente de Angie estava confusa.

– Esperando o quê?

– Angie, querida, eu estou grávida.

Um som sussurrante abafou as palavras seguintes de sua mãe. Ela viu os lábios se mover, mas não conseguiu escutar devido à tempestade que caía sobre sua mente. Meu Deus. Era verdade. Um novo bebê. Eles haviam desistido dela. Realmente haviam.

E pior ainda foi o pensamento de que enquanto ela estava perdida e algemada, talvez faminta e com frio, talvez sendo torturada e ferida, sua mãe e seu pai estavam se beijando e planejando fazer um bebê e seguir adiante sem ela.

De repente, vomitou tudo sobre o prato, tudo sobre a bela colcha de retalhos da vovó. Sua mãe colocou as duas mãos sobre a própria boca e saiu correndo do quarto.

Você ajudou nossa mãe a limpar o seu vômito em um silêncio constrangido e tenso. A Bandeirante queria ajudar a restaurar a ordem, mas tínhamos concordado em lhe dar esta chance. Era cedo demais pra te trazer de volta pra dentro. Era cedo demais pra abandonar a esperança de que você conseguiria lidar com as coisas aí fora.

Enquanto a roupa era lavada, nossa mãe sugeriu de novo que fizessem compras. E, como suas antigas roupas não cabiam mais no seu corpo, você concordou. De todo modo, sabia que logo iria precisar delas para ir à escola.

Mamãe tentou ressuscitar o velho ritual no shopping center, parando primeiro pra comer pretzels *com canela, como vocês sempre faziam antes, desejando recriar a proximidade, os tempos*

inocentes. Você se obrigou a comer tudo, embora seu estômago doesse. Pelo menos isso a fez sorrir.

A vendedora da Abercrombie te olhou com curiosidade quando você disse que não sabia qual era o seu tamanho. Você levou sozinha um monte de roupas para o provador e se despiu para experimentar tudo. Foi a primeira vez que vimos nosso corpo inteiro diante de um espelho, e eu deixei cada uma das garotas pegar os olhos emprestados, apenas pra espiar, até nossa mãe bater na porta.

– Está tudo bem? Precisa de algum tamanho diferente?

Acho que as deixei se demorar mais do que deviam. Você ficou surpresa quando nos retiramos e você se viu com um monte de roupas intocadas e suas mãos cobriram seus seios, pesando a inesperada plenitude deles.

– Espera um pouco – respondeu você. – Ainda nem comecei. Eu te aviso. – E finalmente experimentou todas as roupas. Mas, assustada diante das etiquetas de preço – trinta e cinco dólares por uma camiseta? –, pegou apenas três camisas e uma calça jeans.

– Isso é tudo o que você vai levar? – perguntou nossa mãe. – Achei que esta fosse sua loja preferida.

– Isso é tudo o que eu quero daqui – disse você. – Vamos a algum lugar menos sofisticado.

Mamãe deixou um pequeno alívio aparecer em seu rosto. O dinheiro devia estar mais curto do que ela deixava transparecer.

Quando saíram do shopping, havia uma pequena surpresa esperando por você na sacola de compras. Uma de nós tinha um gosto muito caro e dedos muito leves.

O detetive Brogan chegou às duas horas para explicar algumas coisas antes da consulta de Angie com sua psicóloga. O pai havia ido trabalhar, como se fosse uma segunda-feira comum, de volta à rotina de sempre. Angie e sua mãe sentaram-se no sofá com um lugar vazio entre elas. Brogan olhou o espaço entre as duas, e uma de suas sobrancelhas baixou ligeiramente.

– Está tudo bem aqui? – perguntou. Ele estava vestindo um terno escuro em vez das roupas de fim de semana, seu queixo estava bem barbeado, e um leve odor cítrico de sua loção pós-barba pairava no ar.

– É claro, Phil – respondeu a mãe alegremente, enquanto Angie pensava: Este sujeito não deixa escapar nada.

Estudando o rosto de Angie, ele disse:

– Vamos seguir adiante com uma suposição de sequestro, tendo por base as evidências físicas e as declarações. Então, Angela, recuperar sua memória vai ser fundamental para encontrarmos e processarmos o sequestrador... e, mais importante, impedi-lo de encontrar uma nova vítima se não demorarmos muito.

As palavras fluíram da sua boca. Não eram suas próprias palavras.

– Por que você tem tanta certeza de que ele ainda está vivo?

– Boa pergunta. – A expressão do detetive passou a demonstrar explícita curiosidade. – Ele está? – Angie viu as centelhas nos olhos dele assumir aquele brilho de caçador.

Mudou de posição no sofá, ligeiramente confusa. O que exatamente ela havia perguntado?

– O que você quer dizer? Ele está o quê?

– Ele está vivo? – Brogan perguntou isso tão casualmente que Angie talvez tivesse deixado subentendido que ela sabia mais do que estava dizendo.

Mas ela não sabia.

– Como eu poderia saber?

– O tom da sua voz sugeriu que você podia. – Ele não insistiu. Mas ela leu o rosto dele: a extremidade afiada da barra de metal que ele segurara ontem tão cuidadosamente podia ser uma arma assassina.

– Eu não sei – disse ela.

– Você usou a palavra “ele”. Estamos falando de um homem? Uma pessoa?

Ela vasculhou o seu cérebro, tentando obrigá-lo a cooperar. Mas ele permanecia obstinadamente vazio.

– Eu não sei. Simplesmente saiu dessa maneira.

– Está bem. – Ele se ergueu com as mãos apoiadas nos joelhos. – Vamos esperar que a doutora Grant possa nos ajudar a encontrar algumas respostas. Queria me certificar de que você entende que as usuais leis de confidencialidade entre médico e paciente se aplicam neste caso. Mesmo que tenhamos uma investigação, a doutora Grant não pode revelar nenhuma informação que você não lhe dê permissão explícita de revelar para mim ou para os seus pais.

– Nem para nós? – perguntou a mãe, arfando.

Embora a resposta dele fosse para a mãe, a garantia de Brogan foi na verdade dirigida a Angie:

– Angela precisa se sentir completamente segura e à vontade com relação à discrição da profissional. Acredite em mim. A essa altura estou realmente mais preocupado com a recuperação dela do que com a investigação.

– Não se preocupe, mãe. Eu provavelmente vou te contar. – A expressão magoada no rosto da mãe foi uma pequena vingança pela carga que ela havia despejado sobre Angie esta manhã.

– Então, boa sorte – disse Brogan quando segurou a maçaneta da porta da frente. – Acho que você vai gostar da doutora Grant.

Os lábios de Angie se moveram. As palavras saíram da sua boca, mas mais uma vez não eram seus próprios pensamentos... elas saíram de repente.

– Além do mais, se ele não estiver vivo, isso seria autodefesa, não seria? – Foi como se alguma outra pessoa estivesse tendo uma conversa com o detetive.

As sobrancelhas dele se ergueram.

– Muito provavelmente. Mais alguma pergunta?

– Definitivamente não. – E Angie se calou.

Ela não esperava que a dra. Lynn Grant fosse bonita. Uma profissional com um nome comum como esse deveria ter um nariz fino, cabelos grisalhos e queixo pontudo. A dra. Grant parecia uma Gwendolyn Foxworthy ou uma Meredith Johanssen, com toneladas de cabelo loiro claríssimo e cachos macios emoldurando um rosto redondo. Em vez de um guarda-pó branco ou algo estritamente

profissional, ela usava um conjunto de cashmere rosa-claro e calça comprida de lã branca. Tudo o que precisava era de uma gargantilha de pérolas para completar a glamorosa imagem. Ah, espere. Ela usava uma.

Seria mais fácil contar seus podres para alguém menos perfeito, se é que ela tinha algum podre para contar. É claro que era por isso que eles a levaram ali, para escavar dentro dela e ver o que conseguiam encontrar.

No carro, sua mãe havia tentado torná-la receptiva à ideia.

– Mantenha a mente aberta – começou ela. – Um terapeuta pode realmente ser útil.

– Certo. Como você sempre foi a um... – As palavras saíram duras e amargas em vez de provocativas, como Angie tencionava.

– Seu pai e eu fomos a uma terapeuta de luto por mais de um ano. Ela ajudou.

– Foi ela que disse pra vocês que uma criança substituta iria deixar tudo melhor?

O volante sacudiu ligeiramente quando sua mãe se encolheu.

– Eu nunca, jamais, jamais desisti de te encontrar. – Uma pressão maior no acelerador pontuou cada “jamais”.

Parece que o papai desistiu. Angie conseguiu conter sua resposta automática. Ela sabia que aquilo não era inteiramente justo, e, se lançasse uma acusação assim tão dura, isso iria destruir sua mãe.

Uau. Talvez ela realmente precisasse de um terapeuta.

A mãe sentou-se na sala de espera, suas mãos folheando uma revista velha. Angie sabia que ela não conseguiria ler nada daquilo na próxima hora.

Angie tentou acalmar seus próprios nervos enquanto acompanhava a psicóloga até sua sala. As paredes eram forradas de madeira clara com muitos nós. Eles pareciam uma centena de olhos.

– Sente-se onde você quiser – disse a dra. Grant, e Angie soube que aquele era seu primeiro teste. Mente aberta, lembrou.

A sala não era excessivamente grande, mas, além de uma escrivaninha arrumada, havia espaço para uma cadeira em frente a um sofá de veludo azul, um pufe num canto e uma poltrona

reclinável de camurça. Qual deles uma pessoa saudável escolheria? Ela não tinha ideia, e então decidiu transferir o teste para a psicóloga. Sentou-se sobre a escrivaninha, com cuidado para não derrubar o vaso que continha uma única rosa branca.

A dra. Grant não franziu o cenho nem sorriu, apenas empurrou a cadeira da sua escrivaninha para o outro lado. Cruzou as mãos no colo, bem à vontade. Angie percebeu que seus próprios braços estavam cruzados como um escudo e despreocupadamente os baixou, fazendo-os repousar sobre seus joelhos.

– Então, Angela Gracie Chapman. Como você prefere ser chamada?

Meu Deus. Outro teste, pensou ela, e hesitou muito em dar uma resposta.

– Sua mãe te chamou de Angie – disse a dra. Grant. – Tudo bem se eu também te chamar assim?

Angela encolheu os ombros.

– Tanto faz. Meu pai me chama de Angel. Os estranhos me chamam de Angela.

A dra. Grant deu um pequeno sorriso.

– Tudo bem, Angela. Eu entendi. Mas não imagino que vamos ser estranhas por muito tempo. Você pode me chamar de Lynn, de doutora ou de doutora Grant. Como você quiser.

O silêncio se estendeu, e, finalmente, Angie disse:

– Então, o que devo fazer?

A dra. Grant fez um aceno de cabeça.

– Essa é a questão do momento, não é? O que você deve fazer? – Ela esperou.

A confusão e a frustração das últimas vinte e quatro horas vieram à tona.

– Não tenho a menor ideia. – Angie lançou os braços para cima de um modo dramático. – Eles definitivamente não percebem. Quero dizer, eles encaram a coisa pela perspectiva deles. Dizem que eu estava perdida. Me procuraram por três anos. Gastaram uma montanha de dinheiro. Finalmente desistiram e seguiram em frente. E então eu voltei.

– Eles seguiram em frente? – perguntou a dra. Grant.

– Você sabia que a minha mãe está grávida?

– Não, Angela, eu não sabia. Grávida. – Ela deixou a palavra pairar no silêncio.

Angie tirou o botão de rosa do vaso e olhou fixamente para o centro das pétalas brancas. Tão puras, tão limpas.

– Então, eu acho que foi o plano B deles. Me substituir.

– Entendo os seus sentimentos – disse ela. – Essa é uma reação muito natural. Quer falar sobre isso?

Angie negou com a cabeça.

– Está bem. – A doutora seguiu adiante sem insistir. Isso foi surpreendente. – O que mais eles não percebem?

As pétalas mais externas estavam ficando marrons nas extremidades encurvadas. Angie tirou uma e deslizou sua textura sedosa entre os dedos.

– Eles acham que eu tenho dezesseis anos.

– Mas você não tem dezesseis anos.

Ela sentiu um vislumbre de esperança. Finalmente, alguém acreditava nela.

– Tenho treze. Passaram-se três anos pra eles? Pra mim não passou tempo algum. É como... – De que maneira ela poderia explicar? Estalou os dedos. – Assim.

– Hum. – A dra. Grant estalou seus próprios dedos com uma expressão confusa. Fez um gesto apontando para um grande fichário. – As anotações do caso que o departamento me forneceu são muito superficiais. Por que você não me fala sobre os três últimos dias dos quais se lembra, com o máximo de detalhes que puder se lembrar?

Então Angie lhe falou sobre ter arrumado suas coisas para o acampamento, sobre quase se esquecer de levar sua escova de dentes. Lembrou-se de detalhes, como levar o diário, precisar de pilhas novas para a lanterna, consultar o tempo na internet e ver se podia fazer mais frio que o habitual, especialmente naquela altitude, e decidir levar moletons. Isso não podia ter acontecido três anos atrás: estava tudo muito nítido. Lembrou-se do encontro de manhã bem cedo no estacionamento da escola. Lembrou-se de ter se sentado ao lado de Livvie na caminhonete e conversar sobre Greg e

sobre como ela estava ansiosa para se encontrar com ele quando voltassem do acampamento. Em sua cabeça, tudo estava claro como água – o primeiro dia de caminhada, as canções no acampamento naquela primeira noite, histórias de fantasmas na barraca das líderes, depois os marshmallows e ir dormir direto sem escovar os dentes. Angie contou à dra. Grant sobre ter acordado cedo e se perguntado se alguém havia acendido o fogo para o café da manhã. Lembrou-se de ter comido framboesas e de buscar um lugar isolado.

A doutora ouvia atentamente quando a narração de Angie parou de súbito. Ela ergueu as sobrancelhas, encorajando-a.

– Prossiga.

Mas não havia mais nada, era como se uma porta tivesse batido. Um silêncio profundo ecoou pela sala. Angie olhou em torno do consultório, consternada.

Sobre os ombros da psicóloga, percebeu um par de nós de pinheiro no revestimento da parede. Eles a observavam, como olhos escuros, fixos e estreitos saindo da madeira. Tentou desviar o olhar, mas eles a perfuravam com uma crescente sensação de pânico. Estranha e familiar. A respiração congelou em seus pulmões. Capturada. O rugir de ventos tempestuosos encheu seus ouvidos. Em meio à ventania, alguém gritou:

– *Depressa. Esconda-se!*

E então a sala ficou absolutamente silenciosa.

– Angela... Angela? Esconder-se de quê, Angela? O que havia na mata? – perguntou a psicóloga.

Angie olhou fixo para a dra. Grant.

– Hã?

A dra. Grant se inclinou para a frente.

– Você disse: “Depressa. Esconda-se”. Esconder-se de quê?

– Não, eu não falei isso – disse Angela. – Eu falei “framboesas”. Era isso que estava crescendo na mata.

As sobrancelhas loiras da doutora se franziram de tal maneira que quase se tocaram.

– Depois das framboesas. Foi bastante claro. Você ficou apavorada e gritou: “Depressa. Esconda-se”. Com quem você

estava falando? Achei que estivesse sozinha.

Angie pegou outra pétala e a deixou cair no carpete.

– Realmente não sei do que você está falando.

– Hum. Tudo bem. Talvez eu tenha entendido errado – disse a dra. Grant. – Então você colheu e comeu as framboesas. E depois...?

– Depois eu estava indo a pé pra minha casa.

– Todo o caminho do acampamento até sua casa? Você conhecia o caminho?

Angela encolheu os ombros. Era difícil pensar nisso.

– Acho que sim. Não lembro. – Mais três pétalas caíram no chão. – Não, eu não sei o caminho. Mas percebi que estava perto de casa, bem no fim da nossa rua. Meus pés doíam muito... devo ter andado durante muito, muito tempo.

– Percebeu alguma outra coisa incomum?

Angie tirou o único espinho que havia na haste lisa da rosa.

– Você quer dizer além de ser setembro em vez de agosto? Além de terem se passado três anos? Além de eu estar mais alta e mais magra? Além de eu estar vestindo roupas estranhas em vez do meu pijama? Alguma coisa incomum? – Sua voz se elevava a cada "além de". – Não. Nada.

– Então tudo mudou. Instantaneamente.

Um soluço crescente pressionava o fundo da sua garganta.

– Tudo, exceto eu. Eu ainda sou eu quando fecho meus olhos. Não sei quem estava vivendo dentro do meu corpo nos últimos três anos, mas te garanto que não era eu. – Ela esperou que a psicóloga lhe dissesse como aquilo parecia tolo e irracional.

A dra. Grant nem sequer piscou.

– Então onde você acha que *você* estava?

– Uma cadeira de balanço – respondeu ela automaticamente. E então: – Não sei por que falei isso. Não tenho a menor ideia.

Unindo as pontas dos dedos sob seu queixo, a psicóloga contraiu os lábios.

– Curioso. Angela, acho que eu gostaria de obter a permissão de sua mãe para tentar a hipnose com você. Podemos conseguir ir além das framboesas. Como você se sentiria a respeito disso?

Ela se sentia... bem, não chamaria isso de otimista. Estava simplesmente mantendo a mente aberta, isso era tudo.

– Se você acha que isso vai ajudar, fechado, então. Mas não sei por que precisa da permissão da minha mãe. Sou eu quem precisa de ajuda aqui.

– Fico contente por você enxergar dessa maneira, Angela. Fico contente por entender que precisa de ajuda. Ainda assim, vou lá fora avisar sua mãe.

Enquanto ela estava fora da sala, Angie se transferiu para o sofá. Não sabendo o que esperar, imaginou que, se caísse enquanto estivesse hipnotizada, podia bem ser num lugar macio.

A dra.Grant sorriu sem fazer comentários sobre a mudança de lugar de Angie.

– Sua mãe está de acordo. Você está pronta?

Angie concordou com a cabeça, questionado-se sobre o dispositivo que estava nas mãos da dra. Grant. A psicóloga tocou num interruptor, e Angie viu a luz ir para a frente e para trás. Era vagamente entediante. Para a frente e para trás. Para a frente e para trás.

– Eu já devia me sentir diferente? – perguntou Angie.

– Paciência. Relaxe. Só inspire e expire – disse a dra. Grant em uma voz oscilante. – Inspire e expire. Imagine um pinheiro, um pinheiro perfeito.

Angie deixou uma imagem entrar na sua cabeça, uma árvore verde-escura perfeitamente simétrica, como aquelas que uma criança pequena desenha. Como uma árvore de cartão de Natal.

– Há outra ao lado dela – disse a doutora.

Angie imaginou outra árvore, mais alta.

– Agora há um cheiro de madeira – acrescentou ela. – Você consegue senti-lo? Inspire e expire, muito lentamente. Inspire e expire. Inspire e expire.

Angie obedeceu. Respirou lentamente e captou um odor de pinheiro e fumaça de lenha.

– Sim, acho que consigo cheirar algo.

– Agora acrescente mais cinco árvores.

Ela as viu. Incrível.

– Você pode dar um passo na direção delas?

Em sua mente, Angie se aproximou das árvores. Manteve-se de pé e se virou em um círculo, lentamente. Os nós no revestimento da parede a observavam sem cessar.

– O que você está procurando, Angela? – perguntou a doutora. – O que você vê nas árvores?

– Não. Para! – disse uma voz alta.

– Angela, Angela. – A doutora tinha uma das mãos no braço dela.

Angie piscou. A luz havia desaparecido, e ela estava sentada no pufe.

– Como... quando?

A doutora exibia uma expressão extremamente séria em seu rosto.

– Acho que temos uma complicação inesperada – disse ela.

Foi quando ela lhe contou sobre nós. Foi quando a doutora disse:

– Acho que encontramos a explicação para a sua amnésia.

É claro, você queria saber mais.

A dra. Grant tinha um livro aberto sobre a sua escrivaninha. Em letras maiúsculas e em negrito, a seção tinha como título as palavras TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE (TDI).

– Eu realmente desconfio que a sua mente está carregando várias personalidades alternadas... personalidades múltiplas que você desenvolveu para te ajudar a enfrentar o trauma de ter sido sequestrada. Para resumir, nós as chamamos de "alters".

– Isso é loucura! – disse você. – Está me dizendo que eu sou louca? Esquizofrênica? Delirante?

– Não, não. Nada disso. A palavra é "dissociada": separada. – Ela se apressou em te tranquilizar. – Os alters experimentam coisas que são dolorosas ou aterrorizantes demais pra você. Eles criam uma barreira protetora entre você e o que está acontecendo. Dessa maneira você não precisa se lembrar de nada. Eles são o mecanismo fundamental de sobrevivência do cérebro.

Ela estava certíssima. Nós demos tapinhas nas costas umas das outras.

Mas você riu.

– Isso é ridículo. Por que você acha que eu tenho múltiplas personalidades?

– Bem, em primeiro lugar, porque houve um longo período de perda de memória. – A dra. Grant se abaixou para pegar as pétalas caídas no chão. – Em segundo, porque acabo de passar meia hora conversando com uma delas. Ela se intitula Bandeirante. Está preocupada com você.

Segunda Parte

Nós

4

REUNIÃO

Quando elas saíram do consultório da dra. Grant, a mãe levava nas mãos uma fotocópia do artigo do livro e uma página de referências na internet. Angie a acompanhou infeliz de volta ao carro. Não acreditava em nada daquilo. Devia haver maneiras mais racionais para explicar seu tempo perdido, sua memória vazia. E, droga, elas estavam apenas falando sobre o acampamento. É claro que Angie devia ter mencionado que era uma bandeirante. A doutora simplesmente ficou confusa, isso é tudo: deve ter entendido mal alguma coisa que ela falou. Angie iria consertar as coisas na próxima vez. Para falar a verdade, já havia começado a gostar da dra. Grant e não queria discutir com ela.

– Você acha... – a mãe começou a falar desajeitadamente quando ligou o motor.

– Vamos, mãe. Isso não é um pouco de exagero? Achei que já havíamos decidido que eu tenho amnésia temporária devido a um estresse pós-traumático. Nisso eu posso acreditar. Mas nessa coisa de personalidades múltiplas? De jeito nenhum!

Bem, a dra. Grant disse que esse não era um caso exatamente típico, não é?

– É claro. O livro que ela me mostrou fala um blá-blá-blá de padrão de abuso e um blá-blá-blá que ocorre quando a pessoa é bebê ou no início da infância. Não tive nada disso. Tive uma infância perfeitamente normal, não tive? Quero dizer, você e o papai nunca me amarraram, nem me enfiaram num armário, nem me torturaram, não é? – Ela riu.

A mãe tentou usar um tom leve como o de Angie, mas não conseguiu. Sua voz saiu aguda:

– É claro que não fizemos nada disso. Que ideia ridícula. Ninguém poderia amar uma criança mais do que nós amávamos... amamos você.

A mãe se corrigiu rapidamente, mas o deslize fora outra punhalada no coração. Observando a linha da cintura da mãe, Angie se perguntou quanto tempo ela tinha para voltar a pôr os pés no chão, a ajeitar sua vida antes que o bebê chegasse e bagunçasse tudo de novo. Mas não disse nada.

Angie pôs de lado seu violão, as pontas dos dedos latejando. Além dos espelhos, nada fazia com que ela se lembrasse tanto do óbvio lapso de tempo. As cordas já não se ajustavam sob seus dedos da mesma maneira... seus dedos, agora mais longos, iam além de onde deviam ir. E, além disso, apesar de todos os calos inexplicáveis nas palmas de suas mãos, ela havia perdido aqueles calos úteis que quatro anos de aula de violão criaram.

O chamado de sua mãe para o jantar ecoou escada acima. Angie se apressou em descer, mas seus pés rapidamente se paralisaram no patamar diante do som de vozes alteradas. A voz de seu pai – não, suas palavras a imobilizaram.

– Ela não é a mesma – dizia ele. – Olhe em seus olhos. Algo está faltando. Ela está zangada, depois está, eu não sei... descerebrada. Apática. Pelo amor de Deus, eu não a vi chorar nem uma vez.

O que ele esperava? Que ela caísse em prantos sobre ele? Ele nunca fora aquele tipo de papai urso e, agora, estava totalmente desconfortável e distante. Ela o via mais de costas do que de frente.

A reação abafada de sua mãe foi baixa demais para ser ouvida, mas a resposta de seu pai soou alta como se dita em um megafone:

– Não sei. Ela está com algum distúrbio. Não há entusiasmo, não há vida nela.

Desta vez algumas palavras de sua mãe chegaram até ela:

– ... tempo para se readaptar... mais se ela se lembrar. E você sabe o que a doutora Grant acha...

– Isso é besteira, e você sabe disso! – Angie nunca tinha ouvido o pai gritar daquele jeito com sua mãe.

Angie desceu pisando deliberadamente forte. Bem forte, para que eles percebessem. As vozes se calaram. Ela olhou para um e outro, que agora tinham um silêncio tenso para explicar.

A mãe colocou uma colherada de purê de batatas no prato de Angie.

– Estávamos começando a discutir de novo a questão da escola – disse ela com uma calma enganosa. A colher bateu com ruído na beirada da travessa.

Uma evasão óbvia. Além disso, o que restava a ser dito? Eles já haviam tido uma discussão sobre a escola particular, um novo começo em um novo lugar. Infelizmente, descartado. O pai destruiu aquela esperança com a desculpa de que, com a mãe trabalhando, a escola ficava longe demais para levá-la de carro. A ruga entre seus olhos disse a Angie que a verdade era que, depois dos gastos com a sua busca, não havia dinheiro suficiente. O Sagrado Coração foi descartado pela mesma razão, além do fato de eles não serem católicos. Restava o Colégio La Cañada, o lugar onde todos a conheciam como a garota que havia desaparecido. É claro que as classes do ensino fundamental eram separadas do ensino médio, mas ainda assim era um mundo pequeno. O mesmo colégio. Pequeno demais.

A única questão remanescente era para que ano ela iria. Graças a Deus a dra. Grant apoiou Angie. Com todo o resto acontecendo, disse ela, e agora esse possível diagnóstico estranho, ela devia voltar para a escola no nível em que se sentisse mais à vontade. E rápido, antes que perdesse ainda mais conteúdo.

– Já decidi. – Angie separou uma parte das batatas com seu garfo. – Vou pro nono ano.

– Mas... – começou sua mãe.

Angie a cortou:

– Olha, meus antigos amigos estarão por ali, mas eles já estão no ensino médio. Não posso ter aulas com eles. Você não pode esperar que eu consiga acompanhá-los, mesmo com professores particulares. – Como ela estava um ano à frente em matemática, pronta para Álgebra I, isso a deixaria preparada para o nono ano. Sempre foi ótima aluna em inglês e literatura, e por isso não temia

pular um ano. Mas esse era o limite que havia estabelecido. Pular mais que uma série era estressante demais só de pensar.

– Eu ainda acho que você iria gostar de estar com seus amigos – disse sua mãe com um tom de voz um tanto queixoso.

O pai mastigava seu pedaço de porco assado e guardou sua opinião para si.

A mãe não conseguiu se conter.

– Realmente eu acho que estar com jovens da sua idade ajudará... vai ajudar a se sentir como você mesma de novo. Suas palavras.

– Dois dias, mãe. Faz só dois dias que estou me acostumando com essa coisa de supostamente ter dezesseis anos.

A mãe suspirou e apoiou a testa nas mãos, os cotovelos sobre a mesa.

– Desculpa. Está certo. É que é estranho pensar que você está mais velha na minha mente, mas não na sua. – Ela deu uma risada forçada, triste. – Acendi velinhas em todos os seus aniversários perdidos.

– Então, onde estão todos os meus presentes? – Angie enfrentou o olhar surpreso de sua mãe com a sugestão de um sorriso provocante. – Onde está aquele conversível vermelho que eu sempre quis?

– Isso se parece mais com a minha Angel – disse seu pai. As linhas de preocupação em sua testa se atenuaram um pouco. Ele se inclinou para trás e afrouxou a gravata.

O sorriso renascido de Angie desabrochou plenamente. Paz restaurada.

Ela não sabia muito bem por que a ideia de entrar em contato com seus velhos amigos a enchia de terror, por que não conseguia sequer tocar no telefone. Era tão difícil cair de paraquedas no meio do caminho... muito mais fácil recomeçar. Misturar-se com trezentos alunos do nono ano que não a conheciam, que não tinham expectativas em relação a ela, parecia mais seguro. Se ela os alcançasse, poderia seguir em frente.

– Então estamos de acordo – disse Angie. – Nono ano.

A mãe fez que sim com a cabeça. O pai encolheu os ombros.

– Afinal de contas – acrescentou Angie –, vocês estão com tanta pressa assim de que eu me forme e saia de casa?

– De jeito nenhum. – A mãe serviu as ervilhas e não se falou mais sobre pular de ano.

Na manhã de quarta-feira, ela transpôs as portas do Colégio La Cañada com uma mochila cheia de material escolar. Angie ainda não havia telefonado para seus antigos amigos para lhes contar, para avisar-lhes do seu retorno. Apenas a administração da escola sabia que a garota desaparecida havia sido encontrada e matriculada novamente. Estavam tão ansiosos quanto os Chapman para evitar transformar a escola em um circo da mídia. O detetive Brogan realizou um milagre, mantendo a imprensa fora de cena até aquele momento.

Segundo sua mãe, os professores haviam sido instruídos a não fazer nenhum tipo de estardalhaço. Como não a conheciam pessoalmente – ela não tinha tido aula com eles no sétimo ano –, seu misterioso retorno não iria afetá-los. Ela era apenas uma curiosidade, nada mais. Assim esperava.

De algum modo, ela tinha essa ideia maluca de que poderia entrar na escola sem ser notada e desaparecer em um mar de alunos do nono ano. Mas a espevitada irmã caçula de Stacey Tompkin, Maggie, que aparentemente estava agora no nono ano, reconheceu Angie quando ela abria caminho no fundo da sala na primeira aula do dia. Seus olhos verdes e redondos ficaram girando assombrados da lousa lá na frente para Angie, como que para se certificar. Stacey estivera no acampamento, e sua irmã, que estava sempre atrás dela, conhecia todas as “garotas grandes” com quem Stacey andava.

Cinco minutos dentro da escola, e ela já havia sido reconhecida.

Depois da aula, Maggie correu até o fundo da sala e se sentou em uma carteira ao lado de Angie, que ainda estava guardando seu material.

– Você é Angie Chapman, não é? – perguntou ela, sem fôlego. – Você desapareceu.

Angie falou baixo.

– Bem, estou de volta.

– É, estou vendo – disse Maggie. – Mas por que você está na minha classe?

Afinal, o que ela ia dizer? Sabia que a pergunta seria feita repetidas vezes.

– Fiquei três anos sem ir à escola – respondeu ela.

– Sortuda – disse Maggie. – Quero dizer... – Ela parou com uma expressão constrangida e chocada.

Angie ficou com pena dela.

– Não mesmo. Agora tenho que me esforçar. Muito.

O rosto de Maggie se iluminou.

– Já sei. Vou copiar pra você todas as anotações que fiz até agora. – Ela agarrou o braço de Angie. – E posso te ajudar, como uma professora particular, mas só em inglês e história. Talvez Jessica possa te ajudar em matemática e Alan em ciências.

Ela olhou para a fila de garotos que estavam saindo da classe e gritou:

– Ei, Jess, Alan, venham cá! Adivinhem só?

Angie afastou seu braço.

– Tudo bem – começou ela. – Não preciso...

Mas era tarde demais. Os dois que deviam ser Jessica e Alan se encaminharam em sua direção. Outro garoto atrás deles gritou:

– Meu Deus! Aquela é Angie Chapman? A garota desaparecida?

Ah, Senhor. Angie ficou totalmente indefesa enquanto os garotos que ainda não haviam saído já a cercavam. Sentiu um braço em seu ombro, uma mão em sua cintura.

– Eu carrego isso pra você – disse um garoto, e pegou a mochila dela. – Pra onde você vai agora? Quero dizer, pra que aula?

O grupo a conduziu pelo corredor até a classe de matemática, seis portas adiante. Angie se desembaraçou das duas garotas que seguravam seus braços, uma de cada lado, como o Espantalho e o Homem de Lata arrastando Dorothy para conhecer o Mágico de Oz.

– Acho que a partir daqui posso me virar sozinha, gente – disse Angie. – Hum. Obrigada.

Metade do grupo se dispersou, e metade ficou para a aula de matemática, esperando até Angie escolher uma carteira antes de a cercarem como guarda-costas. Tentando planejar sua escapada, ela

não ouviu uma palavra do que o professor disse, mas, como tinha na mão dois bilhetes de colegas se oferecendo para estudarem juntos para a prova da próxima sexta-feira, talvez isso não importasse.

A porta da classe se abriu para uma multidão. Os jovens estavam com seus celulares nas mãos, supostamente proibidos dentro da escola, lendo as telas. Eles levantaram os olhos quando a turma da aula de matemática começou a sair da sala. Ela ouviu seu nome em meio ao tumulto, falado em tom alto e baixo. Agora todos já deviam saber. O ruído da multidão agitada era ensurdecedor.

Ela agarrou Maggie.

– Me leva até o banheiro – sussurrou em seu ouvido.

Maggie elevou a voz:

– Saiam da frente! Estamos passando. – Ela foi abrindo caminho com os cotovelos até o banheiro das meninas.

Ah, Deus, rezou Angie. Por favor, não permita que todos os dias sejam assim.

No fim do dia, tudo o que ela queria era ir para casa e tomar uma ducha para se livrar de todas as marcas de mãos, atirar suas roupas na lavadora e escutar o silêncio durante algum tempo. Estava correndo para pegar o ônibus com um braço cheio de livros na sua frente e a mochila pulando contra as costas quando ouviu a inconfundível voz de Livvie se aproximando dela por trás:

– Ei, você. A garota nova. Espera aí.

Ela andou mais depressa, com uma sensação nervosa na boca do estômago. Até agora só tivera de lidar com os alunos do nono ano. O que seus antigos amigos pensariam?

– Ei, espera aí! – chamou uma voz mais grossa. Passos pesados a seguiram em uma corrida. Uma mão a deteve, segurando seu ombro.

– Ei, você deixou cair... Caraca! – disse ele, olhando para o rosto dela. – Meu Deus, você se parece demais com alguém que eu conheci. Uau!

Angie agarrou o livro de gramática do nono ano que Greg lhe estendia. Angie o teria reconhecido em qualquer lugar, em qualquer tempo. Seus olhos com cílios negros não haviam mudado, nem seu

cabelo italiano, grosso e ondulado. Mas ele certamente havia crescido desde seus treze anos. Da mais fantástica...

Ele já havia se virado para gritar para Livvie:

– Ei, Liv! Veja só. Quem ela lembra? – E de volta a Angie: – Aliás, qual é o seu nome?

Angie abriu a boca, mas nada saiu. Livvie parou de repente, olhando fixamente para ela. Toda a cor desapareceu do seu rosto. Ela estendeu uma das mãos e tirou o longo cabelo do rosto de Angie, que ficou paralisada enquanto Liv seguia a linha da cicatriz clara sob o seu queixo, da época em que praticavam saltos em pirueta na piscina. Liv sussurrou:

– Ah, meu... não é possível. É você mesma?

Angie mordeu o lábio e fez que sim com a cabeça. Não conseguia respirar.

Livvie berrou:

– Meu Deus. Meu Deus. Gregory, seu idiota. Esta *é* a Angie. De volta dos mortos ou o quê? – Ela envolveu Angie com seus braços e ameaçava quebrar-lhe uma costela com seu abraço tão apertado. – Você não telefonou... Há quanto tempo...? Onde...? Ah, droga, tem coisas demais que eu quero saber, tudo ao mesmo tempo. Me diz agora. Agora! Agora! Eu insisto!

A respiração de Angie explodiu – respiração que ela nem sabia que estava segurando.

– Livvie! – Ela a abraçou também. Seus rostos explodiram em risos, o primeiro momento completamente feliz que Angie havia tido. Sua mãe estava certa. Ela devia ter telefonado.

Greg abriu a boca e engoliu em seco como um peixe afogado com o ar.

– Você... mas... caraca!

Os braços dele se juntaram ao abraço do grupo, longos o bastante para envolver ambas.

– Inacreditável!

Angie se recostou nele, imersa em seu calor. Uau, ele havia crescido. O coração dele estava disparado bem abaixo da sua orelha... quase tão rápido quanto o dela. Como um rapazinho de

treze anos ele era bonito, sem dúvida. Como um rapaz de dezesseis anos e olhos escuros, era um arraso.

A mão dele agora se apoiava na cintura dela, mas ela não se importou. De jeito nenhum. Os olhos dele não se afastavam dela.

– Achávamos que você estivesse morta. Todos achavam. Você desapareceu!

– Bem, estou de volta. – Angie achava difícil recuperar o fôlego, impossível explicar.

– Eu... todos nós acendemos velas pra você. – Ele franziu a testa.

– Foi tão bonito! – disse Livvie. – Você teria adorado. Quero dizer, se pudesse ter estado lá.

Greg teve um ataque de riso.

– Se ela tivesse estado lá? Liv, pensa um pouco. – Ele balançou a cabeça, deu um sorriso amplo e sacudiu seu dedo para Angie. – Sabe, você me deu um bolo no fim do acampamento, o que eu sabia que você nunca, jamais faria, a menos que estivesse realmente morta. Acho que você me deve desculpas. – Ele moveu seu dedo para erguer o queixo dela. – Você se importa de se desculpar e explicar?

Uma risadinha feliz escapou dos lábios dela.

– Sinto muito. E, sim, vou explicar tanto quanto eu puder. – Ela notou algumas cabeças viradas na sua direção, examinando-a com curiosidade. Elas começaram a se mover... ela estava atraindo os alunos curiosos de novo. – Não aqui. Não em público.

– Claro – concordou Liv. – A casa do Greg. Fica perto daqui. Podemos ir andando. Lá vamos ter privacidade, e você vai poder contar tudo!

Greg colocou um braço em volta do ombro de cada uma delas. Parecia que o coração de Angie ia sair pela boca. Era como se o tempo não tivesse passado também para eles. Todos ainda amigos. E, pelo modo como os dedos de Greg casualmente passaram pelo cabelo dela, talvez ele ainda se sentisse da mesma maneira que ela. Uma voz baixa e risonha dentro da cabeça de Angie disse: *Não se preocupe, querida. Nós sabemos como descobrir, não sabemos?*

Ela deu uma risada, surpresa.

– O que foi? – perguntou Greg. – Do que você está rindo?

– Desculpa, foi uma mosca que passou pelo meu nariz – mentiu ela. – Ei, onde está Katie? Como ela está?

A resposta de Liv foi completamente inesperada.

– Kate? Eca. Não andamos mais com ela. Ela é, sabe, tão imatura, tão moralista, tão cheia de não-me-toques. Estávamos fazendo uma fogueira no último outono e o irmão mais velho de Kurt nos levou um barril de chope, e ela nos dedurou.

– Dedurou pra quem?

– Pros pais dela, pra polícia, pra escola. Foi um horror. Kurt foi suspenso por três dias, já que era ele quem tinha organizado tudo.

Uma imediata sensação de pânico a inundou.

– O quê? Não se pode delatar os amigos! Isso é completamente errado. Ela vai arder no inferno. – Angie ficou surpresa com a veemência e com o medo na sua própria voz. Inferno? Ela nem sequer acreditava em inferno. De onde viera aquilo?

Greg riu.

– Bom, ela se queimou mesmo. Ninguém mais fala com ela. Está mais excluída que os excomungados.

Um destino pior que a morte no colégio. Pobre Kate, pensou Angie. Mas ela fez isso consigo mesma. Dedurou. Não percebia?

O céu escureceu sobre eles, e a brisa se acelerou... não um vento, mas uma antecipação do tempo mais frio. Angie estremeceu em seu fino suéter marrom... ela não havia pensado em comprar uma nova jaqueta durante as compras. Greg a puxou para mais perto dele sob o seu braço, o que fez realmente valer a pena congelar todo o caminho até a casa dele. E continuava virando a cabeça para olhar para ela. Angie podia sentir o olhar dele em seu rosto, que muito certamente estava corado.

Greg destrancou a porta da frente e mandou as garotas para a cozinha.

– Peguem o que quiserem comer – disse ele. – Preciso me garantir de que o terreno está limpo. – E desapareceu.

– Ele está enfiando suas roupas sujas debaixo da cama – explicou Livvie. – É totalmente relaxado em casa. – Ela abriu a geladeira e pegou uma latinha. – Quer uma Coca light?

Angie aceitou.

– Obrigada. É *tão* bom estar com vocês de novo. Vocês não têm ideia do dia que eu passei. Cercada de gente o tempo todo. Uma loucura total.

– Eu soube. Quer um pouco de rum dentro da Coca? – perguntou Liv. – Eu sei onde eles guardam. – Ela pegou mais duas latas e fechou a porta com seu joelho.

Angie estava chocada. Isso sim era uma grande mudança: a Liv que ela conhecia era uma ótima aluna, super-responsável. Mas disse apenas:

– Não, obrigada. Tenho uma pilha de lição de casa. Primeiro dia de volta, sabe como é.

– Sei! – gritou Livvie. Ela apoiou suas mãos cheias de Coca-Cola nos ombros de Angie. Liv costumava perscrutá-la de cima para baixo. Agora estavam olho no olho. – Mas de volta de onde, minha garota misteriosa?

– Isso ainda é um mistério. – Em uma voz dramática e em tom de segredo, Angie acrescentou: – Amnésia total.

– Você está brincando comigo. Para com isso. Onde você estava? Venha comigo. – Liv se dirigiu para o que deveria ser o quarto de Greg. – Isso é alguma pegadinha? Você tem uma câmera oculta em você? Porque minha bunda não é meu ângulo melhor. – Ela se virou e sorriu para Angie por cima do ombro. Tudo bem, isso era mais parecido com a Liv.

O quarto de Greg tinha aquele aspecto de ter sido apressadamente arrumado. A cadeira estava cheia de livros e papéis. O chão ostentava alguns invólucros de barra de chocolate perto da lata de lixo. O edredom xadrez verde-escuro pendia torto na cama ampla e baixa. Greg estava esparramado contra os rolos almofadados pretos encostados na parede, sem sapatos. Livvie lhe entregou as duas latas, tirou as sapatilhas, subiu no meio da cama e se sentou em posição de Buda. Angie a imitou, tomando cuidado para não derramar seu refrigerante.

Greg tomou um grande gole e arrotou. Franziu a testa.

– Mas por que acabar com o rum? – disse ele em um horrível sotaque britânico.

Liv deu risada. Angie não entendeu.

– *Piratas* – explicou Liv percebendo a expressão vazia de Angie. – Jack Sparrow?

Angie balançou a cabeça sem entender.

– O quê?

– O FIL-ME – disse Livvie, como se estivesse falando com uma garotinha de quatro anos de idade. – *Piratas do Caribe*.

– Ah, eu não assisti. – disse Angie. – É bom?

– Não assistiu?! – exclamou Greg. – Você estava morando em Marte?

Livvie o encarou com um ar de censura.

– Greg, seu idiota. – Ela passou um braço possessivo em torno de Angie. – Um pouco de sensibilidade, por favor?

– Provavelmente – disse Angie para Greg. – Amnésia total. – Ela decidiu que essas duas palavras como resposta cobririam um campo enorme.

– Não acredito! – disse Greg, seus olhos escuros arregalados. – Isso é muito maneiro. Quer dizer, você pode ter sido qualquer coisa, em qualquer lugar.

– Abduzida por alienígenas – disse Livvie.

– Vivendo em uma casa na árvore ou em um castelo! – sugeriu Greg.

Livvie apertou o braço dela.

– Quando você não voltou pra barraca naquela manhã, fui eu que tive que acordar os adultos e contar pra eles. Eu estava completamente apavorada, sabe?

Livvie estava apavorada. Quanto tempo ela havia esperado para lhes contar? Eles poderiam tê-la encontrado se ela tivesse avisado mais depressa? Esse era um pensamento horrível, horrível. Mas Angie o afastou da mente.

Greg estava com um brilho travesso nos olhos. Deu um tapinha gentil na cabeça de Angie.

– Isso ajudou? Talvez a gente possa te curar. Ei, qual é a última coisa que você lembra?

Angie vasculhou seu cérebro.

– Dizer “amnésia total”.

Greg deu um soquinho leve no braço dela.

– Antes disso.

– Nada – disse Angie.

– Essa não é uma resposta aceitável – repreendeu-a Liv. – Você se lembrou de nós.

Angie suspirou.

– A história toda é a seguinte. Acampamento das Bandeirantes. Acordei cedo. Falei com a Liv. Lembra? Saí pra fazer xixi em alguma árvore. Fiquei perdida na floresta. Três anos se passaram. Fui dada como morta. Apareci no meu bairro. Aqui estou... Nada tão terrivelmente dramático, né?

– Eu, pessoalmente, estou desapontada – disse Liv, fazendo uma cara feia. – Esperava uma história mais apaixonante, de abdução e devassidão.

– O que é devassidão? – perguntou Angie.

– Não, falando sério – disse Liv. – Você acha que foi algo terrível? Como você ter sido uma escrava ou uma garota de harém?

Os pensamentos de Angie fluíram para as cicatrizes escondidas sob suas meias. – Eu... não. Não lembro. – Isso estava ficando sério demais. Era melhor mudar de assunto. – É claro. Como se este pudesse ser o corpo de uma garota de harém. – Ela fez movimentos exagerados com as mãos onde tinha novas curvas e quadril magro.

Os olhos de Greg acompanharam as mãos de Angie. Mas o sorriso dele não era debochado. Era algo mais.

– Espera aí – disse ele. – Talvez você esteja morta. Quero dizer, talvez seja um fantasma. Vamos checar. – Ele estendeu a mão e fez cócegas nela.

Bem, uma coisa não havia mudado. Ela ainda morria de cócegas. Caiu na risada, os nervos em fogo nas laterais do seu corpo.

Greg não dava trégua; as pontas de seus dedos estavam em toda parte.

– Somos as únicas pessoas que conseguem te ver, e você voltou para nos assombrar porque tem assuntos a resolver na Terra.

Liv agarrou as mãos dele e as afastou de Angie.

– Deixe o pobre fantasma respirar – disse ela com sarcasmo. – De qualquer jeito, pra mim ela parece bem sólida.

– Então é um zumbi! – anunciou Greg. Sua mão lentamente seguiu a palavra costurada no suéter de Angie, e ela captou a mensagem. – Um zumbi da Abercrombie! – Ele ficou se revirando com a cabeça no colo dela. – Não me coma, Angie. Não coma o meu cérebro! – implorou. Os cachos do cabelo dele roçavam nos braços dela. Ela de repente quis se inclinar e beijá-lo, mas não com Liv olhando.

Liv franziu os lábios.

– Não seja ridículo, Greg. Você está sendo ridículo.

Um telefone tocou, e Liv tirou o celular do seu bolso.

– O que é, mãe? – resmungou ela. – Droga, tenho que ir já pra casa. – Ela fez uma expressão de raiva. – Eu me esqueci de que vou cuidar de um bebê. Ei, Angie, vou te dar uma carona pra casa. O ônibus da escola já era.

Angie percebeu o olhar de Greg. O rosto dele dizia o que ela estava pensando. Assuntos a resolver.

– Tudo bem. Eu posso an...

– Eu levo a Angie – interrompeu Greg. – Sem problemas. Você já está atrasada.

Liv pegou a mochila e a atirou por cima do ombro. Hesitou na soleira da porta.

– Então, tchau – disse ela. – Liga pra mim, Angie. Assim que estiver em casa. – Ela acenou com seu telefone no ar. – É o mesmo número. Você lembra o número?

É claro. Ela o havia discado um milhão de vezes.

– Sempre – falou.

– Então talvez o resto acabe voltando. Hã... me liga. – Liv demorou-se mais um momento, olhando furiosamente para Greg antes de se virar e sair. Um momento depois, a porta da frente bateu.

O ar pareceu menos pesado assim que ela foi embora. Angie respirou fundo.

Greg relaxou, de novo apoiado nas almofadas, seus dedos cruzados atrás da cabeça. Suas pernas estavam estendidas à frente, seus pés imensos e cabeludos. De um jeito... atraente.

– É verdade? – perguntou ele. – O que você disse? Ou só não queria contar pra Livvie? Eu não te culparia. Ela tem uma língua comprida.

Angie achou que deveria defender Livvie – ela nunca revelara os segredos de outras pessoas –, mas, afinal, Liv podia ter mudado nisso também.

– Não. É verdade mesmo. Tenho um bloqueio mental gigantesco. Mas tem uma psicóloga me ajudando com isso. – Todas as evidências médicas, as palavras e expressões que ela ouvira, não queria pensar naquilo. E, definitivamente, não queria compartilhar isso com ninguém.

– Bom, você parece ótima – disse ele. – Pode não ter sido tão terrível.

Parecia ótima? Esse não foi o primeiro elogio sobre sua nova aparência, mas foi o mais significativo, vindo dele. Talvez ela pudesse aprender a gostar dos seus próprios olhos grandes e das bochechas magras.

– Adoro o seu cabelo desse jeito – disse ele, acariciando-o até a nuca e depois descendo até as costas. – Parece mel derramado.

Ela nunca o cortaria!

Seus dedos pressionaram as costas dela, trazendo-a para mais perto dele.

– Vem cá – disse ele. – Senti a sua falta. Senti muito a sua falta. Nossa, ficamos todos tão tristes. Era terrível ficar se perguntado... Na formatura do nono ano, sabe, eles tocaram o sino pra você, treze vezes. Senti como se estivessem tirando você da vida.

Os olhos dele estavam tristes e distantes.

– Eu não queria acreditar. – Ele enrolou um fio do cabelo dela entre seus dedos. – E, agora, aqui está você.

Angie queria muito abraçá-lo, confortá-lo, diminuir a distância. Mas não tinha certeza do que fazer.

Mas alguém sabia. Você só precisava de uma pequena ajuda, Angie, e eu sabia quem enviar. A dor desceu do seu coração, passou por sua barriga e continuou descendo. Ela te fez tremer.

Com um pequeno empurrãozinho nosso, você mudou de posição e se sentou nas coxas dele, colocou os braços em torno do pescoço de Greg e abriu a boca dele com sua língua. Ele devorou você, como se fosse um doce, beijos e mais beijos. Você se pressionava cada vez mais contra ele, enquanto o tremor quente tirava você do sério. Ela moveu suas mãos por você, sabendo a maneira de você mostrar para ele quanto o amava.

Então ele rompeu o encanto.

– Angie. – Ele disse o seu nome, primeiro como um suspiro. Depois: – Angie. – Dessa vez foi mais alto, mais ríspido. E você parou, apavorada e constrangida. Seus olhos se abriram, e o rosto que você viu não era o do doce garoto no rio lento. Rosto ruborizado, as pupilas aumentadas, a testa suada. – Angie, eu não posso – disse ele. – Sinto muito. Mas é que a Liv e eu... Nós estamos...

Você deu um salto da cama, olhou para suas mãos como se elas não pertencessem a você. O que de certa forma era verdade. Elas tinham uma mente própria. Por assim dizer.

5

CONVITE

– Estão tentando controlar a minha vida, doutora Grant – queixou-se Angie. Ela se moveu para o sofá, achando que sentar sobre a escrivaninha de novo pareceria um ato de desafio. E não queria ser desafiadora. Queria ajuda.

Hoje a doutora estava usando um conjunto de cardigã e blusa azul-claro. Ele destacava seus olhos, de um tom azul-turquesa. Suas sobrancelhas cuidadosamente desenhadas se ergueram diante da explosão de Angie.

– Seus pais? Os outros jovens na escola?

– Bom, sim, eles também. Não, as... personalidades. Os alters?

Apenas um minúsculo movimento de cabeça traiu a reação emocional da doutora.

– Então, agora você está consciente da presença deles? No nosso primeiro encontro não estava tão certa.

O poder daqueles olhos brilhantes impelia a uma confissão honesta – uma boa característica para uma psicóloga, pensou Angie.

– Bom, sim. No nosso primeiro encontro eu não conseguia aceitar isso, não é? Achava que estava apenas distraída durante o confuso tempo perdido. Você sabe, quando eram apenas segundos aqui e ali, eu conseguia dar desculpas pras outras pessoas e pra mim mesma. – Ela se obrigou a não perder o contato visual. – Quer dizer, todo mundo de vez em quando sai do ar, não é?

– É claro. – A dra. Grant piscou devagar e fez um lento aceno de cabeça. – Prossiga.

– Mas agora coisas muito mais estranhas estão acontecendo. Coisas que me fazem pensar que você... você pode estar certa.

– Como o quê? – perguntou a doutora em uma voz firme. Calma, interessada.

Obviamente, a dra. Grant não achava nada disso estranho. Múltiplas personalidades. Identidades dissociadas. Consciência dividida.

Se não estivesse acontecendo com ela pessoalmente e tumultuando toda a sua vida, Angie teria achado isso fascinante. No entanto, naquelas circunstâncias, a ideia de que seu corpo estava dizendo e fazendo coisas que ela não conseguia controlar – coisas das quais nem sequer tinha conhecimento – a aterrorizava. Sentir-se humilhada diante de Greg foi a pior coisa até agora. Ela ainda não sabia exatamente o que havia acontecido, e não estava a fim de perguntar. Isso seria pior do que se humilhar. O que quer que ela tivesse feito foi totalmente incorreto, e ele lhe pediu que fosse embora. Ui. Pensar nisso a fez corar de novo.

Ela evitava Greg e Liv há dois dias, escondendo-se no fundo do nono ano para não ser encontrada. E isso não foi muito difícil. Seus colegas de classe grudavam nela como velcro do início ao fim do dia. O que estava se tornando incrivelmente cansativo. Quando sua novidade iria se dissipar?

– Angela? – A doutora interrompeu seus pensamentos. – Você ainda está aqui comigo? Ou estou na presença de outra?

– Ah, desculpa. Sim. Sou eu mesma. – Ela deu um meio sorriso. – Ninguém mais excitante.

A doutora deu-lhe um tapinha encorajador no braço.

– Você ia me falar sobre as coisas estranhas que te levaram a acreditar que pode estar vivenciando TDI.

Angie girou os olhos.

– Sim. Primeiro exemplo: alguém limpou a poeira do meu quarto e dobrou minhas roupas enquanto eu estava dormindo.

– Sua mãe? – sugeriu a doutora.

– Não. Eu perguntei pra ela.

– Hum.

– Segundo exemplo: alguém continua mudando de lugar a minha cadeira de balanço. Não sou eu. Nem a minha mãe.

– E isso é perturbador porque...

– Ela se senta nela e se balança ali durante horas. Há novas linhas e marcas de pés no carpete todas as manhãs. – Angie ergueu três dedos e continuou: – Terceiro exemplo: fui pra cama cedo na noite passada porque estava exausta, provavelmente devido a todo aquele balanço idiota, e, quando acordei de manhã, alguém havia feito minha lição de matemática.

– Que... habilidosa – comentou a dra. Grant.

– Sua letra era horrível, e ela errou a metade das questões. Não ajudou em nada.

– Ah. – A doutora puxou as mangas do seu cardigã e as alisou. – Talvez o alter achasse que ele ou ela estava sendo útil. Afinal, sua mente os criou como protetores. O instinto de proteção ainda está aí – ela apontou para a têmpora de Angie –, embora acreditemos que você não esteja correndo o risco de dano físico.

– Espere um pouco. Ele? – Angie piscou forte. – Eu achei que você tinha dito que era uma bandeirante. Você acha que há um homem na minha mente?

A fraca sugestão de um sorriso ergueu os lábios da dra. Grant.

– Tudo bem, Angie. De um jeito ou de outro, ainda não sabemos. Mas, falando de modo geral, as personalidades alternativas podem assumir qualquer sexo e qualquer idade – explicou ela. – O que for apropriado para o seu papel. Suponhamos que você precisasse de um sujeito grande e forte para enfrentar pesados espancamentos? – Ela flexionou os músculos do seu braço para demonstrar. No macio cardigã azul, o efeito se perdeu. – Seria possível até mesmo para uma garota miúda como você ter como alter um sujeito grande e forte.

– In-te-res-san-te – disse Angie. – Mas ele devia se sentir um pouco desajeitado nas minhas roupas.

Esse comentário mereceu uma risada honesta.

– Às vezes as pessoas descobrem guarda-roupas extras em seus pertences, que representam os gostos dos seus alters.

Uma centelha se acendeu.

– Então isso explica o que aconteceu ontem!

– O que aconteceu?

Angie corou.

– Ontem, quando troquei de roupa pra aula de educação física, quase morri. Eu estava usando uma calcinha de piranha. Não tenho esse tipo de coisa.

As sobrancelhas da doutora se moveram ligeiramente quando ela perguntou:

– Como você define “calcinha de piranha”?

– Ela era toda preta, rendada e vulgar – sussurrou. – Tipo fio dental. Eu certamente não comprei isso, e sei que a minha mãe não comprou isso pra mim.

– Então você está preocupada que esses alters estejam escolhendo roupas pra você e assumindo algumas das suas tarefas e lições de casa, talvez se balançando à noite quando você preferiria estar na cama. Ajudaria se você entendesse a motivação deles?

– Ajudaria se eles desaparecessem. Como posso fazer isso parar?

A dra. Grant apoiou seu queixo nas mãos, inclinando-se para mais perto de Angie.

– Isso vai exigir comunicação e negociação. Você está reivindicando sua posição como dominante, e eles estão naturalmente resistindo.

– Meu Deus! Você faz com que eles pareçam pessoas de verdade.

A doutora fez que sim com a cabeça. Enrolou distraidamente sua gargantilha de pérolas com a mão esquerda.

– Angie. Isso é algo que você definitivamente precisa entender. Eles *são* pessoas que estão compartilhando do seu espaço cerebral, organizadas em diferentes neurônios no seu cérebro. Eles têm uma realidade física. Não são produtos da sua imaginação. Vocês compartilham algumas coisas, como um corpo, um pai e uma mãe etc. Mas suas características e desejos podem ser mundos à parte.

Angie estava em silêncio, pensando sobre a palavra “desejos”.

A dra. Grant esperou pacientemente.

– Em que você está pensando? – perguntou ela após um longo minuto.

Angie se concentrou no padrão de luz que se filtrava através das tramas da cortina.

– Estou com medo de que eles me criem problemas. Aconteceu... um incidente. Você não vai contar nada disso pra minha mãe, vai?

A médica fez o gesto de trancar os lábios e jogar fora a chave.

– Angie, você é minha paciente. Não seus pais.

Ela respirou fundo. A confissão era boa para a alma. As almas. Certo?

– Tudo bem. Além de eu desconfiar que a calcinha de piranha foi provavelmente furtada de uma loja, o que já é bastante ruim, tive um problema com um garoto.

– Ah, querida. Avanços não desejados? – perguntou a dra. Grant.

– Pode-se dizer que sim. – Isso era muito constrangedor. – Mas não feitos por ele. Feitos por mim. Parte de mim o atacou. Eu... hã, agi de uma maneira que definitivamente NÃO ERA EU. – Ela não conseguiu evitar elevar a voz. Então sussurrou: – Eles podem me ouvir? Os alters?

– Você consegue ouvi-los? – retrucou a doutora.

Angie suspirou.

– Só algumas vezes eu pensei ter ouvido uma voz, e não havia ninguém por perto, então achei que fosse apenas a minha imaginação. Como isso funciona?

– É uma coisa absolutamente fascinante – respondeu a dra. Grant, seus olhos azuis brilhando com o entusiasmo de uma especialista. – Nos centros de memória do seu cérebro, diferentes conjuntos de neurônios retêm os padrões de memória separados dos alters, não importa quantos eles sejam.

– Não importa quantos? – Angie suspirou baixinho, mas a doutora prosseguiu:

– As conexões entre eles são poucas ou inexistentes, e por isso os alters podem manter seus segredos de você, a Angie dominante, e um do outro. Quando você escuta suas vozes, os centros de fala do seu cérebro são ativados como se os estivesse ouvindo fora de você. Nós vimos tudo isso com os estudos funcionais de ressonância magnética e de tomografia computadorizada.

Angie sentiu o horror em seu próprio rosto.

A dra. Grant franziu o cenho.

– Ajuda você entender isso? A teoria?

– Acho que sim. – Na verdade, não. Ela havia lido vários websites, vários depoimentos. Tudo parecia tão estranho e improvável quando outras pessoas falavam sobre suas próprias experiências. Mas isso era real. Era a sua realidade. A sua vida. E, atualmente, ela a compartilhava com alguém que gostava de furtar roupas íntimas sexy.

– Quer perguntar alguma coisa?

– Um milhão de coisas – disse Angie. – Mas a mais importante é como dar um jeito nisso. Não quero sair do ar. Não quero encontrar roupas estranhas nas minhas gavetas ou no meu corpo. Não quero fazer coisas humilhantes. Quero a minha vida de volta. Quero estar no comando da minha vida.

– Eu entendo. É claro que você quer estar no comando. Quer controlar o portão, e isso é simplesmente natural.

– Que portão?

– É típico ter uma personalidade que fica de lado, permanece dentro, observando, registrando e decidindo que necessidades surgem em diferentes situações: um guardião. É como um chefe que fica em seu escritório e decide quem vai agir.

– Ótimo. Como posso conseguir esse emprego? – perguntou Angie. – Para que eu possa trancar esse maldito portão.

– Fazendo terapia, minha querida. – A dra. Grant baixou seu caderno de anotações e cruzou as mãos sobre o colo.

– Então, fala com ela. Diz pra ela que chegou a hora de se aposentar. Chegou a hora de um novo chefe.

– Eu gostaria que as coisas funcionassem assim, Angie. Mas os guardiões são reclusos. Ela nunca vai interagir diretamente conosco, mas está ouvindo, conservando o que ouve na memória, e mesmo assim direcionando o trânsito.

– Ela está assistindo? Ouvindo?

– Acho que sim – disse a dra. Grant, com um sorriso tenso.

– Isso é terrivelmente horripilante.

– Posso imaginar por que você se sente dessa maneira. Mas, lembre-se, ela te atraiu para cá de novo, para enfrentar o mundo. Só

está interessada no que é melhor pra você, e acha que você está pronta.

– Ótimo. – Mas, de repente, não estava tão segura. – Eu estou pronta?

– Por isso estamos aqui, minha querida. Estamos trabalhando nisso, juntos.

– Todos nós? – murmurou Angie. Ela emoldurou suas palavras com movimentos dos dedos que imitavam aspas.

O sorriso da dra. Grant relaxou, e ela pegou sua caneta.

– Angie, que idade você tem hoje?

– Treze... Cator... Droga, eu não sei. Tecnicamente, dezesseis.

– O que você imagina que aconteceu com você durante os três anos de que não consegue se lembrar? O que você... supõe?

Os olhos de Angie se moveram para o anel de prata com sua estranha inscrição. O que estava escrito nele mesmo? Algo importante. Sentiu uma névoa espessa descer em sua mente conforme se concentrava em lembrar. Ela o girou em torno do seu dedo para facilitar que chegasse à sua articulação, mas sua mão esquerda se afastou. Ela tentou de novo, e sua mão esquerda continuou se esquivando.

– Viu isso? Doutora, você viu isso? – disse ela, com um pânico crescente. – É como se eu estivesse possuída! Você tem que me ajudar. Por favor.

A dra. Grant agarrou o braço esquerdo de Angie pelo pulso.

– Nós não vamos tirar o anel – disse ela claramente.

As mãos de Angie se acomodaram em seu colo, mas seu coração ainda batia forte.

– Alguém está muito amedrontado de a história vir à tona – disse a dra. Grant suavemente. Ela olhou bem dentro dos olhos de Angie, como se estivesse olhando dentro de sua cabeça. – Mas alguém precisa saber que você quer se comunicar. Que te magoa estar fora do grupo.

Ela oscilava entre se aproximar e se afastar de Angie, sustentando o seu olhar. Manter os olhos no foco deixou Angie zonza, e ela começou a oscilar em uníssono.

A doutora falou muito baixo, murmurando palavras suaves. Os ouvidos de Angie se esforçavam para escutar.

– Alguém precisa falar pelos outros, para que eu possa te ajudar a ajudar a Angie. Convido alguém para se manifestar, por favor. Precisamos conversar. Angie pode esperar aqui ao lado.

Angie balançou o corpo para a frente e para trás, seus olhos acompanhando a luz azul brilhante das íris da doutora, que iam cada vez mais longe, até se fundirem em um único ponto no céu negro. Ainda assim, seus olhos permaneciam fixos naquele ponto de luz. Abaixo dela, a cadeira de balanço rangia levemente nas tábuas de madeira soltas da varanda. Varanda? Sim, havia uma varanda. Ela não conseguia vê-la, só sabia que era ali que estava sentada, em uma varanda com um piso de madeira. A sensação de *déjà vu* a assaltou; ela sabia que já estivera lá. Havia muito, muito tempo. Atrás dela estava uma antiga cabana cinzenta, com teias de aranha nas janelas, mofo nos pregos. Ela se movimentou, olhando para a frente. Não conseguia ver a cabana, mas sabia que estava às suas costas. Sentia as marcas do tempo, as tábuas soltas da cabana invisível atrás dela.

O ponto azul minúsculo piscou uma vez, e Angie soube que a cadeira de balanço da varanda atrás dela estava vazia. Alguém estivera ali, balançando como ela. Mas agora a cadeira estava vazia, terminando seu último movimento para a frente e para trás. Um cinto de bandeirante pendia sobre seu braço. Angie não conseguia enxergá-lo na noite, mas sabia que ele estava ali, um cinto cáqui, uma agulha e uma linha, deixados para trás pela pessoa que havia saído da varanda. Em sua visão periférica havia ainda locais mais negros no escuro, silhuetas de mais cadeiras de balanço e de mais garotas em cadeiras de balanço. Um local movimentado e quieto, essa velha varanda.

Atrás dela, um buraco na cabana. Não, uma porta. Alguém estava de pé diante da porta, a porta fechada atrás dela, observando e escutando. Uma mão se estendeu e empurrou o encosto da cadeira de Angie.

– Volte – disse uma voz forte.

Angie se inclinou para a frente e caiu na centelha azul, que a puxou com uma força imaterial até a luz azul-clara brilhar em toda parte. Ela piscou com dificuldade por causa do brilho. O rosto da dra. Grant entrou em foco, o resto do consultório aparecendo atrás dela. A luz se encolheu até o tamanho de duas íris azuis a observá-la com uma expressão suave e afetuosa.

Finalmente, Angie recuperou a voz:

– Eu... desmaiei?

A doutora balançou a cabeça.

– Não, você é hipnotizada muito rapidamente. Isso será de grande ajuda no nosso trabalho.

Angie teve uma sensação de vertigem.

– Então, o que aconteceu? O que eu falei?

A dra. Grant inclinou a cabeça. O gesto pareceu com o de um pássaro.

– Não você, minha querida. A Bandeirante falou comigo de novo. Sei que isso vai parecer estranho, Angie, mas ela me pediu pra não compartilhar com você a nossa discussão. Ela mesma quer lhe contar, mas você não deixa. Aparentemente, a parede entre vocês ainda é grossa demais pra ela atravessar. Eu a convidei para encontrar um caminho. Ela quer ser a primeira a falar com você, antes das outras.

– Meu Deus! – disse Angie. – Outras? Isso é tão, tão estranho. Quantas são, ela disse?

– Ela disse que são várias.

O estômago de Angie doeu.

– Várias? Quantas?

– Ela mencionou três, além dela.

– Quatro! Meu Deus. Estou completamente confusa. – Afundou a cabeça em suas mãos, e o fundo de seus olhos ardia, mas as lágrimas não vinham. – O que eu vou fazer? Como vou melhorar? – Ela sentiu o braço da dra. Grant se mover e passar em volta dos seus ombros, oferecendo-lhe ternura e aceitação.

– Observe e escute as mensagens. Esteja aberta. Isso é tudo o que você pode fazer neste momento. Precisamos penetrar no caminho da descoberta antes de podermos falar em recuperação.

– Mas eu vou poder... me recuperar? – Angie se agarrou àquela palavra como se fosse uma tábua de salvação.

– É claro – disse a doutora. – Você terá várias opções, mas não ainda. Por enquanto, escute suas vozes internas. Elas podem estar tentando te alcançar diretamente, Angela.

– Como foi hoje? – perguntou sua mãe quando se aconchegou a Angie e lhe deu um beijo de boa-noite. Era um novo ritual para o qual ela provavelmente estava muito velha, mas mesmo assim gostava. A mãe passou a mão pelo cabelo dela. – Algum progresso?

Ótimo. Sua mãe queria uma cura instantânea, e Angie acabava de descobrir que seus problemas eram ainda mais incríveis do que imaginava. Ela balançou a cabeça.

– Está mais para cavar um buraco. E eu estou no fundo. – Ela ergueu suas mãos num gesto teatral. – Alguém me atira uma corda! Por favor! – Talvez alguém ouvisse e tivesse pena dela.

A mãe beijou-lhe a ponta do nariz.

– Vou até a loja de ferragens comprar uma bem comprida.

– Isso. Compre também uma escada. – Angie virou de lado e olhou para uma tira de luar onde suas cortinas não estavam inteiramente unidas. Sua mãe apagou a luz do abajur e saiu do quarto na ponta dos pés.

Angie acordou cedo e dolorida, enrodilhada em sua cadeira de balanço. A luz do abajur estava acesa, e o cobertor macio estava enrolado em volta dos seus ombros. Será que ela havia adormecido lendo? Espere, ela havia adormecido na cama, olhando a lua através de uma fatia do céu. Disso ela se lembrava bem.

Seu diário estava debaixo da cadeira de balanço. Muito estranho. Ela não tocava nele desde o seu retorno... ele pertencia ao passado. De todo modo, o metal deformado da tranca o deixava ao alcance dos olhos curiosos. Quando se inclinou para pegá-lo, sentiu uma forte câimbra no pescoço.

A página aberta estava coberta com uma letra minúscula e clara – não era o seu estilo fluente, arredondado. Deu uma olhada: era uma carta dirigida a ela.

Sua respiração ficou presa na garganta. Seu estômago revirou em uma expectativa nervosa. Alongou o pescoço de um lado para o outro e começou a ler.

Querida Angie,

Meu nome é Bandeirante. Eu gostaria que pudéssemos conversar. Há tanta coisa que eu poderia lhe dizer se você me deixasse. Você não iria acreditar em quanta coisa eu aprendi enquanto você esteve fora.

Antes de mais nada, eu sou a razão de seus braços estarem tão fortes. Você pode me agradecer por isso. Carregar água, cortar lenha... isso desenvolveu muito seus músculos.

Olha, quando o homem levou você pra casa dele (bem, naquele momento você já tinha se escondido, e então acho que foi a mim que ele levou), ele estava muito calmo e razoável. É claro que ele prendeu minhas pernas com aquelas algemas pesadas porque não acreditava que eu não fugiria. Eu teria voltado, sabe, até entender o quanto eu dependia dele e ele dependia de mim. Demorei muito para conquistar sua confiança e ele me soltar. Até ele perceber que eu não iria deixá-lo.

Seja como for, quando ele me capturou, eu estava tremendo. Não sabia como voltar para o acampamento se conseguisse fugir, e nós andamos durante um longo, longo tempo na mata. Perdi meu senso de direção, mesmo olhando para o lado coberto de musgo das árvores. Além disso, elas eram tão grossas e próximas umas das outras que eu só vi a nossa cabana quando já estávamos nela.

Então ele me sentou diante de uma velha e lascada mesa de fórmica com uma jarra de cerâmica marrom no meio e me explicou que nunca foi muito bom em namorar e o que ele realmente precisava era de uma esposa, e eu tinha muita sorte, porque ele tinha me escolhido entre todas as outras bandeirantes. Disse que sabia que queria uma esposa bandeirante, porque nós temos todos

os tipos de habilidades: como fazer fogo, cozinhar, costurar, esse tipo de coisa. Ele me disse que era isso que ele queria. Uma bandeirante que conseguisse acender o fogo no fogão da cabana (porque lá não havia eletricidade) e cozinhasse pra ele.

Eu expliquei muito delicadamente que ele havia escolhido a garota errada. Eu não sabia cozinhar nada que não viesse em uma caixa com a instrução APENAS ADICIONE ÁGUA escrita no verso. Realmente achei que ele iria perceber o seu erro e me deixar ir embora. Como eu disse, ele parecia muito calmo e razoável, exceto pelas algemas com correntes que iam dos meus pés até os pés do fogão de ferro fundido. Disse que eu tinha uma semana pra aprender e me entregou um velho livro de culinária, que contou que foi da mãe dele.

– Você sabe como acender uma lamparina? – ele me perguntou, e me mostrou como preparar o pavio e acendê-lo. – Mas tome muito cuidado – me disse. Se você tropeçar em uma lamparina acesa, vai se incendiar junto com a minha casa. – E deu um sorriso que me cravou na minha cadeira.

Você sabe como todas nós temos medo do fogo. Bem, você talvez não tenha, mas isso é algo que todas as garotas têm em comum. Só faz sentido quando você vive em uma cabana de madeira de onde jamais pode sair.

Perguntei se ele não tinha um extintor de incêndio. Ele me deu um tapinha na cabeça e disse algo sobre “sempre alerta”, que como você sabe é o lema dos escoteiros, não o nosso. Seja como for, ele não tinha um e não planejava arranjar um.

– Apenas tome cuidado – ele me advertiu.

Se você estivesse lá, bem, você teria ficado tão confusa quanto eu estava. Não havia água corrente, não havia geladeira, não havia eletricidade, e ele queria uma empregada? Disse-me então que estava indo trabalhar e que eu fosse uma boa menina e tivesse o jantar pronto quando ele voltasse.

– Quando você volta? – perguntei. Eu tinha que saber quanto tempo eu teria pra fugir. Sim, naquele primeiro dia eu realmente pensei que poderia escapar. Você consegue acreditar nisso?

Ele apontou para um velho relógio de corda na parede com dois pesos pendurados nele e uma chave na manivela.

– Às sete. Tem um pouco de carne de porco salgada dentro do barril que está na despensa. Você vai conseguir chegar até lá com facilidade. Eu medi as correntes.

– Como é o seu nome? – ele perguntou finalmente.

A princípio eu não sabia se devia contar para ele o seu nome. Mas então eu pensei: seria bom se ele acidentalmente falasse o seu nome para alguém, porque já deveriam estar perguntando por você. Então eu disse que era Angela.

Ele colocou no bolso a chave das algemas da minha perna, me beijou no rosto e disse:

– Não deixe o fogo apagar. Tenha um bom dia, Angela – e saiu.

Nunca ouvi um ruído de motor. Não sabia como ele ia e vinha.

Seu beijo estava secando no meu rosto, e eu pensei: “Uau, estou nas mãos de um louco”. Então comecei a procurar uma saída. O corpo do fogão de ferro fundido já estava quente, mas agarrei os seus pés e tentei erguer um deles para conseguir soltar a algema. Era como se eu estivesse tentando erguer um elefante. Nem um sinal de movimento. Eu estava quente e suada quando desisti; minhas mãos estavam cheias de bolhas de queimadura por tentar conseguir uma maneira melhor de segurar o fogão. Você pode imaginar.

Então pensei que com todo aquele suor talvez eu conseguisse escorregar meus pés para fora da outra extremidade. Eles estavam sangrando bastante quando desisti disso. Pensei em esmagá-los com a frigideira de ferro (as bandeirantes são sempre engenhosas), mas sabia que, mesmo que eu sobrevivesse à dor, jamais iria longe de joelhos pela mata. Podia apostar qualquer coisa que ele era um bom rastreador e num instante me levaria de volta para lá.

Então me sentei diante da mesa lascada e chorei durante um longo tempo. Depois gritei por ajuda até sentir minha garganta sangrando. Peço desculpa por te deprimir com os detalhes, mas eu queria que você soubesse que, desde o início, tentei tudo que pude pensar para me soltar. Não queria que você me culpasse por não tentar.

Eu tinha cerca de três metros de extensão em todas as direções do fogão, e isso era o suficiente pra andar por ali ou ver toda a cabana de dois cômodos. Paredes de madeira cinzenta. Dois aposentos. Nenhum banheiro, apenas um penico com flores cor-de-rosa pintadas nele. Não havia água corrente. Perto do fogão, de um lado havia uma cesta cheia de madeira cortada que eu deveria usar pra manter o fogo vivo. Do outro lado havia uma porta estreita que dava para a despensa. Encontrei a carne de porco salgada em um barril. Como era de esperar, ele estava lotado de sal. Recipientes de cerâmica nas prateleiras estavam cheios de aveia, arroz e diferentes grãos. Os poucos potes de tempero tinham seus rótulos apagados. Eu os cheirei, mas, não sendo uma cozinheira na época, não tinha ideia do que eles eram. E, além dessa escassa reunião de ingredientes, tudo o que eu tinha para trabalhar era um enorme saco de farinha e outro de açúcar.

Ergui a panela de ferro, imaginando se poderia movimentá-la suficientemente rápido para transformá-la numa arma. Imaginei essa cena diversas vezes na minha cabeça, mas sempre terminava deitada em uma poça de sangue com minha cabeça esmagada; então, desisti. Não havia facas à vista, nem sequer no pote de talheres. Não achei que pudesse espetá-lo com um garfo até matá-lo... pelo menos, não rápido o bastante.

Não quero te deprimir ou te preocupar, mas pensei em quebrar um dos potes de cerâmica e usar a ponta aguda para me matar rapidamente antes que ele conseguisse voltar para casa. Quase gostei da ideia de trapaceá-lo dessa maneira, mas não podia fazer isso com você, Angie. Eu iria te proteger, mas não dessa maneira. Então chorei enquanto as sombras se alongavam. Depois acendi as lamparinas, abri o livro de culinária e comecei a ler. Os ponteiros do relógio estavam se movendo cada vez mais depressa rumo às sete horas.

Através da porta dos fundos, vi a alavanca de uma bomba-d’água. Arrastei os pés na sua direção, mas logo parei, contida pelas algemas de metal arranhando as cicatrizes recentes dos meus tornozelos. O que eu deveria fazer para conseguir água?

Felizmente para mim naquele primeiro dia, a jarra na mesa da cozinha estava cheia de água até a borda, do contrário eu nunca poderia ter preparado um pequeno pedaço de carne de porco, feijão cozido e um pouco de arroz. Não me atrevi a desperdiçar nenhuma água lavando o sal da carne de porco como o livro de receitas dizia que eu deveria fazer.

Quando o homem chegou, parecia feliz e animado. Esfregou suas mãos e voltou a beijar meu rosto. Puxou uma cadeira para mim e fez com que eu me sentasse.

– Como foi o seu dia, Angela querida? – ele perguntou.

– Cheio – eu disse cautelosamente, e ele riu.

Seu rosto se suavizou.

– O meu também. Foi um dia louco no escritório.

Aquilo era completamente surreal, como se fôssemos um casal em um velho seriado de TV.

Ele tentou encher com água os dois copos de lata que eu havia colocado sobre a mesa, mas, evidentemente, a jarra estava vazia. Ele a bateu sobre a mesa com um ruído alto e atirou o meu copo no outro lado da sala.

Uma fúria tomou conta dele, e tive a minha primeira pista do demônio que havia dentro daquele homem. Ele se afastou da mesa com o rosto sombrio, carregado.

– Angela, eu estou terrivelmente desapontado. Esta mesa não está posta do modo correto. – Deu um murro na mesa, e a colher dele voou. Caminhou na minha direção, o punho ainda cerrado.

– Sinto muito – eu disse rapidamente, baixando os olhos para o meu colo. – Não consegui chegar até o poço. Está muito longe. – Apontei sem força para as correntes.

Seu rosto se modificou em menos de um segundo. Apareceu um humor inteiramente novo.

– Ah, minha pobre querida. Foi tudo minha culpa. Não pensei direito. – Ele se ajoelhou perto da minha cadeira e ergueu meu queixo. Eu me mantinha como uma estátua. Ele olhou para os meus olhos, e eu não deixei que percebesse nada, absolutamente nada.

Então viu as crostas em meus tornozelos. Esfregou-as com as pontas dos dedos, e eu me mantive na minha posição congelada.

– Suas pobres pernas. Você deve ter tentado tanto chegar até a água! Que boa menina você é. Vou enfaixá-las depois do jantar.

Enquanto eu permanecia sentada e tremendo, ele foi até o poço e pegou outra jarra com água fria. Encheu o meu copo e o entregou para mim com um sorriso bondoso, me viu tomar cada gota preciosa e tornou a enchê-lo. Mergulhou uma colher no cozido salgado e o provou, seus olhos se arregalando de prazer. Ergueu o seu copo.

– A você, minha querida esposinha – ele disse.

Não sei o que teria acontecido comigo se naquela primeira noite eu não tivesse duas tigelas cheias de um delicioso jantar. Tenho absoluta certeza de que aquilo salvou a minha vida, e isso é bom.

Eu sabia perfeitamente bem que não era esposa dele. Você não se casa com alguém por meio de sequestros e algemas. E, se ele queria uma esposinha, que procurasse outra pessoa. Outra pessoa assumiria essa tarefa.

Outra pessoa fez isso. Ela pode lhe contar tudo. Eu não estava lá. Eu me recusei.

Seja como for, na manhã seguinte, depois que o homem saiu, comecei a fazer uma faca com o cabo de uma velha colher. Havia nove colheres, uma delas fugia do padrão, e eu esperava que ele não percebesse. Achei que a nova garota, a Esposinha, poderia usá-la à noite enquanto ele estivesse dormindo. Mas, quando a colher estava suficientemente afiada, ela não conseguiu usá-la, e eu também não. Nem em mim mesma. Nem nele. Então, em vez disso, eu me concentrei em permanecer viva.

Sua, sinceramente,
Bandeirante

Angie deixou o diário escorregar pelos seus dedos. Então, esse era o alter que a dra. Grant havia encontrado da primeira vez, aquele que se preocupava com ela. Muito animado, muito confiante, pelo menos da maneira como se mostrou aqui para Angie. Esmagar seus pés com uma frigideira de ferro? Enfiar um garfo nele até matá-lo?

Se ela era aquela que ficava se balançando na cadeira de balanço durante a noite, bem, era difícil ficar furiosa com ela. Ela estava tentando alcançar Angie da única maneira que podia. Sua carta – que ótima ideia! –, havia ali muitas informações... e muitas que estavam faltando. Angie se perguntou se deveria mostrar o diário para os seus pais, para a dra. Grant, para o detetive Brogan. Não havia muita coisa específica que pudesse ajudar na investigação... não havia o nome do “homem”, apenas uma descrição vaga do lugar... uma cabana com dois cômodos sem eletricidade nem água, uma pista de que ele talvez trabalhasse em um escritório, o que parecia improvável. Sequestradores malucos não trabalham em escritórios, trabalham?

Mas o que a carta de fato lhe contava era como ela poderia ter vivido durante os últimos três anos. Ela ficava confinada lá dentro, exceto para as tarefas pesadas; fora arremessada em seu estranho papel de esposa de treze anos de idade e tinha de desempenhá-lo com perfeição; tinha de agradar aquele homem no limite da sanidade. Mas... aquilo não era como ela tinha vivido – aquilo era como essa Bandeirante havia vivido por ela. Ler a carta não iluminou nada no que dizia respeito à sua própria memória ou emoção. Era como ouvir algo que havia acontecera com o amigo de um amigo de um amigo. Será que ela algum dia se lembraria daquilo como algo que aconteceu com ela mesma? Será que realmente queria isso?

6

REPRESSÃO

Angie se sentou na cama e tentou arrumar o metal retorcido da fechadura quebrada. Ela certamente não poderia mostrar para seu pai o diário da Bandeirante. Ele ficaria doido, ou descompensado, difícil dizer o quê. Mas talvez para sua mãe. Parecia que ela queria ajudar, mais do que apenas levando Angie para suas consultas. E Angie sabia o quanto sua mãe a amava, ainda que as coisas estivessem realmente estranhas. Será que ela gostaria da Bandeirante? Ou dos outros com quem Angie manteve contato? Talvez devesse dar à mãe a chance de entender.

– Ei, mãe? – Angie chamou. Sem resposta. Ela desceu correndo a escada até a cozinha. As luzes estavam apagadas, e não sentiu o cheiro do café da manhã sendo preparado. – Mamãe? – chamou quando entrou. Não havia ninguém ali. Ela correu de novo escada acima até o quarto de seus pais. Bateu na porta aberta. – Mãe, você está aí? – A porta do quarto se abriu completamente.

– Ela foi ao supermercado – gritou seu pai lá do escritório. – Foi se preparar para a chegada da vovó e do Bill.

– Tá. Obrigada. – gritou Angie de volta. Estava estendendo a mão para fechar a porta do quarto quando percebeu uma grande agenda de couro marrom na mesinha de cabeceira da sua mãe. Interessante.

Espiando por cima do ombro, ela entrou no quarto e pegou a agenda – na verdade, um álbum de recortes, pelo que pôde perceber. Sua mãe adorava colecionar recortes. Talvez aquilo pudesse dar a Angie uma ideia do que eles estiveram fazendo por três anos: as férias que ela havia perdido, o que quer que fosse.

Segurou a capa e hesitou. E se aquele fosse na verdade o diário de sua mãe? Uma sensação de culpa desceu por sua espinha. Ela

se livrou daquela sensação. Afinal, sua mãe havia violado o seu diário. Se é justo de um lado, é justo do outro também. Fechou a porta em absoluto silêncio, respirou fundo e abriu a capa. Seu olhar caiu sobre...

Primeira página. Um artigo de jornal datado de 3 de agosto, com a manchete: BANDEIRANTE SOME DE ACAMPAMENTO NA FLORESTA NACIONAL ANGELES, APARENTEMENTE DESAPARECIDA. Sua foto da turma do sétimo ano estava ampliada ao lado da manchete, totalmente exposta.

Segunda página. Manchete de 6 de agosto: SERVIÇO FLORESTAL EXPANDE A BUSCA PELA ADOLESCENTE DESAPARECIDA. PUMAS LOCALIZADOS NA ÁREA. Um mapa do acampamento estava anexado, com círculos traçados como alvos.

Angie tocou a página áspera, amarelada. Arrepios percorreram seus braços pálidos. Sua mãe havia guardado todos aqueles artigos publicados sobre ela. Os pés de Angie formigaram e seu estômago se contorceu, mas ela abriu a...

Terceira página. 17 de agosto: BANDEIRANTES FAZEM VIGÍLIA POR GAROTA DESAPARECIDA. A foto colorida no recorte do jornal mostrava os rostos contidos de Livvie, Katie e da sra. Wells iluminados por baixo pela luz das velas. Centenas de pontos de luz apareciam desfocados atrás delas. Esse foi um belo comparecimento. Muito solidário, imaginou ela.

Quarta página. 15 de setembro: A EQUIPE DE RESGATE DA MONTANHA DE SAN DIMAS VAI ATÉ MAIORES ALTITUDES EM BUSCA DA ADOLESCENTE DESAPARECIDA. HÁ RECOMPENSA PARA QUALQUER INFORMAÇÃO.

Quinta página. 22 de novembro: AS PEGADAS DESAPARECEM QUANDO AS MONTANHAS DE SAN GABRIEL REGISTRAM UMA NEVADA PRECOCE RECORDE. O SERVIÇO FLORESTAL ENCERRA A BUSCA PELA GAROTA DESAPARECIDA. Uau. Três meses e um pouquinho. Então eles desistiram da busca. Sentiu um buraco no estômago. Cerca de cem dias e pronto.

Sexta página. 4 de dezembro. O COLÉGIO LA CAÑADA FAZ MEMORIAL PARA ESTUDANTE DESAPARECIDA. Angie leu o artigo sobre os discursos e canções com a sensação incoerente de

que aquilo devia dizer respeito a outra pessoa. Ela passou alguns momentos reconhecendo os rostos familiares de professores, pais e amigos nas fotografias.

Décima sétima página. 3 de agosto: UM ANO DO DESAPARECIMENTO DE ANGELA CHAPMAN. DIA DE LUTO NA COMUNIDADE DE LA CAÑADA.

Angie virou o resto das folhas com as mãos trêmulas, lendo todas as páginas amareladas e desbotadas até a...

Vigésima segunda página. Nenhum jornal. Apenas uma bela foto. Laranjeiras radiantes e árvores de folhas avermelhadas ao longo de um gramado. Ao longe, retângulos cinzentos e brancos proporcionavam um toque surreal. Um vaso de crisântemos brancos em primeiro plano proporcionava o foco. O que aquela foto estava fazendo no álbum de recortes?

Angie apertou os olhos. *O que é isto, mãe?* Um campo? Um... O ponto entre seus ombros formigou. Um cemitério? Era, com certeza. Na última página do álbum, a foto de um lote no cemitério. Meu Deus. Para ela.

Quase chorando, ela sentiu um aperto na garganta. Eles haviam desistido dela, não importava o que sua mãe dissesse. Haviam encerrado as buscas e anunciado a sua morte. E uau! Que inconveniente ela voltar justamente quando eles tinham uma nova vida sem ela totalmente planejada!

As mãos de Angie tremiam enquanto recolocava o caderno de recortes no lugar, abria a porta e caminhava de volta ao seu quarto como um zumbi. Como uma morta-viva. Sim. Ela era isso.

Pensou sobre o bilhete da Bandeirante e em como ela estivera prestes a mostrá-lo para sua mãe. Droga. Ela estava na verdade totalmente sozinha nisso.

Havia uma canção de ninar que a avó costumava cantar para Angie quando ela era pequena: “Todos os lindos cavalinhos. Pretos e baios, malhados e cinzentos”. Angie era pequena demais para entender todas as palavras... O que eram baios? Eles eram baixos? Mas a melodia grudou nela ao longo dos anos.

A música ficava tocando em sua cabeça enquanto ela esperava a avó chegar. O refrão se repetia e se repetia: “Chega. Pare de chorar. Durma, meu bebê”. Palavras estranhas. A melodia inesquecível intensificou sua tristeza, mas ela não chorou.

A sensação pesada teve fim quando um coro de cumprimentos felizes chegou do andar de baixo. A voz da vovó! O nome de Angie flutuou misturado aos cumprimentos.

– Estou indo! – Ela passou os dedos pelos cabelos, mas evitou olhar para o espelho: isso ainda era assustador demais.

– Desce aqui, querida! – A avó esperava ao pé da escada, as mãos no quadril. – Vem me dar um abraço!

Angie voou para os braços dela, agradecida por ela ainda cheirar a lavanda e a sabonete.

Após um bom e longo abraço, a avó a afastou e avaliou com os olhos.

– Bem, imagino que encolhi alguns centímetros desde a última vez que me viu – disse ela. – Estou com mais algumas rugas, mais alguns cabelos brancos. Você está linda como sempre.

– Eu diria o mesmo – acrescentou uma voz masculina. – Linda como sempre. Guardou um desses abraços para seu tio preferido?

Angie ergueu os olhos para quem falava. O cabelo cortado rente. A mandíbula quadrada. O rosto estranho entrava e saía de foco. Ela piscou. Quanto tempo havia passado desde a última vez que vira o tiozinho Bill? Ele devia ter apenas uns dezoito anos quando se alistou, o que significava que ela tinha dez. Três anos atrás no tempo da memória, seis anos no tempo real. Esses seis anos o transformaram de um adolescente cheio de espinhas no rosto em um homem de aparência poderosa.

Ela tentou localizar o rosto de adolescente naquele que olhava para ela com intensa curiosidade. Ele se aproximou de Angie com os braços grossos e fortes que ela recordava e a esmagou contra seu peito musculoso.

– Olha só você, totalmente crescida – disse ele com o rosto enfiado no cabelo dela. Seu corpo era quente e irradiava o perfume amadeirado de seu sabonete. O braço dele acariciou suas costas, e ela estremeceu.

A melodia de “All the pretty little horses” soava nos ouvidos dela, e uma voz minúscula e aguda cantava na sua cabeça. *Chega. Pare de chorar.*

As palavras de sua mãe chegaram como que vindas de grande distância:

– O almoço está servido na cozinha.

– Vou providenciar as bebidas – disse sua avó, e se afastou. – Estão todos com fome?

Angie ouviu o ruído profundo no peito de tio Bill quando ele respondeu:

– Simmm. Faminto.

Ele ergueu o rosto de Angie a fim de olhar para ela.

– Eu diria que você está ainda mais bonita. – Passou a ponta do dedo sobre o nariz dela. Seu outro braço ainda a pressionava contra ele, e um lado da sua boca sorriu. Algo naquele sorriso...

O coração de Angie disparou sem razão aparente. Ela se afastou do abraço dele e sentiu sua resistência. Aquilo estava se prolongando demais.

– O... Estão todos... – gaguejou ela, apontando para a cozinha.

Ele colocou um dedo sobre os lábios dela.

– Calma – disse ele. – Sem tagarelice. – E piscou o olho para ela, como se houvesse uma brincadeira conhecida nisso. Seus olhos brilhavam de uma maneira peculiar, quase familiar, e seu rosto ficou enevoado, desfocado, girando, escuro e muito próximo do dela. Os joelhos de Angie fraquejaram. Sua respiração parou. Braços poderosos a seguraram firme.

Uma voz de garotinha gritou: *Depressa, Angie. Se esconde!*

Ela virou a cabeça, procurando quem falava, mas estava escuro demais para que enxergasse. Havia algo de errado com seus olhos. Ela os fechou e os esfregou. Um ruído encheu seus ouvidos, um som de galope. Uma imagem de uma criança pálida com longos cabelos loiros surgindo por trás pintou o interior de suas pálpebras. A garotinha fugiu dela em um enorme cavalo baio.

– Volta aqui! – implorou Angie. – Quem é você?

A voz fraca da menina foi levada pelo som dos cascos do animal. *Não posso dizer. Nada de tagarelice.*

A porta da frente bateu. O galope parou. Os olhos de Angie se arregalaram. Sua respiração escapou em um suspiro alto. O gosto de sorvete de chocolate estava em sua língua.

– Bem, essa foi uma visita adorável – disse sua mãe.

Angie vistoriou a casa com o olhar. Elas estavam sozinhas.

– O quê? Eles já foram? Já?

– Eu sei. O tempo voa! – disse sua mãe com um largo sorriso. – E, como a vovó me ajudou com os pratos do jantar enquanto você estava fora com o Bill, você e eu podemos relaxar o resto da noite.

– Jantar? – Angie olhou para a janela. Estava completamente escuro lá fora.

– Vamos. Que tal vermos um filme? Só as mulheres estão em casa esta noite. – Sua mãe passou um braço pelo braço de Angie e a levou até a sala. – Você encontrou alguma cortisona pra colocar nessa erupção? Parece que ela está diminuindo.

O braço direito de Angie estava coberto por manchas rosadas desbotadas, com exceção de uma, que estava vermelha, brilhante e dolorosa, como uma queimadura recente. Manchas que aparecem e desaparecem? O que vai acontecer agora?

– Você acha que foi o camarão? – perguntou sua mãe. – Você nunca foi alérgica.

– Não faço ideia, mãe – disse Angie, um pouquinho impaciente. Não havia dúvida de que ela havia comido. Seu estômago estava cheio e agitado. Mas como? Ela não conseguia se lembrar. – O que aconteceu com o papai?

– Ele está cuidando de uma papelada no escritório. Você não ouviu quando ele se queixou da grande apresentação? Parece que atualmente ele está com mais trabalho do que nunca.

– Desculpa. Acho que eu estava longe – disse Angie. Caramba! Longe por oito horas? Como isso era possível?

Sua mãe entregou a Angie o controle remoto.

– Você escolhe.

Agarrando com força o controle remoto para esconder o tremor em sua mão, Angie examinou os títulos insignificantes. A maior parte deles estava avaliada como não recomendável para menores de dezessete anos, e, portanto, ela estava nessa faixa. De todo

modo, não queria assistir a algo violento demais ou cheio de cenas de sexo na companhia de sua própria mãe.

– Você quer uma manta? – perguntou a mãe. – Está toda arrepiada. – Ela foi até a arca de mantas, pegou duas pequenas e se acomodou perto de Angie. – Então, você e o Bill puseram os assuntos em dia durante a caminhada?

Eles caminharam? Quando? Angie espalhou a manta verde de *chenille* sobre seu colo, esquivando-se de uma resposta. Quando ergueu os pés, percebeu que as bordas do seu jeans estavam cobertas de teias de aranha. Seus joelhos estavam manchados de terra marrom.

Sua mãe tagarelava:

– Vocês dois sempre foram tão próximos. Ele era sua babá preferida e nunca deixou que lhe pagássemos.

Pensando no passado, Angie não conseguiu se lembrar dele vindo muito à sua casa. Bem, talvez conseguisse. Ela se lembrava dele entrando e saindo, sem ideia do que acontecia no intervalo. Talvez ele a deixasse ficar acordada e ver programas de TV impróprios.

Sua pulsação ainda estava rápida, a respiração tensa, o estômago irritado, os braços vermelhos, as pernas doloridas. O que havia de errado com ela?

– Ele é um rapaz tão meigo – acrescentou sua mãe. – Sei que você sentiu uma falta enorme dele quando ele foi servir o exército. Chorou durante uma semana inteira.

Engraçado. Ela não se lembrava de jeito nenhum de ter sentido falta dele.

7

PROPOSTA

– “Contenho multidões” – anunciou a sra. Strang para a classe de literatura dos iniciantes.

O coração de Angie saltou.

A professora continuou:

– Alguém sabe o que o Walt Whitman quis dizer com isso? Essa é uma parte dos versos de encerramento de sua “Canção de mim mesmo”, que vocês devem ter terminado de ler a noite passada. Alguém terminou?

Angie havia terminado. E havia adorado: a linguagem, as imagens, mesmo as partes que ela não entendeu mas deixou chegar à sua mente. Sentiu sua mão se levantando com vontade própria e a puxou para baixo abruptamente.

– No sentido figurado – sussurrou ela para si mesma. – É apenas uma metáfora.

– Perdão, Angela. Você poderia falar mais alto, por favor? – A sra. Strang devia ter o ouvido de um morcego.

O fã-clube de Angie ficou olhando fixo para ela, esperando sua resposta. O que diria a garota desaparecida?

Ela reuniu seus pensamentos. Seus próprios pensamentos.

– Acho que Whitman quer dizer que ele contém dentro de si todos os seus ancestrais que viveram antes dele, como uma enorme árvore genealógica que se junta dentro dele. Além disso, ele contém todo o mundo de hoje, toda a criação, porque é parte dela e está conectado a ela. – Cinquenta grandes olhos se voltaram para a professora para ver se ela estava certa.

Angie acrescentou:

– NÃO é como uma múltipla personalidade. É uma metáfora. – Por que ela havia soltado essa?

Mas eu *realmente* contenho multidões, pensou ela. No sentido literal. Whitman provavelmente pensaria que a versão dela também era bem legal. Talvez ela escrevesse sua própria “Canção de mim mesma” quando viesse a conhecer melhor seus eus.

Mas infelizmente ainda não havia nenhum progresso nesse sentido. Após algumas semanas falando bobagens, Angie levou seu diário a uma sessão, esperando que ele ajudasse.

– Não fale sobre isso com minha mãe – disse à dra. Grant. – Ela surtaria.

A dra. Grant leu em silêncio durante alguns minutos, seu rosto plácido ocultando sua própria reação.

– Ah – disse ela amavelmente. – Então, a hipótese do sequestro se revela verdadeira.

Angie sentiu uma onda de gratidão pela reação amena da dra. Grant. Era muito mais fácil lidar com as coisas em um nível não emocional.

– É. Mas eu mesma ainda não consigo me lembrar dele.

– Tudo bem, Angie.

– Algemas. Suicídio. Um monte de coisa pesada – disse ela sem muita emoção. – Não quero que a minha mãe tenha isso na cabeça cada vez que olhar pra mim. Entende?

– Eu entendo – disse a dra. Grant. – Mas e quanto ao detetive Brogan? Esta é uma evidência valiosa, a declaração de uma testemunha ocular.

Angie pensou a respeito.

– Não há muita coisa aí. Não há descrições ou qualquer coisa do tipo.

– No entanto – disse a dra. Grant –, pode haver o suficiente para ele evitar desperdiçar seu tempo com pistas falsas ou ideias erradas.

Dito isso, Angie encolheu os ombros.

– É claro. Vá em frente e faça uma cópia. Mas eu quero ficar com o original.

– É claro. Então, como você se sente sobre a história da Bandeirante? A experiência dela?

Angie girou os olhos.

– Foi horrível. É óbvio. Mas admiro a sua força.

A doutora se permitiu um sorriso.

– Há muita coisa a admirar em um sobrevivente, não há?

Angie sentiu uma pontada de ciúme. Alguns dias a dra. Grant passava a maior parte da sessão com Angie hipnotizada. Como exatamente isso iria ajudá-la?

– Então... sobre o que vocês conversam? Quer dizer, quando eu "não estou aqui"? – Ela curvou os dedos fazendo o gesto das aspas.

– Sobre qualquer coisa que a Bandeirante precise falar. Ela está trabalhando algumas de suas próprias questões.

– Ah, ótimo. – Angie digeriu aquela ideia por um momento. Seus problemas tinham problemas. Fabuloso. – Mas e quanto a essa Esposinha que ela mencionou? Você sabe sobre quem ela está falando? Ela também tem problemas? – Angie coçou distraidamente sua mão esquerda. Franziu o cenho diante do anel de prata. Havia alguma coisa a respeito dele. Seu peito se contraiu desconfortavelmente.

– Ainda não a encontrei – disse a dra. Grant. – Nem nenhum outro, aliás.

– Que diabo é isso? Uma espécie de brincadeira de esconde-esconde mental? Quer dizer, como vou melhorar se você não consegue sequer encontrar esses alters idiotas? – Ela deu um salto da poltrona e foi até a janela. Separou as duas bandas da cortina e pressionou sua testa contra o vidro frio. Um círculo de umidade se formou quando ela soltou um suspiro pesado.

O silêncio inundou o aposento atrás dela. Contendo as lágrimas, virou-se para a doutora.

– E então?

Somente um ligeiro levantamento do peito traiu o suspiro da médica.

– Angie, a terapia para TDI demora um longo tempo. Conseguir a integração completa, se é isso que você quer, vai requerer uma enorme quantidade de trabalho e dedicação, tanto da sua parte quanto da minha.

Angie já estava de novo sentada sobre a escrivaninha, balançando suas pernas com agitação.

– O que quer dizer com “se é isso que eu quero”? Qual é a alternativa? Continuar assim? Eu quero ser uma pessoa. Eu.

– Eu entendo – disse a doutora. – Mas você precisa saber que a fusão negociada das personalidades separadas vai resultar em você acrescentada.

– Acrescentada de quê?

– Lembranças, sentimentos, sombras dos alters. Eles também são você.

Angie ficou em silêncio, absorvendo essa ideia. Seus calcanhares bateram contra a madeira.

A dra. Grant sorriu amavelmente.

– Como eu disse, esse é um processo muito gradual. Todos estarão evoluindo um em direção ao outro. Você vai se sentir como você, um único você, em longo prazo.

– O que é um longo prazo? Já estamos nisso há quase um mês! Então, quando eu vou me tornar um único eu? Daqui a seis meses? Mais ou menos um ano?

– Angie, querida. Estamos falando de vários anos. Potencialmente mais tempo, dependendo de como cada um esteja se sentindo cooperativo.

– Você está brincando! – Angie bateu um tanto forte demais na escrivaninha, uma nova preocupação superando a última. O seguro de seu pai não cobria esse tipo de coisa. Ela acidentalmente vira a conta para as três primeiras semanas de terapia... nove sessões, às segundas, quartas e sextas: mais de mil e trezentos dólares. Não havia como sua mãe e seu pai conseguirem arcar com isso. Não agora e, certamente, não quando havia um bebê chegando.

– Não posso esperar anos. Preciso ser eu mesma de novo agora. Por que precisa demorar tanto?

A dra. Grant baixou sua caneta com um encolher de ombros.

– Hipnose e terapia, o tipo de trabalho que começamos a fazer juntas, são um processo gradual de revelação, experimentação e enfrentamento dos danos e abusos que você, o eu primário, consegue lembrar. Não se pode apressar isso. Mas há um excelente registro de sucessos. Não tenho nenhum receio quanto ao seu sucesso final, especialmente porque você não sofre de alcoolismo

nem tem sinais de depressão. Angie, você é uma personalidade muito forte.

Angie bufava de raiva.

– Eu sou *a* personalidade. A chefe. – Ela ignorou a sensação de riso dentro do seu crânio. – Não que eu não admire a Bandeirante por assumir as coisas pela equipe, mas chegou a hora de a equipe deixar de existir. Eu estou de volta.

A dra. Grant se reclinou e passou os dedos pelas suas pérolas.

– Hum. Eu escuto você. Mas ainda não escutamos o resto da equipe, não é?

– Por que eles têm voto? – Ela encontrou o olhar arregalado e surpreso da dra. Grant.

– Eles são pessoas. Cidadãos do seu corpo. Você não está curiosa, Angie?

Típico. Por que ela tem de responder às perguntas com perguntas?

– Curiosa? Não é melhor se o passado simplesmente ficar no passado? Quer dizer, eu estou indo bem na escola. As coisas estão bem em casa. Estou começando a fazer alguns novos amigos. Estou começando de novo. Por que iria querer que todas as coisas horríveis saíssem do fundo da minha mente? Por que iria querer me lembrar? Por que isso não pode simplesmente ir embora e me deixar ser eu de novo?

Os olhos de Angie estavam cheios de lágrimas furiosas. O rosto da dra. Grant se transformou em uma mancha rosada.

A mancha lhe ofereceu uma caixa de lenços de papel.

– Você sabe que a minha principal preocupação é a sua recuperação, mas eu tenho que lhe perguntar. E quanto à investigação? Você quer ajudar a investigação do seu sequestro? Pode haver outras vítimas. Ou potenciais vítimas.

Angie imaginou uma nova Bandeirante, acorrentada e apavorada. Algo na sua mente varreu a imagem.

– NÃO! – O grito explodiu na sua boca antes que ela pudesse detê-lo. – Quer dizer, não, isso não vai acontecer. – Ela sabia que isso era verdade. Só não sabia por quê.

Diante da sua explosão, as sobrancelhas da dra. Grant praticamente se projetaram da sua testa.

Angie soltou um imenso e irritado suspiro.

– Ótimo. Eu entendi. Quero que todos eles lhe digam o que sabem. Eles são como fantasmas, pairando em volta de mim com negócios inacabados na terra. Quero que simplesmente vomitem tudo e vão embora. Desapareçam. Não preciso mais deles. Não os quero! – Sua voz se elevou de novo.

– Angie.

– Vocês estão me escutando? – gritou ela, batendo na cabeça com as duas mãos. – NÃO QUERO MAIS VOCÊS! VÃO EMBORA!

– Angie. – A dra. Grant agarrou as mãos dela. – Angie. Não se machuque. – Rugas de preocupação se destacaram em sua testa. Parecia que ela estava remoendo algo.

– O que é? O que você está pensando? – perguntou Angie, invertendo os papéis.

A dra. Grant voltou a se afundar em sua poltrona.

– Bem, primeiro, é bom ver um pouco de cor em seu rosto. Este foi o momento em que te vi mais cheia de vida.

– Ótimo – comentou Angie. – Vou tentar enlouquecer mais frequentemente. Mas não era nisso que você estava pensando.

– Eu tenho uma... uma proposta pra você levar em conta. – Ela estava atipicamente hesitante.

– Eu vou levar em conta qualquer coisa. O que é?

– Conheço um psiquiatra na Universidade da Califórnia que iniciou estudos clínicos com um método experimental. Ele me perguntou várias vezes se tenho algum paciente pra lhe encaminhar.

– Você quer me transferir pra outro? Ah, mas... – Angie se sentiu tola. – Começar tudo de novo com outra pessoa? Já estou acostumada com você.

A dra. Grant juntou suas mãos como em um aplauso silencioso.

– Ora, obrigada, Angie. Não precisa ter medo. Ele seria um pleno colaborador. Eu estaria lá com você o tempo todo. Ele operaria seu equipamento sofisticado e eu monitoraria você.

– Equipamento?

– Tenho que te dizer com toda a honestidade. Ainda não experimentei o método dele. Certamente, é controverso. Envolve... eliminar, em vez de integrar, os alters. Mas os pacientes dele conseguem terminar o tratamento em semanas, não em anos.

Eliminar? Semanas? Ah, sim. Agora estamos nos entendendo. Angie se inclinou na direção da doutora, a animação vindo à tona.

– Bom, isso parece interessante. É algo supercaro?

A dra. Grant sorriu.

– Está tudo sendo feito com uma subvenção do Instituto Nacional de Saúde. Os pacientes, é claro, aceitam o risco da sua condição experimental em troca do tratamento.

– Mas é caro?

– Não custa nada – respondeu a dra. Grant.

– Eu estou interessada – disse Angie. – Estou bem interessada. Como faço para começar?

– Vou conversar com seus pais.

Na sessão seguinte, sua mãe e seu pai estavam presentes, aguardando as palavras da doutora. Estavam sentados na beirada do sofá. Angie estava afundada no pufe.

– Isso parece ideal – disse sua mãe.

– Uma situação vantajosa pra todos – acrescentou seu pai. – Angela pode se livrar dessas supostas personalidades que não fazem parte dela.

A doutora franziu o cenho.

– Com todo o respeito, senhor Chapman, eu não diria que elas não fazem parte de Angela. Elas são partes não integradas da psique da sua filha, mas partes que desempenharam um papel fundamental em mantê-la viva e saudável durante toda essa provação. Merecem o seu respeito.

Até aquela que furta roupas íntimas?, pensou Angie.

Quando o comentário sarcástico passou pela sua cabeça, ela de repente dobrou o corpo agoniada, uma dor como de uma facada se irradiando de seus ombros. Ninguém percebeu nada, pois ela estava curvada sobre os joelhos no canto da sala. As vozes dos adultos desapareceram.

Um quadro forçava a sua entrada na própria mente. Sobre uma cama, seu corpo de treze anos, frio e despido. Sobre uma cama, os pulsos vermelhos e arranhados devido aos puxões nas cordas ásperas. Sobre uma cama, pairando acima dela, um par de olhos escuros demasiado juntos.

Por um momento, ela sentiu o peso dele. Por um momento, sentiu a respiração pesada do homem. Por um momento, sentiu o cheiro do seu suor. Por um momento, o terror paralisante tomou conta de cada pedacinho do seu corpo.

Então a imagem e o terror desapareceram, deixando as ondas de choque para trás, como o momento em que um pesadelo acaba. Mas as palavras soavam em seus ouvidos, a voz parecendo um baixo resmungo feminino. *Nunca me desrespeite, menina bonita, depois do que fiz por você. Eu salvei a droga da sua vida.*

– O que foi, querida? – Sua mãe segurava sua mão trêmula. Ela estava agachada no chão ao lado de Angie. – O que você disse?

– Eles salvaram a minha vida – sussurrou ela.

Um riso gutural ecoou entre suas orelhas. *De nada*.

A voz a aterrorizou. Era como se houvesse um demônio selvagem dentro da sua cabeça. Apertou a mão da mãe e lhe implorou com os olhos.

– Quando podemos começar? Quando podemos fazer o novo procedimento?

Atrasada por causa da consulta, Angie chegou à escola apenas na hora do almoço. Ela havia se recuperado do vislumbre de horror, e a lembrança já estava desaparecendo até não conseguir se lembrar muito bem do que vira... apenas se lembrava de que ficou confusa.

A cantina da escola estava repleta de alunos comendo, brincando, fazendo bagunça. Tudo o que ela tinha a fazer era encontrar uma mesa de estranhos e se sentar para poder comer em paz. O que dissera à doutora não era inteiramente verdade. Ela não estava fazendo novas amizades. É claro que tinha um monte de seguidores, de fãs, mas não era desse jeito que gostaria de se aproximar deles. Droga. Eles eram como moscas. Saltando sobre ela, tocando-a o tempo todo, sugando sua energia.

Era muito mais fácil ficar pairando, permanecer um mistério, mantê-los a certa distância. Dessa maneira, não precisava explicar nada sobre ela mesma.

Ainda estava examinando o local com sua bandeja de comida nas mãos quando sentiu um empurrão em seu cotovelo.

Reequilibrando sua bandeja, ela se virou e viu Kate, ou uma versão três anos mais velha de Kate, que fez um rápido sinal da cruz sobre seu peito.

– É você! – disse ela em uma voz abafada. E deu um tapinha em Angie, testando sua solidez. – Uau. Só vi você de lado algumas vezes, e não tinha certeza. Quer dizer, ouvi as fofocas, mas tinha de ver com meus próprios olhos. Vem aqui. – Ela agarrou a bandeja de Angie e a colocou sobre uma mesa para duas pessoas.

– Senta. – Ela inclinou sua cabeça para bem perto da de Angie, suas testas quase se tocando. – Não consigo acreditar. Não vi nada no noticiário. Onde te encontraram? Onde você estava? O que aconteceu?

– Aparentemente, eu me encontrei – replicou Angie. – Apareci na minha casa... com amnésia total.

O queixo de Kate caiu.

– Ah, meu Deus! Sinto muito. Você sabe quem eu sou?

Angie girou os olhos.

– É claro que sei, Lady-Kate. Você era uma das minhas melhores amigas. – Percebeu que havia usado automaticamente o verbo no passado, como se estivesse captando uma sensação de tempo – um *então* e um *agora*. Ela não se sentia mais com treze anos. Sentia-se... indefinida.

Kate pegou uma minicenoura da salada de Angie, como costumava fazer.

– Bom, você provavelmente não sabe que é uma morte social ser vista comigo. Preciso te advertir. Agora sou uma leprosa. – Ela disse isso de um modo tão direto que Angie achou que estivesse brincando. – Não estou brincando – continuou ela. – Então, se você não quiser...

Angie encolheu os ombros.

– Por causa do negócio do barril de chope?

Kate se espantou.

– Está vendo? Você acaba de voltar do além e já está sabendo disso. Quem te contou?

– O Greg e a Livvie – respondeu ela.

– Então por que você não está com eles? – Katie franziu o nariz. – Eles estão bem ali.

Angie olhou para o lado que Kate apontava com o queixo. Liv estava com um ar irritado, olhando as duas juntas. Bem, não era de admirar. Caso Greg lhe houvesse contado o que aconteceu, Liv tinha uma excelente razão para olhar para Angie dessa maneira. Sentiu que ruborizava só de pensar naquilo.

Mas, se ele tivesse mantido segredo, então parecia que ela estava simplesmente dispensando as antigas amigas. Não havia telefonado para Liv naquela tarde, e bloqueou o número de Liv depois da quinta vez que ela tentara ligar. Não queria começar sua nova vida com uma briga violenta sobre algo que não havia feito de propósito. Liv não encararia “foi minha outra personalidade” como uma desculpa.

E agora Angie estava almoçando com o inimigo.

A expressão de Greg estava mais difícil de ler, mais intensa. Fosse o que fosse, aquilo a deixou quente e culpada por dentro.

– As coisas mudaram demais – disse ela.

Kate ergueu as sobrancelhas.

– Você poderia conseguir ele de volta facilmente se quisesse.

– Isso não é uma competição – disse Angie recatadamente.

– É, sim – declarou Kate. – Tudo é uma competição. Popularidade, amor, notas, sucesso. Você só tem que aprender as regras da competição.

Regras. A palavra desencadeou uma reação.

– Por que você quebrou as regras? Por que os denunciou?

O sorriso de Kate foi inesperado.

– Posso ter perdido a competição da popularidade, mas ganhei o prêmio da integridade. Se alguém tivesse se arrebentado descendo bêbado aquela sinuosa estrada da montanha da casa do Kurt, eu não conseguiria encarar a mim mesma ou encarar o Kurt. Então, contei tudo, e ninguém saiu ferido.

– Exceto você.

– Exceto eu. Perdas aceitáveis.

Angie quis abraçá-la do outro lado da mesa, mas o molho da salada teria destruído sua cara camiseta. Em vez disso, segurou a mão da amiga.

– Kurt era seu namorado, não era?

O sorriso de Kate se desvaneceu.

– Era.

– E mesmo assim você o denunciou? Eu soube que ele foi suspenso.

O suspiro de Kate foi pesado.

– Não foi fácil. Mas o que ele fez foi errado. Perigoso pra ele próprio e pra todos os outros. Então, sim. Eu o denunciei. Quebrei a primeira regra do playground. Não denunciar os amigos. Mas nesse caso tive que fazer. Essa é a regra do autorrespeito.

Não denunciar. As palavras ecoaram. *Mas tive que fazer isso. O que ele fez foi errado*. Angie encontrou uma estranha ressonância na história de Kate. Agarrou-se a ela.

– Podemos ser leprosas juntas? – perguntou.

O sorriso de Kate era a coisa mais brilhante que Angie tinha visto em muitos dias.

A melhor parte das manhãs de sábado era dar um tapa em seu despertador às seis da manhã e voltar a dormir. Mas hoje, nervosa e ansiosa demais com o início do tratamento experimental, o cérebro de Angie despertou direto, no primeiro toque. Saiu da cama e se alongou, esticando o corpo na direção do teto e depois dobrando-o até o chão. Seus braços balançaram em torno dos dedos dos pés, e ela percebeu manchas pretas nas pontas do primeiro e segundo dedos da mão esquerda, como marcas de lápis. Estranho. Ela era destra. Esfregou os dedos um no outro, e o preto se transformou em cinza. Um pedaço de papel amassado sobre sua escrivaninha chamou sua atenção. Partículas de borracha cor-de-rosa cobriam a superfície. Ela alisou o papel e respirou fundo.

Uma escrita infantil se espalhava enviesada pela página e se desviava diagonalmente no fim de cada linha. Algumas das palavras haviam sido escritas, apagadas e reescritas em uma linha mais reta,

com uma inclinação de canhoto. A sombra das palavras apagadas tornava o bilhete ainda mais ilegível. No fim, quem o escreveu devia tê-lo amassado por frustração. Angie se deixou cair em sua cadeira de balanço e leu.

Querida Angie,

É muito difícil pra mim escrever, mas a garota grande disse que eu precisava. Espero que consegue ler a minha letra. Fui a primera garota que você conseguiu escutar. Mas só as vez. Mas to me escondendo da dotora assustadora. Preciso que arranje um gravador. Pra mim é lento e dificil escrever uma carta.

Sinceramente, Tagarela.

A garota grande que está do lado da porta disse que tudo bem. Tenho que te contar agora pra ninguém mais ser ferido.

Uma sensação de frio percorreu de alto a baixo a espinha de Angie enquanto ela lia o bilhete. Com um movimento brusco de sua mão esquerda, pegou desajeitadamente um lápis e tentou copiar a carta em uma folha de papel em branco. Seus braços estavam totalmente arrepiados. Não era a sua letra, é claro. Ela mal conseguia desenhar as letras com a mão esquerda. A letra da criança parecia caprichada perto da dela.

A primeira que ela conseguiu escutar? O que significava isso? E quem era a garota grande que estava ao lado da porta? Seria a Bandeirante ou alguma outra? A guardiã do portão, talvez?

Sua vida era uma série de perguntas que ninguém conseguia responder. Em vez de desaparecerem, os mistérios se multiplicavam. Maravilha. Assim como suas personalidades. Todas encerradas dentro da sua cabeça.

O que era tão horrível, tão terrível, tão ameaçador que não conseguia sequer dizer para si mesma? Afinal, ela havia sobrevivido.

A ideia de uma garotinha inclinada sobre a escrivaninha tarde da noite, esforçando-se para lhe deixar uma mensagem, tocou-a de uma maneira que todas as explicações verborrágicas da dra. Grant

jamais conseguiram. Ela era real... uma criança com seus próprios sonhos e medos. *A dotora assustadora*. Angie sorriu.

Seu sorriso desapareceu quando ela pensou sobre o novo tratamento. A dra. Grant prometera que todos os alters teriam sua última chance de falar com ela antes de ser apagados. Cabia aos alters decidir quanto queriam lhe contar. E cabia a Angie decidir quanto queria saber.

Refletiu sobre o papel amassado em sua mão e a garotinha que queria falar diretamente com ela, agora, antes que fosse tarde demais.

Será que elas sabiam que o tratamento ia começar nessa tarde? Será que conseguiam ouvir e entender? Esse bilhete amassado seria o apelo desesperado de uma criança para se comunicar antes de ser apagada?

Angie a imaginou, Tagarela, com cabelos loiros caindo sobre as costas, soprados por um vento quase imperceptível, com um lápis em sua minúscula mão.

Ela decidiu. Já era hora de os segredos saírem do seu esconderijo. “Pronta ou não, aqui vou eu.”

8

COMUNICAÇÃO

Vinte caixas de plástico transparente empilhadas acompanhavam a parede da garagem. Roupas, livros, brinquedos, desenhos – sabe-se lá o que mais. Era uma boa coisa sua mãe ser uma pessoa que não joga nada fora. Angie a encontrou na cozinha, mexendo alguns ovos para o café da manhã de sábado de seu pai.

– Ei, mãe. Ainda temos aquele gravador Fisher-Price que eu tanto adorava?

– Olha na caixa “crianças de dois anos”, à esquerda – sugeriu sua mãe. – Segunda fileira. – Uma pessoa que guardava tudo e com um sistema de arquivamento mental perfeito.

Angie deixou a porta entre os dois cômodos aberta atrás de si quando retornou à garagem. Desempilhou as caixas e vasculhou aquela onde estava escrito CRIANÇAS DE DOIS ANOS. O simpático gravador com o microfone vermelho e amarelo estava perto do celeiro com os gorduchos animais de plástico. Ela aninhou o porquinho cor-de-rosa em uma das mãos e o galo na outra, perdida nas lembranças da infância.

– Pra que você quer isso, querida? – gritou-lhe a mãe.

– Eu... estava trabalhando numa canção e queria gravar antes que a esquecesse – gritou ela de volta. Atirou Wilbur e Doodle-doo de volta na caixa, tampou-a e tornou a empilhá-la com as outras.

Sua mãe sorriu ao vê-la soprando baixinho no microfone.

– As pilhas estão gastas? – Ela largou os ovos e abriu uma gaveta. – Tenho algumas novinhas aqui. Ei, estou contente em ouvir de novo o som do violão no seu quarto.

Bem, ela não estava exatamente escrevendo uma canção, mas havia voltado a tocar seu violão. Pouco a pouco, dedilhar as cordas e reaprender os padrões escolhidos nos quais havia trabalhado

tanto anteriormente era relaxante. Afastava sua mente da... da sua mente por algum tempo.

Olhou por sobre o ombro da mãe para o creme de ovos fumegante na frigideira.

– Acrescente uma pitada de tomilho e um pouquinho de páprica – sugeriu ela. – O papai vai adorar.

– E desde quando você é uma *chef* ? – A covinha do lado direito do rosto da mãe mostrou sua surpresa divertida diante da imprevista sugestão.

– Não tenho a menor ideia – disse ela, com irreverência. – Talvez de uma receita que tenha aprendido no cativeiro.

– Meu Deus, eu gostaria que você não fizesse esse tipo de brincadeira – disse sua mãe. Seu rosto se abateu.

Angie tinha a certeza de que deveria agradecer à Bandeirante por essa sugestão culinária.

– Mãe, se eu não puder brincar a respeito, não acho que possa conviver com isso.

– Mas, por favor, não faça isso perto do seu pai. Ele está passando por momentos difíceis.

– No trabalho? – perguntou Angie.

Sua mãe permaneceu em silêncio.

Uma dor aguda percorreu o seu peito.

– Por minha causa? Por eu estar em casa de novo?

O silêncio da mãe persistia.

– Por quê?! – A voz de Angie se elevou! As palavras e os temores que ela estava contendo foram despejados com uma força cruel. – Ele já me tinha morta e enterrada na sua cabeça, não é? Pra ele, eu sou um fantasma. Ele nem sequer me vê.

– Do que você está falando, Angie?

– Eu vi, mãe. Eu sei. Eu vi a foto. – Seu queixo tremia, mas ela não iria chorar. – Encontrei o álbum com os recortes de jornal e vi o túmulo.

O rosto corado da sua mãe ficou lívido.

– Não, Angie. Aquilo foi um equívoco.

– Aquilo supostamente seria pro *meu* corpo. Meu corpo destroçado, assassinado. Diz a verdade, pelo menos uma vez.

A mão de sua mãe voou para cobrir sua boca.

– Não foi assim – sussurrou ela entre os dedos. – Nosso terapeuta nos disse pra fazermos isso. Pra conseguirmos ir em frente, porque eu não conseguia. Eu não queria. Nós nunca desistimos. Eu juro!

O frio invadiu Angie da cabeça aos pés. Sua voz era puro gelo.

– Você não desistiu, mãe, mas o papai, sim. Ele foi em frente e me esqueceu. Partiu pra uma criança substituta. É uma menina? Um menino? Ele já escolheu o nome?

No último mês, o tamanho da barriga de sua mãe havia aumentado de “sobremesa demais” para “não mais conseguindo abotoar as blusas”. Era tão óbvio, que Angie não podia continuar fingindo ignorar o fato. Eles tinham de conversar sobre isso. Mas não agora. Ela ainda não estava pronta.

– Angie, por favor... – Sua mãe balançou a cabeça e estendeu a mão ainda segurando a espátula. – Não é isso.

Angie atirou a espátula com força ao chão.

– Você percebeu que no último mês ele tocou mais na sua barriga do que em mim? Ele agora me odeia.

A mãe examinou os respingos de gordura na frente de sua blusa branca para evitar os olhos de Angie.

– Ora, sua boba. Ele está petrificado, você não percebe? Só consegue pensar no que algum maníaco anônimo pode ter feito com você. Ele está angustiado. Não consegue dormir à noite.

Angie sentiu uma onda de raiva.

– Por que a sua preciosa filha é um produto danificado? Por que ele acha que eu estaria melhor morta?

Sua mãe se esticou em toda a extensão de seu um metro e setenta e olhou firme para ela.

– Não. Porque ele fracassou em te proteger. Ele perdeu você. Está se consumindo de culpa. – Sua voz fraquejou, e desviou o rosto com os olhos cheios de lágrimas. – Você quer um pouco destes ovos? Não consigo comer isso. O cheiro está me matando.

– E vocês estão me matando – disse Angie. – Como se eu não estivesse suficientemente pressionada.

Ela correu para o seu quarto, batendo a porta atrás de si. Recostou-se contra a porta e respirou como se houvesse corrido

uma maratona, e não um lance de escada. Não devia caber a ela fazer seu pai feliz. Devia ser justamente o contrário.

Angie atirou o gravador de plástico sobre a cama. Enterrou o rosto no travesseiro e pensou em chorar, pensou em não respirar. Nada funcionou. Um cheiro suave e fresco de sabão em pó emanava da fronha do travesseiro. Era um cheirinho tão feliz, e ela não conseguiria ir adiante com as lágrimas ou o autossufocamento. Então, levantou-se e pegou seu violão, um processo que ela conseguia controlar, uma desarmonia que podia resolver. A inundação de fúria foi desaparecendo, deixando apenas uma pequena poça.

A madeira cor de mel aumentou o calor em suas mãos. Subiu e desceu uma escala e começou a dedilhar uma antiga canção: a canção de ninar de sua avó.

– Quando você acordar, terá todos os lindos cavalinhos... – Angie fechou os olhos, tocando a canção repetidas vezes até seus dedos a tocarem sem pensar. Ela sumiu na música.

Um som de assobio a trouxe de volta. Algo disparando. Será que havia acidentalmente ligado o gravador? Ele estava retornando sozinho. Ela provavelmente havia gravado quinze minutos de “lindos cavalinhos”.

Angie colocou o gravador no colo e pressionou o grande botão verde onde estava escritoPLAY. A fita era antiga e havia sido gravada e regravada várias vezes. Um ruído de estática durou longos segundos, e Angie estava pronta para apertar o botão vermelho onde estava escrito STOP quando ouviu:

– Alô? Alô? Acho que isto está funcionando. – A voz de criança era aguda, suave e ofegante.

Angie sentiu um abalo de reconhecimento. Uma descarga elétrica desceu até seus dedos do pé.

– A garota grande me disse pra te agradecer muito pelo gravador – continuou a criança. – Ele é realmente fácil de usar. Gosto dele.

Angie não pôde deixar de sorrir diante da polidez formal. A menina parecia muito doce.

– Esta é a minha história – disse a garotinha. – É apavorante de contar. Ele me fez prometer que eu nunca contaria. Disse que as

pessoas que quebram as promessas vão pro inferno e ficam lá queimando pra sempre. E eu realmente não quero queimar pra sempre – disse ela. – Ele me mostrou como uma queimadura dói com um fósforo, e disse: “Isso é apenas um pequeno fósforo. Imagina todo um mundo de chamas”. E disse também: “Um amigo não denuncia um amigo”, sabe, como ele não me denunciou por eu ter quebrado a caneca de café preferida do papai. Então, prometi que não contaria. E ele disse: “A palavra mágica é calar”.

Alguns outros momentos de silêncio. A caneca de café. Angie teve uma vaga lembrança de uma caneca enorme, com manchas marrons, balançando na extremidade do balcão. A fita zumbia de novo, e Angie imaginou a garotinha reunindo coragem para quebrar sua solene promessa de silêncio.

Ela continuou:

– Brincávamos de chazinho e nos fantasiávamos de pirata e princesa quando ele vinha brincar comigo. Era divertido. Ele me mostrou como brincar de Uno e Oito Maluco e bater figurinha também. Jogávamos muitos jogos divertidos enquanto a mamãe e o papai se aprontavam pra sair pra jantar todas as sextas-feiras. Então ele me dava um beijo de boa-noite e me dizia pra ser uma boa menina e fazer tudo o que o tiozinho dizia. Tudo... – A vozinha diminuiu. – Tudo – acrescentou ela, tristemente, no fundo, o assobio da estática.

Tão literal, pensou Angie. As crianças pequenas são sempre tão literais... Tiozinho? Por que seu alter Tagarela estava falando sobre o tiozinho Bill? Isso já fazia tanto tempo. Quando seu peito teve um espasmo, expelindo ar, ela percebeu que havia se esquecido de respirar.

– Então, nesse dia o tiozinho teve uma ideia. Ele disse: “Estou cansado de piratas. As princesas gostam mais de cavalos do que de piratas. Você gosta de cavalos, princesa Angela?”. “É claro que gosto. Eu adoro cavalos. Todas as meninas adoram cavalos”, eu disse. E ele riu muito. Disse pra eu sentar nas costas dele e ele ficou andando de quatro por ali enquanto eu gritava “upa, upa”. E disse que todos os melhores cavaleiros montam com as costas nuas, e então tínhamos que tirar nossas camisas para ficarmos com

as costas nuas. E eu montei sobre suas costas nuas, mas era difícil eu me segurar nele sem camisa.

A boca de Angie ficou seca. Uma sensação arrepiante de horror tocou a base do seu pescoço. Ela queria desligar a fita agora, mas a inocência naquela voz a impeliu a ouvir o resto.

– Ele disse: “Estou com medo que você possa cair deste cavalo, minha princesa”, e ele riu e nós dois rolamos pelo chão. Eu ri dele, deitado com seus cascos no ar, e então ele disse: “Ei, já sei. Vamos transformar esta brincadeira em uma brincadeira ainda melhor. Você quer que eu lhe mostre como as meninas grandes montam?”. E eu disse que sim, porque aquilo já estava ficando chato. Então ele me mostrou. Então ele me mostrou e disse: “Agora você também é uma menina grande”.

Houve um longo silêncio. Angie estava repleta de mil perguntas. Tiozinho? Como ele pode ter feito isso? Que canalha! Uma lágrima rolou por seu rosto. Estava chorando pela pobre garotinha e por seu segredo terrível, agonizante.

A voz surgiu novamente, contida e dócil.

– Não gostei muito daquela nova brincadeira. Ele disse: “Para de chorar, para de chorar, bebezinha. Princesas não choram. Da próxima vez não vai doer”. E então ele me queimou com um pedacinho do inferno e me fez prometer que eu não contaria pra ninguém sobre a nossa brincadeira. E foi a mesma coisa da próxima vez e da próxima vez e da próxima vez.

A gravação terminou. Havia só ruído de estática até o fim da fita.

Da próxima vez e da próxima vez. Meu Deus. Quantas vezes terão sido? Quatro anos de sextas-feiras? Bem debaixo do nariz de seus pais?

Angie enrolou sua manga para examinar o machucado que tinha aparecido sem explicação no dia em que o tiozinho e a avó haviam feito a visita. A mancha branca circundava uma bolha inchada, cheia de líquido, exatamente do tamanho da cabeça de um fósforo.

E Angie instantaneamente soube sem saber: ele havia feito aquilo à noite. Naquela noite. Depois do jantar. Aquele maldito canalha a levara para uma caminhada ao pôr do sol e a subjugara. Ou, antes,

subjugou aquela garotinha que havia dentro dela e que ele treinara para ser seu brinquedo sexual. A pobre, indefesa e calada Tagarela.

Mas onde? No carro dele? No galpão? No chão imundo em meio às teias de aranha e à poeira? Ela não conseguia se lembrar de um momento sequer daquilo, como se sua mente tivesse sido limpada de suas impressões digitais culpadas.

Uma fúria doentia como nunca havia sentido antes explodiu dentro dela. Amaldiçoou-o. Que ele ardesse em seu próprio inferno. Suas mãos se estenderam em busca de uma arma invisível, uma lâmina para defender a criança. Um som como uma revoada de cem asas de pombo encheu seus ouvidos, quase bloqueando o som de sua mãe chamando:

– Está na hora de irmos, Angie.

Ah, sim, Angie. O nosso Anjo estava muito zangado. Tagarela se segurou nas vestes dele, envergonhada e preocupada por talvez ter feito a coisa errada, contando tudo pra você. Talvez fosse cedo demais. Talvez você não fosse suficientemente forte. Mas eu lhes disse que você tinha de saber pra poder se defender. Pressionei o portão contra o Anjo. Esta era a sua vez. Ele saiu tempestuosamente com a aparência da própria ira celeste estampada em seu belo rosto, negando a sua vingança, negando o seu papel.

Se os pais de Angie perceberam seu tenso silêncio no carro, jamais comentaram. Estavam tão distraídos que provavelmente pensaram que ela estivesse apenas nervosa por ter de começar o procedimento de mapeamento cerebral que a dra. Grant os havia convencido a tentar. Ela tentou se agarrar à emoção quente e forte, mas a fúria estava cedendo novamente, e uma calma sombria e cinzenta se espalhou dentro dela. Um manto sufocante de entorpecimento pressionava sua cabeça. Seus olhos estavam dolorosamente secos.

Será que seus pais não haviam percebido os sinais de abuso? Ou ela havia simplesmente absorvido tudo bem no fundo de si e

enterrado em sua mente... literalmente em um compartimento secreto? Seja como for, o tiozinho se aproveitara disso durante anos. Porque ela acreditava nele, porque ela não podia contar nada. Era impossível imaginar quanto sofrimento havia sido enterrado na sua cabeça, como... qual era o oposto de tesouro secreto? Os cadáveres podres da sua inocência? É. Como um túmulo maciço. Deus me livre! Eles nunca deveriam escavá-lo e examiná-lo. Ela estremeceu e rezou para que o mapeamento funcionasse.

Será que eles encontrariam os limites de todos os compartimentos secretos em sua mente, esvaziariam-nos e os fechariam com pregos? Foi isso que a dra. Grant prometeu. Pelo menos, esse era o objetivo. O primeiro passo do tratamento experimental: a descoberta antes da recuperação.

O plano era que a dra. Grant a hipnotizaria e atrairia a atenção de um dos alters enquanto a máquina de ressonância magnética mapearia o seu cérebro. Todos os caminhos nervosos para aquele alter se acenderiam com a atividade, e o computador registraria suas localizações exatas. A dra. Grant conseguiu marcar uma série de cinco dias seguidos de registros de conexões no Centro Médico da Universidade da Califórnia, supondo que Angie conseguiria tolerar as sessões de uma hora no interior daquele escâner barulhento e claustrofóbico. Era um comprometimento de tempo enorme, uma hora de carro para ir e outra para voltar em meio ao trânsito, além do tempo do mapeamento.

Seu pai ficou de pé, pouco à vontade, na área de recepção da radiologia enquanto esperavam que o procedimento se iniciasse: esse era o inconveniente de começarem em um fim de semana, decisão tomada para evitar que ela perdesse muitas aulas na escola.

– Isso não deve doer nem nada desse tipo – ele lhe assegurou. – É tudo feito com magnetos. – Ele não estava lhe dizendo nada que ela já não tivesse ouvido. E deu uma batidinha nas suas costas com a mão rígida, transferindo para ela a própria ansiedade, em vez de fazer o oposto. Por que ele estava aqui em vez de ignorá-la, como sempre?

Angie mordeu o lábio, contendo as lágrimas que ardiam em sua garganta desde o início da viagem. O entorpecimento a paralisou. Depois do que sua mãe havia lhe contado sobre a sobrecarga emocional de seu pai, não tinha como ela poder lhe contar a verdade sobre o irmão dele.

Ei, pai. Adivinha o que aconteceu? Finalmente descobri por que meu cérebro aprendeu a se dividir em fragmentos. Tive de construir uma parede entre a vida diária e ser molestada por seu irmão. Várias e várias vezes. Foi assim que aprendi a manter o sofrimento e o medo trancados em outro lugar.

Ah, sim. Essa conversa terminaria bem.

Ela mastigou a bochecha até sentir o gosto do sangue, obrigando-se a sentir a dor. Isso lhe serviu de âncora quando acompanhou seus pais ao longo do corredor até a sala onde estava o aparelho.

– Está pronta, Angie? – O rosto suave e animado da dra. Grant a tirou do eco da vozinha da Tagarela e a trouxe para o agora. – Eu gostaria de apresentar todos vocês ao doutor Hirsch, que está encarregado do estudo.

Ele parecia um típico "médico de loucos", com um cavanhaque preto e espessas sobrancelhas negras. Os impressionantes olhos negros como pupilas gigantescas tinham uma qualidade penetrante, como uma visão de raios X na psique dos outros.

Enquanto ele obtinha o consentimento formal de seus pais, a mente de Angie vagava. Quem apareceria hoje? A Bandeirante pareceria mais à vontade com a doutora. Mas a Tagarela estava mais próxima da superfície. A Esposinha era um vazio total, até agora apenas um nome. E alguém rosnara no seu ouvido. De modo que devia ser o quarto alter sobre o qual a Bandeirante havia falado com a dra. Grant. Ou quem rosnou seria a Esposinha, e havia outro alguém inteiramente novo? Que colcha de retalhos era ela: fragmentos e pedaços costurados pelo desastre.

A tarefa da dra. Grant era trazer os alters um a um e segurá-los por tempo suficiente para serem mapeados. A isca que ela planejava usar era convidá-los para contar suas histórias como a Bandeirante já começara a fazer, não para inundar Angie com lembranças traumáticas, mas para lhe dar uma visão mais próxima

do seu tempo perdido. É claro que a dra. Grant ainda não sabia sobre o trauma da Tagarela, que Angie havia acabado de descobrir.

Ela voltou a se sintonizar assim que o dr. Hirsch disse:

– Então o ideal é que saibamos a exata extensão da fragmentação e possamos prosseguir com a terapia.

– E isso significa o que exatamente? – perguntou Angie.

– O apagamento. Em dois passos. Vamos bloquear, ou seja, desativar os neurônios usados apenas pelos alters depois de rotulá-los com genes especiais que possamos manipular. E, quando isso for completado, você terá sua consciência unitária, uma personalidade continuamente sob controle. Já tratei cinco pacientes com grande sucesso.

Era isso que ela queria, não era? Perguntas respondidas, lacunas preenchidas, e então os alters podiam ser retirados. A Bandeirante e a Tagarela já haviam lhe contado a sua pior experiência, e ela conseguira lidar com aquilo. Não a *sentira*, exatamente, mas agora ela sabia.

A sala da máquina era intimidante, assustadora... o lugar perfeito para fazer sua personalidade primária se encher de terror. Uma máquina imensa com uma abertura circular dominava o aposento. Sua cabeça devia entrar no círculo. Ela imaginou feixes de onda invisíveis perfurando o seu crânio e a dissecando, mas eles lhe prometeram que aquilo era apenas um enorme magneto.

No vestiário, tirou suas roupas e colocou um avental do hospital. Seu reflexo parecia intimidado, pálido e amedrontado. Que segredos ela revelaria sob hipnose? Não estava muito preocupada com o que a dra. Grant ouviria, mas com o que o dr. Hirsch estaria monitorando. Ele não a conhecia. Ela não o conhecia. E se a Tagarela aparecesse e contasse à dra. Grant sobre o tiozinho? Será que ela teria de contar aos pais de Angie? Havia algum tipo de lei sobre professores e profissionais da área da saúde relatarem abuso de menores caso descobrissem algo ou suspeitassem de algo. Isso estava afixado por toda a escola. Essa lei incluía os psicólogos?

Angie sussurrou para o espelho:

– Tagarela, você tem que ficar absolutamente quieta. Ainda não está na hora de você aparecer. Continua se escondendo da doutora

assustadora. Por favor. – Fosse ou não imaginação, uma sensação de concordância se espalhou por ela.

A dra. Grant estava do lado de fora da porta quando ela saiu. Em seguida entregou-lhe um par de fones de ouvido sem fio e deu um tapinha de leve nas costas da sua mão.

– Não há nada com que se preocupar, Angie. Vou ficar falando com você através destes fones, pois a máquina é barulhenta. Há um captador de voz, e por isso vou poder te ouvir. Sinto muito que eu tenha que ficar em outra sala. Agora vamos para um local quieto, onde você poderá ficar mais relaxada e ver quem quer falar.

A dra. Grant te levou para uma sala escura e silenciosa e te colocou sentada. Naquela altura, você estava tremendo. Ela falou com uma voz suave e tranquilizadora sobre absolutamente nada até que o medo desapareceu. Então, pegou um disco brilhante preso a uma corrente e pediu que a seguisse com os olhos até você se render e nos permitir sair através das janelas dos seus olhos. A doutora disse:

– Bandeirante. Precisamos conversar. Precisamos acabar com o sofrimento da Angie.

No entanto, não foi a Bandeirante que apareceu. Mandei outra transpor o portal: a Esposinha. Já era hora de ela aliviar sua carga, de a doutora Grant conhecê-la. E também já era hora de você conhecê-la.

Angie, você achou que estava fazendo a escolha certa. Nossa mãe e nosso pai ficaram completamente convencidos com os argumentos da doutora. De certo modo, só queriam de volta sua menina bonita de treze anos. Queriam seus três anos de volta, assim como você também queria. E também queriam esquecer. Não queriam conhecer todo o dano, entender todas as nossas cicatrizes. Mas você tinha de entender.

Era segunda-feira, o terceiro dia de registros, e a Bandeirante se recusava a aparecer, mesmo sob hipnose. Outro alter insistia em dominar as sessões. A dra. Grant emitiu um pequeno “A-há!”, como

se este fosse aquele que ela vinha esperando o tempo todo, aquele que estava mais próximo do trauma que havia em primeiro lugar fragmentado a percepção do EU de Angie.

– Eu sempre soube que havia alguém neste papel – disse ela a Angie após as duas primeiras horas na máquina barulhenta. – O alter que enfrentou pessoalmente o abuso físico. Acredito que este que se intitula “Esposinha” está no cerne disso. – Franziu a testa e torceu seus lábios cor-de-rosa, concentrando-se. – Embora eu ainda ache incrível e um pouco desconcertante que um único evento na sua idade possa ter iniciado esse grau de dissociação. Isso é muito atípico.

A dra. Grant estava certa, é claro, mas Angie não estava a fim de revelar esse segredo. Enquanto se preparava para entrar na máquina pela terceira vez, continuava em silêncio a respeito da Tagarela, a primeira fragmentação. O pai estava muito frágil; a mãe estava muito grávida; a avó era totalmente dependente do tiozinho. E Angie não estava pronta para lidar com a tempestade de acusar seu “tio preferido” de incesto. Seu pai provavelmente mataria o irmão caçula com as próprias mãos.

Ela nunca, jamais, ficaria sozinha com ele de novo, jurou a si mesma. E a certa altura, quando estivesse inteira e forte, lidaria com o canalha. Esse pensamento lhe trouxe um sorriso: a repentina imagem de um anjo vingador armado com uma espada. Quando Angie caiu sob o domínio da hipnose, uma fantasia gratificante de cortar o tiozinho em tiras encheu sua imaginação. O som de asas foi a última coisa que ela ouviu.

No fim da sessão, a dra. Grant estava animada e triunfante.

– Conseguimos mais um – anunciou ela. – Um jovem... muito sério, muito protetor. Ele é também totalmente compacto do ponto de vista neurológico. É provável que seja o mais recente e o menos desenvolvido. Conseguimos todo o seu mapeamento em uma única sessão. Bom trabalho, Angie.

Como se ela não tivesse nada a ver com aquilo. Um rapaz dentro dela. Maravilha. Será que isso significava que ela era bi? A doutora rapidamente lhe assegurou que o gênero dos seus alters não tinha

nada a ver com a sua própria identidade sexual. Graças a Deus. Ela *não* conseguiria lidar com mais nenhuma complicação.

Apesar de ficar deitada durante uma hora e de cochilar no carro na viagem de volta, Angie estava exausta e implorou para ficar em casa e não ir à escola pelo resto do dia. Sua mãe lhe deu um abraço solidário.

– Eu tenho que ir trabalhar durante pelo menos algumas horas – disse ela. – Estou bastante atrasada na arrumação das estantes.

– Não espero que você fique em casa comigo – disse Angie, um pouco mais áspera do que pretendia. – Não se pilhas de livros estão te chamando. Só preciso me deitar um pouco.

Ela subiu a escada se arrastando e se enfiou debaixo das cobertas. Tudo se suavizou e se enevoou. Quando achou que estava adormecendo definitivamente, sua mão deslizou por baixo do travesseiro, como acontecia quando ela estava realmente dormindo, e seus dedos toparam com algo inesperado. Ela despertou de repente. Seu diário estava enfiado ali, aberto e um pouquinho amassado. A folha de cima estava em branco, mas através dela se mostrava uma escrita grossa e irregular.

Angie se apoiou nos cotovelos e virou a folha em branco. Seu rosto ardeu quando ela leu as palavras cuidadosamente centralizadas como as de uma página de abertura: PRIMEIRO DIÁRIO DA ESPOSINHA. Esposinha? Sua mão esquerda se ergueu diante do seu rosto, a parede de névoa desaparecendo da sua memória. Ela se lembrou da inscrição gravada dentro do largo aro do anel de prata. Como podia ter esquecido algo tão simples? Ela o tirou do dedo e a leu de novo. AMADA ANGELA, MINHA ESPOSINHA. Algo tremeu dentro dela, e Angie enfiou o anel de novo no dedo, onde supostamente deveria estar. As palavras fizeram com que ela se sentisse amada e apavorada ao mesmo tempo. Mas tinha apenas dezesseis anos. Não podia ser esposa de ninguém. Então, o que significava aquilo?

Mais palavras se mostravam através do papel, pequenas e densas.

Com um tremor de expectativa, tornou a virar a página. Arrepios ergueram a fina penugem loira de seus braços. Quando começou a

ler, não conseguiu parar.

Olá, Ange.

"Sei que você conheceu a Bandeirante, ou pelo menos que ela teve a sua chance de falar com você. A doce Bandeirante deixou de falar um inferno de coisas, como a parte em que ela pirou e eu fui em seu socorro. Ou seja, ao ouvi-la, você pensou: “Ah, sim, então ela conseguiu fazer um jantar gourmet de quatro pratos com apenas dois ingredientes e uma das mãos amarrada nas costas”. Ora. Claro, isso salvou a nossa vida. Assim parece. Alimentar o estômago do homem, é claro, isso ajudou. Mas caia na real, garota. Isso não era tudo o que ele queria da sua esposinha. A Bandeirante só conseguia enfrentar a sala da frente. Deixou a meu cargo conquistar o cômodo de trás, o quarto. Quer saber como isso aconteceu? É claro que quer. Não consegue evitar, quer saber. Toda garota sonha com sua noite de núpcias, certo?

Mas vou te advertir, querida. Essa não é uma história recomendada para menores de treze anos. Entendeu isso, menina bonita? Nós te colocamos em um lugar seguro, e por isso você perdeu toda a excitação. E agora está curiosa? Realmente quer saber? Tem certeza? Portanto, aí vai.

Então a doce Bandeirante e o homem terminaram seu jantar. Ele fez questão de lhe dizer como estava escuro fora da cabana, que lá havia precipícios e barrancos. Os coiotes estavam uivando como loucos, e ele disse:

– Está escutando? Eles estão caçando. E lembre-se de que você nunca vai ouvir o puma até ele te agarrar pela garganta.

Foi tudo o que precisou dizer. Ela sabia que não poderia fugir no escuro.

Então ele soltou seus tornozelos ensanguentados e a levou pela porta até o segundo aposento, aquele que ela passou todo o dia sem olhar, sem pensar a respeito. O quarto era pequeno e escuro. Ele a colocou sobre aquela cama dura que ia ser meu local de nascimento. Ou seja, foi onde eu nasci naquela noite. Você sabia? Não, é claro que não sabia. Ainda não. Eu montei o palco pra você,

pra você poder realmente apreciá-lo, apreciar o que fiz por você, por todas vocês.

A Bandeirante não conseguia enxergar nada, só o escutava movendo-se no quarto. Ela prendeu a respiração.

Ele acendeu a lamparina sobre uma prateleira, e seu rosto ficou cor de laranja-escuro na luz tremulante. Sem falar uma palavra, lavou nossos pés com um pano úmido e passou um unguento com um cheiro adocicado sobre as feridas. Beijou nossas belas pernas. Tratou-a como uma rainha, e tudo o que ela fez foi ficar ali deitada como uma tábua rígida. Depois que ele enfaixou nossos pés, inclinou-se sobre sua face aterrorizada e sem fôlego e a beijou nos lábios.

– Aí vamos nós, esposinha – ele disse. – Muito bem. Agora, me diz o quanto você me ama.

Ela continuava apenas deitada ali, a idiota. Ele beijou nossa face, gentilmente.

– Diz, Angela.

Ela obrigou as palavras a sair.

– Eu amo você. – Ela nem sequer sabia o seu nome.

– Me mostra – ele murmurou. – Me mostra o quanto você me ama.

Ela olhou com desespero dentro dos olhos escuros do homem.

– Não... eu não...

– Não me ama? – A voz dele era fria, e sua mão deu um tapa na nossa outra face, forte o bastante para doer.

Ela gritou. O som o excitou, e ele tornou a esbofeteá-la. Seus olhos ficaram mais escuros e mais próximos um do outro na tremulante luz amarela. Ela rolou para longe dele, e ele a agarrou pelos cabelos e a obrigou a olhá-lo no rosto.

– Angela, querida – ele disse, mas seus dentes estavam cerrados. – Eu queria que esta fosse uma noite especial pra você, mas você não está cooperando, minha esposinha.

Ela ficou fora de si, pirada. Gritou. Ele a esbofeteou. Ela implorou. Ele arrancou as roupas dela. Ela se enrolou como uma bola para esconder seu corpo nu e trêmulo. Ele estava pegando um rolo de corda que tinha pronto ao pé da cama, quando ela apagou. Sim, a Bandeirante simplesmente deixou cair a cabeça.

Então, Ange, ali ficou você por apenas um segundo, aterrorizada, pensando "como eu cheguei aqui?" Então estava ali a pequena Tagarela, mas ela abriu os olhos e viu que era a pessoa errada, e aquele não era o jogo do cavalinho, ah, não. Ela saiu em disparada, gritando, e no espaço que deixou pra trás eu nasci, amarrada naquela cama dura, muito dura, com o homem me empurrando, rosnando e me pressionando com seu peso. Bem, aquilo começou e acabou bem depressa da primeira vez. Ele estremeceu e caiu sobre mim com o seu corpo todo suado, e perguntou:

– Você me ama, esposinha?

Eu não queria apanhar e então disse:

– É claro que amo você.

E ele saiu de cima de mim, sorriu muito docemente e disse:

– Está vendo, eu sabia disso o tempo todo. Você estava apenas um pouquinho apavorada, não estava, minha coisinha tímida?

E eu perguntei, também muito docemente:

– Você pode, por favor, desamarrar as minhas mãos?

E ele disse ainda muito docemente:

– Bem, não esta noite. Vamos ver como vai ser amanhã.

E então, como eu estava no meio da cama, ele deitou em cima de mim e caiu no sono roncando, e eu fiquei ali acordada até de manhã, tentando respirar e pensando em como ia conseguir ter minhas mãos desamarradas.

Quando o dia clareou, ele se levantou e saiu pra urinar. Eu perguntei:

– E eu? Por favor, posso ir lá fora? – Então ele me desamarrou e me mostrou o penico no canto do quarto.

Então me pôs de volta na cama e fez tudo aquilo de novo, se demorando e me fazendo implorar por ele. Disse como eu tinha sorte em ter um marido que me desejava tanto. Eu não queria apanhar, então disse:

– Ah, sim, eu sei que tenho muita sorte. Eu te amo tanto.

E ele disse:

– Você é incrivelmente doce. – E me desamarrou e me levou pra cozinha, pra começar a preparar o café da manhã... função dela. E eu a deixei com aqueles pesados aros em torno das pernas.

Eu sabia que, se dissesse as coisas certas à noite, poderia tornar as coisas melhores pra nós. E aquela presunçosa Bandeirante... eu a ouvi dizendo:

– Para de fingir que não gostou. Você é apenas uma piranha.

É. Foi assim que ela me chamou desde o dia do meu nascimento. Ela me chamava de piranha.

Filha da mãe ingrata.

Os ouvidos de Angie zumbiam com o sangue correndo através deles. Ela tocou nos ferimentos de seus pulsos com uma leve admiração. Não tinha absolutamente nenhuma lembrança de tudo aquilo – nenhuma lembrança da dor, do terror, do estupro. Ela era inocente. Intocada. Um milagre.

– Obrigada – disse baixinho.

9

COMPETIÇÃO

As últimas duas horas das sessões de mapeamento foram um desperdício frustrante. Tagarela era esperta para se esconder, o que era bom. Ela teve mais tempo para praticar isso do que ninguém. E Bandeirante era obstinada. Recusou os convites da dra. Grant para aparecer, como se soubesse qual seria o próximo passo depois do mapeamento. E talvez soubesse. Angie não tinha ideia de quanto da sua vida os alters haviam testemunhado, como críticos de cinema no escuro da sala, julgando suas escolhas.

Dr. Hirsch sugeriu irem adiante imediatamente com a próxima parte do procedimento, pelo menos com os alters que haviam sido escaneados. Enquanto a mãe e o pai observavam assombrados e Angie com uma curiosidade arrebatada, ele colocou na tela um belo exame do cérebro, uma simulação em 3-D girando na tela do seu computador.

– Isso sou eu? – perguntou Angie.

Sob um invólucro transparente que era reconhecidamente a superfície de um cérebro, agrupamentos de cores brilhantes marcavam as regiões da personalidade no hipocampo.

– O vermelho é você, Angie, o dominante, de longe o mais extenso. O aglomerado roxo é a persona da “Piranha” – perdão, da “Esposinha” –, e a mancha amarela é a figura masculina chamada... Anjo. Agora vamos introduzir os genes sensíveis à luz modificados nos neurônios que só estão sendo usados pelas personalidades alternativas.

Angie estava fascinada. Será que sua percepção de quem ela era iria se caracterizar por alguns centímetros cúbicos de células no meio da sua cabeça?

– E se o senhor errar na direção? – perguntou a mãe. – Há algum risco de deletar Angie? Quero dizer, isso seria totalmente inaceitável, não é, Mitch?

O pai não hesitou:

– Inaceitável.

Angie deixou escapar um suspiro curto. Seu pai ainda se importava, mesmo não conseguindo estabelecer contato visual com ela. Ele pressionou o médico.

– Até que ponto esse procedimento é seguro?

Dr. Hirsch pigarreou, ligeiramente impaciente. Eles já haviam discutido isso antes de assinarem os formulários de consentimento.

– A técnica optogenética tem sido usada extensivamente para tratar os neurônios envolvidos em doença de Parkinson, epilepsia, lesão espinhal e até mesmo algumas formas de cegueira. Seu uso para o controle da memória é experimental: a nova fronteira. Como eu expliquei, o vírus portador será injetado apenas perto das células cerebrais em que queremos que os novos genes entrem. Podemos direcioná-lo com extrema precisão.

O pai assentiu. A mãe perguntou:

– E o vírus em si? Ele é inofensivo?

– Totalmente – assegurou-lhe o dr. Hirsch. – Na verdade, a única função que ele mantém é a capacidade de injetar genes em uma célula. E nós escolhemos esses genes, não foi? O único risco que corremos é não sermos bem-sucedidos em silenciar os alters; não que possamos danificar a personalidade básica ou o cérebro de Angie. Os neurônios não serão prejudicados. Só eliminaremos sua capacidade de enviar um sinal alterando os canais de cálcio da membrana e as estimulações dos íons.

A mãe parecia confusa. O pai passou as mãos pelo cabelo.

– Isso está totalmente além do meu entendimento.

Angie entendeu aquilo mais ou menos, graças a algumas aulas de ciência da vida que tivera no sétimo ano.

– E como exatamente o senhor vai introduzir o vírus em mim? Como injeta os genes que matam as conexões? – perguntou ela.

A mãe franziu o cenho.

– Por favor, não use a palavra “matar”, querida.

Dr. Hirsch acariciou seu cavanhaque.

– Sabe de uma coisa? Eu gostei do termo. Posso usá-lo. “Os genes que matam as conexões.” Precisamos de apenas três pequenos orifícios para o acesso.

– Orifícios! – O pai ficou de pé em um ímpeto. Sua cadeira caiu para trás com um ruído fraco no carpete do consultório. – Na cabeça dela? Eu não me lembro de nada sobre furar a cabeça dela. O senhor disse *injetar*. Achei que estávamos falando sobre uma injeção!

A mãe também parecia alarmada.

– Vocês vão raspar toda a cabeça dela? Não estou preparada pra isso. – Ela alisava suas mangas. E seu rosto. – Teremos de encontrar a peruca certa pra que ninguém note. Isso precisa de muita preparação.

Angie recuou e os deixou lidar com toda a ansiedade. Não valia a pena ficar obcecada naquilo. O que precisassem fazer, acabariam fazendo. No entanto, como ficou comprovado, ela conservou a maior parte dos seus cabelos, e eles cobriram os minúsculos orifícios que perfuraram seu crânio para abrir um canal até seu hipocampo. O processo de implantação dos genes foi longo e tedioso, mas muito mais tranquilo do que suas horas no escâner. Agora teriam de esperar pelo menos algumas semanas para que os genes se movessem e assumissem o controle dos canais de cálcio ou do que quer que fosse antes de poderem ser desligados.

Devem ser algumas semanas calmas, pensou Angie. Mas estava enganada.

Estava ficando cada vez mais difícil levantar de manhã. Qual era a razão disso, afinal? Ela não conseguia se concentrar na escola com o constante clamor na sua cabeça. Antes daquele procedimento idiota do mapeamento, ela estava ótima. Estava tendo boas notas e até pensando que poderia se adiantar em algumas matérias depois do Natal. Agora estava um caos. Os alters estavam todos agitados.

Ela se vestia para ir à escola e, ao sair, dava-se conta de que a Piranha havia ido até o banheiro para colocar delineador e batom

vermelho. E, evidentemente, a Bandeirante se incomodava com aquilo. De repente, percebia que sua blusa estava puxada para baixo do ombro, deixando aparecer a alça do sutiã. Depois, durante a noite, a Bandeirante copiava a lição de casa com sua caligrafia perfeita enquanto Angie dormia, e reorganizava as folhas da sua lição de modo que ela não consegia encontrar nada. A Tagarela cavalgava cavalos imaginários a noite toda, o que deixava a cabeça de Angie latejando pela manhã, como se cascos tivessem chutado repetidamente sua cabeça.

Kate era uma ilha de sanidade para ela. O almoço todos os dias conduziu a conversas todas as noites. E se Angie dissesse: “Preciso tomar um sorvete de chocolate ou vou morrer”, dentro de meia hora Kate estava ali com o antigo carro de seus pais, pronta para providenciá-lo.

– Você passou por muito estresse – disse Kate depois da terceira noite seguida de sorvete. – Talvez devesse começar a correr ou algo assim. Isso aqui engorda. Olha só o que eu posso comer. – Ela apontou para sua salada murcha da cantina e dobrou uma folha de repolho roxo como se fosse borracha.

– Desculpa. Estou comendo por cinco – disse Angie, jogando verde.

Kate riu.

– Sei que não implantaram quadrigêmeos em você. Essa desculpa não vai colar.

Angie sussurrou:

– De certa maneira, comecei a me lembrar.

O sorriso de Kate instantaneamente sumiu.

– Ah, Ange. Uau. – Ela estendeu a mão para o outro lado da mesa. – Ter amnésia era melhor?

– Bem, sim, de certa maneira – disse Angie. – Olha, nós descobrimos que, embora a minha mente tenha ficado fechada durante três anos, meu corpo estava alojando um monte de personalidades múltiplas.

Kate engasgou, e seus olhos se arregalaram.

– Um monte? Você está brincando? – Ela perscrutou o rosto de Angie em busca de alguma dica. – Não, você não está brincando. Que coisa perturbadora e... e legal.

– Legal? – Um riso irônico escapou da boca de Angie. – Mais ou menos. Na verdade, são elas que se lembram do que aconteceu. Agora decidiram compartilhar. Não está sendo nada agradável.

– Uau! – Kate afundou na sua cadeira com os braços cruzados. – Uau. Ok, isso vale um monte de sorvete de chocolate. Esta noite eu pago. – Ela hesitou. – Você... quer conversar sobre isso? Quer dizer, com uma pessoa de verdade, não um médico?

-– Em algum momento. Logo. Ainda estou tentando descobrir como conseguir entender essa história de sequestro, cativeiro etc. E as três garotas e um cara que estão compartilhando o meu corpo.

– Ei, todos nós temos problemas – disse Kate. – Os seus simplesmente têm nome.

– E motivações – disse Angie. – Não sei como mantê-los sob controle.

– É óbvio – disse Kate. – Quer dizer, quem vestiu você hoje?

– Ah, não! – Angie se lembrou de ter separado o jeans bordado e o suéter vermelho que em geral ela usava com uma blusa preta. Agora estava com uma blusa cor de pêssego estampada e uma larga faixa no cabelo, cortesia da Bandeirante; um fuseau preto muito justo e saltos altos, cortesia da Piranha; e uma pulseira maluca de contas de vidro, cortesia da Tagarela. – Elas não podem pelo menos conversar uma com a outra? – queixou-se Angie. – Eu pareço uma puta caipira!

– É verdade – concordou Kate. – Você pode determinar um dia da semana para cada uma?

– Como? – perguntou Angie.

– Coloca um calendário no seu quarto e determina os dias de cada uma se vestir ou algo desse tipo.

– Isso é estranho demais – disse Angie.

– E isto aqui não é? – insistiu Kate apontando para a roupa de Angie.

– Meu Deus, você tem razão. – Pelo menos esse foi um conselho prático.

Atualmente, Angie não estava obtendo nenhum conselho prático da dra. Grant. Era como se a doutora estivesse obcecada naquela pesquisa, naquele experimento. Em vez de terapia, ela tentava de todo jeito trazer todas as personalidades à tona. Angie conseguia perceber sua frustração. Cinco sessões torturantes na máquina e apenas dois alters mapeados. Bem, para falar a verdade, Angie havia pedido à Tagarela para se manter discreta. Mas a Bandeirante... qual era o problema dela? E os outros dois estavam fingindo. Era como se não quisessem melhorar.

Precisavam de outra revelação.

– Fico imaginando se a Esposinha está impedindo os outros alters de vir à tona – ponderou a dra. Grant. – Ela tem uma personalidade muito forte. Está acostumada a dominar a noite. Agora foi colocada de lado. Fico imaginando se não deveríamos ir em frente e removê-la assim que pudermos, pra abrir espaço para os outros aparecerem.

Angie sentiu seu estômago um pouco embrulhado.

A doutora percebeu a hesitação dela.

– Você tem a história dela. A polícia tem suas declarações e suas evidências. Obviamente, foi ela que sofreu o pior dos seus traumas. – A dra. Grant ainda não sabia sobre o segredo da Tagarela. – Você não acha que seria uma bênção apagar tudo isso da sua mente? Literalmente?

– Talvez. – Angie tocou a nova cicatriz em seu braço.

– Não estou te pressionando, Angie. Espero que você saiba disso – disse a doutora. – Essa é apenas uma opção.

– Qual é a outra? – perguntou Angie.

– Eis a alternativa. Você pode continuar seguindo as linhas da terapia tradicional. E trabalhamos pra derrubar as paredes entre você e essa Esposinha. Vamos estimular as lembranças dela para fluírem diretamente pra você, e você própria vai tornar a experimentar as emoções. Então trabalhamos pra ajudá-la a lidar com sentimentos que são muito pesados pro seu próprio EU jovem conseguir lidar. Em algum ponto do caminho você vai tentar

estabelecer um compromisso com ela, pra que desista da própria independência e se funda em você.

Fundir? Com a Piranha?

– Mas eu ficaria mudada, não ficaria?

– Vida é mudança – disse a doutora.

Angie sentiu alguém empurrá-la de lado.

– Você pode enfeitar essa sua merda e pendurar na sua parede, Lynn. – Aquelas palavras horríveis saíram da sua boca.

– Bem, olá de novo, Esposinha – disse a doutora.

– De um modo ou de outro, você me quer morta, não é? – perguntou Esposinha/Piranha, enquanto Angie se sentava a quilômetros de distância, esforçando-se em ouvir. – Nenhuma maldita pessoa gosta de mim. Nem por dentro nem por fora.

A doutora estendeu sua mão.

– Eu gosto de você – disse ela. – Mas acho que você está infeliz e disseminando essa infelicidade em Angie.

– Então vou simplesmente ficar feliz. Do meu jeito – disse Esposinha/Piranha. E deu um tapa, afastando a mão da doutora.

A mão de Angie ainda doía quando se viu de volta para dentro dela mesma.

– Ah, doutora Grant. Eu sinto muito.

Os olhos da doutora se iluminaram.

– Você realmente escutou isso?

Angie fez que sim com a cabeça, ruborizada.

– Então estamos fazendo algum progresso. Os muros estão ficando mais finos.

Não! Angie precisava dessa barricada.

– Eu não gosto dela. Não gosto da atitude dela. Não gosto das roupas dela. Não gosto da voz dela. Não a quero dentro de mim. Expulsa, apaga ela. Por favor.

Um lamento penetrante atingiu o seu crânio, e Angie bateu as mãos na cabeça. Sentiu-se arrastada para a escuridão, a cabana às suas costas. Braços fortes tentavam obrigá-la a se sentar em uma cadeira de balanço, e ela resistia com toda a sua força. O consultório da doutora voltou a entrar em foco.

– Angie, Angie. Você está bem?

– Sim, estou – disse Angie, sem fôlego. – Estou sob controle. Mas programa isso pro mais cedo possível.

Dra. Grant disse:

– Vou lhe dar um pouquinho mais de tempo pra pensar. Esse é um grande passo. E é irreversível.

A distância, ela ouviu: *Você tem que dormir de vez em quando, menina bonita.*

Eram três horas da manhã, e aquelas palavras ainda a assombravam. Com medo de fechar os olhos, Angie estava sentada ereta na cama, todas as luzes acesas. Seus olhos ardiam, mas ela dificilmente piscava, pois cada piscadela era um pouquinho mais longa que a anterior. Finalmente, suas pálpebras se recusaram a abrir de novo, e ela caiu naquele estado estranho entre a vigília e o sonho.

A imagem de anjo em sua penteadeira assumiu o tamanho real. A porcelana branca encheu-se de cor: uma pele pálida cor de pêssego, um toque rosado nas faces, cabelos negros encaracolados e soltos, olhos escuros com o reflexo do fogo em seus centros. Homem? Mulher? Era difícil dizer. Ele ou ela deu um passo à frente, uma das mãos escondida atrás do corpo. As asas farfalhavam com penas grossas e brancas que se abriam de um modo impossivelmente amplo e alto, maiores do que as paredes e o teto teriam permitido.

– Quem é você? – perguntou Angie.

– Não tenha medo. Eu sou o Anjo, a resposta a uma prece.

– Uma prece minha?

O Anjo balançou a cabeça.

– Não sua, Angie. De outra pessoa.

– O que você quer? – murmurou ela.

– Paz.

– E não queremos todos? – perguntou Angie com um pequeno riso.

– Justiça. Vingança. Encerramento. – O Anjo tirou suas mãos das costas, exibindo uma longa espada prateada. As chamas da ponta

golpearam o céu da noite, onde o teto devia estar.

Graças a Deus o teto desapareceu, pensou Angel em seu sono desperto. As marcas de queimado teriam sido difíceis demais de explicar.

Quando o despertador tocou, Angie pulou da cadeira. Não havia planejado dormir. Uma rápida olhada no quarto mostrou-lhe que nada estava fora do lugar. Nenhum bilhete novo nem presentes estranhos esperando por ela. Ela conservava a estranha impressão de um sonho sobre o bater de asas, mas ele desaparecera rapidamente com a luz do dia.

Extremamente atordoada, ela se aprontou para ir à escola, checando duas vezes suas roupas e sua maquiagem antes de sair. Ninguém a havia sabotado. Era apenas um quilômetro e meio de caminhada até a escola, perto demais para o ônibus pegá-la. Sua mãe havia insistido em levá-la de carro todas as manhãs, como se deixá-la caminhar sozinha por quinze minutos no horário de pico pudesse expor sua filha inocente a perigos mortais. Certo. Mas era tarde demais para isso.

Nessa manhã bem cedo a mãe tinha a reunião mensal com sua equipe, e então Angie implorou por uma oportunidade de ser normal e ir a pé para a escola. O vento soprava ligeiro, mas, abrigada em uma jaqueta nova, Angie estava preparada para enfrentá-lo.

Angie não era a primeira a se pôr em movimento. A sra. Harris já estava lá fora, empurrando o carrinho do bebê. Acenou para Angie e se adiantou para ficar ao lado dela.

– Como sua mãe está se sentindo ultimamente? – perguntou a vizinha. O tom da sua voz deixou claro que ela estava perguntando sobre a gravidez.

Angie deu de ombros.

– Ela não fala muito sobre isso. Acho que está tendo aqueles enjoos matutinos. Que coisa estranha pra se ter na idade dela. Quer dizer...

Ela se interrompeu, percebendo que a sra. Harris era mais ou menos da mesma idade que sua mãe.

A sra. Harris riu.

– Ela é uma mulher corajosa. É claro que George e eu tentamos durante vários anos. Finalmente resolvemos adotar o Sammy. Ele tem sido uma bênção.

Ela puxou a manta para revelar um anjinho dormindo. Cílios longos e claros roçavam suas bochechas gorduchas. Os seus lábios estavam franzidos com uma pequena bolha pendendo deles. Angie achou que era a coisa mais bonita que ela já vira.

– Quantos meses ele tem? – perguntou ela. – Seria tão engraçado se ele e o bebê da minha mãe viessem a ser amigos.

– Está completando dez meses – disse ela. – Está engatinhando incrivelmente bem e quase pronto pra andar. Raramente está assim tranquilo, acredite em mim.

– A senhora nunca precisa de uma babá? – As palavras saíram da sua boca antes que ela se desse conta. O que ela sabia sobre cuidar de bebês? Nunca havia sequer assistido à aula da Cruz Vermelha, mas seria um bom treino antes de sua mãe lhe impor o cuidado de seu próprio irmãozinho ou irmãzinha.

A sra. Harris sorriu.

– Bem, sim, Angie. Obrigada. George e eu adoraríamos sair uma noite, tanto quanto amamos este pequeno. Talvez pudéssemos combinar algo regular. Eu me lembro de como era bom ter uma pequena renda extra quando tinha a sua idade.

– Sammy – disse Angie, observando o menininho respirar. A bolha se agitava.

– Samuel significa “chamado por Deus”. Nós pedimos, e Ele certamente atendeu.

– Você sabe alguma coisa sobre ele? Ele parece americano. – As únicas outras crianças adotadas que Angie conhecia tinham vindo da América Central e da China.

– Foi uma adoção diferente. Sua mãe morreu no parto, e o pai estava sobrecarregado demais para cuidar dele sozinho.

– Isso é tão triste. Pobre menininho. – Ela não pôde conter suas lágrimas. – De todo modo, ele tem sorte de ter você e o doutor Harris. Espero que o bebê da minha mãe seja bonito assim. Meu Deus. Tenho que ir pra escola. Mas me chame quando quiser.

Angie apressou o passo quando atravessou a rua. A conversa iria fazer com que chegasse atrasada, mas teria valido a pena se ela conseguisse um emprego fixo. Uma buzina a tirou dos seus pensamentos. Um carro azul parou preguiçosamente no cruzamento.

– Quer uma carona? – a cabeça de Greg se projetou na janela do motorista.

Angie hesitou. As coisas tinham ficado muito estranhas, para dizer o mínimo.

– Vamos, sobe. Está congelando aí fora.

– Valeu. – Angie atravessou a rua, foi até o lado do passageiro e entrou, pondo a mochila ao lado dos seus pés. Colocou o cinto de segurança e examinou suas unhas.

Greg acelerou.

– Como você está indo? Não temos nos falado. Acho que você tem me evitado.

O constrangimento de Angie veio à tona como uma explosão de aborrecimento.

– É claro que não temos nos falado. Não havia muito a dizer. Tenho certeza de que Liv não quer ter mais nada a ver comigo agora.

– Eu não contei nada pra ela – disse Greg suavemente. – Você acha que sou louco?

– Ah. Bom, obrigada. Eu... eu não sei o que aconteceu comigo. Quer dizer, não era eu... – Nenhuma explicação lhe vinha à mente; pelo menos, nada em que ele viesse a acreditar.

– Ange. Está tudo bem. Sério. Na verdade, me fala se isso algum dia acontecer de novo com você. – Ele tirou sua mão direita do volante e a pousou sobre o joelho dela.

– O quê?

– Eu só... pode ter sido uma besteira nós pararmos.

Agora Angie estava completamente confusa.

– Mas você estava certo. Se você e a Liv são...

– Bom, nós não somos – ele a interrompeu. – Quer dizer, não estamos comprometidos nem nada desse tipo. Estamos apenas ficando juntos por diversão. Só que não está sendo tão divertido.

Ele encostou o carro junto ao meio-fio e desligou o motor alguns quarteirões antes da escola. Pegou a mão dela.

– Ange, eu realmente senti sua falta. Então você entrou de volta na minha vida por, sei lá, dois segundos e depois desapareceu de novo. Podemos, quem sabe, ver se a antiga química entre nós ainda existe?

– Mas e quanto à Liv...?

Greg deteve o seu protesto com um beijo. Ela fechou os olhos e sentiu de novo o sussurro do rio lento, sentiu o calor de um sol de muito tempo atrás. Três anos esquecidos se passaram, e ela tinha treze anos e foi surpreendida no fascínio incrível do primeiro amor. Suspirou diante da boca de Greg. As mãos dele a envolveram e a puxaram na direção do seu banco em um ângulo estranho. O câmbio pressionava o quadril dela.

– Ai! – murmurou ela.

– Isto é incrivelmente desconfortável, não é? – comentou ele. Seus olhos pestanejaram na direção do banco traseiro. Os de Angie olharam o relógio. Eles tinham quinze minutos para namorar antes do início das aulas. Será que valia a pena? *Que diabos, sim*, estimulou uma voz dentro dela. Bem, o bom doutor havia lhe dito para ouvir suas vozes! Por que não?

Eles saíram, cada um por uma porta, e se encontraram no banco traseiro.

– Abaixa – sussurrou Greg, ficando abaixo do nível da janela. – Abaixa.

– Vem cá – Angie riu e o puxou para baixo, para cobrir o corpo dela. – Você já está no lugar certo. – Os braços dela envolveram o pescoço dele. As pernas dela envolviam a cintura dele. Era uma ousadia. Mas de que outra maneira eles se encaixariam? Não era um carro grande.

Ele afundou o rosto no pescoço dela e beijou sua pele até o fim do decote em V da sua blusa.

A pele dela efervescia a cada toque.

– A química ainda existe? – perguntou ela. Sua respiração era curta. Só de olhar para os escuros olhos verdes de Greg já sentia arrepios.

– Em todos os poros, pode apostar! – Ele riu e esfregou seu rosto no dela. O rosto dele estava apenas um pouco espinhento e lhe deu uma estranha sensação de *déjà vu*. Ela lambeu os lábios dele com a ponta da língua. Isso certamente chamou a atenção de Greg. Os beijos ficaram mais intensos, e as mãos dele deslizaram e encontraram seu sutiã. Então os beijos pararam. O rosto dele assumiu um ar de concentração, e ele se movimentava para a frente e para trás cada vez mais forte contra ela. O suéter dele arranhou a pele macia da barriga dela onde sua blusa havia sido levantada, e a fivela do seu cinto a pressionou. Ela choramingou e ele riu, fazendo-se de desentendido, e pressionou mais forte através do seu jeans. Uma onda de terror a assaltou. O que ela estava fazendo? Logo ele estaria fora de controle. Não! As aulas estavam começando. Mas, sim, ela precisava, precisava tê-lo cada vez mais próximo. Pequenos sons animais na garganta dela imploravam por ele. A respiração dele vinha em arfadas. Ele grunhiu uma palavra que poderia ter sido o nome dela. E então acabou. Ele se inclinou para trás e apoiou a cabeça contra a janela do carro.

– Uau! – Ele suspirou. – Uau!

Angie estava com frio, exposta, seu top enrolado no pescoço, seu corpo confuso, pulsando forte, ainda se estendendo em busca de algo que estava fora de alcance.

– O quê...?

Ele deu um tapa no teto e assobiou.

– Angela Gracie, você é o segredo mais bem guardado que existe. Pode parecer um Chevrolet nacional, mas por baixo do capô é um potente e veloz Porsche. Que máquina fantástica!

Será que ele achava que isso era um elogio? Angie não sabia o que dizer.

Ele passou as mãos no cabelo dela.

– E isso em relação a todo o resto. Eu sabia que a química ainda existia.

Angie encontrou uma voz minúscula.

– Isso significa... isso significa que agora você vai falar com a Livvie? Sobre nós?

O rosto de Greg ficou ligeiramente confuso.

– Ah, é, sim. Eu... só me dê um pouco de tempo pra descobrir como. Não quero magoar a Liv. Você entende. Isso é que é tão maravilhoso com você. Você conhece a Liv. – Ele a beijou no nariz. – Vamos. Pula pra frente. Você está realmente atrasada pra aula. – Ele lhe lançou um sorriso cheio de malícia.

Angie se ajeitou no banco traseiro e arrumou suas roupas antes de abrir a porta. Greg ainda gostava dela, tudo bem. O problema era que ela não sabia se deveria se sentir maravilhosa ou estúpida. E seu corpo ansiava pelo dele.

10

APAGAMENTO

Assuntos a resolver. Por que havia sempre assuntos a resolver entre ela e Greg?

– Bom, ele obviamente ainda não contou pra ela – sussurrou Kate do outro lado da mesa do almoço. – Quer dizer, olha pra eles.

– Prefiro não olhar – disse Angie, de todo modo olhando. É claro, ela não perdera tempo em confirmar a previsão de Kate, de que com apenas o mais leve encorajamento Greg a desejaria de volta. Mas, três dias depois, Greg ainda almoçava com Liv e lançava para Angie apenas os olhares mais disfarçados, a fim de deixá-la saber que ele sabia que ela sabia que ele não havia rompido oficialmente com Liv. Droga. Por que isso tinha de ser tão complicado?

– Está ficando cada vez mais próximo – disse Kate.

– O quê? Os joelhos deles sob a mesa?

– Não, sua observadora ciumenta. O baile de gala. Quer dizer, ele tem que desconvidar a Liv se vai levar você, certo? Vamos começar a venda dos ingressos amanhã.

Até esse momento, Angie nem havia pensado naquilo.

– Você vai?

– Tenho que ir. Sou vice-presidente do conselho estudantil. *Noblesse oblige*.

– O que significa isso? – perguntou Angie.

– Minha posição me obriga a ir, é mais ou menos isso. Além do mais, Ali me convidou. Não posso dizer não pro meu presidente!

Era apenas uma obrigação? A covinha no rosto de Kate sugeria ser mais do que isso.

Angie seguiu o olhar dela até a mesa onde Ali e seu irmão gêmeo, Abraim, normalmente se sentavam sozinhos para almoçar. Os dois únicos muçulmanos do último ano eram muito parecidos,

identicamente bonitos e inteligentes: perfeitos para Kate. Angie a provocou:

– Você também gosta dele, não gosta?

Kate deu de ombros, não conseguindo tirar o sorriso do rosto.

– Pelo menos ele não vai ficar bêbado. Uma preocupação a menos.

Angie bufou.

– Já comprou o seu vestido?

– Pretendo fazer isso no sábado. Venha comigo, e compramos um pra você também.

Ótimo. Mais uma despesa para seus pais. Mas, se ela conseguisse um emprego regular como baby-sitter nas noites de sexta-feira, poderia pelo menos ajudar. Conversou com a sra. Harris assim que voltou para casa.

A sra. Harris ficou entusiasmada diante da oferta de Angie.

– Isso seria simplesmente maravilhoso, querida. Se eu conseguir colocar Sammy na cama às sete, podemos sair para um jantar rápido.

– Chego aqui às seis – insistiu Angie. – Essa é a sua noite de folga. Só me diz a rotina de sono do Sammy, e eu cuido de tudo. Vão jantar e depois ao cinema. Eu ficarei bem. – Quanto mais horas, mais dinheiro.

– Ele é um pouquinho difícil de acalmar – advertiu a sra. Harris quando seu marido deu partida no carro. Já eram seis e quinze. Suas instruções haviam sido completas, cobrindo todas as possibilidades, desde assaduras até a aterrissagem de marcianos. – Não hesite em telefonar se houver algum problema.

Angie estava com Sam enganchado em seu quadril. Os dedinhos dele se enrolavam e puxavam o cabelo dela. A respiração dele era doce e cheirava a cenoura.

– Podem ir. Não se preocupem com nada.

– Você parece muito confiante – disse a sra. Harris. – Já cuidou de muitas crianças?

– Na verdade, não muitas – disse Angie. De fato, nenhuma. – Mas ficaremos ótimos. E a minha mãe está aqui pertinho, caso eu

precise de algum conselho.

A sra. Harris relaxou.

– Ah, sim. Você está certa. Afinal, por que eu deveria me preocupar? E é claro que, se você fosse irmã mais velha dele, não pensaria duas vezes. Sua mãe terá muita sorte em ter você para ajudá-la. – Ela se inclinou e beijou o bebê no meio do tufo de cabelo que se erguia no alto da sua cabeça. Ele fez menção de agarrar o cabelo dela, mas este havia sido puxado para formar um loiro coque frouxo. – Seja bonzinho, Sammy. Seja bonzinho com sua honorária irmã mais velha. – E ela riu.

– Acho que ele se parece um pouquinho com você – disse Angie.

– Como você é delicada em dizer isso, Angie. É claro que isso, afinal, é apenas uma coincidência. Vejo você daqui a algumas horas.

Angie ergueu um minúsculo punho, que antes estava agarrado ao seu cabelo, e o balançou.

– Diz tchau, Sam. Tchau, mamãe.

– Tcha mã – disse ele, acenando. – Tcha mã. – Ele vociferou com orgulho e enterrou o rosto no pescoço de Angie, rindo. Ela o aconchegou mais perto dela, pensando pela primeira vez que não poderia ser tão terrível que sua mãe tivesse um bebê. Sam se aninhou em seus braços como se pertencesse a eles.

Na manhã seguinte, quando Kate chegou para pegá-la, Angie estava com os olhos fundos e exausta. Não conseguia explicar aquilo. Os Harris não tinham chegado tarde demais. E ela dormira até depois das nove. Só havia uma coisa: seu quarto estava perfeito, e sua cadeira de balanço estava atravessada no quarto, virada para a janela, com a manta bem enrolada, como um minissaco de dormir. Parecia que a Bandeirante havia entrado num frenesi de limpeza e ficara o resto da noite sentada na cadeira de balanço. Em sua próxima sessão de terapia, ela iria pedir à dra. Grant para, por favor, descobrir se a Bandeirante era aquela louca que ficava a noite toda se balançando na cadeira... então elas poderiam “conversar e chegar a um acordo”.

– Compras, compras, compras! – cantava Kate em um ritmo de chá-chá-chá. – Vamos às compras.

– Droga.

– O que está acontecendo, Ange?

– Estou possuída por um demônio que não para de se balançar. Ela me tira da cama durante horas.

Kate bateu as mãos na testa de Angie.

– Fora daí. Eu te expulso, seu demônio que não para de se balançar – murmurou em uma voz profunda. – Fora! – Ela separou os braços. – Pronto. Não funcionou?

Angie lhe lançou um sorriso torto.

– Isso nós veremos à noite.

A caça aos vestidos foi de início frustrante. Kate queria algo não muito curto, não muito decotado, não muito ousado para as sensibilidades de Ali. É claro que tudo o que ela descartou como sendo inadequado, as mãos de Angie agarraram. Pelo menos Angie tinha uma ideia do que estava na moda agora. A Piranha queria um vestido de festa. A Piranha queria uma festa privada com Greg. Angie estava tendo problemas para saber onde acabavam os sentimentos da Piranha por ele e começavam os dela. Talvez fossem os mesmos, mas não tinha certeza.

– Experimenta este – disse Kate, atirando-lhe algo de cetim azul-escuro.

– Parece muito sem graça – disse Angie.

Kate o afofou em suas mãos.

– Experimenta.

Angie saiu do provador com uma nova opinião sobre o gosto de Kate.

– Puxa, amiga, olha só pra mim – disse Angie. Ela girou, vendo-se em todos os lados diante do espelho de três faces, e o vestido, que ia até abaixo dos joelhos, iluminou-se com um brilho rodopiante. A cor de safira transformava a sua pele em um branco leitoso, seu rosto ficava rosado, e seus olhos cinzentos adquiriam faíscas azuis.

Um provador no outro extremo se abriu e, de lá saiu uma garota com um vestido vermelho-rubi. Era Livvie, em um míni vermelho sem alças. Seu decote era fantástico.

– Acho que temos duas joias aqui – disse ela com um sorriso tenso. – Belo vestido. Quem vai te levar?

A boca de Angie secou. Já havia se passado uma semana, e Greg ainda não se manifestara.

Kate saiu de outro provador para salvar a vida dela.

– É surpresa, Liv – disse. – Ao que tudo indica.

– Uau, chegou a fada boa! – comentou Liv.

Isso não era inteiramente justo. O vestido de Kate era uma monstruosidade de gaze azul-clara com mangas bufantes, mas não totalmente fada-boa-em-uma-bolha.

– Vou modificar o vestido.

Angie ficou impressionada.

– Você sabe como fazer isso?

– Claro que sei. É moleza – disse Kate. – Gosto do seu também, Liv. Você está parecendo um canudo vermelho com tetas.

– Não enche! – disse Liv por sobre o ombro enquanto voltava a entrar no provador.

– É esse o segredo dela? – sussurrou Angie com uma risadinha.

Kate gritou para a série de provadores:

– Não corte as etiquetas ainda.

Angie implicou com ela.

– Você é tão má!

– Imagina! – replicou Kate em voz alta. – Você não sabe que eu sou a fada boa?

Na quarta-feira, aquilo estava ficando totalmente irritante. Greg não lhe havia telefonado nem havia modificado a rotina do seu almoço com Liv. Ela teve de espreitá-lo para conseguir encontrá-lo sozinho depois das aulas. Quando ele abriu a porta do seu carro para ir embora, ela estava sentada no banco do passageiro, esperando.

– Você nunca tranca, não é?

– Esta é uma parte segura da cidade – disse ele. – Como vão as coisas?

Nossa! Que estranho!

– Eu... você não... não tive mais notícias suas – disse ela de modo não convincente.

– O que quer dizer com isso? Eu vejo você todos os dias. E também não tive notícias suas.

Angie franziu a testa.

– Quer dizer, eu... você... você já falou com a Livvie?

Uma sombra de aborrecimento passou pelo rosto dele.

– Só se passaram poucos dias. Vou falar. Ei, não me pressiona.

Angie se encolheu no banco.

– É que... eu estava pensando que com o baile chegando... – Sua voz sumiu.

A mandíbula de Greg ficou tensa. Ele respirou alto. Angie parou de respirar.

– O baile. Ah, certo. – Ele se virou para ela e colocou a mão em seu braço. – Liv e eu já havíamos combinado de ir juntos ao baile. Já faz um tempão que fiz as reservas para o jantar. Ela já comprou um vestido caro e tudo o mais. – Ele sorriu, desculpando-se. – Eu sabia que você entenderia.

Angie começou:

– Eu comprei... – E parou.

– Mas logo depois disso vou contar pra ela, eu juro. Agora não é uma boa hora, só isso. – Ele segurou o rosto dela nas mãos. – Eu ainda... você ainda é realmente importante pra mim. Meu Deus, não me olhe assim. Você me deixa louco.

Ele olhou pelos vidros e enfiou os lábios nos dela como uma abelha que mergulha de cabeça numa flor.

Você abriu sua boca e pediu mais. Por trás de suas pálpebras, centelhas dançavam. Ah, sim, ele queria você. Você podia saborear isso, cheirar isso. A urgência dele a fez tremer. Mas isso era bom, não era? Ele tinha de querer mais a você do que à Livvie. Nós tínhamos de vencer. Isso era de importância vital. Você podia ouvir os batimentos do coração dele, sentir sua pulsação acelerar contra o seu peito. Uma voz no fundo da sua cabeça disse: Afaste-se dele, menina bonita. *Consegui controlar isso.*

Você tentou resistir, mas as mensagens dos seus lábios, da sua pele, ficaram mais fracas e distantes. Você estava longe delas,

atraída de volta à velha e abandonada varanda. Alguns sons fracos te alcançaram – suspiros, gemidos, assobios, cliques. Você afastou sua cabeça. Não tinha papel a desempenhar. Sentou-se no escuro e ficou pensando e se balançando até...

– Está combinado, então? – perguntou a voz de Greg.

Angie estava em casa, de pé ao lado do vidro aberto do carro dele.

Ele puxou alguns fios do cabelo dela para deixar seu rosto, mais próximo e a beijou com sua língua. Ele tinha um gosto estranho.

– Mas depois do baile, eu prometo, vou contar pra ela.

Angie fez que sim com a cabeça, entorpecida. O que havia acontecido? E com o que ela havia concordado? É claro que ele não iria levá-la ao baile. Ainda iria levar Liv.

Ela tinha de telefonar para Kate.

– Que canalha covarde! – declarou Kate. – Desculpa. Acho que você ainda gosta dele.

Angie encolheu os ombros e, depois, percebendo que o seu gesto não seria bem transmitido pelo telefone, acrescentou:

– Acho que sim. Quer dizer, tudo o que consigo pensar é em beijar o Greg.

– Ah, ótimo. Isso é a sua libido falando, não o seu cérebro. Tudo bem, ele é gostoso, mas olha como está te tratando!

Droga, ela queria poder responder de imediato a essa pergunta.

– Silêncio? – comentou Kate. – Me desculpa ser tão intrometida, mas é assim que vejo as coisas. Vocês dois têm uma história, uma história curta. Agora você está como a fácil garota da capa, e ele quer te manter na reserva pra quando estiver cansado da Livvie e das atitudes dela. Então, vai fazer o suficiente pra te manter envolvida, e com isso eu quero dizer dominada como uma escrava.

– Eu não sou escrava dele! – disse ela, indignada.

– Não? Você não é escrava dele, mas vai simplesmente... simplesmente pular no carro dele e transar com ele no estacionamento sem nenhum compromisso?

Todo o sangue da cabeça de Angie escoou. Ela desmoronou para trás sobre a cama, o fone pressionado contra seu ouvido. Sussurrou:

– Como... por que você acha...?

– Eu vi você, sua maluca. Posso reconhecer as costas da sua cabeça.

– Ah, meu Deus. Isso é impossível. Eu nunca... eu nem saberia como!

– Ange. Aparentemente você sabe.

Ou alguém sabia. Aquela Piranha maldita. Definitivamente havia chegado o momento de desaparecer com aquela parte do seu cérebro antes que ela a colocasse numa bela enrascada.

Angie respirou fundo, sem resposta:

– Kate, o que eu faço agora?

– Pergunte a si mesma se um cara que usa você desse jeito vale a pena e então vai chegar à conclusão óbvia.

– Você não mede as palavras, não é? – perguntou Angie, com uma pequena parte da sua inocência em frangalhos. Ela não queria desistir dele. Ele era um vínculo, uma ponte sobre o tempo perdido.

– Não preciso – replicou Kate. – Já sou uma leprosa. Isso me dá a liberdade de ser honesta.

Angie suspirou profundamente.

– Não. Você é uma amiga. Isso te dá a responsabilidade de ser honesta. Droga. Você está certa, é claro.

– Vem com a gente – sugeriu Kate. – A felicidade é a melhor vingança. Vem comigo e com o Ali. E você realmente estará me fazendo um favor, pois de todo modo o Abraim vai se juntar a nós. Ele também pode ser seu acompanhante. Dois problemas resolvidos, desde que você já tenha um vestido.

– Tudo bem – disse Angie. – Desde que eu já tenha um vestido. – E embora ela soubesse que não deveria ir, parte dela imaginava como Greg ficaria com ciúmes se a visse com outro rapaz. – A gente se fala amanhã. Tchau.

Ela se recostou no travesseiro e testou suas emoções. Tentou ser delirantemente feliz por ter uma amiga como Kate. Tentou ficar furiosa com Greg. Tentou chorar. Uma ou duas lágrimas escaparam,

mas na maior parte do tempo ela se sentiu entorpecida. Traumatizada. Que Deus a ajudasse se qualquer coisa dessa história chegasse até Livvie. Ela contaria para o mundo todo.

Na manhã de sexta-feira, ela disse à dra. Grant que estava absolutamente decidida. Não haveria arrependimentos. Estava pronta para ir adiante com o procedimento. Enquanto ela esperava, a dra. Grant telefonou e confirmou os arranjos com o dr. Hirsch para o primeiro horário na segunda-feira de manhã. A cabeça de Angie latejou durante o resto do dia na escola e por toda a noite.

No sábado à tarde, Kate foi de carro até a casa de Angie, levando um babyliss para arrumar o cabelo dela.

– Você vai precisar de uma bela maquiagem – disse. – Mais noites loucas na cadeira de balanço?

– Isso e também dores de cabeça – disse Angie. – Espero que eu consiga ficar acordada esta noite.

Kate sorriu.

– Uma vez começada a festa, você estará ótima. Os rapazes vão nos pegar aqui às seis. – Ela encontrou uma tomada elétrica. – E agora vamos dar início à mágica.

Kate enrolou os compridos cabelos de Angie e foi se dedicar a suas unhas e maquiagem. Quando terminou, macios cachos loiros emolduravam o rosto de uma boneca de porcelana com grandes olhos cinzentos. Angie encarou admirada no espelho a bela garota que supostamente era ela.

Enquanto Kate fazia seus próprios ajustes finais, Angie se afastou para se vestir. Ela achou ter solucionado o problema da sua odiosa cicatriz e cruzou os dedos para que Kate aprovasse.

Ela rodopiou diante de Kate com botas de cano curto e salto alto e meias pretas.

– Estou bem?

Kate inclinou a cabeça, lançando-lhe um olhar de cima a baixo.

– Está. Diferente, mas sem dúvida sexy. Isso vai funcionar. Agora é a minha vez.

Kate se livrou da camiseta e do jeans, tirou seu próprio vestido da sacola e se contorceu para entrar nele.

Angie ficou impressionada com a remodelação do vestido.

– Como você fez isso? – As mangas bufantes haviam desaparecido, assim como a camada de gaze. O forro azul-claro havia virado um vestido de cetim sem alças e sem costas. Kate tinha transformado a gaze azul em uma capa que ocultava suas costas e ombros de uma maneira que era ao mesmo tempo misteriosa e sensual.

– Veja isto – disse Kate. Ela vasculhou a sacola e tirou de lá um longo xale prateado, que enrolou sobre o seu cabelo escuro, cruzou sob o queixo e atirou sobre os ombros para pender sobre suas costas como um par de asas prateadas. – Você acha que ele vai gostar?

Angie riu.

– Uau! Mesmo que isso supostamente te faça parecer recatada, aposto que ele vai pensar a noite toda em como seria tirar os seus véus.

Kate deu um sorriso convencido.

– Ótimo.

– Não consigo acreditar que a Liv tenha te chamado de moralista – disse Angie. E levou uma das mãos à boca. – Opa. Desculpa.

Kate gritou, rindo:

– A Livvie me cansa. É ela quem precisa de alguns tragos pra relaxar o suficiente e deixar um cara se aproximar dela.

Angie teve um momento de descoberta. Ela riu baixinho.

– Ela não é um potente e veloz Porsche?

– Hein?

– Foi algo que o Greg me disse uma vez. Explica muita coisa. Não espanta que ele esteja obcecado na minha piranha interior.

O queijo de Kate caiu.

– Você tem uma piranha interior?

Angie girou os olhos.

– Você não se lembra da sabotagem do meu guarda-roupa? Da fita preta? Etc.?

– O batom vermelho-fogo? Os olhos de Cleópatra?

– Ah, sim. Essa é ela – bufou Angie.

– O top de stretch branco sem sutiã?

– Ah, não. Por favor, diz que você está inventando isso – implorou Angie.

A boca de Kate se inclinou para baixo.

– Desculpa. Você não sabia?

– Isso foi coisa dela, definitivamente – suspirou Angie. – Seja como for, na segunda-feira de manhã ela vai virar história.

– Espera, o que você quer dizer com isso? Você está sendo curada?

Se ao menos isso fosse tão fácil...

– Bem, é o que pretende esse experimento... – começou Angie.

– Espera. Um experimento? Com o seu cérebro? Mas adoro você do jeito que você é!

Uma onda de felicidade fluiu por Angie.

– Ei, não se preocupe. Vou continuar a ser...

A campainha da porta tocou, e Kate tateou à procura de seus sapatos.

– Ah, droga. Isso é tão continua-no-próximo-episódio...

Os olhos de Ali quase saíram das órbitas quando Kate atendeu a porta com sua fantástica echarpe em volta da cabeça. Pelo menos, Angie esperava que aquele fosse Ali. Ela não queria o seu par cobiçando sua amiga em vez dela. É claro que, depois daquilo, os olhos dele estavam diretamente voltados para o decote de Kate. Os rapazes serão sempre rapazes.

Angie observou a reação de Abraim. Será que ele aprovaria seu encontro às cegas? Ele lhe deu um sorriso tímido quando se adiantou com um buquê de pulso, igual àquele que estava nas mãos do seu irmão.

– Você está bonita, Angela – disse ele. – Obrigado por me salvar de ser uma vela. – Ele tinha um ligeiro sotaque britânico na sua maneira de falar. – Espero que goste de rosas.

Angie as colocou no pulso sem pensar. Estava completamente acostumada com as cicatrizes, mas tornou a vê-las através dos olhos assustados do seu acompanhante. Abraim hesitou apenas um segundo a mais com o elástico do buquê.

Kate foi em seu socorro.

– Um antigo acidente da nossa bandeirante – improvisou ela de imediato. – Ela topou com uma armadilha de urso e teve que roer a própria mão pra conseguir escapar.

Angie pegou a deixa.

– Foi aí que o médico o costurou de volta. – E riu baixinho.

Abraim amavelmente tomou as pontas dos dedos dela e dobrou o pulso para a frente e para trás.

– Fascinante. Eu não sabia que a microcirurgia havia atingido um nível tão avançado. – Ele ajeitou as três rosas no braço dela, escondendo a pele ferida. – Pretendo fazer medicina. Depois do ensino médio.

– Pra quais universidades você está se candidatando? – perguntou Angie.

Os garotos falaram em uníssono, indicando as universidades em seus dedos enquanto respondiam:

– Harvard, Yale, Stanford, Tufts e Hopkins.

As sobrancelhas de Angie quase atingiram a linha dos seus cabelos. Que lista!

– O que vocês vão fazer se forem pra universidades diferentes?

Os rapazes olharam um para o outro, como se jamais tivessem pensado nessa possibilidade.

– E quanto a você? – perguntou Abraim para Angie. – Quais são seus planos?

– Chegar até segunda-feira. Estou meio que vivendo um dia de cada vez. No longo prazo? Não tenho plano nenhum.

– Estou com fome – disse Kate. – Vamos comer?

Abraim colocou uma das mãos sob o cotovelo de Angie de uma maneira cavalheiresca e à moda antiga para conduzi-la até o carro.

– E como vai o ensino médio?

Angie encolheu os ombros.

– Ainda tenho um longo caminho a trilhar. Estou apenas no nono ano.

A mão de Abraim de repente caiu do braço dela.

– Você é tão jovem assim? – Ele olhou desesperadamente para Ali.

– Dezesseis – disse Angie rapidamente. – Tenho dezesseis anos.

Para ela era estranho se ouvir dizendo aquelas palavras e mais estranho ainda porque pela primeira vez se dava conta disso. Ela tinha dezesseis anos. Estava indo em frente.

– Eu... bem, é que estive fora durante alguns anos. Não fui à escola. Então agora estou recuperando o tempo perdido. – Sim. Ela estava recuperando o tempo perdido. A emoção não familiar de pura felicidade a deixou zonza.

O jantar estava incrível, um bufê de comidas do Oriente Médio para se servir à vontade. Foi um percurso longo até chegarem lá, mas os rapazes prometeram que valeria muito a pena. E estavam certos. Angie saboreava com prazer as novas comidas, tentando adivinhar as especiarias. Ajudem-me aqui, pensava ela no fundo da sua mente. Imaginou o ranger de madeira contra madeira, o som que uma cadeira de balanço podia produzir.

Um pensamento vacilante se aproximou. *Isso é cominho. Açafrão. Esse sabor doce é de cardamomo. E alho, é claro.*

– Obrigada – disse ela, registrando os gostos na sua própria memória.

– Obrigada por quê? – perguntou Ali.

– Ah... hã... por me passar a água – improvisou Angie. Falar consigo mesma era “um novo risco dos muros mais finos”, como lhe disse a dra. Grant. Ótimo. Poderia ser embaraçoso se ela não se vigiasse o tempo todo.

No longo percurso até a escola para o baile, Kate e Ali conversavam no banco da frente, alto o suficiente para disfarçar o silêncio ligeiramente delicado no banco traseiro. Angie observava as estrelas pela janela, até que um toque a sobressaltou.

Abraim segurou a mão dela delicadamente.

– Isso machucou? A cirurgia? – sussurrou ele.

Os olhos de Angie inesperadamente se encheram de lágrimas.

– Sim – sussurrou ela também. – Acho que sim. – Abraim ergueu a mão dela até seus lábios e beijou a parte interna do seu pulso, seus olhos escuros, doces e apaixonados. Então, como se tivesse

ficado chocado por suas próprias ações, ele afastou sua cabeça e olhou para fora da janela ao seu lado. Mas não largou a mão dela.

A decisão estava tomada. Agora não havia retorno. Angie se achava sentada imóvel na sala cirúrgica, sua cabeça mantida no lugar por suportes acolchoados. A sala era muito, muito branca, e as lâmpadas zuniam em uma alta frequência, que parecia não incomodar os médicos nem as enfermeiras.

Os olhos da dra. Grant apareciam por cima da sua máscara cirúrgica. As rugas nos cantos sugeriam que estava sorrindo. Ela mostrou seus dois polegares levantados para Angie.

Angie sorriu ligeiramente. O sedativo leve a deixava calma o bastante para ficar quieta, mas continuava alerta e desperta. Os orifícios minúsculos no alto da sua cabeça estavam ocultos sob o seu cabelo e cheios de pomada estéril. Três semanas atrás eles haviam preparado seu cérebro, fazendo um vírus conduzir aqueles genes especiais para a rede de neurônios onde estavam os alters Piranha e Anjo. Quem poderia imaginar que um gene de uma *archaebacteria* iria salvar sua sanidade?

O dr. Hirsch confirmou que os genes haviam sido absorvidos e estavam trabalhando, fabricando essas proteínas das membranas sensíveis à luz chamadas opsinas. Até então, tudo bem. Agora, finalmente, os neurônios da Piranha estavam à mercê dos lasers nas fibras ópticas que seriam muito cuidadosamente movidas pelo cérebro de Angie até seus devidos lugares. A luz amarela iria anular a total escuridão dentro do seu cérebro, e aquelas opsinas iriam parar de funcionar – iriam impedir a capacidade de comunicação. De maneira indolor. Instantaneamente.

Angie estava quase surpresa pelo fato de a Piranha não ter assumido o controle à força e pegado uma carona para fora da cidade. Ela havia estado estranhamente quieta sobre toda essa coisa, e isso preocupava Angie. Será que estava resignada com o seu destino ou esperando o momento certo para alguma explosão dramática?

A dra. Grant a prevenira sobre a possibilidade de um desencadeamento de lembranças.

– Com frequência, na terapia – advertira ela –, pode haver um ponto em que os muros são derrubados. Aumentando o estresse final, toda a estrutura virá abaixo, inundando você com suas lembranças. Histórias reprimidas e ocultas poderão tomar conta da sua mente com a força de um furacão. Se a Esposinha descarregar sua história pessoal de abuso sobre você de uma vez só, a sobrecarga poderá ser devastadora. Mas, se isso acontecer, eu prometo que estarei aqui para te ajudar a limpar a sujeira e reconstruir tudo.

– Ótimo – respondera Angie. – Você é a minha equipe pessoal de reação ao desastre.

Então, Angie se agarrou firme à esperança de que isso tudo seria desenredado, que a Piranha a abandonaria não com um soco, mas com um queixume; que a pior parte da experiência permaneceria para sempre na memória de alguma outra pessoa – não na dela.

Todo paramentado e enluvado, dr. Hirsch ficou atrás de Angie, onde ela não poderia ver sua expressão. No entanto, sabia que ele estava ansioso. Outro sucesso, e sua técnica estaria a caminho de uma importante publicação médica. Havia murmúrios entre os técnicos e os enfermeiros sobre um futuro prêmio Nobel de medicina.

Ela sentiu apenas um leve solavanco quando ele enfiou os feixes ópticos com suas microfibras bem no fundo do seu hipocampo, o local de todas as suas lembranças, boas e más. Angie teve tempo para um momento de absoluto terror. E se os genes vazassem? Mais alguma coisa seria destruída? E então o médico disse:

– Apliquem o laser.

Ange, enquanto você estava sentada e imobilizada em sua cadeira cirúrgica, uma luz âmbar e verde atravessou profundamente os filamentos até o seu cérebro. O pequeno ardor penetrou as camadas da matéria que, consideradas juntas, não eram uma, mas muitas consciências. Uma por uma, as células especialmente preparadas começaram a cintilar. Seus olhos giraram para trás, e imediatamente você estava conosco na cabana. Você saiu pra

varanda destruída, sua atenção se voltando pro grupo, reconhecendo-nos, um a um.

A Esposinha colocou com força a mão contra sua própria garganta, como se pedaços da sua memória estivessem sendo extirpados dela. Ela se sentou paralisada em sua cadeira de balanço, sua camisola de renda preta se agitando na brisa. O rosto dela, o seu rosto, estava derretendo diante de seus olhos.

A Bandeirante observava aterrorizada, sabendo que a mesma execução estava destinada a ela. Seu cinto abandonado em seu colo, uma pilha de medalhas de mérito espalhada a seus pés.

A Tagarela observava do campo, sentada no alto de um grande cavalo negro. O cavalo tremia, pronto para saltar como um raio.

O Anjo se manifestou de repente, acima da cabana. Ele ficou diante da Esposinha, te ameaçando com sua espada.

– Você é a destruidora? – acusou ele. E abriu suas enormes asas para escondê-la da sua visão.

– Não – disse você. – Eu sou a sobrevivente. Saia daí e me deixe viver minha própria vida.

O Anjo fechou suas asas, embainhou sua espada e se colocou atrás da cadeira da Esposinha.

Suas pernas agora desapareciam, seu corpo estava translúcido. Ela estendeu os braços na sua direção, seu rosto aos poucos se transformando em uma mancha pálida.

Angie, alguma coisa te fez dar um passo à frente e segurar as mãos dela. Você estava pronta pra qualquer coisa, uma inundação, um furacão. A voz dela veio de um rosto sem lábios:

– Pega isso.

Uma foto. Seu diário, escondido na gaveta da sua escrivaninha. Havia uma mensagem final.

E isto. Uma lembrança. Da última vez que ela tomou o controle. O gosto doce daquilo encheu a sua boca.

Abraim te enlaçou na pista de dança enquanto a música lenta tocava. Ela tomou o seu lugar e se aninhou bem perto dos braços dele. Segura, à vontade. Ele beijou a testa dela. Ela beijou o pescoço dele. Mais tarde, quando a festa tinha acabado, Ali levou todos vocês de carro até a montanha, para esperar o nascer do sol.

Ele surpreendeu Kate com um par de mantas que estavam no porta-malas do carro, e eles fizeram uma fogueira e se sentaram juntos perto do calor, envolvidos um no outro, literalmente.

Centelhas subiam nas correntes de ar quente e fluíam pra cima como estrelas. Eram belas, mas nos deixavam nervosos, aquelas manchas indomáveis de fogo.

Abraim te levou de volta para o aconchego do carro, e vocês olharam um para o outro com olhares tímidos. A luz do fogo refletia nos vidros e nos olhos dele. A Esposinha olhou através de você e leu os pensamentos dele, os desejos dele. Ela sabia como ler os homens.

Ela moveu suas mãos para o zíper nas costas do seu vestido e o abriu. Seus ombros se soltaram, e Abraim prendeu a respiração. Sem fala, ele entendeu a sua oferta. Então, acariciou seus braços duas vezes, te beijou acima do coração e fechou de novo o zíper do seu vestido. E então atraiu você/ela para seus braços.

– Só quero te abraçar – disse ele. Os braços dele tremiam, e seu coração estava disparado, mas era um lugar seguro. Um porto para a alma naufragada. Ela/você se aconchegou no ombro dele e dormiu profundamente até o céu ficar vermelho.

Ela te devolveu a memória do amor, da paz, do descanso, do conforto. E então se foi.

– Pronto – disse o dr. Hirsch. – O efeito deve ser instantâneo e permanente.

Angie perscrutou em volta do seu cérebro por algum sinal da... da Piranha. Uma onda de vergonha a envolveu. Como podia ter pensado dessa maneira sobre essa garota tão solitária e tão traumatizada? E buscou em seu cérebro algum sinal, algum vestígio da Esposinha.

Ela havia desaparecido.

Assim que Angie chegou a sua casa, vasculhou a última gaveta da sua escrivaninha. Sob uma pilha de programas de teatro, encontrou... o diário que a Esposinha havia escondido. Ela o abriu em uma data recente, a sexta-feira anterior, o dia em que Angie havia assinado a autorização para sua morte. O estômago de Angie

se contraiu. Sim. Autorização de morte. Sejamos honestos. Devido a todos os seus problemas, no último momento, Angie havia reconhecido que a Esposinha era ao mesmo tempo uma parte de si e uma pessoa separada com seus próprios desejos e necessidades, passado e presente. Mas não futuro. Nesse momento, ela entendeu.

A garganta de Angie se fechou dolorosamente, e ela pensou em queimar a anotação não lida. O que aquela pessoa condenada lhe diria?

Ela girou o anel de prata da Esposinha em seu dedo. Poderia tirá-lo agora, e começou a fazer isso, mas alguma coisa a deteve – talvez apenas a culpa.

O diário exigia sua atenção. Isso era tudo o que ela podia fazer para conseguir seguir adiante, e foi o que fez.

Ange,

Essa Lynn é uma pessoa persistente – e paciente. Isso você tem que admitir. Ela tem se esforçado muito pra me fazer responder às suas perguntas, mas, como sou sorrateira, consegui mantê-la de fora. Você tem que ouvir isso de mim. Porque eu sei o que você precisa e o que não precisa saber. Há coisas que você tem que entender sobre os homens. E sobre mim.

Não, antes de qualquer coisa, eu não sei o nome dele. Nunca quis saber, e isso é verdade. Como eu o chamava? Ela já me perguntou isso centenas de vezes, como se ela fosse uma detetive da polícia descontrolada ou algo assim. Eu o chamava de “Marido”. Era o que ele queria, e foi o que fiz. O que quer que ele quisesse, eu fazia. Foi assim que você não ficou ferida.

O anel foi ideia minha, logo no início. Eu tornei as coisas direitas, entende o que quero dizer? Ele fez um enorme trato de dá-lo pra mim, ajoelhado à minha frente. E isso quando eu o convenci de que não precisava ficar amarrada à cama quando ele fazia aquelas coisas comigo – não se eu fosse sua Esposinha. Quer dizer, se minhas mãos estivessem livres, eu poderia satisfazê-lo melhor. A minha liberdade tinha um preço – um preço definido por ele.

Ele só confiou em mim até aí. Ainda me amarrava quando eu dormia. Não que eu dormisse muito, deitada de costas com aquele

ser roncando em cima de mim.

Eu nunca encontrei um pedaço de papel com um nome?, ela perguntou. Não. Nunca sequer procurei? Sim. Eu tentei. Uma vez ele trouxe uma pasta pra casa, mas ela nunca estava no mesmo lugar em que eu estava. Ele era muito cuidadoso com relação a isso, não importa o quanto no final ele confiasse em mim. Havia alguns livros no quarto, Folhas de relva, de Walt Whitman, alguns faroestes, algumas obras de Shakespeare e a Bíblia. Nenhum deles tinha um nome escrito dentro. Eu os colocava em um bolso quando ele não estava olhando, para que a Bandeirante pudesse lê-los à luz do dia. Para mantê-la ocupada e fora do meu domínio, não que ela quisesse isso, pelo menos a essa altura.

Tudo o que eu era, tudo o que eu sabia, tudo o que sentia... tudo acontecia dentro daquelas quatro paredes, com apenas uma estreita porta entre o meu mundo e o dela. Mas aprendemos a trocar uma palavra no limiar quando passávamos por ele e trocávamos de lugar. É. Uma palavra. Uma noite, ela me disse:

– É o seu turno, Piranha.

De manhã, eu disse pra ela:

– É o seu turno, piranha da cozinha.

Não era bem o melhor relacionamento para duas pessoas que dependiam completamente uma da outra.

Tudo o que ela tinha que fazer era manter o aposento da frente limpo e servir uma refeição decente. A coisa mais tediosa do mundo. E ela tinha a pretensão de me olhar com um ar de superioridade.

Ela sabia muito pouco: aquele quarto era o meu paraíso. O homem me trazia as coisas mais lindas para vestir pra ele, rendas e cetins. Ele me vestia, me acariciava e me admirava. Ele fazia com que eu me sentisse maravilhosa. Meu único espelho eram os olhos dele. Ele me amava. Ele era a única pessoa que eu havia conhecido em muito, muito tempo.

Aquele quarto era também o meu inferno. O homem me dizia que eu nunca poderia deixá-lo. Ele me amarrava pra dormir. Ele tinha medo de mim. E, sim, Ange, eu também tinha medo dele. E o odiava também. E o odiei especialmente naquela época em que comecei a

engordar. Isso tinha de ser culpa da Bandeirante, porque eu nunca comia. Ele me punha de lado, e eu não tinha nenhuma utilidade. Não sei o que fiz pra deixá-lo tão zangado. Durante meses fiquei totalmente sozinha, e ela assumiu o meu lugar. Da nossa varanda eu não conseguia vê-la, mas a ouvia chorando. Ela gritava muito – por algo, por alguém. Ela o perturbava. Finalmente ele me chamou de volta, e as coisas voltaram a ser como antes. Eu estava magra e fiquei feliz de novo.

Tudo o que aconteceu depois disso foi culpa dela. Era ela que deixava o Anjo entrar enquanto eu dormia. Lembre-se sempre disso, Ange. Foi tudo culpa dela. Tinha que ser. Eu nunca teria prejudicado o meu marido. Sim, Ange. Eu o amava.

Estou tão cansada. Sei que agora você também me odeia. Por isso, não me importo de ir embora. Só queria poder sentir um pouquinho de amor de novo antes do fim.

Angie fechou o diário.

Começou a chorar. Toda a tristeza, todo o arrependimento, todo o sofrimento dos três anos explodiram com os ombros sacudindo e lamentos que contorciam seu estômago.

O que ela havia feito?

11

APARIÇÃO

Na manhã de terça-feira, o Greg estava procurando por você, Angie. Na verdade, você o encontrou encostado casualmente na parede, logo na entrada da escola, fazendo pose.

– Bom dia, beleza – ele disse.

Você não estava bonita, sabia disso. Especialmente nessa manhã, depois de passar a noite toda agitada, bem longe do sono de verdade. Embora em geral evitasse os espelhos, havia na verdade passado cinco minutos observando e tentando disfarçar os olhos inchados.

– Bom dia, Greg. – Você ficou surpresa pelo fato de a visão dele não te proporcionar nenhum tipo de excitação ou sensações de delírio. Na verdade, você se sentiu apenas vagamente aborrecida.

– Eu contei pra ela – ele disse.

Sua mente estava vazia. Isso parecia ser importante?

Ele foi até você e colocou as mãos em nossos ombros. Deu uma pequena sacudida em você.

– Você entendeu? Contei pra Livvie sobre nós. Ia contar pra você ontem, mas você não estava aqui.

– Contou o que a nosso respeito? – você perguntou.

– Bom, não todos os detalhes – ele disse, aproximando-se e pressionando o quadril contra você, sugestivamente.

Você recuou um passo, de modo que as mãos dele caíram dos nossos ombros. Você o examinou com curiosidade. Por que havia se sentido tão atraída por ele?

Ele percebeu seu distanciamento.

– O que está acontecendo, Ange? – ele perguntou. – Eu fiz o que você queria. Rompi com a Liv. Puxa, garota. Quando vi aquele cara mais velho com as patas em cima de você no baile, quase

enlouqueci. E entendi. Devia ter sido eu. Percebi tudo. – E ele deu um passo na sua direção com um sorriso afetado no rosto.

Para o assombro dele, Angie, você fez um movimento rápido, evitando o seu toque.

– Não, Greg. A hora passou. Afinal, provavelmente não era pra ser.

Bravo, garota, nós te aplaudimos no nosso silêncio.

Mas então o Greg agarrou nosso braço direito por trás, apertando duramente seus dedos em nossos ossos.

– O quê? Sua bandida! Sua manipuladora desgraçada! – Seus dedos apertaram mais ainda.

A dor se propagou a partir da pressão em nosso ombro. Um som alto percorrendo sua cabeça – o som de enormes asas brancas se abrindo – quase abafou as próximas palavras amargas dele.

– Você só queria que nós rompêssemos! Você brincou comigo. – Ele puxou forte nosso braço. – Vai pro inferno. E olha pra mim quando eu estiver falando com você.

Com os olhos semicerrados, você se virou lentamente para encará-lo. Nossa mão esquerda era agora um punho fechado. Um brilho terrível encheu o nosso campo de visão. Você deu um passo para o lado interiormente e deixou outro assumir o seu lugar. O Anjo. Nós nos enchemos de poder e dignidade.

Os olhos do Greg se arregalaram, surpresos.

Sem aviso, nós o acertamos com as costas da mão. Nossas articulações proeminentes atingiram diretamente o rosto dele.

Ele se encolheu, pasmo.

– Merda!

O Greg largou nosso cotovelo e recuou, então levou uma das mãos ao rosto, que sangrava onde o anel o cortou.

A voz profunda do Anjo caiu uma oitava e ordenou:

– Nunca mais toque nela.

– Você é totalmente pirada! – ele gritou por sobre o ombro enquanto se afastava correndo. – E vai se arrepender de me tratar assim.

Nós rimos nas costas dele. Você também, Angie. Você riu. Juntos, éramos invencíveis.

Angie esfregou seus dedos machucados, imaginando o que havia tomado conta dela. Em toda a sua vida jamais havia batido em alguém! Mas de algum modo aquilo a fez se sentir bem, sabendo que havia superado sua história com Greg. Bem feito para ele. Ele a usou e a descartou até ficar com ciúmes. Merecia mais que um soco na cara.

Ainda a assombrava que atração poderosa havia sido aquela. Provavelmente os desejos da Esposinha no comando da paixão de Angie conduziram a... resultados talvez desastrosos. Angie só podia imaginar o que havia feito para conquistar Greg, mas felizmente ela jamais teria de se lembrar dos detalhes íntimos. No fim, a Esposinha mantivera para si o que tinha acontecido no banco traseiro do carro de Greg.

Uma pontada de culpa e tristeza toldou o momento de triunfo de Angie. Ela se sentia um pouco vazia sem a energia bruta da Esposinha, o primeiro alter a partir.

O primeiro. Agora, Angie tinha uma decisão a tomar. Quem seria o próximo? A Tagarela havia sido a mais ferida, a mais prejudicada, a mais traída. Seria uma bênção apagar aquelas lembranças do tiozinho para que elas nunca mais voltassem, não seria? E então seria a vez da Bandeirante, competente, prática e realmente hábil. Angie quase detestou pensar em perdê-la. E quanto ao Anjo? O protetor. Era legal ter um protetor pessoal, um amigo forte que a defendesse... só que esse amigo estava dentro dela, o que significava que ela podia se defender sozinha.

No fim, a decisão foi tomada por ela.

Greg e Livvie encontraram sua própria forma de vingança maiss rápido do que Angie imaginou ser possível. Durante o intervalo do almoço, eles chamaram a imprensa. Na hora da saída, uma multidão se reunia o mais próximo possível da área da escola. Dois furgões de emissoras de TV estavam parados no estacionamento dos professores. Os âncoras do telejornal local estavam babando para entrevistar a garota desaparecida e, agora, encontrada.

Estavam vigilantes junto aos seus câmeras, esperando naquela fria tarde de novembro.

No momento em que Angie cruzou a porta da frente da escola, os flashes dispararam, e um leque de microfones se abriu na sua cara. As perguntas a atingiram como uma saraivada de balas. Quem? O quê? Onde? Quando? Por quê? E, é claro, como você se sente em relação à sua dura experiência, senhorita Chapman?

Ela piscou confusa, cega pela luz dos flashes. Sentiu um puxão em seu braço, e lá estavam Abraim e Ali a conduzindo de volta ao prédio.

– Conhecemos uma saída secreta – disse Abraim. Eles a apressaram até o local onde estava seu carro, estacionado bem atrás de uma obscura porta lateral que dava para o laboratório de ciências.

– Como vocês souberam que isso tinha a ver comigo? – perguntou ela.

Abraim pegou na sua mão.

– Eu preciso admitir que procurei seu nome no Google depois do baile. Fiquei imaginando como eu poderia ter deixado de te ver durante todos esses anos. Quando percebi que você era a famosa garota desaparecida e que não houve comoção pública a respeito do seu retorno, achei que talvez isso tivesse sido deliberadamente abafado. Você está no programa de proteção à testemunha ou algo parecido?

Angie sentou no banco traseiro e entortou o corpo, deitando-se.

– Eu tenho uma crise de identidade, mas não esse tipo de crise de identidade. Tudo o que sei sobre esses anos perdidos me foi contado por outros. Eu na verdade não me lembro de nada. Então, mesmo que quisesse, não poderia responder às perguntas deles. Vocês conseguem me levar pra casa sem que ninguém me veja?

– É claro. Essa era a ideia. – Abraim deu partida no carro e pegou as ruas menos movimentadas até o bairro de Angie. – Nossa! – disse ele quando se aproximava da casa dela. – Você conseguiu proteção da polícia.

Angie ergueu o corpo. Dois carros da polícia estavam estacionados na entrada da sua casa. Nenhum furgão da imprensa.

Ela sentiu um repentino aperto em seu peito. O momento se aproximava. Eles provavelmente não estavam ali por causa da imprensa, senão teriam aparecido na escola.

– Me deixem saltar aqui, rapazes. Vocês foram o máximo.

Ela caminhou e encontrou o detetive Brogan e seus pais em casa no meio de um dia de trabalho. Três outros policiais estavam de pé, pouco à vontade, na cozinha, deslocando seu peso de um pé para o outro, as mãos juntas nas costas. Brogan estava de terno, totalmente sério.

– Oi, gente – disse Angie da maneira mais normal possível. Sua pulsação estava apenas um pouquinho acelerada. – O que aconteceu?

Brogan respondeu sem hesitar:

– Surgiu uma novidade importante no caso.

– Isso é ótimo! – disse Angie alegremente... pelo menos, ela pretendeu dizer isso alegremente. De repente, seu coração parecia incrivelmente pesado. Foi difícil recuperar a respiração. – O que... o que é?

– Nós a encontramos – disse Brogan. – Encontramos a cabana.

Enquanto Angie lutava para recuperar a normalidade, o detetive Brogan estava perseguindo as poucas pistas que seus alters ofereciam. Não era muita coisa, mas ele era um homem que não desanimava, como Angie já havia percebido.

Na terapia, a Bandeirante fizera uma boa descrição da cabana rústica onde ela tinha vivido... ou seja, a cabana física. Ela se lembrava de alguns pontos de referência ao longo do seu caminho de volta para casa. E autorizara a dra. Grant a passar as informações ao detetive. Foi o suficiente.

Os dois agentes especiais do Serviço Florestal designados para a Floresta Nacional Angeles finalmente localizaram a remota cabana construída à mão, escondida em meio aos milhares de quilômetros quadrados das montanhas San Gabriel. A cabana não estava conectada à rede elétrica e ficava bem longe de qualquer trilha conhecida, e mais longe ainda dos caminhos de acesso aos incêndios.

Brogan estava sério quando lhe contou:

– Um purificador sofisticado estava ligado à chaminé para ocultar qualquer evidência de fumaça. Não fosse isso, poderíamos ter te encontrado anos antes. – O pesar tornou sua voz mais grave. – Encontramos evidências forenses positivas da sua presença lá, Angie. Fios de cabelo e fibras conferem. Cordas e algemas. Temos certeza de que é o lugar certo.

Seus cabelos e fibras. Pedacinhos dela. Deixados para trás. Angie se sentia constrangida, em vez de animada.

Brogan prosseguiu, anormalmente desatento:

– A julgar pela poeira e pelas teias de aranha, ela está abandonada há semanas.

A mãe respirou fundo.

– Então ele se foi? Simplesmente desapareceu? – Ela afundou em uma cadeira e enterrou o rosto nas mãos.

Brogan colocou uma mão no ombro dela e o apertou suavemente, como um amigo.

Ocorreu a Angie a tábua de salvação que ele devia ter sido para sua mãe durante os últimos três anos.

Seu pai atirou os braços para cima, desalentado.

– Então é assim? Sem prisão? Sem julgamento? Sem punição? – urrou diretamente no rosto de Brogan. – Esse sujeito devia ser enforcado pelo que fez!

– Isso está longe do fim – assegurou-lhe Brogan. – Agora partimos pra uma caçada humana. Nenhuma informação pessoal foi encontrada na cabana, e por isso estamos fazendo buscas na área pra obtermos mais indícios sobre a identidade do sequestrador. Aguente firme. Estou certo de que logo teremos todas as respostas.

Cordas e algemas. Crostas de feridas e fragmentos de pele. O estômago de Angie se revirou. Sua mãe gritou e foi até ela. Mas era tarde demais. Ela se viu coberta de vômito.

– Ah, não – disse ela. – Sinto muito. – Sentiu vertigem quando suas pernas ameaçaram entrar em colapso. Respirou devagar pelo nariz, tentando não deixar que a tontura a derrubasse.

Brogan tocou suas costas e tirou do bolso um lenço branco limpo. Ofereceu-o a ela sem jeito.

– A culpa foi minha, Angie. Sinto muito. Foi coisa demais, depressa demais. Eu não estava pensando direito.

A mãe colocou seu braço em torno da cintura de Angie.

– Se isso é tudo, Phil, vou levar a Angie lá pra cima pra que ela possa se limpar.

Angie olhou para trás e viu Brogan observá-la com um olhar triste. Seus ombros se ergueram com uma respiração profunda. Então ele se curvou sobre a sujeira no tapete e começou a limpá-la com seu lenço.

A mãe abriu o chuveiro.

– Vou lavar suas roupas, querida. Passa elas pra mim.

Angie tirou seu jeans e seu suéter com cheiro azedo e os passou pela abertura da porta. Trancou-a por dentro, contra intrusos, contra o mundo. Seu estômago ainda estava agitado, como se uma batalha épica estivesse sendo travada dentro do corpo.

O espelho ainda não estava coberto de vapor, e ela não pôde evitar ser atraída para ele. Olhou para si mesma nos olhos, mas não era por si mesma que estava procurando.

– O que vocês sabem? – perguntou ao reflexo. – Sei que vocês estão escondendo algo de mim. Por quê?

Ela pensou na varanda abandonada onde todos haviam se reunido momentos antes de a Esposinha ser desligada. Os muros entre eles haviam sido derrubados por apenas alguns minutos. Isso havia parecido uma total honestidade. Agora eles a deixavam de fora novamente.

– Onde vocês estão? – sussurrou ela. – Por favor. – Uma presença olhou fixamente para ela por seus próprios olhos, e uma tremulação na névoa do chuveiro sugeriu que uma pessoa maior estava de pé atrás dela. Alucinação?

Piscou forte e viu que a névoa era apenas névoa. Pulou a beirada da banheira, puxou a cortina e deixou que a cascata de água quente caísse sobre seus ombros. Então sentou no tapetinho de borracha do chuveiro, fechou os olhos e convidou a água a chover sobre ela. O calor a acolheu como braços carinhosos, e naquele momento Angie teve a forte sensação de que alguém estava querendo falar com ela, encontrar com ela em outro plano. Com os olhos bem

fechados, mergulhou de volta na imagem da varanda. Invocou sua memória da cerca, das colunas, do chão áspero e lascado. O ruído da água caindo desapareceu. Passarinhos cantavam, o canto distante de pardais e rouxinóis.

– Quem está aqui? – perguntou Angie, tentando se concentrar.

Madeira cinzenta, tábuas lascadas. Uma varanda. Isso tudo pouco a pouco se transformou em um ambiente que Angie reconheceu.

A Bandeirante ergueu olhos marejados da sua costura e olhou para a cadeira de balanço vazia onde a Esposinha costumava se sentar. A Tagarela não estava em nenhum lugar à vista.

– Ela é muito nova pra enfrentar tudo isso – explicou a Bandeirante. – Eu mandei ela andar a cavalo. E tenho que ir embora também. O Anjo está chegando.

Um som como o de trompetes e asas rompeu o silêncio, e a brancura medonha do Anjo chegou. Seu rosto parecia talhado em cristal. Sua testa era alta e lisa, um halo de espessos cabelos negros crescendo dela. Asas brancas como a neve estavam fechadas atrás das suas costas, e da lateral do seu corpo pendia uma espada cravada de pedras preciosas. O cabo dourado de uma espada curta repousava próximo da sua cintura. Seus olhos negros continham chamas diminutas que pousaram sobre Angie. Ela tremeu internamente. O que essa criatura magnificente estava fazendo na sua cabeça? Certamente ele não havia saído dela.

– Angela, menina bonita, você não pode me pedir pra ajudá-la novamente – ralhou ele com gentileza.

– Mas... mas eu não te chamei! – protestou ela. – Você simplesmente... simplesmente veio quando eu precisei de você.

Os lábios dele se apertaram em uma linha amarga.

– Então você precisa me destruir.

Angie engoliu em seco.

– Não. Eu nunca poderia fazer isso!

– Você vai fazer – disse ele com firmeza. – Você precisa. Você vai fazer comigo o que fez com a outra, a Esposinha.

Angie se sentiu impelida a argumentar.

– Mas você é tão forte e bonito. Eu preciso de você. Não quero te deletar. Você pode ficar comigo? Pra sempre? Você é a minha força

interior.

O anjo sacudiu seus cachos escuros. Sua voz era pura música.

– Você tem a sua própria força e a sua própria beleza e, além disso, inocência. Sou apenas um perigo para você agora. É bem melhor que eu caia no esquecimento.

– Mas por quê? – insistiu Angie. – Por causa do Greg? Isso é ridículo. Foi ele quem fez isso acontecer.

O Anjo estava de pé, brilhando diante dela. Não alcançou sua espada desta vez. Suas mãos estavam nas costas, escondidas em suas asas dobradas.

– Angela, nossa menina bonita, por favor, me escute. A Bandeirante e a Esposinha sofreram muito, e por muito tempo. Então a solitária me convocou. Afinal, era imperdoável o que o homem havia feito. Ela me convocou de dentro dela, da sua dor, da força do seu amor. Ela se sentava e se balançava no escuro, sozinha, algemada. Ela se balançava, chorava e rezava. Eu fui a resposta à sua prece, seu anjo vingador. Quando apareci diante dela, ela disse apenas: “Salve-nos”. E eu respondi: “Dê-me armas, e minhas mãos são suas”. Da manta dobrada em seu colo, ela puxou uma espada com um brilho prateado. “Salve-nos”, disse ela de novo, impetuosamente. “Jure que nos salvará.” Eu ergui a espada e jurei. A força penetrou no meu braço. O sol brilhou à minha volta, e eu abri minhas asas no calor do dia. Ainda não tinha um batimento cardíaco para seguir, ou olhos para realmente ver. Eu era apenas o pensamento dela, mas era bom estar vivo. Estava próximo o meu momento. Esperei enquanto as outras conquistavam a confiança dele, de modo que ele nunca visse meus olhos escuros observá-lo de dentro, planejando a salvação. A Bandeirante, tão esperta, conseguiu algum alívio em relação às algemas. Coloquei um brilho em seu rosto pálido, que ele acreditou ser um brilho de amor. A Esposinha o tornava mais feliz, mais seguro do amor dela. Ele dormia muito profundamente na noite em que fui até ele. E o que a Esposinha lhe contou foi verdade. Ela nunca acordou enquanto eu rompia seus grilhões.

O Anjo parou de falar, e o ruído do chuveiro, como um aguaceiro, tornou-se mais forte novamente.

Ela sentiu o peso do seu corpo envolvendo-a.

– O que você fez? – perguntou ela.

Mas o Anjo estava desaparecendo. Seus olhos eram grandes e cheios de remorso.

– Volte – chamou Angie. – Não me abandone. Por favor. – Ela estendeu a mão para ele, agarrando a bainha da sua espada para segurá-lo.

– Não! – Suas asas se abriram, incrivelmente imensas e brancas. Ele estendeu suas mãos para afastá-la. Pingava sangue das pontas de seus dedos.

– Que diabos você fez? – gritou Angie em sua mente. – Oh, Deus. O quê?

A voz musical tornou-se dura e frágil como porcelana.

– Você não tem permissão para saber. Se você souber, então eles vão saber. Antes que venham as perguntas, antes que os muros sejam derrubados, eu tenho de morrer.

Abruptamente, a presença desapareceu, e uma sensação fria como gelo assumiu o seu lugar. Estava tudo gelado em volta dela. A chuva caía gelada. Angie tremeu, de novo consciente do que a cercava.

Ah, o chuveiro. A água quente havia se tornado fria. E ela perdera sua conexão.

Com um suspiro lamentoso, Angie abriu os olhos. Um momento mais tarde, chocada, ela gritou. A água que cobria suas pernas estava vermelha de sangue.

12

REPUTAÇÃO

– Querida, querida. Angie. Calma. Está tudo bem. – Sua mãe dava batidinhas em Angie por cima de uma grossa toalha azul. – É só um momento horrível, só isso. Seja bem-vinda à sua condição de mulher.

Angie ainda tremia enquanto o finzinho de água descia pelo ralo. Ela teve uma odiosa sensação de que aquilo era mais do que seu corpo amadurecendo. Era algum tipo de mensagem, uma mensagem de despedida do Anjo. Eles haviam se banhado em sangue, juntos. O coração dela batia forte, ainda reagindo à onda de adrenalina.

– Eu tenho que telefonar pra doutora Grant. – Talvez sua psicóloga pudesse ajudá-la a entender o que havia acabado de acontecer. Fosse o que fosse, era ruim. Disso ela não tinha nenhuma dúvida.

– Você está tão perturbada assim? – perguntou sua mãe. – Nós nunca incomodamos a dra. Grant em um dia em que não houvesse consulta.

– Considerando o quanto vocês estão pagando pra ela, eu não chamaria isso de incômodo – replicou Angie. – Ela disse que estaria à minha disposição se eu tivesse efeitos colaterais. Bem, estou tendo.

– Está bem. É claro. – Sua mãe hesitou. – É algo que você possa conversar comigo?

– De jeito nenhum, mãe. – Ela não estava a fim de compartilhar suas piores suspeitas com sua mãe.

Retirou-se para seu quarto, agarrando o miniabsorvente que sua mãe havia lhe dado sem dizer uma palavra. Quando apareceu de novo, vestida, a mãe estava falando ao telefone no quarto do casal.

– Não, sinto muito – ela dizia. Colocou um dedo nos lábios quando percebeu que Angie aparecia na porta. – Não. Sem comentários... Não, não vamos fazer nenhuma declaração pública hoje... Sim, é verdade. Dezoito de setembro... Como você se sentiria?... Porque nós precisamos da nossa privacidade. Ainda precisamos. Por favor, não torne a telefonar.

Ela bateu o telefone na sua mesa de cabeceira.

– Malditos repórteres.

– O que foi?

Sua mãe passou as mãos nos cachos.

– Ora, perguntas. Esse é o terceiro telefonema hoje.

O coração de Angie acelerou.

– O que eles estão perguntando?

– Coisas malucas – disse sua mãe. – Simplesmente ridículas. Você não vai querer saber.

– Sim, eu quero. Eu tive que escapar deles na escola hoje. Preciso estar preparada.

Sua mãe bufou de raiva, impaciente.

– Tudo o que você tem a dizer é “sem comentários”.

– Mãe. Por favor, me diz.

Ela caiu subitamente em uma cadeira e esfregou com força o rosto. Seus dedos deixaram linhas vermelhas ao passar por ele.

– Querem saber por que não entramos em contato com eles mais cedo. Por que estamos com a “menina desaparecida” há dois meses em casa e não compartilhamos a notícia com o público. Querem saber se estamos escondendo alguma coisa.

O coração de Angie deu um salto.

– Como o quê? – Sua vista escureceu por um segundo, mas ela se recompôs. Ninguém estava assumindo o controle por ela. Ela tinha de lidar com isso. No entanto, não conseguia se livrar da imagem... as mãos do Anjo pingando sangue.

Ela ouviu vozes masculinas na sala, elevadas devido à agitação.

Ela e a mãe correram lá para baixo, a fim de ver o que estava acontecendo. A sala estava repleta de policiais. Por que ainda estavam ali? Brogan falava em seu celular, e seu pai estava puxando as cortinas da janela da frente.

– Furgões da imprensa – disse ele. – Bem aqui na nossa rua.

– Que absurdo! – disse sua mãe. – Detetive, você pode se livrar deles?

A campainha da porta tocou. Um dos policiais foi atender.

– Livre-se desses malditos repórteres, por favor – disse-lhe Brogan. Ele colocou uma das mãos no bolso. – Nós chamamos a perícia técnica para o próximo passo. Eles vão passar um pente-fino em tudo... vão trabalhar na cabana, no local, procurando por covas.

– Covas?! – Sua mãe deixou escapar um grito agudo.

Brogan olhou para Angie com um esgar triste em sua boca.

– Angie foi mais forte do que se esperava e, de alguma maneira, escapou. Você sabe disso.

Ela tentara não se acovardar. Sim. De alguma maneira. Ela teve uma sensação estranhíssima. Fugiu do olhar solidário dele. Não conseguia suportá-lo.

Brogan a interpretou mal. Colocou uma das mãos no ombro dela.

– Sinto muito. Angie, há alguma coisa, qualquer coisa de útil que possa nos dizer antes que a imprensa chegue aqui? Se conseguir lidar com isso, eu gostaria de te levar até a cabana quando eles acabarem... pra ver se isso desencadeia algumas lembranças em você. Ou mais confissões de seus informantes internos. Qualquer coisa que nos ajude a encontrar esse sujeito.

Seus joelhos fraquejaram, e os pés sentiram a urgência de fugir. Ela tentou dar de ombros, com indiferença.

– Talvez. Não acho que isso ajudaria. Não me lembro de nada. – E isso era verdade, literalmente. *Ela* não se lembrava de nada. No entanto, certamente o Anjo se lembrava. O Anjo com sangue em suas mãos, implorando para ser deletado antes que suas lembranças infectassem a inocente Angie. Ah, Deus. Ela nunca conseguiria tirar essa imagem da sua cabeça, mesmo que apagasse o Anjo.

Angie esfregou as mãos na traseira do jeans.

Brogan semicerrou os olhos ligeiramente.

– Certo. Tudo bem. Vamos manter contato.

– O que eu faço com a imprensa? – perguntou ela. – Estavam todos na escola esta tarde. Agora estão todos na frente da nossa

casa. Vão me seguir para qualquer lugar que eu vá, não vão?

– Não diga nada pra eles – aconselhou Brogan. – Telefone pra mim, se precisar. – Ele saiu, levando consigo todo o oxigênio.

Greg e Livvie haviam declarado guerra total a Angie: chamar a imprensa foi apenas a primeira flecha do arco, o que conduziu a uma semana de tortura. Agora seu número de telefone estava escrito nos banheiros, tanto no masculino quanto no feminino. Havia descrições gráficas do que ela faria ou não faria com os rapazes, com as garotas e com animais, além de loucas declarações daquilo em que havia se transformado... tudo mentira, tudo repugnante.

Angie começou a levar para onde ia uma pequena lata de tinta spray vermelha, a fim de cobrir essas pequenas bombas de crueldade, assim como os desenhos terríveis que as ilustravam. Agora queria ter feito mais amigos na escola para poder ter mais defensores, ou pelo menos mais pessoas que reconhecessem aquilo tudo como sendo uma campanha odiosa. Mas, tendo se pintado como um quadro em branco, ela se deixara vulnerável para ser pintada em quaisquer cores que Greg e Livvie tivessem à mão.

Sua amizade com Kate, a leprosa, não a ajudava, mas de maneira alguma ela a abandonaria. Kate mantinha a cabeça de Angie acima da água todos os dias e gritava:

– Continue nadando e respirando. – Figuradamente, é claro.

– Você viu a última na escadaria? – perguntou Angie, passando as mãos nos cabelos repetidamente. Sua bandeja de almoço continuava intocada, como estivera a semana toda, desde a descoberta da cabana.

Kate girou os olhos.

– Isso não é fisicamente possível – disse ela. – Nem mesmo para ginastas.

Angie gemeu.

– Isso vai passar – assegurou-lhe Kate. – Passou pra mim. No pior dos casos, eles vão repintar tudo durante o verão. Parece que a escola está com catapora por conta de todos os seus grafites.

– O que eu não entendo é por quê, Por que a Liv está fazendo isso? Quer dizer: é claro que eu posso entender por que o Greg estaria furioso. Mas por que ela está ajudando a me caluniar? Ela venceu. Ela conseguiu o Greg. E... nós éramos amigas.

– Essa é a única maneira de ela lidar com o fato de ter o Greg de volta e não achar que está, digamos, comendo as suas sobras. É o jeito como ela muda a história de você descartar o Greg para ele descartar você, porque você é lixo... desculpa... nas palavras dela.

– Que patético. Quanto tempo vai demorar pra isso acabar?

– Ei, relaxa – aconselhou Kate. – Conseguimos nosso amado recesso de cinco dias de Ação de Graças, começando daqui a algumas horas. Eles vão perder o pique.

– Duvido – disse Angie. – Eles vão se encher de peru e torta de abóbora e voltar mais malvados do que nunca.

De todo modo, chegou o maldito fim de semana de Ação de Graças. A dra. Grant já estava na casa de sua irmã, fora da cidade. Embora Angie tivesse lhe implorado para apagar o Anjo, a dra. Grant lhe dissera que provavelmente não poderiam fazer o próximo apagamento antes da segunda-feira após o feriado: as instalações simplesmente não estariam disponíveis. Então Angie tinha de remoer suas preocupações como uma galinha velha até que elas chocassem. E, a qualquer segundo, Brogan teria montado as peças de uma história, certa ou errada.

Eis como isso poderia ser interpretado. Angie havia evidentemente morado na cabana: havia fios de cabelo e fibras suas em toda parte. Ela levou uma faca do local. Então, um corpo seria encontrado, com a garganta cortada, os pulsos cortados, o torso esfaqueado ou alguma outra causa de morte requerendo um instrumento agudo e pontudo... só o Anjo sabia com certeza. Todas as evidências de DNA viriam em seguida, ligando o homem à cabana e Angie ao homem. Isso compunha um quadro claro e satisfatório, sugerindo que Angie matara seu sequestrador (quem a culparia?) e fingia amnésia para escapar do que quer que fizessem aos assassinos menores de idade. Eles a fariam passar por um detector de mentira. Eles a hipnotizariam e obrigariam o Anjo a confessar.

Isso nunca continuaria sendo um segredo. E, mesmo que o Anjo alegasse autodefesa ou o assassinato justificado do homem ou algo desse tipo, ninguém jamais olharia para ela da mesma maneira. Sua vida poderia muito bem estar acabada. Estava tudo vindo abaixo depressa demais. Ela podia sentir o perigo à espreita.

Kate estalou os dedos diante do rosto de Angie.

– Ei. Para com isso. Você está de novo se afundando em autopiedade.

– Não é piedade – disse Angie. – É apenas uma comprovação da realidade.

– Os rapazes querem se encontrar conosco esta noite, mas não vou te levar se você ficar insistindo em agir como se tivesse sido enforcada de manhã. Vou levar uma das suas outras personalidades. Qual é a mais divertida?

– Depende da sua ideia de diversão – disse Angie. – Se você quiser brincar de boneca ou de trocar fantasias, eu sugiro a Tagarela. Ela tem seis anos. Se a execução de uma vingança terrível com uma espada flamejante for mais do seu estilo, eu mando o Anjo. Mas ele é homem, e então talvez não seja exatamente correto para Abraim. E, se cozinhar te faz feliz, a Bandeirante é a garota certa.

– Ah, droga – disse Kate. – Vamos levar a Angie. Mas é bom que ela esteja de bom humor.

Angie a olhou com cara feia.

– Está bem. Vou tentar.

Mas o que ela soube em casa naquela tarde não a ajudou a se animar. Teve o efeito exatamente contrário. Sua avó e o tiozinho Bill haviam sido convidados para o almoço de Ação de Graças.

– Mãe, não podemos fazer isso só entre nós três? – pediu Angie. – Quer dizer, é o primeiro dia de Ação de Graças que eu tenho com vocês há muito tempo. Não podíamos desfrutar dele só nós três?

– É o primeiro dia de Ação de Graças da sua avó sem o vovô – lembrou-lhe sua mãe. – Ela precisa de nós.

– Então o papai não pode buscar a vovó? Ou ela não pode vir de ônibus?

– Angela Gracie, o que deu em você? – perguntou sua mãe. – Seu tio vai trazê-la.

– Mas... – Angie parou. Ela não poderia verbalizar, pelo menos não por meio de palavras aceitáveis, quanto temia ver o tiozinho novamente. Seu único consolo era que dessa vez ela estava preparada. Ele não conseguiria de maneira alguma ficar sozinho com ela. Ela se certificaria disso.

Às oito horas, o carro dos rapazes parou na frente da casa. Angie se perguntou como eles decidiam dividir a direção, visto serem gêmeos.

– Ali é vinte e seis minutos mais velho – informou Abraim. – Então ele reivindica o direito de ter sido o primeiro a nascer. No entanto, se eu agarrar as chaves antes – ele balançou as chaves diante dela –, não me rendo.

Ali e Kate estavam abraçados no meio do banco traseiro. Ao que parecia, Ali não se opunha a ter um motorista. Angie prendeu seu cinto na frente, no banco do passageiro, e virou o pescoço para cumprimentá-los.

– Estamos animadas? – perguntou Kate.

Angie forçou um sorriso.

– Estou tentando.

Abraim colocou a mão direita no ombro dela. Em uma voz de tenor surpreendentemente afinada, ele começou a imitar Mick Jagger:

– *Angie, Angie, when will those clouds all disappear?* – Angie corou e riu.

– Ah, por favor. Essa é uma música triste, não é?

– Isso depende da sua perspectiva. Certamente é um pouco assustadora, mas pense no refrão. – Ele se inclinou na direção dela e cantou no seu ouvido:

– *Ain't it good to be aliiiiiiiive?*

– Bem, sem dúvida isso supera a alternativa – disse ela.

Abraim voltou a se acomodar no seu banco com o rosto instantaneamente mostrando arrependimento.

– Ah, me desculpa.

– Por quê? – Ela deu um soquinho de leve no braço dele. – Não se preocupe. Como não-sei-quem disse, os boatos da minha morte foram muito exagerados.

– Acho que foi Mark Twain – disse Ali do banco traseiro.

Abraim ainda parecia mortificado por ter dito algo tão tolo.

Angie se viu na posição inversa de animar outra pessoa, obrigando-a a extrair o melhor de tudo, o que a fez se sentir muito melhor.

Eles foram ver um filme proibido para menores de dezessete anos – sem problemas para os rapazes, mas talvez inadequado para Kate e Angie. Estavam com quase dezessete. Qualquer que tenha sido a mágica, ou a cara terapia da dra. Grant ou a terapia gratuita de Kate, Angie estava se aproximando da sua idade. Não se sentia embaraçada por ver um sensual suspense de espionagem com um rapaz. Na verdade, ansiava por isso. Abraim era muito meigo, talvez o ritmo certo para seu primeiro namorado de verdade. E, se as coisas não dessem certo, bem, ele logo estaria indo para a universidade.

Angie não estava tão faminta pouco tempo após o jantar, mas compartilhou alegremente a pipoca que Abraim comprou como uma desculpa para as suas mãos se tocarem no escuro. A pouca distância dela, Kate estava perdendo o filme todo, envolvida em uma silenciosa maratona de beijos com Ali. Quando a pipoca acabou, Abraim guardou o saquinho e a puxou em direção ao seu ombro com um braço esticado. Angie se apoiou nele confortavelmente por um momento; então, com um sobressalto, lembrou-se da última vez em que se aconchegara dessa maneira, logo depois que a Piranha começara seu strip-tease. Ai, Deus. Angie corou no escuro. O que ele pensaria sobre aquilo? Explicar-lhe que “eu não sou esse tipo de garota” requereria muitas outras explicações. Era melhor não trazer à tona esse assunto, a menos que partisse dele.

Depois do cinema foram tomar sorvete; assim, quando deixaram Angie em casa era quase meia-noite. Abraim a acompanhou até a porta da frente e esperou enquanto ela pegava a chave debaixo do capacho.

– Eu me diverti muito – disse ela enquanto colocava a chave na porta.

– Eu também. – Ele deu um beijo rápido no rosto dela e baixou os olhos. – Obrigado por sair comigo. Espero que não se importe de ter sorteado o irmão lento e tímido. – Ele olhou para o banco traseiro do carro onde Ali e Kate estavam se acariciando novamente. O pobre Abraim iria agora fazer o papel de chofer, evitando olhar pelo retrovisor.

Angie pousou uma das mãos no braço dele.

– Não. De jeito nenhum. Você é a pessoa certa pra mim.

Uma leve tensão nos ombros dele se aliviou.

– Ah, fico contente em saber disso. Do contrário... bem, eu pensei... esperava não te desapontar.

Ah, droga. Ele trouxe o assunto à baila.

– Aquela não era eu – disse Angie. – Aquela era outra garota. E você soube exatamente o que ambos necessitávamos. Apenas um longo abraço. Então, obrigada por ser o lento e tímido. – Ela se aproximou mais dele e o beijou no rosto. Ele tinha um cheiro ao mesmo tempo fresco e picante.

A expressão confusa e espantada do rapaz a fez rir muito tempo depois de ter subido a escada. Ela conseguira ter um encontro perfeitamente normal, sem blecautes, sem tempo perdido. Uma pequena vitória.

Ela cedeu ao prazer de dormir, de modo que, quando conseguiu sair da cama aquecida, tomar uma ducha quente e descer para a cozinha, sua mãe já estava com a ave recheada no forno e uma torta de maçã esfriando na bancada. Angie espiou pela janela, feliz em ver que também os jornalistas tinham suas próprias obrigações familiares no dia de Ação de Graças. Nenhum sinal de furgões de transmissão por satélite nem de repórteres itinerantes. Todos estavam assistindo a desfiles e jogos de futebol.

– Posso ajudar? – perguntou ela. – O que está preparando agora?

– A guarnição da ave – disse sua mãe. – E um bolo de amoras.

Angie pegou o saquinho e leu as instruções atrás. Derreta toneladas de manteiga. Refogue pedaços minúsculos de cebola e aipo, misture-os com os *croutons* temperados e acrescente caldo para uma umidade perfeita.

– É bem simples – disse ela. – Eu faço isso. – Era bom se sentir competente. E confiante. Ela podia cuidar da guarnição, especialmente com a Bandeirante por perto para aconselhá-la.

– Isso é ótimo, Angie – disse sua mãe. – Eu sempre disse que, se você sabe ler, pode cozinhar, mas você sempre relutou em tentar... antes.

Angie fez um gesto, rejeitando a expressão confusa de sua mãe.

– É verdade. Eu relutava mesmo. Mas tive que aprender muitas habilidades práticas. É um dos benefícios imprevistos de ser sequestrada, não é? Não espero que haja muitos.

– Ah, não. – Sua mãe emitiu um som triste. – O que acha de fazer a salada de frutas?

– Diga quais são as frutas. Tenho tudo sob controle.

Sua mãe lhe mostrou a série de frutas em lata no balcão – pêssegos, peras e damascos, e também bananas penduradas no suporte em forma de macaco e duas maçãs verdes.

– A tábua de cortar está na gaveta, e a faca de descascar está bem do seu lado.

Angie encontrou o abridor de latas e iniciou o trabalho de fatiar e picar as frutas em uma grande tigela. Ela nem sequer ouviu a campainha da porta tocar. A próxima coisa que sentiu foi alguém alto e forte atrás dela. Tiozinho. Reconheceu o cheiro dele. Ele estava com as mãos na cintura dela. Logo atrás, sua mãe beijava sua avó, com cuidado para não sujar de farinha as roupas de sua visitante.

– O cheiro está maravilhoso, Margie – disse o tiozinho Bill, mas seu nariz estava colado ao cabelo de Angie. – Ei, Angie, querida, vira pra me cumprimentar.

A pele de Angie se arrepiou, não devido às suas próprias memórias, mas com outras vindo à tona. Ela as conteve. Conseguiria lidar com isso.

– Você está apertando uma mulher com uma faca afiada na mão – advertiu ela em um tom de brincadeira. – Qualquer movimento em falso...

Ele riu e recuou.

Sua avó fez um ruído com a boca em tom de desaprovação.

– Bill, querido, pare de bobagens e saia da cozinha. Aqui há mulheres trabalhando duro. Vá assistir ao jogo com o Mitch. Já o ouvi torcendo lá na sala.

– Ok, mãe – disse Bill com uma leve risada. – Vou deixar pra implicar com Angie mais tarde.

Será que foi só imaginação dela ou ele estava lhe enviando uma mensagem codificada? Maldito, fazendo aquele joguinho na frente de todo mundo. Será que ele sempre se comportou assim? Ela não se lembrava dele suficientemente bem para saber.

Ela se livrou da sensação bruta das mãos agarrando sua cintura. Conseguiria lidar com isso. Iria lidar com isso. Enviou uma mensagem para o fundo da sua cabeça, esperando que a Tagarela a estivesse recebendo. *Você não precisa sair hoje, querida. Não vou deixar que nada de ruim aconteça.*

Ficou conversando com a mãe e a avó na cozinha, arrumou a mesa com a melhor porcelana e os melhores cristais, pôs na lavadora uma carga de roupa... qualquer coisa para evitar entrar de novo em contato com Bill antes de ser obrigada.

Todos estavam totalmente distraídos na hora da refeição. Sempre havia sido assim? Bill olhou para ela intensamente o tempo todo, e ninguém pareceu perceber. Seu coração doía pela Tagarela... como isso devia ter lhe parecido solitário, apavorante e injusto.

Angie beliscava o banquete em seu prato e se obrigou a comer o bastante para evitar chamar a atenção. Finalmente, quando Bill declarou que não conseguiria comer mais nada, a avó se ofereceu para lavar a louça.

– Nem pense nisso – disse a mãe. – Angie e eu fazemos isso.

Bill se levantou.

– Vocês acabam mais depressa se eu ajudar a secar a louça?

A mãe abriu um sorriso enorme.

– É claro que sim. Venha. – Ela lhe atirou um pano de prato. – Isso não é gentil, Angie? Não existem muitos homens que se oferecem pra ajudar com a louça.

– Não, não existem – disse Angie. Droga. Ele ia ficar por ali, espreitando.

A mãe riu.

– Ele vai se tornar um partidão para alguma garota.

O estômago de Angie ameaçou devolver um pouquinho da comida. Ela o obrigou a segurar o impulso.

Bill deu uma risada diante do comentário.

– Angie é a minha garota preferida. Você sabe disso, Margie.

A mãe ficou encantada, como sempre. Agitou seu pano de prato na direção dele.

Angie se viu olhando com raiva para a água em que estava lavando a louça. Droga, ele sabia como agradar os adultos. Provavelmente sempre soube. Os pratos de porcelana tiniram sob a espuma.

– Cuidado com esses pratos, Angie – disse a mãe. – Você prefere secar e guardar?

Não, ela preferia não fazer contato visual com Bill. Lavar a louça lhe dava a desculpa perfeita para ficar concentrada no seu trabalho. A água quente corria em um fluxo suave enquanto ela enxaguava em si mesma os pratos ensaboados e os colocava no escorredor. A mãe e Bill se alternavam pegando os pratos para enxugar.

– Então, como vai a escola? – perguntou Bill em uma voz perfeitamente normal.

– Ótima – murmurou ela.

– Ótima? Vai mesmo?

Angie imaginou o olhar que ele lançou para Margie quando disse:

– Crianças. – Havia um desprezo em sua voz.

Infelizmente, a mãe lhe deu mais informações em uma voz cantada.

– Angie tem um namorado.

Angie o ouviu inspirar. Suave e ameaçador. Mas sua pergunta chegou com toda a inocência.

– Angie! Isso é verdade? Por que você não me contou? – E então, fingindo estar magoado: – Achei que o seu coração me pertencia.

A mãe se intrometeu para piorar a tensão.

– Bem, ela é um pouquinho tímida nessas coisas. Além do baile, eles só saíram uma vez. O nome dele é Abraim. – Ela pronunciou seu nome da maneira mais estrangeira que conseguiu, com um longo R enrolado e as sílabas dilatadas. – Um rapaz bem bonito. Angie me disse que ele é muito inteligente e está até se candidatando a Harvard.

O orgulho na voz dela fez Angie querer gritar. *Cala a boca, mãe. Cala a boca*. Bill, que não havia cursado a universidade, não queria ouvir elogios ao inteligente namorado de Angie. Mas, é claro, ela não gritou. Continuou lavando e enxaguando as altas taças de vinho.

A mãe pegou a pilha de pratos rasos e de pão.

– Vou guardar estes – disse ela, caminhando em direção à sala de jantar.

Assim que a mãe virou as costas, Bill se pôs contra as costas de Angie, pressionando-a contra a beirada da pia. Suas mãos a envolveram, colocando-se em volta e abaixo dos seios dela. Ela congelou.

– Namorado, hein? – sussurrou Bill no ouvido dela.

Angie sentiu uma pressão aumentando dentro dela. Uma onda de pânico. Uma voz minúscula dizendo: *Esconda-se*.

– Não – disse ela em voz alta para a Tagarela. E, na sua cabeça: *Não vou fugir. Isto vai parar aqui e agora*.

Bill ouviu apenas o “não” e esfregou o nariz no pescoço dela. Suas mãos se moveram mais para cima e a apertaram.

– Ele te tocou aqui?

A sensação alucinada na sua cabeça aumentou. *Vá. Vá agora! Depressa.*

– Não! – disse Angie à Tagarela. E para Bill: – Para!

O retorno da mãe veio segundos tarde demais. Bill estava inocentemente de volta à secagem dos talheres. Com suas mãos invasivas distantes dela, o corpo de Angie latejou com sentimentos

que ela odiava. Droga. Ele havia treinado o corpo dela para reagir a ele enquanto sua mente resistia com toda a sua força.

Angie mergulhou suas mãos nuas na água. Pontos vermelhos apareceram em seus braços, como queimaduras de óleo espirrado. Ela os tocou e não sentiu nada.

Sua mãe pegou as quatro taças de cristal, segurando-as entre os dedos. Elas se tocaram com um suave tinido. E ela voltou ao armário das louças na sala de jantar.

– Agora vocês dois terminem – disse ela por sobre o ombro.

E Bill estava de volta, levantando o cabelo do pescoço dela e pressionando um beijo atrás da sua orelha.

– Vamos escapar daqui assim que pudermos – prometeu ele.

Angie estremeceu e girou o corpo com o garfo de carne na mão.

– Não, não vamos – sussurrou ela. – Nunca mais. Mantenha suas malditas mãos longe dela. – Ela balançou as pontas agudas debaixo do nariz dele.

– O que há de errado com você? – perguntou ele em uma voz abafada. Ele colocou um dedo nos lábios. Seus olhos estavam direcionados para a porta da sala de jantar.

– Ela está se recuperando – disse Angie. Sua voz saía profunda e estranha.

– Ora, vamos, Angie querida. Para de joguinhos. Você estava cheia de tesão por mim da última vez. Estava, sim, querida. – Ele agarrou os ombros dela e fez um movimento gingado com o quadril. – Seu namoradinho não precisa saber que você tem um homem de verdade.

Angie estremeceu. Asas invisíveis se abriram nas costas dela. Ela se agarrou ao seu âmago, mas, com o nível de ameaça se elevando, o Anjo estava atiçado e furioso.

A voz da mãe veio da sala de estar.

– Alguém quer café com a torta? Mitch? Mãe? Vou colocá-lo num bule. Quem estava na frente no intervalo?

Angie acompanhava aquilo com seus ouvidos.

Sons angustiantemente normais vinham da sala de TV: o pai torcendo pelo seu time, a avó pedindo café descafeinado se não fosse muito trabalho:

– Não posso tomar café normal a esta hora, senão não prego o olho à noite.

A audição de Angie estava excessivamente amplificada; sua consciência elevada fora da cozinha, movendo-se a distância. Fragmentada. Parte dela era a garotinha trêmula diante daquele homem que era seu amado tiozinho... Qualquer coisa para evitar o incêndio, pensava. Parte dela tinha asas brancas e farfalhantes e uma espada preparada. A outra parte estava de lado observando, imaginando qual deveria ser o seu papel.

– Assim é melhor – suspirou o tiozinho. – Essa é a minha garota. Você me quer.

Angie se recuperou e se viu passando as mãos sob a camisa dele. Ela agarrou um punhado de pelos entre seus dedos e o arrancou.

– Pro inferno! – gritou ela.

– Merda – gemeu Bill. E ergueu um punho.

A voz da mãe chegou à cozinha vindo de alguma distância.

– Angie? Tudo bem aí?

Os braços de Angie se levantaram para proteger o rosto. Ele agarrou os pulsos dela e apertou tanto que suas mãos começaram a ficar dormentes.

– Não... diga... uma... palavra. – A boca dele estava a apenas dez centímetros do seu rosto. Seu cuspe chovia sobre a face dela.

A voz profunda do Anjo se manifestou novamente:

– Não vou permitir.

– O quê? – O rosto de Bill estava perturbado e confuso. Sua hesitação foi um erro definitivo.

O Anjo retirou seu braço direito da pressão de Bill e lançou seu cotovelo sobre a mão dele que segurava o punho esquerdo de Angie. Bill balançou seu braço machucado, e o Anjo agarrou os dedos dele, torcendo-os para trás até que se ouviu um som de estalo.

Bill olhou com descrença para sua mão deformada e arfou, alto o suficiente para soltar:

– Por quê, piranha?

Ele se moveu a fim de lançar um punho fechado na direção dela, mas o Anjo moveu a mão de Angie para pegar o garfo de carne e o

enterrar profundamente no antebraço de Bill. Sentiu as pontas afiadas arranhar o osso, e uma sensação doentia e triunfante tomou conta dela.

O urro de Bill fez os outros virem correndo da sala.

– Olhem o que ela fez! Olhem o que ela fez comigo! – gritou ele. – Ela está louca!

Os pais de Angie pararam abruptamente, confrontados com o estranho que estava dentro de sua filha, os olhos duros e brilhantes do Anjo, o endurecimento do seu maxilar.

O coração de Angie se dilatou com uma certeza. Ele nunca mais tocaria nela. Ela estava livre. O Anjo sorriu.

Sua vitória teve vida curta. Um momento depois, seu pai te atirou no chão.

– Chame a doutora, Margie! Não, chame a polícia! Ela está tendo um colapso nervoso.

Angie, você tentava respirar, tentava explicar, mas a queda havia tirado todo o ar de seus pulmões. Você engoliu em seco em busca de ar, como um peixe retirado de um aquário.

Acima de você, sua avó já havia enrolado uma toalha limpa no braço do tiozinho, pra deter o fluxo de sangue.

– Ah, Bill, que sorte ela não ter enfiado no seu peito.

O peito de seu pai arquejava, com respirações curtas e rápidas.

– Graças... graças ao Senhor ela pegou o garfo e não a faca de trinchar. – Ele pressionava seus ombros contra a cerâmica dura do chão da cozinha.

Totalmente incrédula e incapaz de dizer uma palavra, você ficou deitada ali, ofegante. Só havia ódio e medo no rosto da avó. Você piscou os olhos suplicantes pra sua mãe, que estava discando um número no telefone. Ela estendeu sua outra mão pra você, mas seu pai a deteve.

– Margie, fique longe! – gritou ele, com a voz entrecortada. As mãos dele se enterravam em você com uma estranha energia. – Só Deus sabe o que ela pode fazer a você e ao bebê. Eu sabia que

isso ia acontecer. Eu sabia... ela estava calma demais... só esperando para explodir.

Você finalmente conseguiu ar suficiente para respirar.

– Pai, por favor, deixa eu explicar.

A cabeça de seu pai se virou na sua direção, e ele olhou diretamente dentro dos seus olhos pela primeira vez.

– Meu anjo, o que...?

– Não, pai. O Anjo foi embora. Sou eu, Angie. – Você se esforçava muito pra fazê-lo entender.

A mão boa de Bill agarrou o ombro de seu pai pelas costas, e ele se avultou sobre vocês dois ali no chão.

– Ela quase me matou, Mitch. Atingiu uma artéria. Os ferrados dos meus dedos estão quebrados. – Sua voz era calma, mas seus olhos prometiam vingança. Você se encolheu, e sua conexão com seu pai se quebrou.

– Você tem que contê-la. Mantê-la calma! – ordenou Bill.

Seu pai ficou tenso e te segurou mais forte. A testa dele estava cheia de suor. Sua boca era uma linha pálida em seu rosto vermelho-escuro. Parecia que ele estava à beira de um derrame. E os dedos dele provocavam linhas em seus ombros.

Você girou o corpo fracamente, tentando escapar da pressão que ele exercia.

– Eles virão imediatamente – disse sua mãe. – Angie, calma, querida. A ajuda está chegando. – Ela tornou a estender a mão, mas encontrou o olhar de advertência de seu pai e se retraiu, torcendo as mãos. Virou o rosto, olhando na direção da frente da casa. – E graças a Deus não há nenhum furgão de noticiário aqui hoje. Uma ambulância os deixaria totalmente fora de controle.

– Ambulância? – gritou você. – Eu estou ótima. Não preciso de ambulância. – E depois balbuciou: – Talvez o nojento do tiozinho precise de uma. Espero que precise. – Balbuciava a Tagarela, encantada diante da virada da situação. – Agora, quem vai estar com problemas? – zombou ela.

– Oh, Mitch. Deixe ela se levantar. Me deixe abraçá-la – implorou sua mãe.

– Margie, por favor. Eu... consegui contê-la.

– Pai, você está me machucando! – suplicou você.

Os olhos dele se encheram de lágrimas, e suas mãos se afrouxaram ligeiramente, mas ele ainda mantinha você sob o seu controle.

Bill olhou pra você ali no chão com falsa piedade.

– Pobre criança. Isso é um surto psicótico. Eu percebi isso depois do combate. Ela nem sequer sabe o que está dizendo.

O Anjo tomou a frente de novo. Sua voz rosnada irrompeu em meio à confusão:

– Seu canalha mentiroso! Você a molestou. Durante anos. – Ele se livrou da contenção do seu pai com força renovada e livre. Ficou de pé, uma torre de fúria. Pôs a mão na lateral do corpo, para pegar a espada incrustada de pedras preciosas ali no mundo interior, encontrando apenas os passadores de cinto do seu jeans. Seus olhos se fixaram no conjunto de facas que estava próximo da pia.

– O que ela está dizendo? – perguntou sua avó.

O Anjo pegou o conjunto de facas.

– Cuidado, vocês todos! – gritou Bill. – Pra trás. Ela agora está comigo.

O som da sirene de uma ambulância se aproximou. Sua mãe correu para a porta da frente.

Bill caiu sobre você, sobre o Anjo, sobre a Tagarela, todos misturados em uma confusão. Ele deu um soco no seu estômago e puxou seus braços para trás das suas costas.

– Sedativo! – gritou ele para os paramédicos que se aproximavam. – Rápido.

Nós sentimos uma agulhada no braço e todos caímos na inconsciência.

13

CONFRONTO

Angie acordou em uma cama branca e limpa, em um quarto branco e limpo com cortinas verdes. Sentia-se entorpecida, vazia. Onde ela estava? Depois de alguns momentos de olhos enevoados se abrindo, olhou para a cadeira próxima à cama. Uma mulher dormia nela, sua cabeça caída para o lado.

– Mãe? – a voz de Angie saiu entrecortada de seus lábios secos.

A mãe saltou da cadeira e foi para o lado de Angie. Agarrou a mão dela. Angie percebeu contenções macias em seus pulsos. Uma lágrima deslizou do canto do seu olho. Ela mal a percebeu.

– O que aconteceu? O que eu fiz? Estou presa?

A mãe fez um carinho em sua testa.

– Não, não, querida. Você está em observação. Algo aconteceu e desencadeou uma reação muito violenta. Estávamos com medo de que se ferisse ou ferisse outra pessoa. Você ficou um dia sedada. A doutora Grant veio correndo da casa de sua irmã, que Deus a abençoe, e eles fizeram outro daqueles procedimentos que parecem te ajudar.

– Ela ainda está aqui? – Angie precisava desesperadamente falar com ela, para processar o que aconteceu.

A mãe virou o braço para checar o seu relógio.

– Ela disse que voltava logo. Acho que foi tomar um café. Foi uma longa vigília.

Angie estremeceu.

– Sinto muito, mãe.

– Bem, você vai ficar satisfeita em saber que o braço de Bill vai ficar ótimo. Não foram atingidos nervos ou artérias, ele só levou dois pontos, e tudo o que ele precisou foram antibióticos e um grande curativo. É claro que os dedos quebrados vão demorar um pouco

mais pra recuperar os movimentos, mas o médico disse que eles vão voltar ao normal.

Angie ficou em silêncio. Um rosto de pedra.

– Angie, você não ficou satisfeita? Você não lhe causou nenhum dano permanente, e ele te perdoou.

O estômago de Angie se revirou.

– Ele me perdoou! – Ela puxou as contenções, frustrada. – Que inferno!

– Calma, Angie, ou eu vou pedir outro sedativo – advertiu a mãe.

Angie ficou congelada.

– Mãe... aquele sujeito me molestou durante anos, todas as vezes que ficava tomando conta de mim. E me molestou de novo uma semana depois que eu voltei. Ele é o mal em pessoa. Eu não sabia como contar isso pra você e pro papai.

A expressão da mãe se suavizou, mas não da maneira que Angie esperava.

– Você está confusa, coitadinha. O Bill disse que achava que era algo desse tipo. Dentro da sua mente, você o confundiu com o homem que te sequestrou, que te estuprou e abusou de você. – Ela segurou o rosto de Angie com suas mãos. – Não está lembrada? Foi aquele homem mau, não o seu tio Bill.

Ai, que canalha dissimulado. As lágrimas corriam por seu rosto. As lágrimas de alguém, não as dela. Ela estava cansada demais para chorar.

– Mãe, entende uma coisa. O tiozinho Bill, que eu amava e em quem eu confiava? Ele me estuprou e abusou de mim. Durante anos.

A mãe balançou a cabeça depreciativamente.

– Você só tinha seis anos, querida. E ele era um menino. Você está tentando me fazer acreditar que ele te molestou todas as noites de sexta-feira durante quatro anos?

– Sim.

A cabeça da mãe ainda balançou ligeiramente. Nada disso a convencia.

– E você nunca disse nada? Nunca deu indício de nada? Nunca nos disse pra não sair? Por quê?

Essa era uma pergunta que Angie tinha se feito cem ou mais vezes desde que tomara conhecimento da história da Tagarela.

– Porque ele me fazia prometer que eu não diria nada.

– Ah, querida. Você está muito, muito confusa. – A testa da mãe se enrugou de preocupação. – Nosso Bill jamais faria qualquer coisa pra te magoar. Você devia ter visto como ele ficou preocupado com você, mesmo enquanto sangrava loucamente. Tudo não passou de um grande mal-entendido, foi isso.

Ela estendeu a mão para acariciar o cabelo de Angie.

Angie afastou a cabeça. Podia ler o veredito no rosto da mãe: totalmente descrente. Droga. Por que ela acreditava nele e não em sua própria filha? Angie afastou o máximo que pôde a sua cabeça para o lado.

– Quero ver a doutora Grant – disse ela com o rosto enterrado no travesseiro. – Por favor, sai daqui.

Um suspiro doído veio da direção da mãe. E então ela saiu.

Os dez minutos seguintes pareceram dez horas. As contenções nas pernas e nos braços lembraram-lhe demais os flashes de memória do cativeiro que a Esposinha havia compartilhado com ela em um ataque de raiva. Sentiu em torno da sua cabeça a presença dos outros, mas eles estavam assustados nos cantos. Tudo estava quieto lá dentro. Talvez o sedativo também tivesse esse efeito.

Finalmente, a dra. Grant bateu na porta e entrou. Sentou-se na mesma cadeira que sua mãe havia ocupado.

– Isso deve ter sido aterrorizante pra você – disse ela –, ter seus alters se manifestando tão claramente diante da sua família. O que aconteceu? Foi uma cascata de lembranças?

– Eu me sinto tão estúpida te contando isso agora – disse Angie. – Se eu tivesse contado antes, talvez nada disso tivesse acontecido.

– Bem, agora é agora – disse a dra. Grant. Isso era a melhor coisa nela. Não havia julgamento em sua voz. Não havia censura. – O que eu devo saber que não sei?

– Você pode me desamarrar? Eu me sinto meio vulnerável desse jeito.

A dra. Grant puxou a coberta e viu as amarras.

– Meu Deus. É claro que se sente. Por que fizeram isso? Não foi por ordem minha.

– Eu te dou a minha palavra de que você está em segurança. Não há facas nem objetos pontiagudos aqui.

A dra. Grant sorriu gentilmente.

– Não. Não há. – Ela desamarrou o pulso direito de Angie. – Então. Estou escutando.

Angie sentiu a força da inibição da Tagarela. Nenhuma tagarelice era permitida. Abriu e fechou a boca algumas vezes. Nada saiu.

– Angie, abuso infantil é uma das poucas exceções à nossa confidencialidade entre médico e paciente. Sou obrigada por lei a relatá-lo em vinte e quatro horas. Você quer prosseguir?

Como ela sabia?

– Sim. Sim, eu quero. – Angie soltou tudo de uma só vez: a história da Tagarela e do tiozinho.

A dra. Grant franziu os lábios.

– Ah – disse ela. – Eu tinha imaginado. Isso faz muito mais sentido agora. Sua mente já tinha uma válvula de escape. Criar outras foi uma defesa natural em uma situação similar.

– Sim. Eu entendo isso – disse Angie. – Então, acredita em mim?

– É claro que acredito – respondeu ela.

– Meus pais não acreditam – disse Angie com tristeza. – Eles preferem acreditar em Bill e acham que estou louca. Isso não é completamente distorcido?

– Destrói o mundo deles pensar de outra maneira. Pense na carga de culpa sobre seus ombros caso se permitam acreditar em você. Eles deixaram isso acontecer. Isso é terrivelmente amargo de engolir. Vou te ajudar a falar com eles sobre isso se você quiser. – Ela alisou o lençol na lateral da cama. – Quando você descobriu?

Angie engoliu em seco.

– Na primeira semana depois que voltei pra casa, minha avó e o tio Bill vieram me ver. Eu perdi oito horas... praticamente toda a visita... mas não sabia por quê. Então, algumas semanas depois, a Tagarela me deixou uma mensagem em que me pedia um gravador. Assim que consegui um, ela me contou a história toda.

– Você se lembra disso por si mesma? – perguntou a doutora.

– Não diretamente. E tenho certeza de que, durante essas horas que perdi, ele conseguiu que ela trocasse de lugar comigo e a estuprou de novo.

– Ela ou você?

Angie entendeu a pergunta imediatamente.

– Ela. Tudo o que eu tinha pra mostrar daquilo era uma pequena queimadura no meu braço. Sem lembranças.

Dra. Grant franziu a testa.

– Você está tomando algum tipo de anticoncepcional? – perguntou ela com cuidado.

O estômago de Angie se contorceu.

– Ah, meu Deus, não. Mas espera. Só comecei a menstruar depois disso. Sim, foi depois disso.

– Você disse que começou?

Angie corou.

– Sim. Eu fiquei meio assustada, porque isso foi muito inesperado.

A dra. Grant deu um tapinha na mão dela.

– Bem, não exatamente. A Bandeirante certa vez me disse que tinha cólicas horríveis e uma menstruação muito irregular.

– É? Ah, talvez eu deva ficar agradecida por ter perdido isso – disse Angie gentilmente.

– Por que você acha que partiu pra uma reação agressiva com seu tio desta vez?

Angie resmungou.

– Bem, primeiro porque eu conheci o segredo da Tagarela e já estava furiosa. Estava determinada a não deixar ele estuprar ela de novo e, quando o vi tão convencido, confiante e malicioso, tive vontade de vomitar. Além disso, o Anjo sabia que eu estava uma fera e queria que isso parasse. O Anjo não existia para ela quando ela era pequena e solitária.

– O Anjo. O alter masculino protetor. Sim, eu sabia que ele devia ter tomado a frente. Um ataque físico é tão atípico de você...

– Senti ele tentando se introduzir. Foi muito bizarro. Uma luta de poder.

A dra. Grant estava com aquele olhar de quem escuta atentamente. Não tornou a interromper Angie.

– A Tagarela estava tentando fazer com que eu saísse pra ela poder se submeter ao abuso no meu lugar; o Anjo queria que eu saísse do caminho pra ele poder dar uma lição definitiva no Bill; fiquei paralisada no meio daquilo, tentando proteger a Tagarela. Finalmente, o Anjo venceu. Ele protegeu a nós todas. Não pôde evitar fazer isso, não é? Quer dizer, ele nasceu pra fazer isso. Ele é a força. Ele é a vingança. Essa é a sua única tarefa.

– Sim, é claro. E por isso você queria que ele fosse o próximo a ser eliminado, não é?

– Fico muito preocupada com o que ele é capaz de fazer. – Ela olhou para as próprias mãos, imaginando-as cheias de sangue. – Com o que podia ter feito. Eu tenho... você não pode dizer nada, não é? Sobre o que eu te conto?

– Não, a menos que você me autorize.

A voz de Angie tremeu.

– Mesmo que seja um crime?

– Você está planejando cometer um crime?

Era incrível como ela podia fazer essa pergunta com uma expressão tão suave, tão neutra.

– Não estou planejando, não, doutora Grant. Eu não sabia que tinha esse tipo de violência dentro de mim. E ontem todos puderam vê-la.

– Hum – foi o som emitido pela psicóloga.

A garganta de Angie se apertou.

– Você precisava ter visto a expressão nos olhos da minha avó. Ela ficou aterrorizada comigo. E o meu pai... pior ainda. Ele me odeia. Odeia o que aquele homem provocou dentro de mim.

– Não foi apenas o seu sequestrador, Angie. Não começou ali, lembre-se disso.

Ela apertou o lençol com dedos lívidos.

– Nem em um milhão de anos ele vai acreditar que o seu irmão caçula fez isso. E vou ser obrigada a vê-lo ano após ano. Embora ele provavelmente não vá esperar muito pra encontrar uma maneira de se vingar.

– De jeito nenhum, Angie. Nós vamos conseguir uma ordem de restrição. Confie em mim. Agora, o que você teme realmente?

Ela mordeu o lábio.

– Eu poderia ter pegado a faca. Ela poderia ter atingido o peito dele. Se eu, Angie, não tivesse bloqueado o Anjo, acho que ele teria matado o meu tio. Bem ali na cozinha, no dia de Ação de Graças. Sem hesitação nem remorso. E...

Angie olhou fixo para suas mãos. Ela não conseguia falar aquilo. Tudo o que conseguiu dizer foi:

– Mas só o Anjo sabe.

– Ah – suspirou a dra. Grant. – Sabe, eu temia isso. Enquanto você estava totalmente sedada, telefonei pro doutor Hirsch, e fomos adiante com o processo de apagamento que você havia programado pra segunda-feira. Devido às circunstâncias, ele concordou. Então, não precisa mais ter medo, minha querida. O Anjo se foi.

Angie sentiu uma laceração dentro dela. Ouviu um gemido. Sentiu-se uma estranha.

No entanto, seu exterior não demonstrou nada. Ela virou o rosto para a parede, uma lágrima escapando do olho.

O cheiro do hospital era estranhamente reconfortante. Angie se concentrou apenas em um pensamento. O que ela não conseguia lembrar, eles jamais conseguiriam extrair dela, nem com um detector de mentira. Nem com hipnose. O Anjo havia permanecido encerrado em si mesmo e levado consigo suas memórias culpadas. Não houve nenhuma confissão de último minuto quando ele partiu. Ela estava segura. Não havia mais perigo. Sua respiração foi se tornando mais fácil.

A dra. Grant disse:

– Bem, dois já se foram. Como você está se sentindo?

– Calma. Vazia.

– Fico contente. Tudo bem, então. Vou combinar alguns horários pra ir atrás dos outros dois.

– Ah. – Angie não havia pensado que ainda tinha mais um passo a ser dado. Apagar a Bandeirante? Apagar a Tagarela? Ela supôs que esse fosse o próximo passo lógico. Ainda assim, parecia haver uma espécie de brutalidade nisso. Elas não a estavam prejudicando. – Doutora Grant. Na verdade, eu estava imaginando se poderíamos fazer uma pausa e tentar mais terapia, talvez essa coisa de

integração de que você me falou. Você acha que elas podem cooperar?

Dentro da sua cabeça, uma voz dizia: *Oh, sim. É melhor do que morrer!*

14

RENOVAÇÃO

Angie relaxou no sofá, pronta para a reunião do grupo de alters. A dra. Grant a ajudara a ir adiante com esse plano. Havia muita sujeira a ser limpa. Ela e as duas outras garotas iriam trabalhar juntas no mundo imaginário onde haviam se encontrado antes, a cabana abandonada em sua mente. A Tagarela não havia vivido lá como as outras – apenas a visitava –, mas Angie achava que, com a ameaça do tio neutralizada, ela se sentiria capaz e disposta a se juntar às duas. Tinham algumas sérias renovações de personalidade a tratar como uma equipe. Um projeto de construção conjunta era uma metáfora perfeita para a reconstrução da mente unitária de Angie. Nada mais de atalhos, nada mais de perdas ou apagamentos. A Bandeirante e a Tagarela receberam um convite: vamos falar sobre uma integração completa.

Os nós de pinho no painel da parede já não pareciam a Angie olhos ameaçadores. Eles tinham de ser um sinal positivo. As garotas estavam muito menos temerosas do que antes.

A dra. Grant acendeu a barra de luz para iniciar a hipnose profunda. Ela iria começar o encontro guiado, mas Angie teria de fazer o trabalho pesado, uma vez que o processo estivesse em andamento. Em pouco tempo, sentiu-se subjugada pela oscilação da luz.

É claro que eu estava lá para te ajudar, Angie. Eu ouvia tudo o que você ouve. Via tudo o que você vê. Permanecia fora daquilo tudo, registrando e observando, controlando as paredes e os portões. Apoiei os seus objetivos. Nós teríamos uma vida mais feliz e mais calma, e certamente mais previsível, se atuássemos juntas em vez de nos revezarmos.

Você veio até a varanda, pronta para a ação, segurando uma vassoura e uma lata de tinta. A luz do dia brilhava sobre a cabana, e as tábuas secas e os pregos enferrujados se destacavam. Você começou varrendo as teias de aranha que pendiam das vigas e aquelas mais recentes que envolviam as pernas das cadeiras de balanço. A Tagarela saiu das sombras pra ver o que você estava fazendo.

– Você pode me ajudar? – sugeriu você. – Precisamos limpar as cadeiras antes de colocá-las no lugar certo.

– No lugar certo? – perguntou a Tagarela. – Por quê? Pra onde vai todo mundo?

– Pra luz do sol – disse você. – Não vamos mais ficar sentadas no escuro. Podemos todas ficar na luz. Você gostaria de vir conosco também? Gostaria de estar comigo o tempo todo? – Você teve o cuidado de não demonstrar como estava ansiosa.

– Lá vai ter cavalos? Cavalos de verdade? – perguntou a Tagarela.

É claro. Por que não? Havia estábulos e uma escola de equitação nas proximidades. Se as noites de sexta-feira como babá se tornassem uma coisa regular, você poderia tomar aulas e pagar por elas.

– Sim – você prometeu pra ela. – Se você vier comigo, vamos montar belos cavalos.

A Tagarela te lançou um enorme sorriso. Pegou a vassoura e começou a varrer as cadeiras de balanço.

– Então, assim que limparmos tudo, podemos ir? – perguntou ela.

Tão rápido? Você esperava que isso fosse ser mais difícil.

– Assim que colocarmos tudo em ordem – disse você.

A Bandeirante havia ficado em silêncio o tempo todo, balançando e costurando. Ela ergueu os pés quando a Tagarela chegou à sua cadeira.

– Você não vai nos ajudar? – perguntou a Tagarela.

– Por que deveria? – retrucou a Bandeirante. – Nós vamos desaparecer, como a Piranha e o Anjo. – Ela cruzou os braços na frente do peito e franziu as sobrancelhas.

Você se apressou em tranquilizá-la.

– Não, não. Eu não quero que você desapareça. Decidi ter você comigo. Por favor. Quero você comigo. – E estendeu um martelo para a Bandeirante. – Você parece meio enraivecida. Gostaria de bater alguns pregos?

A Bandeirante se levantou relutantemente, mas pegou o martelo e começou a golpear com força os pregos enferrujados que saíam das tábuas da parede.

Eu trouxe uma lata de tinta azul-violeta das sombras aonde ninguém ia. Angie, você percebeu e disse:

– É justamente disso que precisamos. – Havia três pincéis perto da lata, e então, depois que você a abriu, nós três ficamos lado a lado, pintando a parede da casa: a única parede que você tinha. A tinta cobriu a madeira desgastada pelo tempo, tornando-a outra vez nova e vibrante. O progresso na parede foi rápido. Logo ela estava azul como o céu.

A Bandeirante deu um passo pra trás e a admirou.

– Isso, sim, é um bom dia de trabalho – disse. – Somos uma boa equipe.

Você entendeu a mensagem. Ela ainda não estava pronta para a fusão, mas estava pensando nisso. Esse era um grande progresso para uma sessão, disse a dra. Grant pra você. Estávamos mais próximas do que nunca da integração.

Angie ficou sem ir à escola todos os dias daquela semana, com sessões diárias com a dra. Grant e as garotas tomando todo o seu tempo e a sua energia. Elas fizeram um enorme progresso, tanto na varanda imaginária quanto no seu entendimento mútuo. As cadeiras de balanço foram substituídas por caixas de flores cheias de crisântemos florescentes, apropriados ao tempo mais frio. A cerca da frente foi pintada de um amarelo brilhante e acolhedor. As tábuas do chão foram firmemente repregadas em seu lugar e reforçadas, proporcionando uma base firme. A metáfora funcionou. Angie se sentia pisando em solo mais firme.

– Qualquer dia desses – disse a dra. Grant –, acho que a Bandeirante estará pronta pra se incorporar a vocês.

– Isso seria bem legal – replicou Angie. – Será que vou realmente absorver todos os seus conhecimentos de culinária e de como viver longe da civilização?

– Os bons e os ruins – respondeu a dra. Grant. – Esteja preparada também pras primeiras lembranças da experiência no cativeiro.

– Ela me contou tudo sobre isso. E eu tinha as cicatrizes para provar – disse Angie um pouco na defensiva.

A dra. Grant girou seu brinco de pérola.

– Não vai ser uma experiência fácil. Você agora está num bom lugar, o que é ótimo. Mas fique consciente de que a incorporação do que vai vir pode te abalar um pouco emocionalmente. Não estou dizendo que você não vai conseguir lidar com isso. Só não subestime a experiência.

Angie suspirou. Mesmo sem o Anjo, ela se sentia forte. Conseguiria enfrentar isso. Já era tempo de pôr em ordem também o resto da sua vida. Matriculou-se nas aulas de equitação, como prometeu, comprou um traje de montaria e teve sua primeira aula no domingo à tarde, antes de voltar à escola.

Eles lhe deram o cavalo mais manso do estábulo. Mesmo assim, quando a velocidade dele aumentava um pouco, Angie se sentia voando. O vento soprava o seu cabelo para trás onde ele pendia abaixo do capacete de montaria. Seus joelhos pressionavam o animal saltitante. Seu coração batia forte.

– Assuma o cavalo, Tagarela – sussurrava ela, e se colocava de lado. De um ponto próximo, ela observou a garotinha assumir o corpo dela e conduzir o cavalo em torno do curral. O sorriso em sua mente não tinha preço, fazendo valer a pena haver entregado o controle durante algum tempo.

– Excelente progresso – disse o instrutor no final. – Você tem certeza de que nunca montou?

– Só na minha imaginação – disse-lhe Angie.

– Bem, você deve ter uma imaginação excelente – ele falou.

– Assim me disseram. – Angie sorriu internamente. A Tagarela apertou sua mão, agradecendo.

Angie, fiquei tão orgulhosa de você e do que fez. E você finalmente compreendeu, naquela noite enquanto estava sentada em sua cama esfregando loção em seus músculos doídos, que você mesma havia aberto o portão pra Tagarela, intencionalmente, e a trouxera de volta. Você não precisou que eu fizesse isso por você. Conseguiu realizar essa tarefa. Eu estava despedida.

Naquele momento, seu coração se inchou com força e alegria. Você nunca sequer percebeu a minha saída, pois eu desapareci e me fundi no todo que iríamos nos tornar.

– O que houve com você? – disse Kate quando Angie voltou à escola na manhã seguinte. Elas puseram as novidades em dia diante dos armários. – Você está com uma aparência ótima.

– Ah, muito obrigada – disse Angie. – Por que está tão surpresa? Estava esperando me ver horrível?

– Disseram que você estava com gripe... por isso não telefonei... mas é óbvio que não estava. – Kate tirou dois livros pesados do seu armário.

– Ei, se esse foi o boato, confirma isso. – Angie deu um tapinha no peito e fingiu uma tosse.

Kate lançou-lhe um olhar cético.

– Então, o que aconteceu de verdade? Estava se escondendo da imprensa? Tirou férias não autorizadas com a família?

Angie riu.

– Não no sentido que você está pensando. Estive me comunicando com meus outros eus, fazendo algumas limpezas e arrumações na casa.

– Que droga isso significa? – perguntou Kate, colocando a mochila no ombro.

Angie pegou seu livro de história e trancou a porta do próprio armário.

– Principalmente um monte de hipnose, visualização e conversas internas. Estamos negociando uma fusão. Por mais difícil que isso possa parecer.

Kate bufou. E começou a cruzar o corredor em passos largos e rápidos.

– Não achei que parecesse fácil. Puxa! Sua vida é um bocado complicada.

– Mas há um pote de ouro no fim do meu arco-íris, uma luz no fim do meu túnel.

– Um amanhecer no fim do seu dia?

Angie soltou um riso abafado.

– Bem, algo assim. Os repórteres pararam de fazer plantão na escola?

– Na sexta-feira eles finalmente desistiram. Graças a Deus o ciclo das notícias não dura muito. Ei, aqui nos separamos. Vejo você no almoço. – E Kate entrou na sua classe de espanhol.

As sessões de terapia não duravam o dia todo. Angie conseguiu se manter em dia com as tarefas escolares enquanto estava fora, e, portanto, o retorno a cada aula não foi problemático. Vários professores perguntaram se ela se sentia melhor, e ela respondeu como se eles estivessem se referindo à gripe.

Temia o horário do almoço, mas só um pouquinho. Imaginou que a melhor estratégia a seguir com Greg e Liv era fingir que nada havia acontecido, isto é, se eles deixassem. Ela poderia enfrentá-los. Conseguiria suportar. Considerando tudo o mais pelo que havia passado – e sobrevivido –, a pequena maldade deles não era nada. A questão era se eles deixariam.

No fim do primeiro dia, isso pareceu possível. Ela esteve invisível para eles na hora do almoço e, sem aulas juntos, achou que havia escapado até ouvir seu nome ser chamado e Liv aparecer correndo atrás dela.

– Você está de volta – disse Liv sem meias palavras.

– Você esperava que eu mudasse de escola? – perguntou Angie. – Bem, eu não mudei.

Liv fechou a cara.

– Se você acha que vai...

Ela não foi adiante, pois Angie a interrompeu:

– Liv, antes que você diga mais alguma coisa, eu quero me desculpar com você por ter ido atrás do seu namorado. Fui rude e

estúpida, e estava parcialmente fora de mim. – Essa não era a verdade! – Pode ter certeza de que não tenho nenhuma vontade de repetir a experiência.

Liv deu um passo atrás com uma expressão estranha.

– Por que não? O que há de errado com ele?

Ah, Deus.

– Nada. Só que ele não é o cara certo pra mim – disse Angie. – Não sei o que eu estava pensando.

– Hum. – Livvie parecia estar considerando os méritos da desculpa. – Eu não poderia ter te dito isso?

– Você nunca teve a chance. Você parou de falar comigo depois do primeiro dia. Lembra?

– Foi você quem parou de falar comigo – disparou Liv de volta.

Certo. O que ela podia dizer? Experimentar dizer a verdade?

– Acho que eu me senti culpada...

Liv a interrompeu:

– Sabe, eu senti algo logo de início. Como se ainda houvesse uma química entre vocês.

– Tudo físico – disse Angie. – E isso está acabado. Não havia nenhuma emoção ali. É de você que ele gosta. – Para o melhor ou o pior, pensou ela. – Ele na verdade nunca quis romper com você.

– É mesmo? – Os ombros de Liv se ergueram um pouco. – Ele disse isso, mas eu não sabia se era verdade. Sabe como são os rapazes. Eles dizem qualquer coisa que achem que você quer ouvir.

E ela não sabia disso!

– Sim, eles dizem. Mas neste caso foi verdade. Ele é todo seu, Livvie. – Aceite ele de volta. Por favor.

Os lábios de Livvie se fecharam em um sorriso meio satisfeito.

– Está bem. Então, que seja. Vejo você por aí.

Ela saiu na direção do estacionamento com um andar acelerado. Angie a observou enquanto ela seguiu diretamente ao carro de Greg, entrou nele e o agarrou para uma exibição pública de afeição que era proibida na escola. Na verdade, ela fez questão de mostrar isso.

Ela testou suas emoções. Algum arrependimento? Algum ciúme? Nem sinal

15

INTEGRAÇÃO

– Pronta? – perguntou a dra. Grant.

– Talvez. – Elas haviam feito todo o trabalho que podiam na cabana, uma parede e uma varanda sem nenhum interior. Pelo menos, Angie não podia abrir a porta de entrada ou transpô-la para ver lá dentro. Não podia virar na extremidade da parede e alcançar os outros três lados, supondo que eles existissem.

– Observe a luz – disse suavemente a dra. Grant. – Observe a luz e relaxe. Afunde de novo nesse lugar, o local do encontro. Como ele te parece?

– Bonito. Alegre. Pronto pra ser compartilhado. – O sol brilhante iluminava as flores vermelhas e alaranjadas. A cerca amarela cintilava com o orvalho da manhã. Havia uma vassoura encostada no canto, mas não havia nada a ser varrido, exceto as paredes entre as garotas.

– Alguém já chegou? – A voz da dra. Grant vinha de longe.

Angie olhou de novo. A Tagarela estava encostada na cerca da varanda, vestida em sua miniatura de traje de montaria.

Angie falou em voz alta para a doutora:

– Até agora, só a Tagarela. Acho que hoje é o dia. Ela parece pronta pra ir adiante.

– Você está?

Angie pensou bem. Isso era o que estiveram construindo juntas... unidade. Ainda se sentiria como ela própria? Iria se sentir menor ou maior? A perda da Esposinha e do Anjo havia sido abrupta, e o conhecimento particular que tinham fora removido. Isso seria completamente diferente.

Angie estendeu suas mãos para a Tagarela, que sorriu timidamente e caiu nos seus braços. Angie a abraçou.

– Ninguém vai nos magoar de novo – prometeu. – E você não tem de cuidar de mim... vamos cuidar uma da outra. Ok?

A garotinha ergueu seu rosto para o sol. O vento levantou alguns fios do seu cabelo dourado e os soprou, cobrindo seus lábios. Suavemente, com as pontas dos dedos, Angie os afastou e sentiu um roçar nos próprios lábios. Era o seu próprio cabelo, e a garotinha era ela, e ela era a garotinha, e elas estavam separadas e estavam juntas, recebendo os raios do sol da manhã, ouvindo o canto dos pássaros no campo, tocando o orvalho na cerca com dez dedos, não com vinte.

Angie vestia o jeans azul e o suéter rosa que usara lá, mas havia um chicote de montaria na sua mão e botas de cano alto em suas pernas.

– Sim, nós vamos cavalgar hoje – disse ela, mas é claro que não havia ninguém mais para ouvi-la.

Ela esquadrinhou as novas lembranças cautelosamente. Tiozinho. De algum modo, não o odiava. Nem o temia. É claro que houve confusão, sofrimento, constrangimento e até mesmo aborrecimento. Agora ela se lembrou do dia em que ele partiu para o exército. Era o décimo aniversário dela, e ele lhe prometera um presente especial. Parecia tão lindo naquele uniforme. Seu avô e sua avó disseram estar muito orgulhosos por ele ter recebido um chamado depois de sair do colegial... o que quer que isso significasse. Era aniversário dela, e todos só estavam se preocupando com ele. Isso não era justo.

O avô tirou fotografias da família em todos os diferentes grupos possíveis. Angie queria uma apenas dela com seu soldado, como as fotos que vira as jovens enviar para os namorados que partiam para a guerra.

– Pronto, vovô? Tira esta!

Ela atirou seus braços em torno do pescoço do tiozinho e o beijou como nas fotos, inclinada para trás e com um dos pés levantado. Uniu seus lábios aos dele e esperou pelo som de um clique, que nunca veio. O tiozinho a afastou dele, e ela caiu no chão.

Todos estavam olhando para ela com expressões estranhas, indignadas.

A mãe deu um risinho nervoso.

– Acho que isso é televisão demais, dando ideias loucas pra essas meninas.

O tiozinho partiu para a guerra sem falar diretamente com ela de novo. Ela nunca descobriu qual era o presente especial. E, por isso, chorou durante uma semana.

Lágrimas de pesar infantil rolaram pelo seu rosto no consultório escuro da dra. Grant.

– Angie, como você está se sentindo? – o consultório da dra. Grant voltou a entrar em foco.

Angie esfregou seu rosto e respondeu com uma voz rouca:

– Eu me sinto... humm... iluminada. – Nos dois sentidos. Iluminada e informada. – Estou com um desejo irresistível de comer cereais doces no café da manhã.

Os olhos da dra. Grant se arregalaram.

– É mesmo?

– Não, estou só brincando. Eu... no entanto, isso é ótimo. Ela é parte de mim agora, mas entrelaçada em mim em toda parte, em vez de separada. Não consigo descrever a sensação. Eu simplesmente me senti mais decidida. Mas não entendo por que a Bandeirante não veio.

– Talvez ela esteja com medo de perder sua independência – sugeriu a doutora. – Ou talvez tenha algum assunto pendente.

Angie pegou um fio solto do seu suéter e o enrolou nos dedos.

– Ela é a única que nunca se apoderou de mim, exceto na terapia. Ou refazendo a minha lição de casa. – O fio caiu no carpete. – Pelo menos isso parou. Você sabe, ela nunca saiu para o mundo real.

– Esse é um aspecto interessante. Ela viveu toda a sua vida naquela cozinha rústica. O que você acha que ela gostaria de fazer?

Angie vasculhou o seu cérebro e imediatamente ouviu a resposta gritada para ela:

– Ir a um restaurante!

A dra. Grant caiu na risada.

– É claro – disse ela. – Deixe-me ver se consigo arranjar isso pra amanhã.

Para o resto da semana, a terapia foi programada para o horário de almoço. Angie só dispunha de trinta minutos para o almoço, mas sua aula depois do almoço era de educação artística. Ela poderia facilmente compensar o trabalho com um longo dia diante do cavalete, então sua mãe concordou em deixar a dra. Grant buscá-la na escola logo após as aulas da manhã.

– Não posso exatamente dizer que entendo isso, mas a dra. Grant parece saber o que está fazendo. Você tem estado muito mais calma ultimamente.

Angie engoliu uma resposta ríspida. Ela não queria explodir.

Na terça-feira, foram ao melhor restaurante italiano da cidade. Angie sentou-se em frente a sua terapeuta, sentindo-se constrangida.

– Como vou ter certeza de que a Bandeirante vai aproveitar a comida no meu lugar?

– Olhe pra mim – disse a dra. Grant. Ela levantou sua colher e a girou lentamente para captar a luz.

– E agora? – perguntou Angie. – O que eu devo fazer?

A dra. Grant sorriu. A mesa estava cheia de pratos vazios, e o estômago de Angie estava extremamente distendido. O primeiro botão do seu jeans estava desabotoado.

– Ah, meu Deus. Não me diga que ela comeu tudo isso! – choramingou Angie. O gosto de orégano e tomilho persistia em sua boca.

– Vamos dar uma caminhada? – sugeriu a doutora.

– Sim. Uns dez quilômetros – disse Angie. – Melhor ainda, deixe a Bandeirante caminhar.

Quarta-feira: comida chinesa. Quinta-feira: churrasco. Na sexta-feira, Angie estava apavorada de subir na balança. A dra. Grant lhe assegurou que aquela farra de comida estava quase terminada. Disse a Angie que a Bandeirante havia assumido um interesse científico na experiência alimentar, pedindo para falar com o *chef*, fazendo-lhe perguntas sobre os ingredientes e as técnicas.

– Deixei o melhor pro fim. Há um adorável restaurante francês que eu tenho certeza de que ela vai gostar.

Angie sentiu uma ponta de ciúme. Seu alter estava passando todo esse tempo livre com a dra. Grant, e tudo o que ela tinha para mostrar disso era um quilo e meio a mais e um hálito de alho.

– Reservei toda a tarde pra você, Angie. Vamos ter todo o caminho pra conversar e preparar o terreno. Acho que essa pode ser a hora certa. Estamos perto. Você consegue sentir isso?

– Eu só sinto fome – respondeu ela. – Eu costumava comer uma salada no almoço. O que vocês duas fizeram comigo?

A atmosfera do restaurante francês era ao mesmo tempo alegre e formal. Toalhas de linho branco cobriam as mesas que estavam postas com pratos de porcelana e copos de cristal. Os garçons vestiam terno preto e as trataram de *mam'selle* e *madame*, pensando que fossem mãe e filha. Um ramo de camélias cor-de-rosa pairava entre elas num centro de mesa.

Angie queria ficar. Ela nunca havia estado em um lugar tão bonito. Será que a dra. Grant estava enviando a conta para seus pais todos os dias? Afinal, trato era trato.

Um brilho de luz refletida invadiu a colher de sobremesa que a dra. Grant estava erguendo para iniciar a transferência. Angie estendeu o braço e deteve a mão da dra. Grant na metade do movimento.

– Espera.

– Ah, me desculpe. – A dra. Grant baixou a colher. – Eu devia ter perguntado se você estava pronta.

– Eu estou – disse ela, confiante. – Mas acho que eu mesma posso fazer isso. – Então ela sentiu, bem dentro da sua cabeça, um local de encontro, um portão se abrindo. Ela estendeu o braço na direção dele... e ali estava ele, e sua mão estava no comando. Ela sentiu o sorriso se abrir em seu rosto real do lado de fora quando entrou.

Enquanto a Bandeirante assumiu o seu lugar, Angie esperou na varanda, sentada na cerca, balançando os pés e observando andorinhas pegando moscas no campo. Engraçado como a cabana real estava tão profundamente enterrada na floresta ao passo que

sua cabana mental estava nesse campo aberto. Agora, e inesperadamente, ela se lembrou da primeira vez que havia chegado ali, lançada em um total negrume, aterrorizada e sem controle, incapaz de mover ou girar sua cabeça. Pouco a pouco, a luz havia se infiltrado juntamente com a capacidade dela de se levantar e se mover por ali, conversar com os outros. Engraçado também como a cabana estava instalada como um cenário de Hollywood, que mal chegava a ser tridimensional e, pelo que ela sabia, sem nada do outro lado da parede.

Só por capricho, bateu na porta. Nada. Tentou a maçaneta, mas a porta estava devidamente trancada. Pressionou o ouvido contra a porta. Ouviu um ruído fraco, que podia ter sido produzido por seus pés. Assim que o percebeu, o ruído cessou. Ela teve a impressão muito estranha de que havia alguém dentro dela, segurando a sua respiração, se escondendo.

– Angie. – A voz atrás dela a fez dar um pulo para trás com um sentimento de culpa, como se tivesse sido surpreendida bisbilhotando. – Não entra aí – disse a Bandeirante. – Não temos permissão pra isso.

– Por que não? – perguntou Angie. – O que há aí dentro?

– Não sabemos. Também não podemos entrar. Só o Anjo podia. Deixa isso pra lá. Vem comigo. – A Bandeirante segurou a mão dela, assumindo a liderança. Puxou Angie para longe da porta, da varanda, da frente da cabana, e entraram na campina. – Tira os seus sapatos.

– Mas a grama vai irritar a minha pele! – declarou Angie.

– Não, não vai.

– Vai me fazer cócegas. – Ela detestava olhar suas pernas.

– Ora, vamos. – A Bandeirante tirou seus próprios sapatos e meias e enrolou sua calça cáqui. As feridas em torno dos seus tornozelos estavam em carne viva e irritadas. As de Angie eram tiras estreitas de tecido cicatrizado. Ela se sentiu tola por hesitar. Os tornozelos eram legado da Bandeirante, os punhos, da Esposinha, e as queimaduras, da Tagarela. Que mapa de dor estava traçado em sua pele. Angie soltou uma respiração forte. Tirou seus sapatos e meias. E então, no calor da tarde interior, sozinha consigo mesma,

tirou suas roupas. Deitou-se na grama com todas as cicatrizes expostas à luz e disse:

– Contenho multidões.

Ao lado dela, a Bandeirante citou outro verso do poema que as duas amavam.

– Quem quer caminhar comigo? – Elas viraram a cabeça, uma em direção à outra, e sorriram.

Com as pontas dos dedos se tocando, recitaram em uníssono:

– Pois cada átomo que habita em mim igualmente habita em ti.

Elas se abraçaram, macios braços brancos em uma longa grama verde, e se apertaram tão forte que nenhuma poderia dizer onde uma terminava e a outra começava. E, com um estremecimento e uma dilatação, uma união e um suspiro, havia apenas uma garota, caída dentro de si mesma em harmonia.

Imagens passaram por sua cabeça, o rosto do homem ao mesmo tempo amoroso e zangado. As correntes pesadas tão compulsórias durante tanto tempo, então abertas e descartadas em um canto, mas ainda compulsórias. A manivela familiar do poço. A jarra marrom lascada. Suas panelas e frigideiras de ferro. Um livro enfiado no bolso do avental. Uma garrafa de óleo para abastecer as lamparinas. A despensa limitada cheia de mantimentos e temperos enlatados e secos. Os troncos de pinheiro cobertos de musgo que a conduziram montanha abaixo, para longe da cabana, para longe da cabana, para longe da cabana, agarrando com força uma sacola com alguns itens preciosos. A loja onde ela roubou o mapa, já que não tinha dinheiro algum, exceto as quatro moedas de vinte e cinco centavos que havia encontrado debaixo do fogão. As moedas compraram uma Coca-Cola para encher sua barriga faminta após dias de caminhada. Nada jamais lhe pareceu tão maravilhoso.

Nada jamais lhe pareceu tão maravilhoso. A boca de Angie cheia com a textura cremosa e doce de um *crème brûlée*. O sabor de caramelo derretido na sua língua.

Seus olhos se ergueram para encontrar os da doutora.

– Isto está fantástico, Lynn. Você devia ter pedido um.

– Angela? – Os olhos da doutora estavam cheios de lágrimas.

A sobrancelha de Angie se enrugou.

– Por que eu te chamei de Lynn?

A dra. Grant pegou um guardanapo e secou o brilho úmido.

– A Bandeirante sempre me chama de Lynn. Ela está... com você?

– Completamente – disse Angie. – Ei, o que há de errado? Por que você está chorando?

A dra. Grant... Lynn... fungou.

– Ah, querida. Que tolice. No meio da sobremesa, ela disse: “Vou deixar isto pra menina bonita”. Ela disse apenas “Agora eu vou embora”, e aqui está você. Eu não tive a chance de me despedir dela.

Angie riu.

– Você não precisa se despedir, Lynn. Ainda estou aqui. – Ela devorou outra colherada do *crème brûlée* e suspirou.

– Oh, Angie. Bem-vinda à unidade. – Então a dra. Grant irrompeu em lágrimas, uma exibição de afeição totalmente não profissional e imensamente gratificante.

Terceira Parte

Eu

16

CONFISSÃO

Voltei da escola para casa com o gosto do *crème brûlée* em minha boca, flutuando cerca de trinta centímetros acima do chão. Mamãe estivera me observando com curiosidade desde que chegou da biblioteca. Eu estava explodindo, só esperando o momento certo, a maneira certa de lhe contar. Ela me deu a abertura perfeita enquanto eu a ajudava a pôr a mesa para o jantar.

– Você quer alguma coisa especial de Natal? – E me passou três jogos de talheres.

Sorri para ela, saltando na ponta dos pés.

– Já consegui tudo o que eu mais queria – disse eu. – Meus três eus. Todos grudados.

Mamãe respirou fundo.

– Não! É mesmo? De verdade? Já?

Fiz que sim com a cabeça, meu rosto ameaçando estalar de alegria.

– Ah, Angie. Ai, meu Deus. – Ela me apertou forte, seu corpo tremendo. – Isso não vai caber debaixo da árvore – disse ela com a voz sufocada no meu ouvido, caindo em outro ataque de choro. Mamãe estava muito sensível ultimamente.

– Mamãe, mamãe, mamãe. – Eu retribuí o seu abraço, uma risada provocando borbulhas na minha voz. Os talheres tilintavam na minha mão enquanto eu evitava golpeá-la com eles. – Tem razão. Que tal botas de montaria? – Reconheci a influência da Tagarela, mas o que anteriormente eu sentia como pensamentos separados eram meus próprios agora.

– Só isso? – Ela recuou, seu rosto rosado e úmido.

– Elas são caríssimas. – Eu sabia. Havia checado na lojinha do haras.

– Você não vai precisar daquelas calças estranhas? – perguntou ela. E enxugou os olhos.

Também eram caras.

– Não. Por enquanto, estarei ótima com jeans justos. Ah, outra coisa. – Hesitei. Faltavam duas semanas para o Natal, e só uma coisa me preocupava: a questão de quem estaria sentado em volta da mesa para o jantar.

Eu queria mais que qualquer coisa ver a vovó de novo, para acertar as coisas entre nós. Quando pensava na última vez em que havia olhado para o rosto dela, abria-se um buraco dentro de mim. Ela nunca me visitou no hospital. Nunca sequer me enviou um cartão. Eu estava nervosa demais pra conversar sobre isso com papai.

Então me armei de coragem para falar com mamãe. Ela se desvencilhou do meu abraço, segurando meus ombros e parecendo mais séria do que jamais a vi.

– Desde que recebemos a ordem de restrição para o Bill, sua avó se recusou a vir aqui. Ela me repreendeu durante uma boa meia hora sobre eu a estar obrigando a escolher entre seus filhos. Não foi nada bonito. – A linha de amargura na boca de mamãe me disse que esta foi provavelmente a versão atenuada.

– Nós poderíamos ter colocado o dele na reta e mandado o tio Bill pra cadeia. Ela não nos agradece por isso?

– Nem um pouco. Ela se recusa a acreditar na sua... na nossa história. E não diga “colocar o dele na reta”, querida.

– Puxa. Como o papai está encarando isso? – perguntei.

– Nada bem. Como se poderia esperar. Ele amava o Bill.

Um eco na minha cabeça me impeliu a replicar.

– Droga. Eu também.

Mamãe se encolheu. Deixou suas mãos cair.

– Sinto muito – disse eu. – Então, pelo menos papai acredita em mim?

Mamãe fez que sim, sem olhar para cima.

– A doutora Grant foi extremamente persuasiva. Se tivéssemos que colocá-la diante de um júri...

– Para. Conversamos sobre isso exaustivamente. O Bill era menor de idade, com exceção da última vez. – E não havia evidência física, apenas “ele disse, ela disse”. E, mesmo que tivéssemos provas, o incesto tinha penas muito mais leves do que o estupro cometido por um estranho, por qualquer razão estúpida. Fizemos o que pudemos. – De todo modo, ele agora tem de ficar longe de mim. Isso já é bom o suficiente.

Caminhei em torno do círculo da mesa, colocando os garfos com precisão.

– Eu não queria que fosse assim. Queria poder ter minha vida de volta e começar tudo de novo.

– Não me faça começar tudo de novo – disse mamãe, chorando de novo. Ela pegou um guardanapo dobrado e enxugou o rosto. – Estive me perguntando repetidas vezes sobre todos os sinais de advertência que devemos ter deixado escapar. Você parecia uma criança tão feliz, tão contente! Mesmo olhando pra trás, me questionando de novo como louca, não consigo encontrar nada.

– Olha, mãe. Eu escondi isso tão profundamente que nem *eu* vi nenhum indício até começar a terapia. Não culpo você e o papai.

Mamãe olhou para mim com uma expressão meio esperançosa e meio cética.

– É verdade. Estou falando sério. – Eu a abracei para provar isso e senti sua barriga que crescia pressionada contra mim. Algo se mexeu. – Mamãe! Ele me chutou!

– Ah, sim. Mas ainda é meio cedo. – Ela deu um tapinha na sua barriga. – Você realmente sentiu isso?

– Isso é tão estranho... – disse eu, rindo. – Ele tem pés grandes.

– Parece que você está apostando num irmãozinho.

– Não sei por que eu disse isso. Não importa. Ficarei feliz com uma irmã também. – Enquanto eu lhe dizia isso, percebi que era verdade. Ter uma vida nova na família nos daria a todos algo maravilhoso e positivo para pensar, em vez de ficar andando em círculos com coisas como “Puxa, nós ferramos a Angie”. Eu estava pronta para ir em frente. Só precisava que mamãe e papai me acompanhassem. Mamãe estava perto, mas papai ainda estava

extremamente ansioso desde o massacre do dia de Ação de Graças.

Apesar de ter faltado à escola e perdido algumas horas na última semana, eu estava mais do que pronta para ir em frente também lá. O coordenador pedagógico me aplicou alguns testes e disse que, com a recomendação dos meus professores, eu poderia passar para o primeiro ano do ensino médio depois dos feriados do Natal. Após três meses com garotos de treze e catorze anos, eu estava definitivamente louca para ter colegas mais maduros, mesmo que isso significasse começar com um novo grupo. Especialmente se isso significasse começar de novo. Já era tempo de eu sair do meu próprio isolamento. Kate era maravilhosa, minha estrela guia, mas eu precisava expandir meu grupo social e talvez trazê-la de volta à comunidade junto comigo.

E havia mais uma coisa que eu tinha de colocar de volta nos trilhos. Eu não via Abraim havia duas semanas. Kate tinha combinado os encontros dos dois casais. Abraim e eu na verdade nunca telefonamos um para o outro nem saímos sem Ali e Kate. A companhia extra não tornava aqueles dois tímidos – talvez eles secretamente gostassem de uma plateia para suas sessões de beijos apaixonados –, mas eu tinha a sensação de que Abraim e eu ficaríamos eternamente paralisados no mesmo lugar, a menos que passássemos algum tempo sozinhos. Além disso, eu agora estava pronta para ser um pouquinho mais sincera com ele. Afinal, ele tinha de entender que uma armadilha para ursos não havia arrancado a minha mão. E, agora que Abraim estava namorando só uma garota, talvez, apenas talvez, eu pudesse lhe contar sobre as outras.

Respirei fundo e me obriguei a ser corajosa. Telefonei para Kate e lhe perguntei se ela tinha o número do celular dele.

O telefone de Abraim não terminou de tocar uma vez, e ele já atendeu.

– Angie! – Ele próprio parecia um pouco ofegante. – Oi.

– Oi. Hã... Sim, sou eu. – Puxa. Um momento atrás eu havia preparado uma fala, mas infelizmente ela desapareceu quando ouvi o som da voz dele.

– Você vai bem? – perguntou ele.

Aquilo quebrou o gelo.

– Ah, sim. Você não imagina como vou bem – disse eu. – Nós podemos...

– Você quer... – disse ele ao mesmo tempo.

Eu perdi a coragem.

– Você primeiro.

– Você quer sair esta noite?

– É claro – disse eu. Será que ele ouviu o meu sorriso? E então lembrei. Era sexta-feira, e eu já havia me comprometido com os Harris. – Você se importa de sairmos mais tarde? Tipo nove horas? Vou cuidar do bebê dos vizinhos. Mas eles em geral voltam às nove. Podemos ir comer uma pizza, tomar um sorvete ou algo assim.

– Claro, isso seria ótimo – disse Abraim. – Eu já havia reservado o carro pra mim esta noite. Estava... estava planejando telefonar pra você.

Meu coração se aqueceu. Eu sabia. Ele também ficara sentado na sua cama ensaiando o que ia dizer.

– Então vejo você mais tarde.

– Até... até a noite, minha Angie – disse ele, com o que deve ter achado que era um estilo romântico. Engraçado: ele estava certo.

Sammy não estava num humor dos melhores quando cheguei à casa dos Harris. Com quatro dentinhos na boca, ele já estava preparado para a vida das comidas de verdade, tomar líquidos no copo e comer cereais. Sentado em sua cadeira alta, batia selvagemente uma colher em uma tigela de ovos mexidos. A maior parte deles voava no ar e aterrissava no chão, nenhum próximo da sua boca.

– Annee, Annee – gritou ele quando me viu.

– Quem é o meu rapazinho preferido? – perguntei.

Ele ergueu seu braço direito, um truque que demorei duas semanas para ensiná-lo a fazer.

– SSSammmmm! – gritou ele. Ovos amarelos saltaram da sua boca.

Eu tratei de limpá-lo e pegar o que havia caído ao chão.

A sra. Harris apareceu atrás de mim.

– Ah, querida, você não tem que se preocupar com isso. Deixe que eu pego.

– Não vestida desse jeito!

Ela estava usando um vestido de seda cor de vinho e um xale dourado. Deu um rodopio para minha aprovação.

– Maravilhosa. Alguma ocasião especial? – perguntei.

– A festa de Natal do departamento do doutor Harris. Espero que eles não se lembrem de que eu usei este vestido no ano passado.

– Não importaria se lembrassem – disse eu. – Está linda. – Nessa altura eu já havia limpado o chão para que ela não fosse tentada a fazê-lo. – Que tal alguns carrinhos de cereal, Sam? – sugeri.

– Al... – repetiu ele, o que entendi como sendo um "sim".

– Vou deixar isso com você – disse a sra. Harris. – É tão bom ele nunca fazer manha quando o deixamos com você. Ele era terrível com suas outras baby-sitters antes... – Ela se interrompeu, sem jeito.

– Antes de eu voltar pra casa – concluí.

– Isso. Antes de você voltar pra casa.

– Bom, ele era muito menor – sugeri.

A sra. Harris inclinou a cabeça.

– Talvez. Mas é mais do que isso. Há alguma coisa especial em você. Seja o que for, sorte a nossa. – Ela se inclinou e beijou Sam na cabeça, arriscando-se ao colocar o pendente de brilhantes e o pescoço sedoso próximo de suas mãozinhas engorduradas.

O dr. Harris enfiou sua cabeça na cozinha.

– Boa noite, Angie. Ligue a TV se quiser. E você tem o número do meu pager se precisar de mim. – Ele deu dois enormes passos e despenteou o macio cabelo de Sam. – Agora você é o homem da casa, Sam. Seja bonzinho.

– Bonito smoking – disse eu. O colete dele combinava perfeitamente com a cor do vestido da sra. Harris.

Eles desapareceram ao atravessar a porta em direção à garagem, e, momentos mais tarde, ouvi o potente motor da sua Maserati, de longe o mais belo carro da vizinhança. Era ótimo que eles fossem pessoas tão pés no chão quando obviamente podiam eles próprios

construir uma mansão sob encomenda em uma área mais luxuosa com vista para o mar.

– Ok, pequeno Sam. Carros rápidos pra você também. – Peguei um pedaço de queijo cheddar na geladeira e cereais no armário de café da manhã. Quatro rodinhas de cereal pressionadas em um cubinho de queijo pareciam um carro para um bebê faminto. Fiz o carrinho voar por cima do cadeirão e pousar na mão dele.

Ele o colocou na boca.

– Mais – exigiu. E então eu fiz mais.

Nós tínhamos uma rotina. Depois da refeição da noite, um banho quente. De início, fiquei realmente com receio de afogá-lo, mas, depois que a sra. Harris me apresentou ao anel de sucção da banheira, correu tudo ótimo. Sam entrava na banheira e brincava durante algum tempo com patos de borracha e derramando xícaras de água, enquanto o banho quente ficava morno, depois frio. Só então ele se dispunha a sair. Eu o enrolava em uma toalha grossa e cantava a música do patinho de borracha enquanto o enxugava e colocava uma fralda nele antes que acontecesse qualquer coisa de ruim. Instalava-o em segurança no chão do seu quarto e procurava em seu armário o pijama do Batman, que eu sabia ser um dos seus preferidos.

– Annee, Annee! – chamou ele.

Eu me virei e o vi cambaleando sobre seus pés no meio do quarto, com os braços estendidos. Ele deu três passos na minha direção e caiu sentado no chão.

– Você andou! Sam! Você andou de verdade! Faz isso de novo!

– Govu, govu – disse ele. Voltou à posição de gatinhas e ficou de novo em pé. Dessa vez, deu cinco passos antes de desmoronar.

Eu o segurei no colo e girei o seu corpinho.

– Você conseguiu, você conseguiu! – cantei. – Você andou sozinho. – Os Harris ficariam superanimados, mas também aborrecidos por terem perdido os primeiros passos.

– Droga, eu devia ter registrado isso em vídeo – disse eu. Mas havia algo muito especial em ter a lembrança desse momento só para mim.

– Govu, govu – disse ele, contorcendo o corpo para descer do meu colo.

Então, por meia hora nós brincamos de “de novo, de novo” andando e girando, até estarmos ambos totalmente exaustos.

– É hora da história – afirmei. – Depois de escovarmos seus quatro dentinhos.

Essa era uma regra doméstica, sempre ler antes de dormir. Ambos os Harris tinham estantes de livros junto ao seu lado da cama – romances policiais do lado dela e suspenses médicos do dele. Sam tinha toda a coleção do Dr. Seuss, e nessa noite ele pegou *Green Eggs and Ham* antes de subir no meu colo. Era o seu favorito, por razões óbvias.

– Fam Am fam! – trinou ele. – Dih-doh. Dih-doh.

– Hein? O que é “dih-doh”, rapazinho? – Ah, a campainha da porta estava tocando. Que estranho. Com Sammy no colo, cruzei o corredor até a porta da frente. Enxerguei pelo olho mágico o rosto distorcido de Abraim.

Um golpe de ar frio passou pela porta.

– Ei, o que você está fazendo aqui? – perguntei.

As lâmpadas piscantes do Natal se refletiam em seus olhos negros.

– São nove horas. Sua mãe disse que você ainda estava trabalhando. Ela achou que não havia problema se eu viesse até aqui, mas posso esperar no carro se você preferir que eu não entre, e seus patrões podem interpretar mal. Então, talvez eu deva...

– Pelo amor de Deus! Entra. Me desculpa. Eu me esqueci completamente de que eles tinham uma festa hoje, e por isso podem demorar um pouco.

Ele entrou pouco à vontade, mas seus olhos foram atraídos para a coleção de antigos livros de medicina na mesa da entrada, em parte objetos decorativos e em parte um hobby.

– Bela casa – disse ele.

– Eu sei. Um dia você terá uma casa como esta, futuro doutora Rahim – brinquei. – Vamos. Estava indo colocar o Sam na cama com um livro.

Abraim ergueu as sobrancelhas.

– Ele já sabe ler?

– Não, seu bobo. Eu vou ler. Ele fica escutando, e a gente espera que não rasgue as páginas.

Abraim sentou-se no chão. Sammy sentou-se no meu colo com o polegar na boca, fixado na história de seu xará Sam e seu exigente amiguinho sem nome. Esquecendo-me de que eu tinha uma plateia dupla, entrei totalmente no livro como sempre e, em pouco tempo, já estava recitando o texto de cor, em uma entrega totalmente dramática. Abraim aplaudiu no fim, e eu fiquei toda corada.

– Hora de dormir – disse para Sam. Ele deu um grande bocejo. O poder da sugestão.

Eu o coloquei no berço, e ele virou para o lado, aconchegando-se.

– Durma bem, querido – sussurrei, e o beijei na orelha.

– Você precisa disto? – perguntou Abraim. Ele estava pegando sob a cadeira de balanço o cobertor xadrez azul e branco de Sam.

– Obrigada. – Ele me deu o cobertor. Quando meus dedos se afundaram na lã macia, minha visão escureceu por um segundo e minha cabeça flutuou. Com os joelhos dobrando, agarrei a grade do berço em busca de apoio. – Uau. Tive uma tontura. Acho que levantei a cabeça muito depressa. – Pisquei forte para me livrar da escuridão e sacudi a cabeça. – Aqui está, Sammy. Sua mantinha. – Ele a pegou com os olhos fechados, já sugando seu polegar.

Saímos na ponta dos pés, fechando a porta com um ruído baixo. O cheiro de xampu de bebê ainda permanecia na minha camiseta e em minhas mãos.

– Você quer comer ou beber alguma coisa? – perguntei. – Posso providenciar alguma coisa.

– Não, obrigado. Não precisa. – Abraim se movia pouco à vontade. – Tem certeza de que não quer que eu te espere no carro?

Girei os olhos.

– Não seja bobo. Vamos ligar o aparelho de som lá na sala.

E o conduzi para meu aposento preferido na casa. Dois sofás de couro e um par de cadeiras estofadas em um suave tom amarelo, da cor do sol. Um tapete multicolorido com um desenho moderno cobria grande parte do chão de madeira clara. As luminárias e as mesas laterais eram modernas e metálicas. Dois enormes alto-

falantes ladeavam a lareira, e o resto do som ambiente vinha de pequenos alto-falantes montados no teto em torno da sala. Embora o restante da casa fosse térreo, esse aposento tinha um teto alto, com uma enorme janela da qual se descortinava uma bela vista das montanhas.

A janela criava o pano de fundo perfeito para a árvore de Natal de três metros e meio de altura que os Harris haviam montado no fim de semana de Ação de Graças, uma árvore de verdade, decorada com bolas brancas e douradas, anjos e estrelas e iluminada por pequenas lâmpadas brilhantes. Diminuí a intensidade das luzes do teto para mostrar o efeito completo. O cheiro de pinho inundou a sala, familiar e confortante.

Abraim seguiu a altura da árvore, desde os pacotes belamente embalados lá embaixo até a estrela de cristal no alto, quase tocando as vigas de sequoia.

– Fantástico! – disse ele. – Isso faz a nossa pequena árvore de menos de dois metros parecer extremamente inadequada.

– Vocês têm uma árvore? – perguntei.

– Bem, é a cultura comum, afinal. E eu não ligo para o acúmulo de presentes debaixo dela.

As luzes brilhantes se apagaram, e eu me enfiei sob a árvore para ajeitar as conexões até elas voltarem a se acender. Uma chuva de pontas de pinheiro caiu no chão.

– Uma má conexão em algum lugar – expliquei.

Abraim tirou algumas pontas do meu cabelo.

– Acho que eles cortam essas árvores no Halloween. Quase expressei nossas condolências à nossa, mas conseguimos ressuscitá-la com água açucarada.

– E agora está planejando uma carreira como um cirurgião de árvores – brinquei. Peguei o controle remoto do aparelho de som. – Que tipo de música você gosta, doutor?

– Escolhe você – disse ele imediatamente.

– Bem, algo calmo enquanto Sam está adormecendo – disse eu, e escolhi uma estação de jazz suave. Era o tipo de música para uns amassos, embora eu não estivesse pensando nesse sentido. Mesmo.

– Você é ótima com ele – disse Abraim, com uma nota de admiração em sua voz. Ele se sentou em uma das poltronas e passou suas mãos pelos braços de couro macio. – Muito natural.

– É bom isso, não é? Quer dizer, logo teremos um nosso.

Seus olhos saltaram.

– Nós teremos? – guinchou ele. Seu rosto ficou rubro.

Eu ri.

– Ah, Deus. Não... nós. Minha família. Minha mãe está grávida, acredite se quiser.

Acho que ele começou a respirar de novo.

– Então você vai ser irmã.

– É. Mas minha mãe é tão velha que todas as pessoas vão pensar que o bebê é um acidente meu, pelo menos todos que não nos conhecem.

– Ah. Hã... – Ele procurou por uma resposta e aparentemente desistiu.

Tudo ficou dolorosamente quieto por um momento, enquanto ambos pensávamos em como retomar a conversa. Eu tinha uma abertura para lhe contar o que queria lhe contar, mas simplesmente não conseguia fazer isso cara a cara com ele. Deitei num sofá com a cabeça apoiada no braço, olhando para os nós das vigas de sequoia bem acima da minha cabeça.

Minha voz tremeu um pouco.

– Sabe, eu tenho muito tempo sem explicação na minha vida.

Senti uma mão quente sobre o meu ombro.

– Você esteve desaparecida – disse ele. – Eu sei. Seus pais continuavam aqui na cidade. Eu disse pra você que li todos os artigos publicados nos jornais antigos e consegui ver no YouTube todas as reportagens recentes.

Certo.

– Quando eu voltei, não conseguia me lembrar de nada. Absolutamente nada.

– Que... estranho – disse ele.

– Totalmente. Mas agora me lembro de algumas coisas – disse eu, fixando o meu olhar no teto alto. – A verdade é que eu fui

sequestrada. – Ergui meus punhos cobertos de cicatrizes. – E fui obviamente mantida em cativeiro, pelo menos durante algum tempo.

– Síndrome de Estocolmo? – perguntou ele.

– O que é isso?

– É quando o sequestrado acaba por se identificar com o sequestrador e não tenta fugir.

Girei com força a aliança de prata em meu dedo. Não que eu quisesse honrar aquela mentira, mas de algum modo ainda precisava vê-la na minha mão. Talvez Abraim estivesse certo... era uma síndrome.

– Lê isto – disse eu. – É tão sinistro.

Abraim estava calado.

Droga. Aquilo era demais, estranho demais, cedo demais. Sim, Abraim estava muito calado.

E eu também, enquanto esperava que ele se levantasse e nunca mais falasse comigo.

Mas ele não fez isso. Aproximou-se de mim e me beijou, inclinando-se sobre o sofá. Seus olhos estavam úmidos.

– Você está bem? – sussurrou ele.

– Ah, acho que sim. Sim. – Meus olhos também estavam marejados. Sua ternura me tocou profundamente no centro do meu coração acelerado.

Ele se ajoelhou perto de mim para poder me ver melhor, sua mão acariciando o meu rosto.

– Como você não enlouqueceu? Como sobreviveu? Como não se matou? Você deve ter uma enorme vontade de viver.

Minha boca se enrugou um pouco. Será que eu ousaria lhe contar? Agora?

Enquanto procurava as palavras certas, a música cresceu de uma maneira particularmente emocional, e a próxima coisa de que tomei conhecimento foi Abraim colocando seus dois braços em torno de mim e me apertando em um forte abraço contra o seu peito. Sua voz tremeu.

– Eu queria ter te salvado. Queria ter sabido onde procurar.

– Ninguém soube – sussurrei eu. – Mas obrigada. – Meus braços também o envolveram, e então fomos cercados pela música e pelo

couro macio, e ele estava me beijando, e eu o estava beijando. E a maravilha disso era que eu me sentia nova e bem. Eu me sentia como se nunca tivesse sido beijada antes, exceto por esse rapaz doce, gentil e protetor, que me queria, embora soubesse quanto eu devia estar danificada.

Lágrimas de felicidade escorreram dos cantos dos meus olhos. Ele sentiu o sabor salgado e se sentou com uma expressão questionadora em seu rosto.

– O que foi? – perguntou. – Desculpa. Eu exagerei?

Eu sorri e enxuguei os olhos, que de todo modo continuaram vertendo lágrimas.

– Estou apenas me sentindo muito feliz, muito afortunada – disse eu. – Você é bom demais pra ser verdade. Estou com medo de acordar.

Ele corou com um sorriso de prazer, e eu puxei sua cabeça para perto da minha exigindo mais felicidade, mais sorte. O tempo evaporou enquanto exploramos as curvas dos lábios, o rosto e o pescoço um do outro com beijos suaves.

O relógio sobre a lareira soou onze horas, e ele se afastou de mim.

– Ah, querida. É muito tarde. Provavelmente devo ir embora antes que seus patrões retornem, porque, Angie, se você me olhar desse jeito por muito mais tempo, terei que te beijar sem parar e temo que eles possam entrar e ver.

– Ah. O nosso encontro... sinto muito.

– Agora você é que está sendo boba – disse ele. – Eu não trocaria esta noite por um filme e pipoca. Está brincando? Mas que tal amanhã sairmos juntos para comer uma pizza e talvez algo estranho, como jogar boliche?

– Consigo derrubar noventa e cinco por cento dos pinos... pelo menos, costumava conseguir – eu o adverti. E saí da depressão que o meu corpo havia feito no sofá.

– Uau. Se você é assim tão boa, estou com problemas.

Eu me contive e não lhe disse quanto eu era boa.

– Você quer me pegar às seis?

– Adoraria – disse ele. Enquanto caminhávamos até a porta, ele colocou um dos braços em torno da minha cintura. Sua jaqueta estava pendurada no cabideiro, e, depois que a colocou, ele se inclinou na minha direção e me manteve em seus braços novamente para mais um beijo de boa-noite. De algum modo, o beijo durou até o relógio marcar onze e quinze, e nessa altura eu estava tonta e sem fôlego.

Eu o observei se afastando antes de ir olhar Sam. Ele havia virado de costas e se livrado de todas as cobertas. Eu o aconcheguei de novo, alisando a beirada do seu cobertor de lã entre meus dedos. A suavidade era hipnótica, e fiquei observando a respiração daquele bebê, o seu peitinho subindo e descendo.

O som da garagem abrindo me assustou, e corri até a cozinha para receber os Harris.

– Ah, Angie – disse a sra. Harris. – Sinto muito por termos chegado tão tarde. A noite simplesmente voou.

–Tudo bem – disse eu. – Tivemos uma ótima noite aqui. Sam deu seus primeiros passos de verdade sozinho.

– Ah, que maravilha! – Ela me deu um abraço. – Como você deve ter se divertido. Você ouviu isso, querido? – disse ela quando o dr. Harris entrou, vindo da garagem. – Nosso rapazinho já está de pé correndo.

– Ei, ei, ei! – disse ele animado, abraçando a sra. Harris. – Mal posso esperar para vê-lo de manhã. Graças a Deus amanhã é sábado. Acompanho você até sua casa? Ginny te contou? Nós nos divertimos muito dançando aqueles clássicos antigos. Nem vimos o tempo passar.

O relógio marcou uma da manhã como um ponto de exclamação para suas desculpas.

Uma? Uau. De algum modo o tempo também havia voado para mim. Será que eu realmente havia adormecido de pé ao lado do berço de Sam?

A manhã de sábado deveria ser um dia para dormir até mais tarde e acordar renovada. Mas, quando mamãe chegou e me acordou pela

terceira vez às duas e meia, meus olhos ainda se sentiam como se fossem lixas. Só saí da cama quando ela ameaçou nunca mais me deixar cuidar de Sam à noite se eu não conseguisse lidar com isso. Considerando a nota nova de cem dólares na minha carteira (hora extra após a meia-noite, explicou o dr. Harris enquanto me entregava dinheiro a mais), quis provar que podia lidar com isso. Além de tudo, eu havia dormido durante mais de doze horas. Devia estar pulando para fora da cama.

Saudei a tarde abrindo minhas cortinas. Tive de empurrar minha cadeira de balanço para o lado para alcançá-las, e meu estômago virou como se começasse a me entender... a cadeira de balanço havia se movido. À noite. Sozinha. O cobertor que em geral ficava dobrado sobre ela estava enrolado no formato de uma salsicha. Havia profundos vincos no carpete. Toquei o assento, e, para meu horror, ele ainda estava quente.

Droga. A louca que ficava se balançando. Ela não era uma das outras. Ela tinha vontade própria. E ainda estava comigo.

17

POSSESSÃO

Ontem Lynn e eu havíamos conversado sobre reduzir as sessões a uma por semana, as duas achando que a maior parte do trabalho difícil já fora superada. Acho que estávamos erradas. Totalmente erradas. Eu precisava dela agora.

Meu coração batia forte diante da percepção de que, por mais exausta que eu estivesse, por mais pesado que devesse ter dormido, a louca que ficava se balançando ainda tinha o poder de acordar o meu corpo e assumi-lo. E isso era inaceitável.

Mamãe me chamou de novo do alto da escada:

– Você já se levantou da cama, finalmente?

– Já. Desço em um minuto – respondi, mal-humorada.

– Você disse isso da última vez.

– Já levantei! – gritei.

– Seu pai está no jardim, podando as roseiras. Talvez você pudesse ajudá-lo – disse ela. Como se isso me fizesse ficar entusiasmada por ter saído da cama. – Está um lindo dia – acrescentou ela de uma maneira cantada.

Talvez para ela. Ela ainda estava em um pico emocional desde ontem. Mas não eu... tudo havia sido abalado da noite para o dia. Eu tinha de me consultar privadamente com Lynn, de algum lugar do qual mamãe não pudesse me ouvir. Entre papai, o bebê e o Natal, ela tinha coisas demais na cabeça. Dizer-lhe que eu não estava tão bem quanto achávamos que estava... Não. Ainda não.

Então, quando ela voltou para a cozinha, peguei o telefone lá de cima, do escritório de papai. Segura atrás de portas fechadas, telefonei para o número de emergência de Lynn.

Ela atendeu imediatamente.

– É a Angie? – Certo. Identificador de chamadas.

– Oi, Lynn. Tenho algumas novidades. – Minha voz soou baixa e tensa. – Você se lembra dos problemas que eu costumava ter com a garota maluca da cadeira de balanço? – Era uma pergunta retórica, mas de todo modo esperei a resposta.

– Claro que lembro, Angie. É claro.

– E se lembra de que nenhum dos alters jamais confessou que ficava se balançando, embora estivéssemos praticamente certas de que era a Bandeirante? Bom, adivinha o que aconteceu?

– Não era – disse ela. – É claro.

– Bingo. Não era. Porque ela é algum outro alter. Perdi a noção do tempo de novo, Lynn. A noite passada. Perdi quase duas horas... e isso quando eu estava acordada. Ela roubou toda a minha noite de sono. Não sei o que fazer.

A voz suave de Lynn possuía o mesmo efeito ao telefone.

– Podemos lidar com isso. Tudo vai ficar bem, Angie. Não entre em pânico. Você precisa me ver antes do nosso horário normal? Sua mãe pode te trazer de carro até aqui para uma sessão extra? Hoje? Posso te ver a qualquer hora. A única coisa que eu havia planejado era fazer compras de Natal, e isso, é claro, pode esperar.

– Vou ver com ela. Você pode esperar na linha?

Corri até lá embaixo, tentando pensar em uma desculpa razoável para dar a mamãe para justificar a necessidade de uma sessão de emergência. A inspiração chegou quando acabei de descer, e quando cheguei à cozinha já tinha a desculpa pronta.

– Mãe, você pode me levar pra ver a doutora Grant? Tive um pesadelo horrível a noite passada. Por isso não dormi bem. Ele me trouxe todo tipo de pensamentos apavorantes, e então não consegui voltar a dormir.

– Coitadinha – disse mamãe. – É claro.

Entramos no carro meia hora depois, meu cabelo pingando devido à ducha que tomei. Pude perceber que ela queria me perguntar mais sobre o sonho, então inventei uma história sobre estar prisioneira dentro de um casulo com o ar se esgotando. Meu peito se sentia comprimido e sem fôlego com a ansiedade. Essa parte era verdade.

– Assombrada! – disse eu para Lynn. – É como eu me sinto. Sou uma casa velha com um espírito ainda vagando no sótão.

Ela me dirigiu um sorriso gentil e solidário, sua especialidade.

– Algum indício?

Vasculhei todos os cantos do meu cérebro. Nada, disse a mim mesma. Não havia mais segredos. Mas as lembranças que absorvi não incluíam isso. Se havia outro alter, a Bandeirante e a Tagarela não o conheciam. O canal de comunicação que a Bandeirante costumava compartilhar com a Esposinha me convenceu de que esta também não sabia da existência desse alter, embora, pensando bem, a Esposinha tivesse mencionado ter sido mandada embora e substituída durante algum tempo. Isso era suspeito. Muito suspeito, porque agora eu sabia que a Bandeirante não era aquela que a substituía. Como eu sabia? Porque não tinha lembranças de todo aquele tempo.

E o Anjo... ele disse algo estranho. O que foi? Ele disse que havia sido trazido à tona por um dos outros alters, quando o homem fazia algo totalmente imperdoável. O que me levou a perguntar o que poderia ser mais imperdoável do que aquilo que ele já me havia feito.

Apertei os olhos até espirais cobrirem o interior das minhas pálpebras. Explorei dentro de mim, enquanto Lynn esperava com paciência. Finalmente, encontrei o fio de uma possibilidade.

– A Solitária... é tudo o que sei – disse eu para ela. – O Anjo disse que ele foi chamado pela Solitária. Mas não ouvi o nome com letras maiúsculas quando ele falou. Acho que pensei que ele estivesse se referindo a uma das outras. À Esposinha, suponho, pois ela se queixava quando o homem a deixava sozinha. – Visualizei a bela face dele e sua brancura brilhante. Um nó apertou a minha garganta. Havia apenas silêncio quando sua presença se fazia notar. O vazio deixou meu estômago enjoado.

– É tarde demais, Lynn. Não podemos perguntar pra ele. Ele foi embora pra sempre.

Eu me inclinei sobre meus joelhos e os abracei, sentindo-me pequena e fraca sem ele.

– Nós estragamos tudo. – E minhas lágrimas caíram sobre o carpete.

Lynn deu umas batidinhas nas minhas costas de uma maneira um tanto maternal, porém mais desajeitada.

– Sinto muito, Angie. Achei que estivéssemos fazendo a coisa certa. Não se preocupe. De um jeito ou de outro, vamos chegar ao cerne disso. Só vai demorar mais tempo sem a ajuda do Anjo. Você quer tentar uma sessão de hipnose?

– Talvez na segunda-feira. Agora podemos apenas conversar? – perguntei. – Eu não quero mesmo, mesmo, sair da minha cabeça neste exato momento.

Então conversamos sobre se eu sentia falta da Esposinha e do Anjo. E imagino, pela quantidade de lágrimas que chegavam às minhas mangas, que a resposta era sim.

Kate foi falar comigo logo depois da minha prova de ciências.

– Você está com uma aparência horrível – disse ela, da maneira que só uma melhor amiga pode falar. – Problemas no paraíso? – Ela fez um movimento de cabeça na direção em que os rapazes estavam trocando uma série de livros por outra em seus armários.

– O quê? Abraim? Problemas? Não. Ele é ótimo. Isso está ótimo. Estamos ótimos – disse eu. – Nós nos encontramos duas vezes neste fim de semana.

– Fizeram algum progresso? – Ela me deu uma cotovelada e piscou para mim.

Eu corei, lembrando da sensação das mãos quentes dele lançando-se sob o meu suéter para explorar minhas costas enquanto nos beijávamos ao nos despedir. Ainda podia imaginar cada ponta de seus dedos traçando suaves círculos.

Kate percebeu minha expressão e soltou uma risada.

– Não importa. Você já respondeu. – Ela olhou para trás e viu os gêmeos vindo na nossa direção. – Por isso você parece tão exausta? Amor demaaaais?

– Quisera eu... – sussurrei próximo ao seu ouvido. – A maluca da cadeira de balanço está de volta. – Ela passou toda a noite de

sábado e toda a noite de domingo me tirando da cama, torturando meu corpo, que devia estar na cama descansando para as provas.

– O quê? Eu pensei que tudo isso já estivesse sob controle.

– Eu também. – Não consegui evitar erguer os ombros dramaticamente. – Mas não. Aparentemente, meus demônios do passado ainda não acabaram comigo. Ainda estou possuída.

– Nossa, que droga! Gostaria de poder fazer alguma coisa pra ajudar. – E me lançou um sorriso impotente, fraco. – Quem sabe pudéssemos dar uma corrida mais tarde? Isso sempre clareia a *minha* mente. Quer dizer... ai, como fui idiota. Eu não pretendia...

Se pelo menos fosse assim tão fácil.

– Shhh. Os rapazes. – Eu lhe fiz um sinal para se calar antes que eles se aproximassem o bastante para ouvir.

Ali tascou um beijo em Kate, indiferente às regras do colégio. Abraim ergueu suas sobrancelhas pra mim, beijando-me apenas com a luz em seus olhos, mas do mesmo modo senti meus lábios formigando.

– Como foi sua prova esta manhã? – perguntou ele.

– Fácil – respondi. – Tão sem graça que eu quase não me mantive acordada. – Um enorme bocejo saiu da minha boca. – Graças a Deus, por hoje estou liberada. Mas tenho duas provas mais difíceis amanhã. História e inglês. Tenho várias páginas de vocabulário para rever.

– Precisa de uma carona pra casa? – perguntou Ali. – Também já estamos liberados. Podemos te levar.

Lancei um olhar para o relógio do corredor.

– Minha mãe vem me buscar daqui a uma hora. Tenho que ir a um lugar.

Kate deu um tapinha no meu braço, me olhou séria e falou baixo:

– Mais uma sessão de exorcismo?

Meu peito se apertou, e, por um momento, achei que estava tendo um ataque cardíaco.

– Ah. – Dei um suspiro de dor. Minha visão começou a escurecer. Minha cabeça flutuou. Meus joelhos dobraram.

A pressão da mão de Kate ficou mais forte, mantendo-me de pé.

– Ange, o que está acontecendo?

O braço de Abraim me envolveu do outro lado.

– Ei, você está bem?

– Não me deixe cair no chão se eu desmaiar – disse-lhe baixinho. Ele me segurou firme contra o seu peito enquanto eu recuperava a respiração, concentrada em readquirir o autocontrole. A dor desapareceu tão rapidamente quanto havia iniciado. Meus olhos tornaram a focar os rostos preocupados de Ali e Kate.

– Uau, isso foi estranho. Desculpa, gente. Eu tive apenas um aperto no peito e não consegui controlar a respiração. – De certa forma.

Os rapazes lançaram-me olhares alarmados e solidários, e Kate vasculhou sua bolsa em busca de um comprimido de ibuprofeno. Isso era ótimo. Deixei o mal-entendido persistir. Uma pressão no peito seria muito mais difícil de esclarecer e, de todo modo, havia passado.

Meus amigos insistiram em me levar direto para casa, e Abraim segurou forte a minha mão no banco traseiro. Seus olhos escuros me disseram que ele ainda tinha perguntas a me fazer, mas não iria fazê-las na frente do seu irmão. Antes que eu saísse do carro, puxou-me contra ele e me beijou nos lábios, a primeira vez que fazia isso na frente de qualquer outra pessoa.

– Telefona pra mim mais tarde – insistiu ele. – Quando voltar da educação física. Preciso me certificar de que você está realmente bem.

Mamãe se acomodou na cadeira habitual na sala de espera de Lynn e pegou uma revista que ela já havia lido inteira várias vezes. Pelo amor de Deus, a mulher trabalhava numa biblioteca! Podia ter trazido um novo livro para passar o tempo. Mas ela provavelmente não conseguia se concentrar, sentada ali fora e imaginando o que se passava dentro do consultório. Lynn havia jurado segredo, e eu não contava detalhes, ainda que a maior parte do salário de mamãe fosse dedicada a pagar a minha terapia.

– Tenho um plano – anunciei a Lynn. Desmoronei no sofá. – Tudo o que você tem a fazer é me preparar.

Fizemos tanta hipnose e imagens guiadas que era ridiculamente fácil para mim me desligar do consultório e penetrar dentro da minha mente, naquele lugar especial onde havia encontrado meus alters. A Solitária devia estar nas proximidades, e pensei no único lugar lógico para procurar por ela.

Transportei-me de volta à varanda da cabana, a varanda ensolarada azul e amarela, que parecia intata. Mas a porta, a porta que só o Anjo podia usar, estava um pouquinho entreaberta. Jamais a havia visto aberta antes.

Teias de aranha se deixavam entrever, ondulando pela abertura na brisa da manhã. Minha mão se estendeu e puxou a maçaneta. A porta se abriu com um rangido e bateu contra a cabana. Havia movimento lá dentro. Uma fresta de luz solar penetrou na escuridão interior, iluminando uma figura arqueada no meio do espaço. Um som rítmico atingiu meus ouvidos – um balanço de vai e vem. As pernas de uma cadeira de balanço em um chão de madeira dura.

Penetrei na obscuridade. Uma lamparina ardia no chão em um canto, lançando uma sombra comprida e tremeluzente na parede oposta.

– Quem é você? – perguntei, minha voz soando pouco mais alta que um sussurro.

A cabeça dela se ergueu. Finalmente, nossos olhos se encontraram. Então essa era a Solitária, minha maluca da cadeira de balanço. Lágrimas manchavam seu rosto. Seu rosto era o meu rosto, igual àquele que me saudou no espelho pela manhã, mas amarelado pela chama fraca.

Ela segurava uma trouxa em suas mãos e a ergueu na minha direção. Será que queria que eu a pegasse? Dei um passo à frente e peguei a trouxa macia. Era a minha manta xadrez azul e branca. Estranhamente familiar. Ela escapou de minhas mãos e caiu no chão.

– Quem é você? – gemeu ela em um eco da minha voz. – Onde está o meu Anjo?

– Ele partiu. Não vai mais voltar.

– NÃO! – Ela chorava e estendeu a mão para pegar a manta vazia.

– Sinto muito – disse eu. – Ele era violento demais, descontrolado demais. Não podia ficar.

– Mas quem vai encontrar o meu bebê? – sussurrou ela. – Onde está o meu bebê? – Ela enrolou a manta numa forma como se ali houvesse um bebê e a aconchegou no seu ombro.

Ai, Deus. Aquela manta.

Ela pressionou sua face contra a manta, devastada com a perda.

– Eu enviei o Anjo para encontrar meu bebezinho.

Oh, Deus misericordioso. Isso não era possível.

– O homem o pegou dos meus braços.

– Angie, Angie – Lynn sacudiu meus ombros. – Você pode me ouvir? – Sua voz me puxou de volta. Eu a afastei, entrando novamente na escuridão.

– Isso é impossível! – gritei. Era a manta de Sammy.

– Angie, o que está acontecendo? Volte! – A ordem de Lynn se esvaiu.

A Solitária agarrou meu braço com uma força inesperada, e um espasmo brutal fez meu corpo dobrar de agonia. Uma dor profunda, como a de uma facada no estômago, roubou minha respiração. Eu me contorcia e gritava, vendo-me na cama. A cama estava cheia de sangue, e a dor dilacerante na minha barriga ia e vinha. Respirei fundo em busca de um pouco de ar. Nada na minha vida jamais havia me magoado tanto quanto isso. Na minha frente, com a cabeça inclinada e as mãos brancas apertadas em meus joelhos, o homem dizia:

– Empurra agora. Empurra forte, meu amor. – E eu empurrei, empurrei, gritei e senti a pressão se deslocar.

E então um recém-nascido escorregadio e berrando estava em meus braços, a dor desapareceu, e a felicidade que eu via naquele pequeno rosto vermelho era imensurável.

– Ah, é um menino – disse o homem. – Alimenta ele. – E empurrou aquela boca minúscula para meus seios inchados e doídos.

E eu balançava e balançava, e o aconchegava em sua manta, e o alimentei e amei até o dia em que o homem disse:

– Isso simplesmente não está funcionando. Você não tem mais tempo pra mim. – E ele tirou o bebê dos meus braços. Meu coração se estilhaçou como uma porcelana derrubada no chão.

A Solitária me libertou. A conexão se partiu. Ondas de choque pulsavam pelo meu crânio. A marca da pressão da mão dela feria meu braço. Recuei no aposento escuro em direção à porta de entrada.

A Solitária se levantou para me seguir.

– Tenho que sair – disse ela. – Para encontrar com ele.

– Não. Você não po-pode – gaguejei. – Não pode mais.

Fechei a porta com um baque. Eu sabia o que fazer. Tábuas e pregos estavam bem ali onde eu precisava deles. Apareceu um martelo.

Lynn chamou:

– Angie, Angela. Agora.

– Não. Ainda não! – gritei para ela. Bati sem parar os pregos, fechando a porta com tábuas. Aquilo deixou a cabana lúgubre e decrépita. Cinzenta de novo. Ameaçadora. Ótimo. Eu havia acabado com isso. Enquanto a Solitária permanecesse confinada ali, ninguém precisava saber.

Exceto eu. Porque agora eu conhecia sua dor secreta, a dor que a fazia se balançar na cadeira a noite toda com os braços vazios. E eu sabia onde o seu bebê estava. Só não tinha ideia do que fazer a respeito.

18

DETENÇÃO

– O que acabou de acontecer, Angie? – A agitação de Lynn era óbvia. Pontos vermelhos brilhantes se destacavam em seu rosto.

Eu emergi novamente, as costas pressionadas à parede, os braços pendidos dos lados do corpo, as pernas tremendo debaixo de mim. Ferimentos recentes apareciam em minhas mãos. Elas doíam. Eu as ergui em silêncio, a pergunta escrita em meu rosto.

– Você estava martelando madeira. Seguindo um padrão. Recusou-se a acordar ao meu chamado até terminar o padrão. – Ela bateu no próprio peito, acima do seu coração. – Eu fiquei um pouquinho nervosa, minha querida. Você está bem?

Fiz que sim com a cabeça. Agora estava bem. A Solitária ficaria trancada enquanto eu quisesse que ela ficasse.

Deus do céu! Eu tinha uma semana de provas para enfrentar. O momento de ela aparecer não podia ter sido pior. E o seu segredo... afastei meus pensamentos daquilo o máximo que pude. Meu coração se contorcia de dor, meu estômago estava nauseado. Tinha de ser uma falsa lembrança. Por favor, faça com que seja.

Lynn esperava, observando.

Eu tinha de lhe dar uma explicação. Algo plausível.

– Eu... estava tentando entrar lá, através de uma janela. Dentro da cabana. – Achei que essa era uma desculpa estranha, pois percebi que não havia nenhuma janela na minha cabana mental.

– Você conseguiu? Encontrou o que estava procurando? – perguntou Lynn.

Balancei a cabeça.

– É uma pena – disse ela. – Quem sabe na quarta-feira?

Por favor, não. Preciso de mais tempo. Não tempo pra lidar com isso, mas tempo pra lidar com a coisa toda.

– Ah, não. Realmente preciso de todo o meu tempo esta semana pra estudar pras provas. Tenho que me sair bem pra poder passar pra um ano mais adiantado.

Lynn me deu um sorriso mais relaxado. Eu a convencera. Devia ser uma atriz fabulosa.

– Está bem. Esse é um ótimo objetivo. Ser transferida pra um ano mais adiantado. – Ela fez uma saudação aparentemente ingênua em direção ao teto. – Mas, por favor, ligue pra mim se precisar. Estarei pensando em você.

Dormi profundamente aquela noite. Sem cadeiras de balanço se mexendo no meio da noite, sem invasões em meus sonhos, sem progressivos flashbacks. Foi um enorme alívio. Agora eu percebia quanto Solitária havia me extenuado, como um vampiro na noite.

O sol passava por minhas cortinas de renda, lançando uma sombra suave das vidraças pelo meu edredom. Tirei minha camisola pela cabeça e a deixei cair no chão. Minhas mãos deslizaram pela pele lisa da minha barriga plana e firme, e dali para meus pequenos seios. Impossível imaginar este corpo tendo algum dia passado pelo que mamãe estava passando agora. Impossível acreditar que a Solitária quisesse que eu acreditasse que aquilo fora real.

Tudo o que eu queria era ser uma estudante normal do ensino médio, e então foi nisso que coloquei toda a minha recém-descoberta energia. Um por um, enfrentei todos os meus exames. O ibuprofeno se encarregou de me livrar das minhas agudas dores de cabeça; panos úmidos e quentes ajudaram a aliviar os ferimentos nas minhas mãos e no meu braço esquerdo. Mas ter a distração e um objetivo para me absorver foi o melhor remédio.

Mas então a distração acabou, junto com as provas. A escola estava de férias por duas semanas e meia, e eu não tinha nada para estruturar o meu tempo. Já havia terminado minhas compras de Natal: livros para mamãe ler na sala de espera, duas gravatas para o papai em cores alegres para ajudar a melhorar o seu humor, um vaso longo e fino de cristal para Lynn, brincos para Kate e um lenço de seda para vovó. Ela podia jamais usá-lo, mas eu queria continuar me comportando como quem ainda sentia falta da minha avó.

Eu tinha de pedir o conselho de Kate sobre um presente pra Abraim.

– Um sutiã de renda preta – foi a sugestão dela. – Não do tamanho dele... do seu – acrescentou, no caso de eu não ter percebido sua brincadeira.

Da maneira mais casual possível, eu disse:

– Já comprei. É uma noite formal, você sabe.

– O quê? Noite formal? Isso é um namoro? – Seus olhos se arregalaram. – Subestimei você, garota – disse ela. – E ele também.

Eu ri e lhe confidenciei parte de como ele enfiara rapidamente a mão nas minhas costas, por baixo da blusa, o mais depressa que pôde.

– Acho que vou encomendar pra ele um moletom de Harvard pra dar sorte.

Então, na sexta-feira de manhã meu alarme cerebral me acordou às seis horas, embora eu pudesse ter dormido até meio-dia. Estava ali,deitada pensando exatamente no que fazer comigo mesma, quando ouvi o rumor de um carro entrando no acesso à garagem. Olhei pela janela e vi o SUV verde do detetive Brogan. Meu coração deu uma guinada, pulando um batimento. Por que ele estava aqui nesta hora louca?

A campainha tocou. Lá em baixo, passadas pesadas cruzaram a porta de entrada.

Esperei, com a tola esperança de que aquilo não me envolvesse, mas a voz de papai ao pé da escada me chamou:

– Angela? Angel, desça, por favor.

Por que aqui? Por que agora? Será que havia novidades? Outra mudança no caso?

Enfiei o jeans que havia usado ontem e coloquei um moletom verde sobre a camiseta com a qual havia dormido. Então entendi o que devia ser. Um corpo. Evidência de DNA. Uma identificação positiva. Talvez uma causa de morte, e talvez minhas digitais na arma assassina.

Oh, Anjo. O que você fez? O que fez por nós?

Uma golfada ácida subiu do meu estômago. Corri até o banheiro, cuspi o amargor da minha boca e passei a manga do moletom pelo

meu rosto. Esforcei-me para fazer uma cara alegre enquanto descia a escada. Meu estômago vazio estava dando nós. As coisas estavam prestes a ficar muito mais complicadas, justamente quando estavam se tornando mais simples.

O hall de entrada estava vazio.

– Aqui, querida! – gritou mamãe da cozinha. Sua voz estava inesperadamente normal, talvez um pouco aliviada.

– Só um segundo – respondi. Fui até o banheiro lá da entrada, fechei a porta, engoli um pouco de pasta de dente e puxei a descarga. Saí enxugando as mãos em meu jeans. Minhas pernas formigavam com a adrenalina. Eu tremia dentro do moletom.

Brogan e Mamãe estavam sentados um em frente ao outro na mesa da cozinha, duas xícaras de café entre eles. A xícara de papai estava cheia e fumegando, intocada diante dele.

– Oi, Angie – disse o detetive de maneira amigável. – Estive conversando com seus pais. Estamos perto de encerrar a investigação. Há apenas alguns fios soltos pra serem amarrados.

– É mesmo? – Tentei conter o tremor na minha voz.

– Isso não é ótimo? – perguntou mamãe.

Se ela estava feliz, eu estava feliz.

– É. Realmente ótimo – disse eu com o sorriso mais sincero que consegui, tentando esquecer aquela dor no estômago. Não conseguia me sentir aliviada. Ainda não.

Mamãe me ofereceu sua cadeira quando se levantou para levar sua xícara de café até a pia. Isso me colocou terrivelmente próxima de Brogan, mas ele não estava emitindo vibrações perigosas. Seus olhos tinham um tom verde-azulado suave, refletindo a cor verde-musgo da sua camisa de flanela. E não havia centelhas flutuando no fundo deles.

Eu não tinha nada a fazer com minhas mãos trêmulas. Escondi-as debaixo da mesa, no meu colo, apertando meus joelhos e tentando não deixar transparecer a tensão no meu rosto.

– Então...

Ele inclinou o corpo para trás, com as mãos atrás da cabeça.

– Em resumo, vasculhamos a área. Encontramos apenas uma única cova contendo um único corpo, que era sem dúvida aquele do

seu sequestrador, e não, felizmente, de outra vítima.

– Isso não é maravilhoso? – disse mamãe, com um enorme sorriso no rosto.

– É claro – disse eu, porque era o que se esperava de mim. Além de achar um pouco desconcertante ver minha mãe se alegrando pela morte de alguém, ainda me sentia pouco à vontade.

– Mas como... – começou papai.

– Vou chegar lá – disse Brogan. – O legista estimou o momento da morte cerca de oito semanas antes de o encontrarmos, o que é consistente com a época da sua fuga, Angie.

Eu ouvia atentamente, buscando algum sinal de suspeita ou ameaça.

Papai pigarreou.

– Mas, Phil, então já faz mais de um mês que você encontrou o corpo. Por que não nos contou?

– Ah. – Brogan voltou o corpo à posição inicial. – Tivemos que fazer testes periciais, a causa da morte, o DNA, tudo isso. Tentar identificá-lo. Encontramos as impressões digitais da Angela no cabo de uma pá atrás da casa.

Minha mente imediatamente voou para uma imagem do Anjo esmagando um crânio com uma pá. No entanto, isso não parecia certo. Não era o estilo dele.

Mas Brogan ainda estava falando. Comigo.

– Imagino que você deve tê-lo descoberto morto e cavou o túmulo que descobrimos. Como você o arrastou até aquela distância é algo que ninguém sabe. Ou por que se deu ao trabalho de enterrá-lo.

Essa atitude decente devia ser coisa da Bandeirante, pensei.

– Como... como ele morreu? – perguntei em uma voz firme, meus olhos concentrados nos de Brogan.

– Nenhum sinal de violência ou ferimentos. Ele estava usando roupas de dormir. Parece ter sido uma parada cardíaca. Durante o sono.

– Oh! – disse eu, e olhei para minhas mãos em meu colo.

– Canalha! – praguejou papai. – Tranquilo demais.

– Bem, ele está certamente além do alcance da justiça humana – disse Brogan, enfatizando a palavra “humana”. – No entanto, sua

morte torna as coisas muito mais fáceis de ser concluídas. De todo modo, essa faca que encontramos... apenas com as digitais da Angie... não provocou nenhum ferimento no falecido. – Ele encolheu os ombros. – E aparentemente ninguém mais estava envolvido. Não havia nenhum outro DNA – explicou ele. – Então não há nenhuma pergunta embaraçosa a ser feita a você. Ninguém vai pensar nada no sentido de que você pudesse... Bem, de todo modo essa parte da investigação está encerrada. A morte ocorreu por causas naturais.

– Bem, ok, então – repliquei. – É bom saber disso. – Respirei fundo, em silêncio, pelo nariz. Meus ombros relaxaram. Eu não ia contradizer o relato oficial. De maneira nenhuma. Mas eu ainda me questionava. Brogan nunca viu o Anjo em ação. Seria tão difícil assim segurar um travesseiro sobre o rosto de um homem dormindo, o tempo suficiente para...? Mas não havia razão nenhuma para sugerir isso, ou mesmo permitir que a minha imaginação fosse até aí.

– Conseguimos também uma identificação positiva – disse Brogan. – Pelas impressões digitais. Ele tinha chegado recentemente do Arizona, onde viveu e trabalhou em um banco durante dez anos. Não há nenhum registro de prisão lá, mas ele foi surpreendido repetidas vezes vagabundando perto demais de uma escola. Sua carta de motorista não apresentava problemas, nem um apartamento, que ele sempre pagou em dia. Seu nome era Brett Samuelson. – Ele esperou minha reação, talvez para confirmação.

– Eu nunca soube o nome dele – disse eu, simplesmente. – Nem nenhum dos meus alters. Ele foi muito cuidadoso em manter todos a distância da sua pasta e da sua carteira.

– Mostrei a foto dele por aí, tentando rastrear seus movimentos. Encontramos a mercearia onde ele fazia compras, o escritório onde trabalhava...

Não consegui me conter.

– E aposto que eles disseram “Ele sempre foi um homem muito calado, educado”, como eles sempre fazem.

Brogan deixou escapar um sorriso.

– Na verdade, sim. Eles disseram isso. Seja como for, quis te preparar para o que, espero, seja o último ataque da mídia. Vamos publicar a foto dele no jornal, solicitando quaisquer outras pistas ou informações úteis. O artigo não vai mencionar o seu nome, mas acho que, como seu caso foi muito divulgado, as pessoas podem juntar dois mais dois. Sinto muito não poder prever o que o jornal local vai fazer com isso, além de tentar obter o maior número de vendas possível.

Papai se manifestou com uma expressão amarga no rosto:

– Se sangra, vende, certo?

– Temo que sim – respondeu Brogan.

– Há alguma maneira de evitar que a Angie passe por tudo isto? – A voz de papai tinha um tom estridente, suplicante.

Tive pena dele.

– Papai, eu já enfrentei coisa pior. Vou ficar bem.

– Garota corajosa – disse Brogan. – Você quer ficar num hotel durante alguns dias para eles não acamparem no gramado em frente à sua casa?

Mamãe riu maldosamente.

– Ligo os irrigadores. Quero vê-los tentar.

Ela ligaria mesmo. Eu podia vê-la abrindo as mangueiras sobre todos os caros equipamentos de vídeo deles.

– Então, isso é tudo? – perguntei.

Para minha surpresa, Brogan encolheu os ombros, um tanto constrangido.

– Quase. Você está ocupada hoje, Angie?

– Vou trabalhar como babá esta noite. Os Harris têm outra festa de Natal. Por quê?

– Eu estava imaginando se você estaria disposta a ir de carro comigo até a cabana, andar pelo local. Ver se há alguma coisa que deixou pra trás e se gostaria de... ou apenas obter pra si mesma um encerramento de tudo.

Mamãe se levantou.

– Phil, eu não acho...

– Margie, você e o Mitch podem ir junto também.

Papai pareceu ter ficado nauseado só em pensar nisso. E percebi que eu não queria encher a cabeça de mamãe com imagens da cabana, especialmente do quarto.

Minha voz soou um pouquinho alta:

– Não, eles, não. – Diante do rosto chocado de mamãe, consegui controlar o meu tom, tornando-o sério e firme. – Vocês dois têm que ir trabalhar. E, seja, como for, isso é algo que eu tenho de fazer sozinha.

O rosto dela se entristeceu.

– Ah, querida. Você está realmente preparada pra...

– Está tudo bem, mãe. – Coloquei um dos braços em volta da sua cintura e me encostei nela. – Acho que essa pode ser realmente uma boa ideia.

Encerramento. A Bandeirante havia passado toda a sua vida naquela casa. Eu devia isso a ela, para lhe prestar meus últimos respeitos de uma maneira um tanto estranha. – Contanto que eu esteja em casa às quatro horas pra me aprontar.

E, francamente, eu estava um pouco curiosa. O que pode não ter sido a melhor razão para ir até lá.

O silêncio no caminho até a rodovia Crest durou toda a subida das montanhas, com Brogan absorvido em seus próprios pensamentos. Ele dirigia com uma mão enorme dobrada no alto do volante, inclinada no pulso.

Observei o cenário, a vegetação baixa dos dois lados do carro, pelo que pude ver. A terra escurecida, ainda machucada pelo último grande incêndio, havia irrompido naquele verde brilhante dos brotos novos, fertilizados pelas cinzas. Arbustos naturalmente à prova de fogo ainda se retorciam como um jardim de esculturas negro e vermelho-acastanhado. Árvores que ainda estavam de pé espalhavam-se distantes uma da outra, o suficiente para a vegetação rasteira se destacar novamente.

– O que aconteceu? – perguntei.

Brogan resmungou:

– Incêndio criminoso. Algum caminhante imbecil se perdeu e lançou um sinalizador de fogo para o Serviço Florestal encontrá-lo.

– E encontraram?

– É claro. O que havia restado. Depois de danificar mais de cinquenta mil acres com as chamas.

– Idiota – comentei.

A estrada subia cada vez mais. Nas altitudes mais elevadas, os pinheiros intocados estavam próximos uns dos outros e secos, um incêndio esperando para acontecer. Em meio a eles, uma pequena cabana podia facilmente ficar escondida.

Brogan saiu da rodovia principal, pegando uma estrada de terra estreita que conduzia a uma densa área florestada. O cheiro dos pinheiros penetrava no carro. Um minuto depois, a estrada se bifurcava em um caminho menor, sulcado e pedregoso. O SUV foi freando com os trancos, até Brogan inesperadamente parar no meio do nada. O caminho estava completamente bloqueado pelas árvores. Ele abriu sua porta e deu a volta para me ajudar a sair.

Fez um gesto na direção da densa série de árvores.

– Você pode entender por que nunca encontramos este lugar. Percebe como o solo é seco demais pra ocultar pegadas perceptíveis?

Olhei atrás das rodas do seu carro e vi o que ele queria dizer.

– Era aqui que Samuelson estacionava seu carro toda noite. Nós achamos o carro abandonado.

– Como eu nunca ouvi nada? – perguntei. – A cabana fica muito longe daqui?

– Não tão longe – respondeu ele. – Mas as árvores absorvem o som, e, pra começar, o carro era totalmente elétrico. Muito silencioso. Deveria parecer mágica a maneira como ele ia e vinha.

– É. Magia negra – concordei.

Caminhamos em meio às árvores, e percebi como uma trilha havia sido sulcada devido ao uso repetido pelos investigadores, ou pelo próprio homem. Eu nunca tinha visto essa trilha antes, nem “local do estacionamento”. A Bandeirante usara outro caminho para descer até a estrada. Eu me lembrei de andar horas entre as árvores antes de chegar aos quilômetros e quilômetros de asfalto sinuoso...

motoristas que me lançavam olhares estranhos, mas não reduziam a velocidade... o sol e o vento me fustigando igualmente. Uma jornada épica.

Agora a cabana estava à vista, e, por meio das lembranças da Bandeirante, reconheci a manivela do poço que dava para uma nascente subterrânea. A água era fria e tinha um sabor mineral, mas era clara e limpa. Por um momento, senti falta do seu gosto.

– Onde estava a cova? – perguntei.

Brogan apontou para um caminho distante, e, espreitando através das árvores, percebi uma lona azul.

– Um longo caminho para uma garota sozinha arrastar um corpo – disse ele em um tom sombrio. – Sinto muito.

Não tive uma resposta para isso. O que ele estava procurando aqui? Perdão? Da minha parte?

Conforme nos aproximávamos da cabana, fui testando as minhas emoções. Não senti nada de mais. Nem felicidade, nem medo, apenas uma sensação de que tudo ali me era familiar.

De repente tive a impressão de que Brogan havia parado de andar. Virei-me para vê-lo. Ele estava com as mãos no quadril, olhando para o alto das árvores.

– Eu tenho uma filha – disse ele. – Duas. A mais velha tem a idade que você tinha quando Samuelson te sequestrou. – Sua voz tremeu, e percebi com horror que seus olhos estavam úmidos. – Angie, há mais uma coisa que descobrimos quando o investigamos. Eu queria contar pra você antes de contar pra seus pais. Só não sei ao certo por onde começar.

– Pelo começo? – sugeri superficialmente.

– Talvez. – Ele esfregou os olhos. – Vamos entrar.

A fita de cena de crime envolvia toda a cabana, e um cadeado havia sido colocado na porta. Brogan tirou uma chave do bolso da sua camisa e abriu o cadeado, que deixou pendurado no gancho.

Tudo estava exatamente da maneira como a Bandeirante havia lembrado, exceto pelo fato de estar mais empoeirado, como observei com preocupação. Afastei esse pensamento. Eu não era mais a zeladora da casa. O fogão de ferro, a pequena mesa da cozinha, o penico lascado no canto, a despensa, a pilha de lenha...

agora baixa. *Para*, disse a mim mesma. Olhei com temor para a porta do quarto... era o meu temor ou o temor que herdei da Bandeirante? Posso encarar isso, lembrei a mim mesma. Sou uma sobrevivente.

Parei na soleira, que eu nunca cruzei, e entrei. O quarto parecia comum. Um acolchoado desbotado, lençóis amarrotados. Livros em uma prateleira pregada na parede. Lamparinas em outra prateleira.

Senti os olhos de Brogan em mim. Eu me virei.

– O que foi?

Ele inspirou profundamente.

– Não sei de que outra maneira devo dizer isso, menina. Cerca de oito meses atrás, Samuelson entregou um bebê ao Serviço de Amparo às Crianças e às Famílias do Condado.

Minha cabeça pulsou atrás dos meus olhos. Levei as mãos até as têmporas e as pressionei.

Brogan interpretou mal. Deu um tapinha nas minhas costas.

– Dada a época e a idade do bebê é provável... é muito provável...

– Ele é meu. – Apertei meus olhos fechados, tentando diminuir a dor. Não ajudou.

O braço de Brogan apertou o meu ombro, me oferecendo apoio.

– Não posso acreditar que ele tenha usado seu nome real nos papéis de adoção – disse eu. – Deve ser por isso que os Harris lhe deram o nome de Sam.

As sobrancelhas de Brogan praticamente saltaram da sua cabeça.

– Você sabe? Sabia?

Encolhi os ombros.

– Eu meio que me lembrava, meio que descobri. Você não contou pros Harris, contou?

– Ainda não – disse ele. – No entanto, é óbvio que, pra reobter a custódia dele, temos que contar, e você terá que fazer um teste de maternidade, todos aqueles procedimentos legais.

– Não conte – disse eu sem meias palavras.

– Não?

– Não conte pra eles. Não conte pros meus pais. Não conte pra ninguém.

– Angie...

– Por favor. Não ainda. Não decidi o que fazer. Não sei o que é melhor pro Sam. Ou pra mim. Ou pros meus pais. Só sei o que é melhor pros Harris.

– É complicado. – Brogan coçou o rosto. Observou-me atentamente.

E eu falei em meio à sua espera silenciosa:

– Os Harris são pais maravilhosos. Eles adoram o Sammy. Ele adora os dois. Não quero manchar sua preciosa vida com qualquer sugestão de... de onde ele veio. Você pode imaginar? Pode imaginar o que isso faria com um menino?

Brogan suspirou. Correu uma das mãos por seu cabelo curto e coçou a sobrancelha.

– Sim. Infelizmente, eu posso. Mas você tem certeza, Angie? Nem mesmo pros seus pais? Eles podem te ajudar com essa decisão.

– Eles ainda estão feridos e sofrendo por sua filhinha perdida. Não posso colocar mais um problema sobre os ombros deles. Acho que papai ficaria totalmente destroçado. Ele mal está suportando tudo isso agora.

– De quanto tempo você precisa? Quanto mais tempo a criança ficar com eles, mais difícil...

– Eu sei. Olha, eu acho que já sei a resposta. Só tenho de convencer... a mim mesma.

O silêncio caiu como as partículas de poeira que levantávamos com nossa respiração e movimento pelo quarto.

– Está bem – disse ele. – Terminamos aqui? Está vendo alguma coisa que queira levar com você?

Olhei em torno da cabana de dois cômodos, familiar e estranha.

– Nada – respondi. – Vamos sair daqui. Está ficando escuro.

Segui Brogan pela cozinha.

– Ah, espera. Tem uma coisa. Já volto. – Retornei ao quarto, em busca de uma cópia surrada da “Canção de mim mesmo” que se destacava numa prateleira. Não espanta que eu a adorasse na escola. A Bandeirante a lera repetidas vezes aqui.

Quando estendi o braço para pegar a brochura desgastada, uma dor lancinante explodiu na minha cabeça, como se algo tivesse me atingido por trás. Meu crânio ecoou com o impacto. Cega de agonia,

caí na cama. Um ruído terrível de laceração violenta veio de longe. Depois uma pancada forte. Levantei-me cambaleante, movendo-me em direção à porta da frente. Com os olhos semicerrados, encontrei meu caminho e puxei a maçaneta da porta. Empurrei a porta. Ela estava emperrada. Ou trancada.

– Brogan? Detetive Brogan! – gritei. – Me ajuda! Estou presa. Puxei repetidamente a porta, bati nela com meus punhos. Inútil. Ela não se mexia. Uma janela. Eu podia quebrar uma janela. Assim chamaria a atenção dele.

Não havia janelas? Onde estavam as malditas janelas?

No quarto? Corri de volta ao quarto e bati em uma parede. Minha cabeça girou. Diminutas estrelas dançavam nos cantos da minha visão, depois se apagaram, deixando-me na obscuridade cinzenta. Tateei em volta freneticamente. O fogão havia desaparecido, a mesa havia desaparecido, a despensa... sumiu.

As paredes se estreitavam na minha direção, cada vez mais próximas. Nas sombras vislumbrei a silhueta de uma cadeira de balanço, apenas uma cadeira no meio de um chão escuro e empoeirado, fracamente delineada por uma lamparina colocada no canto. E eu sabia onde estava.

Ouvi minha própria voz vindo de bem longe de mim mesma.

– Tudo pronto, detetive. Obrigada por esperar. Vamos.

19

CONFLAGRAÇÃO

Como? Como ela havia conseguido sair?

Quando ouvi minha voz desaparecendo ao longe, conversando com o detetive Brogan, soube que a Solitária estava no comando da ação. Será que ele conseguiria perceber a diferença? Ela se revelaria?

Caminhei por seu quarto quase em pânico. As paredes próximas demais. Eu achava difícil respirar, o que era estúpido. Eu não precisava respirar. Ela estava respirando por nós.

Eu me belisquei para testar o que sentia. Sim, doeu. É claro que doeu, e eu esperava mesmo que doesse. Então continuei tentando respirar, esperando conseguir fazer isso.

Seis passos para o lado, seis passos para trás. De novo. Eu evitava a cadeira. Não iria de maneira nenhuma me sentar ali e esperar passivamente que a Solitária voltasse para se encontrar comigo. E se ela me deixasse aqui por mais três anos? Oh, Deus. E se ela me deixasse aqui... para sempre?

Imaginei todas as coisas terríveis que ela podia estar planejando agora... roubar Sammy e fugir, abandonar a escola, dizer coisas imperdoáveis para mamãe e papai, dispensar Lynn... a única pessoa que podia entender o que havia acontecido. Se eu podia imaginar essas coisas, certamente ela também podia pensar nelas.

Meus pés assumiram o ritmo dos batimentos cardíacos ou do tique-taque do relógio, e percebi que havia perdido totalmente qualquer sensação de tempo. O tempo não tinha significado aqui. Poderiam ter se passado minutos, horas, até mesmo dias desde que ela havia trocado de lugar comigo e me prendera nesse lugar.

Bati de novo na porta, esmurrei-a e gritei até a minha voz imaginária ficar rouca. Sem resposta. Olhei para minhas mãos,

tentando desejar que aparecesse um martelo para eu poder abrir a minha saída dali. Não funcionou. Talvez minhas invocações mentais só funcionassem quando era eu quem estava no controle.

Meu coração se apertou com amargura. Como ela podia fazer isso comigo?

E então tive o terrível pensamento... eu havia feito isso com ela primeiro, não havia?

Estúpida. Estúpida em pensar que poderia manter uma parte tão poderosa de mim tão afastada, uma vez que ela conseguisse saborear a liberdade, uma vez que visse Sammy, uma vez que Brogan confirmasse que o robusto bebê era seu bebê roubado.

Acrescentei outro elemento aos meus passos. Um passo a mais, e eu podia me chocar duramente com a parede em qualquer dos seus lados. Os solavancos me mantinham louca, me proporcionavam energia. Eu precisava de energia. A cadeira parecia terrivelmente tentadora.

Eu poderia afundar nela, me balançar, e isso me faria sentir que o tempo não estava passando. Nada iria sequer mudar nesse quarto sombrio. Eu podia me balançar, lamentar minha vida, e esperar. Iria me tornar a Solitária. E ela se tornaria Angie.

Dei um passo na direção da cadeira. Isso não seria tão terrível, seria? Descansar apenas por um momento?

Estava tudo muito quieto, exceto pelo som imaginário dos meus passos, minha respiração desnecessária. O ar estava calmo. A chama na lamparina estava constante e baixa, sem tremular.

Ela ardia ali, como uma metáfora para o meu eu, para a minha consciência. Viva, mas imutável, imóvel.

Deixei o caminho que estava usando para atravessar o quarto, fui até o canto e peguei a lamparina. Ela estava quente, como eu esperava que estivesse. Uma metáfora quente. Luz na escuridão, calor no frio, uma minúscula chama de esperança. O cérebro humano é tão estranho, encontrando símbolos e significados em tudo. Ali estava eu, capturada em uma metáfora de um compartimento isolado em meu cérebro, segurando uma metáfora de algo que me proporcionava um fio de esperança. Por quê? Por que a esperança?

Uma centelha de inspiração, como a centelha de um fósforo, chegou até mim.

Atirei a lamparina no chão de madeira. Esmaguei-a em pedaços, o óleo se derramando por toda parte, invadindo tudo, iluminando tudo em volta. Eu queimaria a minha saída.

As chamas subiram pelas paredes, como eu sabia que subiriam.

O tapume se incendiou como se fosse um graveto.

As chamas dançavam pelo chão, como esperava que dançassem.

Línguas de fogo douradas e vermelhas tremulavam em toda parte, quentes e famintas.

Senti o seu calor, inundada em sua luz de fogueira, esperando que as paredes se carbonizassem e desmoronassem.

Mas as paredes se mantinham de pé.

O fogo começou a arder mais próximo do centro do quarto. Com um movimento ruidoso, a própria cadeira de balanço ardeu em chamas, reduzida a cinzas em instantes. Uma parede de fogo dançava e agora me cercava. O calor se intensificava.

Eu me movi para transpô-la, mas um golpe de fumaça quente me empurrou para trás. A manga do meu moletom pegou fogo. Apenas uma metáfora, disse a mim mesma, mas não... o tecido queimou e desapareceu, e então a minha pele estava em chamas, ardendo, enegrecida, em bolhas. Eu gritei e tentei abafar o fogo com meu próprio corpo.

Parar, cair, rolar. O mantra de segurança passava pela minha cabeça. Inútil! O chão estava em chamas.

As chamas lamberam as pernas do meu jeans. O cheiro de tecido, cabelos e carne queimada era terrível. A dor era insuportável. Isso devia ser o inferno do qual o tiozinho nos advertiu.

– Solitária! – gritei. – Me tira daqui! Me salva!

Corri através das chamas até a porta. Gravetos negros que mal reconheci como braços batiam contra ela fracamente.

– Por favor! Me escute!

Oh, Deus. Estava acabado. O ar estava espesso demais, esfumaçado demais para respirar. Fechei meus olhos para rezar.

A porta cedeu. Abriu-se completamente, e ali estava ela. Solitária, com uma expressão aterrorizada em seus olhos arregalados. Uma

grande manta enrolada em seus braços. Ela a entregou para mim.

– Pega ele! – gritou ela. – Não posso fazer isso. Não sei como.

Estendi os braços para pegar a manta. Estava pesada e chorando.

– Annee, Annee – soluçava ela.

Com um solavanco elétrico, meu coração bateu de novo em meu peito. Eu o senti. Eu o ouvi. Uma explosão de calor real me atingiu no rosto. Todo o meu corpo verdadeiro se solidificou em volta de mim. Eu agarrei Sam apertadamente com mãos reais.

A fumaça saía em ondas pela soleira da porta.

– Depressa! Se afasta de mim! – A Solitária me empurrou e se dirigiu em direção ao inferno na cabana da nossa mente, tateando em busca da sua cadeira de balanço.

Eu a arrastei pelas costas com um dos braços, puxando-a com toda a minha força, sem ligar para os seus protestos.

– Você não pode voltar pra lá. Está tudo destruído.

Vigas do teto desmoronavam enquanto eu falava. Saíam centelhas das madeiras arruinadas. A Solitária lutava contra a minha pressão, desejando ser destruída com seu refúgio, com sua prisão.

Mas eu não podia deixá-la ir.

– Vem comigo. O Sam precisa de você. E eu preciso de você. Agora.

Com um grito de medo, ela caiu sobre mim, empurrando-me através da porta e me fazendo recuperar o controle, a consciência, mas logo desapareceu. O mundo girava loucamente, a cabana ardente se dissolvia, e o quarto era o de Sammy, e o corredor lá fora estava em chamas.

As lembranças da Solitária caíram jorrando dentro da minha cabeça. Ela estava com Sammy, lendo. Estava em transe, cativada pela doçura dele. O cheiro de fumaça de madeira era tão familiar que ela não percebeu o que estava acontecendo até o teto da sala se desmoronar sobre a flamejante árvore de Natal com um terrível estrondo. Essa explosão aterrorizante a alertou. Ela abriu a porta do quarto e se defrontou com um inferno ardente. A casa, a casa dos Harris, estava em chamas, rugindo, caindo à nossa volta.

Sammy estava retorcido em meus braços. Tínhamos de sair dali. A pouco mais de um metro da porta do seu quarto estava o banheiro

– a minha única esperança para conseguirmos sair vivos dali. Sirenes soavam fora da casa, descendo a rua. Não poderíamos esperar pelos bombeiros.

– Seja corajoso, garotinho – sussurrei em seu ouvido. Enfiando-o de volta dentro da manta e cobrindo meus olhos e nariz com um dos braços, dei uma última respirada com o ar do quarto e disparei através das chamas rumo à porta fechada do banheiro. A maçaneta queimou meus dedos. Entramos, fechei a porta e abri totalmente a torneira do chuveiro. Em segundos fomos inundados da cabeça aos pés com água gelada. Sam gritou com o choque.

Puxei duas toalhas de banho para baixo do jorro d'água, empapei-as de água e envolvi Sam em um casulo molhado. Uma toalha de mão cobria meu nariz e minha boca. A manta dele envolvia minha cabeça e a parte superior do meu corpo como um véu. Fora da porta, algo desabou. Bom Deus. Todo o teto estava vindo abaixo.

Odiei ter de deixar o santuário molhado e azulejado, mas tínhamos de sair dali, ou seríamos esmagados sob as vigas flamejantes. Sam lutava e esperneava em seu invólucro. Apertei-o com firmeza e murmurei tolices tranquilizadoras através das toalhas, meu rosto pressionado contra a protuberância dura da cabeça dele.

– Vamos tentar sair daqui – disse eu. – Agora!

Queimando a outra mão, abri a porta com violência. Não conseguia enxergar nada além do corredor, mas não importava. Sabia que a única saída era através do corredor e da porta da frente. Se a sala de estar já havia desmoronado, o mesmo teria acontecido com a cozinha e a garagem.

O resto foi uma imensa confusão, e eu correndo, tateando, queimando, protegendo o casulo de Sam com meu corpo como podia, até sentir telhas sob meus pés e minha mão na imensa e escaldante maçaneta de latão da porta da frente, e depois correndo para a frente da casa e então parando, caindo, e os dois rolando pelo gramado.

Um bombeiro praguejava alto, e um pesado cobertor abafado caiu sobre nós, juntamente com vários corpos.

– Eles saíram – ouvi. Com meu último resquício de pensamento coerente, afastei as tolhas do rosto de Sammy.

Ele me olhou com os olhos arregalados, soltou um enorme suspiro e gritou seu protesto:

– Não, Annee!

Graças a Deus.

A dor de queimadura que eu estava contendo inundou todos os terminais nervosos na minha pele chamuscada. Mas então eu realmente estava fora do inferno.

20

DECISÃO

Meus olhos se abriram como uma fenda. Olhei de um lado para o outro. Tudo branco, montes de equipamento. Eu estava novamente em um hospital.

Ergui uma das mãos para limpar os olhos e quase colidi com o enorme invólucro que meu braço havia se tornado. Os dois braços. Enfaixados até os cotovelos, as mãos enfaixadas com gaze. Ao vê-las, elas de repente coçaram loucamente. Bati uma na outra e percebi que essa foi uma ideia idiota quando uma onda de dor percorreu toda a extensão dos meus braços.

Uma enfermeira apareceu do nada e as separou com delicadeza.

– Não faça isso, querida. Eles estão se curando.

– Onde estou? – perguntei, piscando e reprimindo as lágrimas.

– Você está na unidade de queimados do Centro Médico da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Hoje é sábado de manhã. E eu sou Marie, sua enfermeira para as próximas doze horas.

Doze horas?

– Qual... qual a gravidade dos meus ferimentos? – Pergunta cretina. Eu me sentia como uma gigantesca bandagem.

– Suas mãos sofreram o pior. Queimaduras de terceiro grau. Suas pernas escaparam com segundo grau. Não foram necessários enxertos de pele. – Ela me lançou um daqueles sorrisos de lábios cerrados das enfermeiras. – Você vai sobreviver pra voltar a tocar piano.

– Violão – corrigi. Eu me mexi de maneira desconfortável.

Ela ajeitou meu travesseiro e alisou o meu cabelo.

– Considerando o resto de você, não sei como escapou com todo o seu belo cabelo intacto.

– Fugi do fogo com uma mant... Ah, meu Deus! – Aquilo me atingiu como um direto no rosto. – Sammy. Meu... meu bebê, onde ele está? – Parei de respirar enquanto esperava a resposta dela.

O rosto de Marie se contorceu, confuso.

– Seu...? Disseram que você era a babá.

– Eu era. Eu sou – corrigi rapidamente. Minha mente estava literalmente desgastada. Solitária? Onde está você? Por que eu disse “meu bebê”?

– O garotinho estava perfeito. Intacto. De alguma maneira você o tirou daquele inferno antes que o quarto desmoronasse, e você sofreu todos os danos. – Ela deu um tapinha no meu ombro. – Na minha opinião, você é uma garota muito corajosa. Uma heroína. Os pais dele vieram te ver enquanto você dormia. Assim como seus pais, é claro.

É claro.

– Posso ver eles agora? Meus pais?

– Acho que eles estarão de volta dentro de alguns minutos. Saíram todos juntos pra tomar um café. Foi uma noite muito longa pra eles.

Fechei os olhos, já exausta daquela curta conversa. Marie alisou o lençol sob o meu queixo e fez mais um carinho no meu cabelo.

– Isso mesmo – disse ela. – Agora trate de descansar e se recuperar.

Mas com meus olhos fechados eu não conseguia dormir, podia apenas imaginar as paredes do meu cérebro. Eu as encontrei desertas. Onde eu havia criado a cabana das garotas, havia apenas uma pilha de cinzas imaginadas. Então, para onde tinha ido a Solitária quando a puxei para fora, atrás de mim?

– Preciso de você. Agora! – eu ordenei. Seria possível? Ela teria se fundido comigo em um piscar de olhos? No calor insuportável do momento? Talvez. Sim.

Dei-me permissão para lembrar, e então... me lembrei. Lembrei-me de tudo: o suave crescimento da minha barriga, já grande quando emergi pela primeira vez como uma pessoa; o enjoo que ia e vinha; a bondade do homem, seu lado mais terno, tornando tudo aquilo mais inesperado quando dilacerou meu coração roubando o

meu bebê, aquele que chamamos de Sam, como seu pai, disse ele; as horas passadas na cadeira de balanço, chorando sozinha e esquecida depois que a Bandeirante e a Esposinha retornaram; o Anjo brilhante que veio e me deu a esperança de que eu veria meu bebê de novo; as noites passadas espiando uma criança dormindo, que parecia e cheirava a algo familiar e simplesmente podia ser ele; as palavras do detetive que me deram a força para sair da minha cela de detenção e tomar o meu caminho de volta para Sam.

Sim. Foi isso. Nós estávamos... eu estava... reunida. Completa.

E juntas conseguimos isso. Minha força e seu amor de mãe se uniram contra o fogo.

Queimada, com dores, envolvida em gaze, eu finalmente me sentia completa.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto. Uma batidinha suave chamou minha atenção. Eu pisquei e vi os Harris na janela da UTI. Sammy estava no colo da sra. Harris. Ele dava um beijo molhado de boca aberta no rosto dela. Ela balançou o pequeno punho dele em um movimento de adeusinho para mim. Com o rosto transparecendo a falta de sono e a gratidão, ela me atirou um beijo e esfregou seu rosto no belo cabelo de Sammy. O dr. Harris juntou suas mãos ao lado de sua orelha direita, dizendo-me que eu era uma campeã. O amor deles era tão espesso que podia ser espalhado em uma fatia de pão.

Respirei com um tipo profundo de alegria e acenei meus braços enfaixados na direção deles. O dr. Harris me lançou uma saudação e depois passou um dos braços em volta da sua esposa e filho, para se dirigirem a uma cama macia em um hotel.

Mamãe e papai então chegaram para a sessão de abraços e choro.

Eles me deixaram ir para casa naquela noite com todas as instruções de como cuidar dos meus ferimentos. Para casa, para minha própria cama. Os analgésicos eram o máximo, mas eu ainda passei grande parte da noite acordada. Havia outras feridas que a gaze e os antibióticos não conseguiam tocar.

Antes de a Solitária ter atirado todas as suas lembranças e emoções na tigela da mistura mental, eu já havia me apaixonado perdidamente por Sam. Agora eu sabia em primeira mão o elo mágico que eles compartilharam por um tempo tão curto. Então eu tinha estado lutando com ela... agora estava lutando comigo mesma nas horas escuras da noite.

Será que eu deveria contar para mamãe e papai? Trazer Sam para casa? Criá-lo junto com meu irmão ou irmã que estava para chegar? Havia certa lógica nisso. Mas como eu poderia fazer isso com os Harris? E o que era melhor para Sam? Acreditar para sempre que sua mãe havia morrido ou saber que ela havia sido incessantemente molestada por um homem louco até ele ser concebido?

Tropecei na escada, distraída pelo dilema que fazia meu cérebro girar.

Em um instante, mamãe estava na minha frente, com os braços estendidos, como se pudesse me pegar agora, quando era tarde demais para fazer alguma diferença. Sua barriga parecia imensa. O tempo estava voando.

– Seu pai ainda está na cozinha, assistindo ao noticiário da manhã. Ele tirou o dia de folga, para o caso... o caso de você precisar de alguma coisa.

– Hum. Ok. – Eu não tinha muita certeza do tipo de coisa em que ele estava pensando.

– Fiz rabanada pra você – disse ela com hesitação. – Está se sentindo disposta pra comer um pouco?

Eu não era tipicamente uma pessoa que comia muito no café da manhã, mas, depois de vinte e quatro horas no hospital, estava faminta.

– É claro, mãe. Vou comer uma fatia ou oito. – Sentei-me perto de papai na mesa da cozinha... perto de modo a não fazer contato visual com ele e não bloquear sua visão da TV. – Mas alguém terá que me alimentar.

Mamãe sentou-se do outro lado da mesa, espetando pequenos pedaços de rabanada e me dando na boca. Ela estava sendo doce, mas inacreditavelmente desajeitada.

– Você está sem prática, mãe – impliquei com ela. – Melhor treinar isso antes do Júnior chegar.

– É mais provável que seja uma menina – ela satirizou de volta. – Aparentemente, você vai ter uma irmã.

Mamãe não tinha como saber que a repentina expressão de horror no meu rosto não tinha nada a ver com sua declaração. Atrás da cabeça dela, toda a tela da TV estava ocupada com uma foto do homem.

– Oh, meu Deus! – engasguei.

– Ei, qual é o problema de ter uma irmã? – perguntou mamãe.

O garfo de papai caiu com um tinido. Seu rosto ficou pálido.

– Malditos noticiários de TV. Isso não demorou muito. – Seus olhos se fixaram no jornal enrolado de domingo, ainda em seu invólucro de plástico.

Mamãe girou o corpo e prendeu sua respiração diante do rosto na tela.

Um rosto que eu agora conhecia melhor que o meu próprio. O único rosto que partes de mim haviam visto durante três anos. Tão comum, exceto pelos estreitos olhos escuros que pareciam apenas um pouco projetados, um pouquinho mais assimétricos que o normal. Seus cabelos castanho-claros tinham alguns fios grisalhos. Um queixo fraco. Orelhas muito pequenas.

A voz de fundo não o identificou pelo nome; só pedia qualquer informação sobre seus movimentos e paradeiros nos últimos cinco anos. Ele era descrito apenas como uma pessoa encontrada morta na Floresta Nacional Angeles – sem menção ao meu nome na sua história.

Fiquei paralisada, fascinada e horrorizada ao mesmo tempo.

Mamãe desligou a TV como num golpe.

– Ah, minha pobre Angel – disse papai com a voz entrecortada. – Sinto muito por você ter visto isso.

Que comentário estúpido. Que diabo ele estava pensando?

– Papai. Eu vivi isso.

O rosto dele ficou muito vermelho, como se tivesse desistido de respirar.

– De todo modo, você não conseguiria deter os jornalistas – disse eu. – Isso é notícia. Um corpo na floresta.

Os punhos dele se ergueram fechados e ferozes. Ele os levantou em direção à tela escurecida da TV, como se pudesse passar por ela e atingir o homem no estúdio.

– Eu teria feito tudo. Teria feito qualquer coisa para evitar tudo isso. – Ele aspirou o ar com tremor. – Malditos noticiários da TV.

Eu sabia que ele queria se referir a muito mais do que isso. Queria se referir ao homem, à busca infrutífera. Queria se referir a Bill, e a todos aqueles anos que nunca poderíamos ter de volta. Queria se referir à minha infância inocente há muito perdida.

– Pai. Você não sabia. Isso não foi culpa sua.

Ele não disse nada, mas uma lágrima atingiu a ponta do seu nariz e caiu na poça de geleia em seu prato.

Deixei meus braços enfaixados cair sobre seus ombros.

– Olha pra mim, pai. – Seu rosto cheio de lágrimas era pura infelicidade. – Isso acabou. Ele está morto. Nós estamos vivos.

Papai desviou seus olhos dos meus.

– Olha pra mim – insisti. – Eu estou chorando? Estou com pena de mim?

Ele só emitiu um som abafado.

Eu o sacudi levemente.

– Você não tem o direito de se sentir pior do que eu. Portanto, tenta superar isso e começar a se fazer presente aqui pra mim e pra mamãe.

Seus olhos se arregalaram.

Um passo soou atrás de mim, e eu senti as mãos de mamãe em meus ombros. Sua barriga rígida roçou na minha nuca.

– E para a bebê – acrescentei. – Ela não precisa de um pai ressentido, deprimido, ensimesmado. Ela precisa de um pai. Entendeu?

Mamãe demonstrou sua apreciação pelo que eu estava dizendo, apertando meus ombros com dedos silenciosos.

Papai puxou um lenço do bolso do seu roupão e assoou o nariz. Fez que sim com a cabeça.

– Então você tirou o dia de folga. Vai fazer algo divertido – disse eu. – Mãe, leva o papai pra fazer as compras de Natal. Não pude deixar de perceber que só eu coloquei meus presentes debaixo da árvore. Vamos, mexam-se!

Mamãe sorriu.

– Você também vem conosco, querida.

– Não até poder tirar minhas luvas de gaze – disse eu. – Não quero passar o dia todo dando explicações pros outros.

Por um momento, me senti como se fosse a mãe deles. Papai se levantou e me deu um longo e apertado abraço. Sussurrou:

– Angel, perdão. Eu sinto muito.

– Eu sei disso, pai – disse em seu ouvido enquanto ele me apertava. – A propósito, se precisarem de ideias, eu estou com minhas orelhas furadas e não me importaria de ganhar pérolas.

Eles tinham saído havia apenas uma hora quando a campainha da porta soou.

Eu saltei e percebi que iria demorar muito para abrir a porta. Pelo olho mágico vi Brogan de pé, desajeitadamente, sobre o capacho da entrada. Seu rosto mostrava uma expressão estranha, nervosa.

– Entra! – gritei.

A porta se abriu com um ruído, e ele enfiou sua cabeça com hesitação.

– Angie? – Ele olhava sem parar das minhas mãos enfaixadas para os escombros esfumaçados do outro lado da rua sem saída, realmente sem palavras.

– Não foi um incêndio criminoso – disse eu. – Sou inocente.

Ele balançou a cabeça.

– Desculpa. Sim. Sim, eu sei. Acabei de falar com os Harris no hotel. Seus pais estão aí?

– Não. Foram fazer compras. – Falar com os Harris? Por quê? Despontava a suspeita.

– Talvez eu deva voltar mais tarde. – Ele deslocava seu peso de um pé para o outro.

– Acho melhor você entrar – disse eu. – Acho que esta é uma conversa que precisamos ter a sós.

Ele estudou meu rosto e aparentemente chegou a uma decisão.

– Está bem. Sim. Ok. Obrigado.

Sentou-se na beira do sofá, com os cotovelos sobre os joelhos. Peguei uma cadeira e me inclinei para trás propositalmente.

– Como eu disse, acabei de conversar com os Harris – disse ele. – Eles reconheceram Brett Samuelson na televisão. Aparentemente pela assinatura da adoção.

Oh, não!

– Eles sabem que isso tinha alguma coisa a ver comigo? – perguntei. – Eles descobriram?

Brogan balançou a cabeça.

– Não. Eu disse pra eles que era uma investigação de homicídio. Lamentaram por ele. – E ergueu as sobrancelhas.

– Deixa que pensem assim – disse eu. – Encerra o caso.

– Tem certeza? – ele pigarreou. – Sam certamente é um garoto lindo.

– Bons genes de um lado da família, pelo menos – disse eu baixinho.

Brogan engoliu em seco, buscando uma resposta.

Apoiei meus braços enfaixados nos joelhos dele.

– Ele pertence aos Harris. Encerra o caso. Por favor.

Ele fechou os olhos por um momento. Seu peito se encheu com uma silenciosa entrada de ar.

– Estou vendo por que você é a sobrevivente, garota – murmurou ele. – Dura como pregos, bondosa como...

– Além disso – interrompi –, enquanto estivermos todos vivendo aqui, o que eu prevejo que será um longo tempo, conseguirei ver o Sam crescer. Vou ajudá-los a decorar seu novo quarto. Vou ensiná-lo a ler. Posso ajudá-lo com suas lições de casa quando ele for pra escola. Então, tudo vai ficar bem. Ele vai ficar ótimo. Melhor, até.

Minha voz fraquejou, mas consegui controlá-la.

– Eu vi Sam dar seus primeiros passos, sabe?

Brogan então fez algo totalmente inesperado. Levantou-se e me abraçou por um longo tempo. Quando se afastou, vi as lágrimas em

seus olhos. Acho que havia algumas nos meus também.

– Ok, garota. Vou respeitar sua vontade. Mas estou colocando um bilhete anexado à história dos Harris e uma cópia dos papéis de adoção dentro do arquivo antes de encerrá-lo, para o caso de você mudar de ideia mais tarde.

– Está bem. É justo. – disse eu. – E você nunca esteve aqui, certo?

– Nunca estive aqui. Foi uma honra te conhecer, Angie – disse ele. E depositou um beijo no alto do meu cabelo. – Eu te desejo tudo de melhor.

Brogan se afastou lentamente. Os pinheiros balançavam loucamente no vento, que prometia uma tarde amena de dezembro.

Eu olhava pela janela da frente, em paz com a minha decisão e com o meu segredo final. Havia coisa demais em jogo. Muitas vidas ruiriam se toda a verdade fosse conhecida.

Alguns segredos foram feitos para ser mantidos bem perto do coração. Para sempre.

NOTA DA AUTORA

O que é dissociação? Em termos simples, é quando parte da nossa mente se “liberta” e age por conta própria – dirige por oitenta quilômetros sem perceber, sonha acordada e perde uma aula inteira, desliga-se de todos os sons à sua volta quando está concentrada em outra coisa. Essa dissociação leve é bastante normal. No outro extremo do espectro da dissociação está a psicose – perda completa do contato com a realidade por meio de alucinações e delírios.

Minha heroína, Angie, cai em uma categoria muito especial de pacientes com distúrbio mental. Quando uma parte de sua mente se desliga para impedi-la de experienciar eventos traumáticos, uma personalidade alternativa completa assume o controle. A principal teoria do transtorno de identidade dissociativa (TID) é de que ele é um mecanismo de defesa; crianças pequenas, ainda no processo de entender e desenvolver sua identidade, podem se separar dessa maneira quando estão sob condições extremas de abuso emocional, físico ou sexual. O medo e a dor pertencem a uma personalidade alternada, poupando a pessoa primária, mas deixando lacunas de horas, dias ou mais em sua memória. Mesmo quando o perpetrador do abuso desaparece, as personalidades separadas permanecem disponíveis para lidar com os momentos ameaçadores ou desafiadores da vida. Não há uma estimativa precisa da incidência em que isso ocorre, porque os relatos se distinguem de acordo com o país e a cultura. Certamente, o TID existe há séculos e, no passado, era classificado como possessão ou histeria.

O caso mais famoso de TID foi o de Sybil, uma mulher real cuja biografia foi popularizada em livro e na televisão no final da década de 1970. Nessa época, o fenômeno era chamado de transtorno de personalidade múltipla e era considerado muito raro, com apenas cerca de cem casos oficialmente documentados. Desde 1980, quando a Associação Psiquiátrica Americana reconheceu

oficialmente o transtorno, milhares de casos foram encontrados nos Estados Unidos, em decorrência de uma combinação de fatores: maior consciência por parte dos terapeutas; reconhecimento de casos que teriam sido diagnosticados no passado como outros transtornos; e mudança das atitudes do público em relação à busca de serviços de saúde mental. Alguns profissionais acham que ele é superdiagnosticado, enquanto outros o acham subdiagnosticado.

Quando me preparava para escrever esta história, entrevistei um amigo, J, que é um “múltiplo reintegrado” – alguém que tem várias personalidades integradas em uma pessoa com um bom funcionamento. Tudo na história de J – desde causas de dissociação na infância, passando por como era viver como várias pessoas e até o longo processo de lidar emocionalmente com os traumas e a recuperação como um adulto – correspondia aos relatos publicados sobre TID que eu havia lido.

Há disponíveis várias biografias e autobiografias de pessoas que experienciaram TID e reintegraram suas personalidades ou aprenderam a viver mais confortavelmente com seus alters. Muitas contam histórias bastante tristes, ilustrativas e dolorosas; tendo lido algumas, eu não as recomendaria necessariamente.

A experiência ficcional de Angie é contada de maneira mais leve, mas ainda assim representa com precisão muitas das características do TID. Por exemplo, os alters podem ter idades diferentes, sexos diferentes, sexualidades diferentes e ser canhotos ou destros. Como acontece com as diferentes pessoas, eles terão gostos, perspectivas, lembranças, vozes, expressões e posturas corporais distintos. A cabana mental imaginária de Angie se baseia em uma experiência comum de múltiplos que visualizam a maneira como os alters vivem juntos em sua mente como pessoas que compartilham uma casa com muitos aposentos, um castelo ou um espaço com muitos compartimentos.

O tratamento de Angie é uma mistura de fato e ficção. Na vida real, a psicoterapia demora muitos anos, não alguns meses. As terapias tradicionais incluem conversa e hipnose. As pessoas com TID são em geral muito brilhantes e, ao mesmo tempo, facilmente hipnotizáveis. O transtorno do estresse pós-traumático (TEPT) é

com frequência uma fase consequencial do TID. A barra de luz da dra. Grant, um dispositivo de EMDR (Dessensibilização e Reprocessamento dos Movimentos dos Olhos), hoje em dia vem sendo de fato usada para ajudar os pacientes que sofrem de TEPT a revisualizar experiências ruins e a reduzir suas reações emocionais terrivelmente negativas. Uma combinação de técnicas terapêuticas pode ser muito eficaz para ajudar um paciente com TID a quebrar as barreiras entre as personalidades alters, absorver as lembranças que eram muito destrutivas, e elaborar um plano para reunir os alters em um relacionamento cooperativo.

O procedimento experimental de Angie – "tratamento optogenético" – para apagar a identidade de dois alters é no momento ficção, mas teoricamente será possível no futuro. Embora a ciência ainda não tenha atingido a condição de localizar determinadas lembranças em pontos exatos no cérebro, pode estar se aproximando disso. Na vida real, os cientistas têm conseguido estudar quais partes do cérebro são mais ativas quando há a troca entre os alters. O tratamento optogenético – ou seja, colocar os genes de proteínas sensíveis à luz nas células nervosas – existe hoje e é realizado em camundongos de laboratório para tratar vários problemas, incluindo paralisia, cegueira, mal de Parkinson e epilepsia. Os neurocientistas estão animados para começar a testar a optogenética em humanos num futuro próximo. Estamos à beira de uma nova era em tratamentos para transtornos físicos e emocionais do cérebro.

A história de Angie levanta uma série de questões. Se você pudesse simplesmente apagar suas lembranças mais terríveis, você o faria? Seria a mesma pessoa? O que você ganharia com isso? O que perderia?

Esta história pode suscitar perguntas ou preocupações por parte de alguns leitores. Se você quiser saber mais sobre trauma e dissociação em seu nome, em nome de um amigo ou de um membro da família, eis um excelente lugar para começar:

The Sidran Institute
Traumatic Stress Education and Advocacy
www.sidran.org

O site do Sidran Institute proporciona, em inglês, informações gerais e também indicações de pessoas que podem ajudar.

AGRADECIMENTOS

Tenho de agradecer a muitas pessoas: à minha solidária comunidade de escritores, incluindo NaNoWriMo, SCBWI, a SF&F Online Writing Workshop e a Context; aos meus primeiros leitores, Rachel Lentz, Gio Clairval, Jodi Meadows e Erin Stocks; aos meus leitores intermediários, Deborah Yeager, Kate Coley e Gemma Cooper; a todos os amigos e familiares que presenciaram e encorajaram meu crescimento como autora; às minhas agentes, Joanna Volpe e Nancy Coffey, que acreditaram no que era então apenas uma promessa; e à minha editora, Katherine Tegen, que tornou essa promessa em realidade.

Copyright © 2013 by Liz Coley
Título original: *Pretty Girl-13*

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann e Paula Carvalho
Assistente editorial: Luiza Del Monaco
Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius
Edição de arte: Carlos Renato
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Estagiária: Lara Moreira Félix

Preparação: André de Oliveria Lima
Revisão: Laila Guilherme e Augusto Iriarte
Diagramação: Balão Editorial
Capa adaptada do projeto original de Sammy Yuen e Tom Forget
Imagem de capa: Sven Schrader/GettyImages
Versão Digital: Cristina Figueira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C658p

Coley, Liz
Pretty girl-13 / Liz Coley ; tradução Magda Lopes. - 1. ed. - São Paulo : Benvirá, 2013.
224 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Pretty girl-13
ISBN 978-85-8240-064-7

1. Ficção americana. I. Lopes, Magda. II. Título.

13-02645 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

1ª edição, 2013

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/A Livreiros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos desta edição reservados à
Benvirá, um selo da Editora Saraiva.

Rua Henrique Schaumann, 270 | 8º andar
05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP
www.benvira.com.br

545.881.001.001